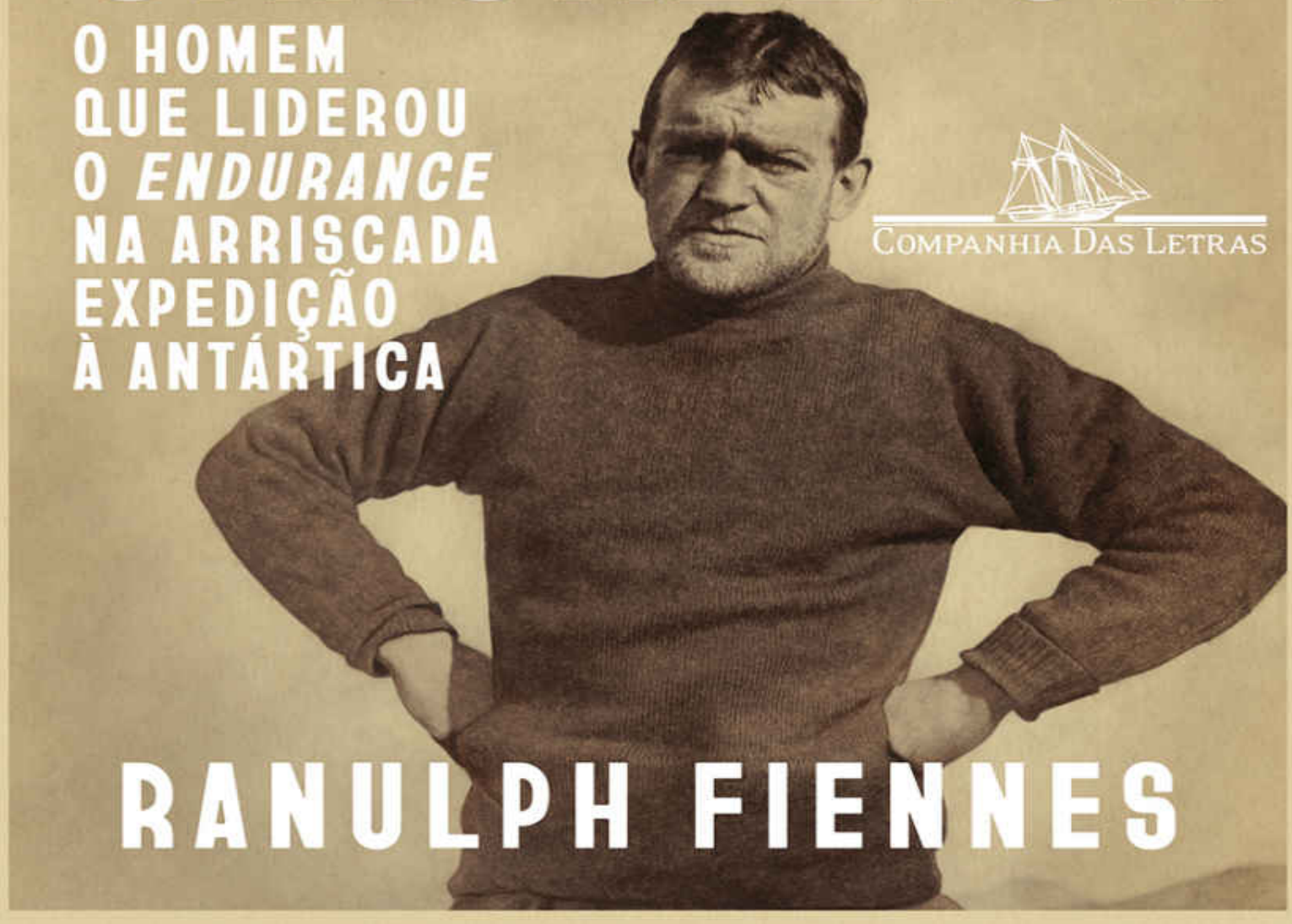
"A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE FIENNES TRAZ À SUA ESCRITA VIGOR E EMPATIA."
*THE SUNDAY TIMES*

# SHACKLETON

## O HOMEM QUE LIDEROU O *ENDURANCE* NA ARRISCADA EXPEDIÇÃO À ANTÁRTICA



COMPANHIA DAS LETRAS

## RANULPH FIENNES

"A EXPERIÊNCIA PESSOAL DE FIENNES TRAZ À SUA ESCRITA VIGOR E EMPATIA."
*THE SUNDAY TIMES*

# SHACKLETON

## O HOMEM QUE LIDEROU O *ENDURANCE* NA ARRISCADA EXPEDIÇÃO À ANTÁRTICA

COMPANHIA DAS LETRAS

## RANULPH FIENNES

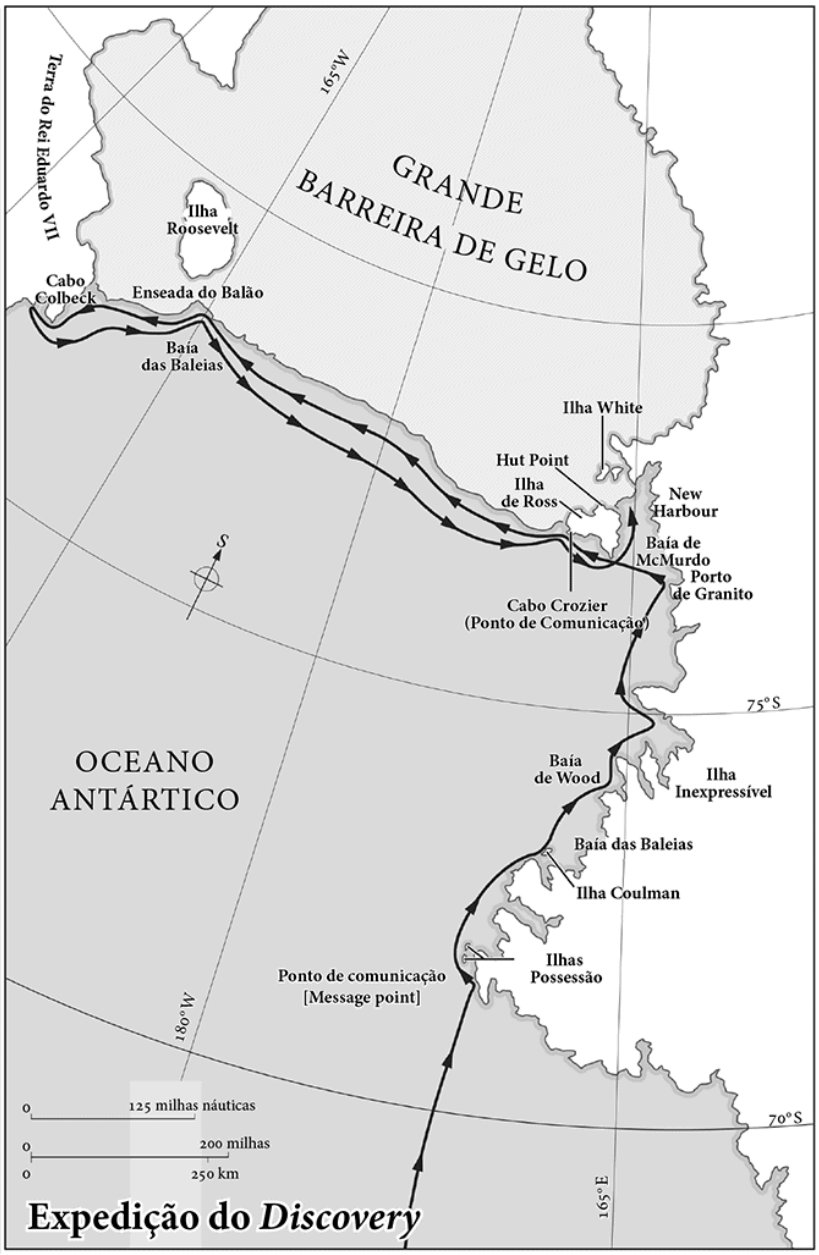
RANULPH FIENNES

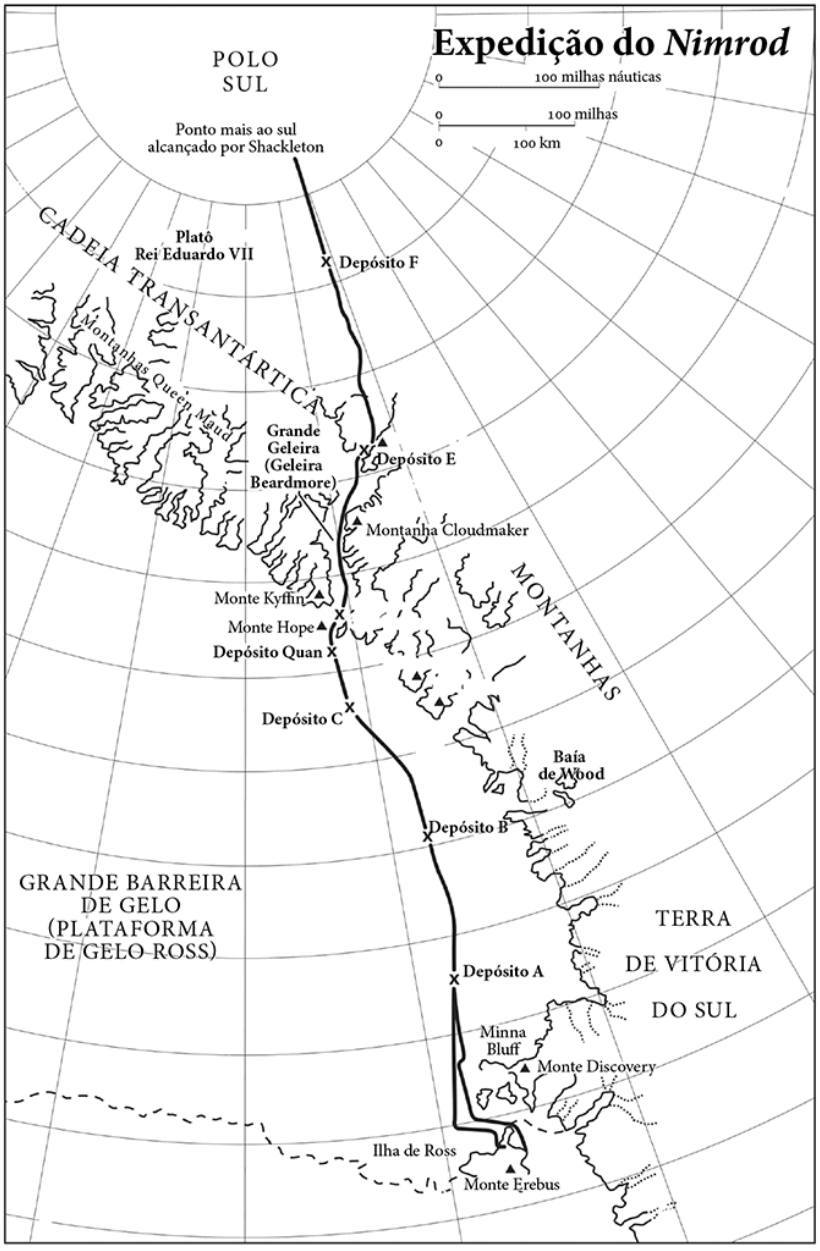
# Shackleton

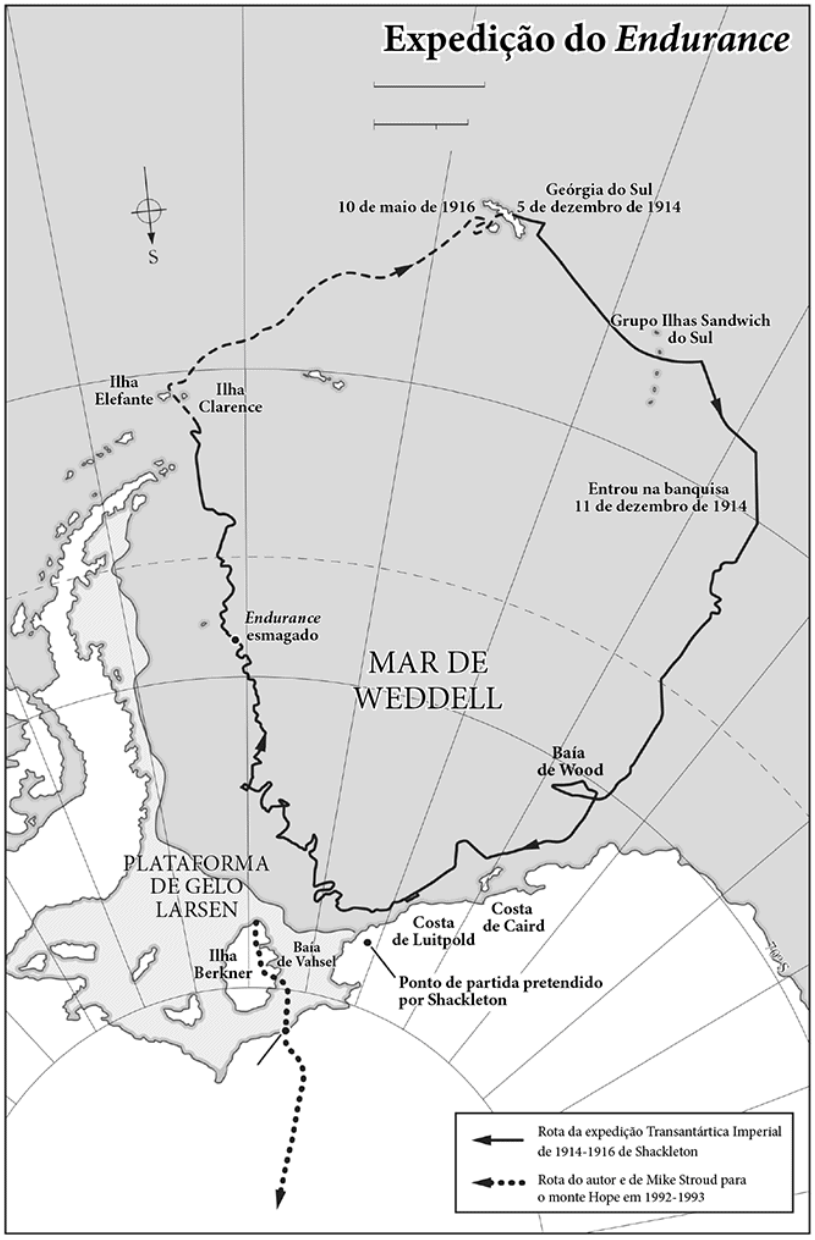
## *O homem que liderou o* Endurance *na arriscada expedição à Antártica*

*Tradução*
Berilo Vargas

COMPANHIA DAS LETRAS


Terra do Rei Eduardo VII
165°W
GRANDE
BARREIRA DE GELO
Ilha
Roosevelt
Cabo
Colbeck
Enseada do Balão
Baía
das Baleias
Ilha White
Hut Point
Ilha
de Ross
New
Harbour
Baía de
McMurdo
Porto
de Granito
Cabo Crozier
(Ponto de Comunicação)
S
75°S
OCEANO
ANTÁRTICO
Baía
de Wood
Ilha
Inexpressível
Baía das Baleias
Ilha Coulman
Ilhas
Possessão
Ponto de comunicação
[Message point]
180°W
0 125 milhas náuticas
0 200 milhas
0 250 km
70°S
165°E
Expedição do *Discovery*


Expedição do *Nimrod*
0 100 milhas náuticas
0 100 milhas
0 100 km
POLO SUL
Ponto mais ao sul alcançado por Shackleton
Platô Rei Eduardo VII
Depósito F
CADEIA TRANSANTÁRTICA
Montanhas Queen Maud
Grande Geleira (Geleira Beardmore)
Depósito E
Montanha Cloudmaker
Monte Kyffin
Monte Hope
Depósito Quan
MONTANHAS
Depósito C
Baía de Wood
Depósito B
GRANDE BARREIRA DE GELO (PLATAFORMA DE GELO ROSS)
TERRA DE VITÓRIA DO SUL
Depósito A
Minna Bluff
Monte Discovery
Ilha de Ross
Monte Erebus


Expedição do *Endurance*
S
10 de maio de 1916
Geórgia do Sul
5 de dezembro de 1914
Grupo Ilhas Sandwich do Sul
Ilha Elefante
Ilha Clarence
Entrou na banquisa
11 de dezembro de 1914
*Endurance* esmagado
MAR DE WEDDELL
Baía de Wood
PLATAFORMA DE GELO LARSEN
Costa de Luitpold
Costa de Caird
Ilha Berkner
Baía de Vahsel
Ponto de partida pretendido por Shackleton
Rota da expedição Transantártica Imperial de 1914-1916 de Shackleton
Rota do autor e de Mike Stroud para o monte Hope em 1992-1993

*Este livro é dedicado aos patrocinadores*
*e integrantes da equipe das expedições de Ernest Shackleton,*
*bem como aos das minhas.*

# Sumário

Capa
Rosto
Mapa 1 - Expedição do Discovery
Mapa 2 - Expedição do Nimrod
Mapa 3 - Expedição do Endurance
*Introdução*

PARTE UM

1.
2.
3.

PARTE DOIS

4.
5.
6.

7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
PARTE TRÊS
14.
15.
16.
17.
18.
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
PARTE QUATRO
27.
28.
29.
30.
31.
32.

33.
34.
35.
36.
37.
PARTE CINCO
38.
39.

*Agradecimentos*
*Bibliografia*
*Caderno de imagens*
*Créditos das imagens*
*Sobre o autor*
*Créditos*

# Introdução

No tórrido verão de 1964, fui enviado a Londres pelo Royal Scots Grey's Canoe Club para comprar canoas. Vivíamos o período chamado *swinging sixties* , por isso não precisei de um segundo convite para sair do meu quartel e visitar uma cidade repleta de vida e animação.

Peguei um táxi preto na estação de Waterloo e, quando passávamos pelo cintilante Tâmisa, percebi uma comoção a bordo de um navio. Esticando o pescoço para ver melhor, o taxista virou para trás e berrou: "Tudo homem de Shackleton… exploradores famosos, sabe como é".

Shackleton… A simples menção desse nome evocava uma agitação e uma euforia dentro de mim. Eu conhecia bem as histórias, tendo sido enfeitiçado por elas quando menino. Explorador e conquistador de terras desconhecidas, Shackleton foi também o homem que se aventurou numa das missões de sobrevivência e resgate mais espetaculares de todos os tempos. Seu nome, que era sinônimo da Antártica, estava também indelevelmente ligado a virtudes como coragem e liderança. Shackleton

passou de mero mortal a ícone, cujas proezas estão para sempre gravadas no mármore da história britânica.

Quarenta e dois anos depois da morte dele, sua vida era celebrada no Tâmisa, cena inicial de tantas de suas expedições, de onde partira diante de milhares de admiradores entusiásticos. Parecia que o tempo em nada afetara o mito de Shackleton. Mais tarde eu soube que, no navio, naquela noite, havia colegas exploradores, jornalistas e admiradores, bem como dois médicos que estiveram com ele no momento de sua morte: Alexander Macklin e James McIlroy. Era como se todos ainda quisessem, de alguma forma, tocar naquela magia que, apesar das muitas falhas e dos muitos fracassos de Shackleton, fizera dele o mais pitoresco de todos os famosos aprendizes polares vitorianos.

Segundos após vislumbrar aquela cena, passamos pelo navio e tive de voltar minha atenção para a tarefa bem menos empolgante que eu tinha diante de mim: comprar canoas. Mas, à sua maneira, aquele momento que parecia inconsequente já preparava o caminho que eu deveria seguir anos depois.

Tendo saído das Forças Armadas no começo dos anos 1970 e precisando de emprego, participei de algumas expedições ao longo de rios e geleiras distantes na Noruega e no Canadá. Com o apetite aguçado, e a ambição e a confiança aumentando, concentrei minha atenção em alguns dos grandes desafios polares que gente como Scott, Shackleton e até mesmo o célebre norueguês Roald Amundsen não tinha conseguido vencer.

O primeiro desafio foi a expedição Trans Globe. Depois de sete anos angustiantes de levantamento de recursos e preparativos, minha equipe e eu partimos em 1979 com a intenção de nos tornarmos os primeiros a viajarem por toda a superfície terrestre passando pelos dois polos sem voar nem mesmo um metro durante todo o percurso. Isso, claro, envolvia não só

atingir o polo Sul, mas atravessar a própria Antártica, como Shackleton um dia sonhara. No caminho, como os famosos exploradores vitorianos, pus os olhos em terras que ninguém tinha visto, menos ainda atravessado. Como Shackleton e seus contemporâneos, também viajamos antes da era dos satélites de órbita polar e, portanto, já que não dispúnhamos de GPS , *navsat* ou telefone via satélite, tivemos de navegar com sextantes, teodolitos e bússolas de mão.

Em 1993, dei mais um passo, quando eu e meu colega de expedição Mike Stroud nos tornamos os primeiros a atravessar o continente antártico por conta própria, sem a assistência de alimentos jogados do ar, meios de transporte ou máquinas. Durante 92 dias, cada um de nós rebocou uma carga de 220 quilos sobre neve, gelo, fendas e montanhas traiçoeiras. Durante todo o tempo, lutamos contra a fome, o cansaço, a ulceração causada pelo frio e a cegueira, e também contra o perigo constante de cair nas fendas. Em 1996, com quase todos os nossos objetivos polares atingidos, tentei me tornar o primeiro a atravessar o solo antártico, e sem ajuda. Porém, uma crise de cólica renal me interrompeu bruscamente.

Essas expedições no entanto deram um entendimento único de Shackleton como homem e de suas aventuras. À medida que a fama de Shackleton crescia ao longo das décadas, uma enxurrada de livros e filmes sobre ele inundava o mercado. Multiplicaram-se os debates sobre seus preparativos e sobre sua capacidade de tomar decisões, com argumentos nem sempre lisonjeiros. Alguns desses livros, sem dúvida, são interessantes e educativos, mas de outros discordo com veemência, pois alguns criaram muitas melodias, inventaram muitos enredos e contaram muitas mentiras.

É por esse motivo que resolvi escrever este livro. Claro, eu não precisava de um segundo convite para viajar ao lado de Shackleton e viver vicariamente suas aventuras. Mas não me interessa apenas recauchutar

velhas histórias. Minha intenção é oferecer uma interpretação própria, dentro da minha capacidade, na esperança de iluminar e enriquecer o mito. A rigor, quando se quer escrever sobre o inferno, é vantajoso ter estado lá, e nenhum biógrafo anterior de Shackleton puxou um trenó carregado através dos grandes campos de fendas da geleira Beardmore, explorou campos de gelo desconhecidos ou caminhou 1,5 mil quilômetros com pés infectados, a centenas de quilômetros de distância da civilização.

Espero que gostem da ainda incrível história de Shackleton, pois até hoje, passado mais de um século de sua morte, suas magníficas proezas continuam causando surpresa e espanto.

# PARTE UM

*E senti o odor de Galley*
*Ouvi marinheiros praguejarem*

# 1.

As risadinhas, os gritos e os suspiros de admiração vindos do quarto do jovem Ernest Shackleton eram sinais de que, mais uma vez, ele tinha as irmãs na palma da mão. Reunidas em torno de suas camas, as irmãs Shackleton, que viriam a ser oito ao todo, estavam totalmente enfeitiçadas. Orgulhoso e confiante, olhando para cada uma delas, o menino de cabelos louros e olhos angelicais narrava histórias tiradas de sua fértil imaginação. Contou-lhes que, semanas antes, tinha ido a Londres com um de seus amigos e lá os dois depararam com um incêndio furioso e descontrolado que ameaçava engolir a cidade. Juntos, eles, de alguma maneira, conseguiram dar um jeito e, como recompensa, um monumento, perto da ponte de Londres, foi erguido em sua homenagem.

Apesar da narrativa tão descabelada, as irmãs Shackleton achavam que era tudo verdade. A história era contada com uma convicção, com uma riqueza de detalhes, que elas não perdiam uma só palavra. Se levantassem alguma dúvida sobre seus casos fantásticos, Shackleton sempre dava uma

resposta convincente. E se ainda assim elas não acreditassem numa palavra, era tão divertido que adoravam embarcar no mundo dele.

A história do monumento mostra que, desde cedo, Shackleton sonhava em realizar uma grande proeza, tornar-se um herói festejado em toda parte. Passaria o resto da vida tentando alcançar exatamente isso.

Ela também ressalta o raro dom de Shackleton de contar uma história e fazer todos acreditarem nela e nele. Nos anos vindouros, essa característica de valor inestimável lhe permitiria conquistar a confiança das pessoas, financiar suas expedições, convencer os demais a fazerem o que ele queria quando propunha coisas aparentemente impossíveis e até mesmo ganhar a vida. Por enquanto, só as irmãs de Shackleton acreditavam em suas histórias, atendendo a todas as suas necessidades, mas, no futuro, ele teria o mundo a seus pés graças a esse dom.

Nos primeiros anos, apesar dos muitos sonhos, apenas sua família tinha grandes esperanças quanto ao seu futuro. Nascido na Irlanda em 1874, a mãe, Henrietta, de tão maravilhada com o menino sorridente, que parecia ter sempre um brilho nos olhos azuis, temia que ele fosse bom demais para sobreviver. Com as irmãs constantemente correndo atrás dele, cultuando cada movimento seu, o jovem Shackleton mandava na casa. Esse traço de caráter perduraria por toda a vida, como diria sua irmã Kathleen: "'Venham cá, todas vocês, minhas esposas', berrava ao entrar em casa depois de uma viagem. Deitava-se e dizia: 'Vocês precisam cuidar de mim. Zuleika, venha me abanar. Fatima, coce os dedos dos meus pés. Venha, ó minha favorita, e coce minhas costas'. Claro que adorávamos".

Apesar dessas demonstrações de amor, a situação da família Shackleton repousava sobre chão instável. Desde 1872, o pai, Henry Shackleton, trabalhava como agricultor em Kilkea, condado de Kildare, a apenas cinquenta quilômetros de Dublin. No entanto, em 1880, as dificuldades

começaram a surgir. Os americanos, com um imenso excedente de trigo de suas pradarias, tinham construído uma malha de novas estradas para transportar seus grãos até os portos, de onde eram exportados a custos baixíssimos. Diante dessa concorrência, uma depressão agrícola não demorou a ocorrer na Europa. Henry percebeu que os sinais não eram nada alvissareiros. Finalmente vendeu a fazenda em 1880 e mudou-se com a prole para Dublin, onde foi estudar medicina no Trinity College.

Porém, com o nacionalismo irlandês em ebulição e inquietação em toda parte, logo que terminou seus estudos Henry se mudou com a família para a Inglaterra em 1884, onde começou a clinicar em Croydon. Seis meses depois, eles saíram de Croydon e foram morar em Sydeham, onde Henry montou seu negócio. Shackleton tinha dez anos e estava acostumado a ser o centro das atenções, mas isso logo mudou. Quando foi estudar na Fir Lodge Preparatory School em Dulwich, sentiu-se deslocado e alvo de deboche dos outros por suas raízes e sotaque irlandeses. Apelidado de Mick [o Irlandês], Shackleton costumava reagir a essas provocações com os punhos. Disse um colega seu: "Se houvesse briga, ele quase sempre estava no meio".

Mesmo depois que perdeu o sotaque e passou a falar num tom mais sulista, Shackleton teve de aturar o apelido de Mick. No entanto, de repente resolveu adotá-lo por conta própria, e em anos posteriores até assinou suas cartas como "Mickey", o que dava aos detratores pouca munição para provocá-lo. Como veremos em breve, a capacidade de Shackleton de esquivar-se das muitas armadilhas da vida era um dos seus múltiplos talentos.

Aos treze anos, Shackleton foi para a escola pública, Dulwich College, que ficava perto de casa. Mais uma vez, de início ficou de escanteio, pronto para entrar em qualquer briga, e ganhou o apelido de "Shackleton Brigão". Não gostava de jogos de equipe, não tinha grande entusiasmo pelos esportes e

era preguiçoso em sala de aula. Os boletins escolares incluíam comentários do tipo "precisa ser despertado", "muito desatento", "tende a cair na indolência" e "precisa ser alertado sobre a importância da retidão".

A única coisa que realmente interessava a Shackleton era literatura. Em casa, o pai incentivava os filhos a lerem poesia, e Shackleton se tornou admirador de Tennyson, sendo capaz de recitar muitos versos dele. Também adorava ler histórias, particularmente histórias de arrojo ambientadas nos mais remotos domínios do Império Britânico. Uma de suas leituras favoritas era a revista *Boy's Own* , que comprava todos os sábados por um pêni. Além disso, devorava os livros de Rider Haggard e Júlio Verne, especialmente as aventuras do capitão Nemo em *Vinte mil léguas submarinas* .

Enquanto consumia narrativas fictícias de aventuras heroicas, Shackleton nem precisava olhar muito longe em busca de aventuras de verdade. No fim do século XVIII , o Império Britânico era o maior da história, cobrindo um quinto da superfície terrestre, com um em cada quatro habitantes da Terra — ao todo, mais de 400 milhões — classificado como súdito britânico. Em 1887, quando Shackleton tinha treze anos, as frenéticas comemorações do jubileu de ouro da rainha Vitória na Grã-Bretanha levaram o patriotismo e o orgulho no Império ao seu apogeu. Qualquer explorador que corajosamente desafiasse a sorte e conquistasse novas terras para a rainha e para o país seria exaltado em toda parte.

Figuras como sir Henry Morton Stanley, que fez nome explorando regiões remotas e perigosas, viravam manchete nos jornais, como foi o caso do coronel Percy Fawcett, uma espécie de Indiana Jones que conquistou fama buscando uma mitológica cidade perdida na selva brasileira, onde subsequentemente desapareceu. Um dos fatores que asseguravam que esses exploradores se tornassem os astros mais famosos de sua época foi a aprovação da Lei de Educação Forster em 1870. A legislação tornava

obrigatória a educação de crianças de cinco a doze anos, e pela primeira vez permitiu que a classe operária aprendesse a ler. Com mais leitores do que nunca, as pessoas se deliciavam com histórias sobre as façanhas corajosas e arrojadas de exploradores e conquistadores do Império.

Lendo a respeito desses exploradores, Shackleton deve ter percebido o quanto eles eram adorados pelo público e pela classe dominante. Para um menino que lutava para ser aceito na escola, essa parecia ser a resposta a todas as suas orações.

Tendo aprimorado com as irmãs o dom de contador de histórias, ele se punha a narrar histórias fantásticas para os colegas de escola, fossem de sua própria autoria ou lidas diretamente das páginas da *Boy's Own* . Seu talento nessa arte era tão grande que ele logo conquistou seguidores, sempre prontos a matar aula nos bosques locais para que Shackleton pudesse banqueteá-los com suas fábulas.

Ao compartilhar com seu bando uma história particularmente emocionante, ambientada no mar, Shackleton criou tal fervor que os meninos partiram de imediato para Londres, onde percorreram as docas na esperança de conseguir emprego de grumete. Para sua grande frustração e humilhação, foram todos escorraçados.

No entanto, essa viagem às docas acendeu uma faísca na imaginação de Shackleton. Ao ver os navios, todos de partida para lugares exóticos, ele percebeu que uma vida no mar era a chave dos seus sonhos de aventuras. A maioria dos amigos se limitava a devanear sobre essas coisas, mas era o que ele de fato queria. Uma das irmãs comentaria mais tarde: "Ele não tinha hobbies quando menino, mas qualquer coisa ligada ao mar era uma atração especial".

Outro acontecimento daquela época também pode tê-lo inspirado a ampliar seus horizontes. Logo depois da mudança da família Shackleton

para Sydenham, a mãe adoeceu, vindo a passar os cerca de quarenta anos seguintes confinada em seu quarto. Ver a amada mãe presa daquela maneira, sem que tivesse culpa, talvez tenha levado Shackleton a perceber que, se quisesse conhecer o mundo, não havia um segundo a perder. Talvez pudesse um dia acabar como a mãe, e o mundo, que agora parecia tão emocionante, e sem fim, estaria para sempre confinado às quatro paredes de um quarto.

Shackleton tinha aprendido também com o exemplo do pai que fazer o que parece sensato nem sempre é garantia de uma vida feliz. Sua criação talvez tenha sido relativamente confortável, mas Henry Shackleton, sem dúvida, esteve algumas vezes à beira do desastre, como agricultor e depois como médico. Shackleton pode ter se perguntado se valia mesmo a pena seguir uma profissão "sensata", se ela era tão precária quanto uma profissão arriscada.

Assim, quando chegou a hora de sair da escola, Shackleton anunciou que estava pronto para explorar o mundo nas ondas do mar. Henry Shackleton não achou graça nenhuma. A família não tinha condições de pagar pela Marinha Real, e ele esperava que o filho seguisse seus passos como médico, mesmo sabendo que Ernest era muito determinado e teimoso. Cedeu a contragosto, mas tinha lá seus próprios planos. Sabia que se o aprendizado do filho no mar fosse minimamente desagradável, ele mudaria por conta própria para medicina quando voltasse. Dessa maneira, Henry Shackleton buscou inscrever o filho num dos treinamentos mais difíceis que o mar tinha a oferecer.

Lembrando que seu primo reverendo G. W. Woosnam era superintendente da Missão Mersey para Marinheiros em Liverpool, Shackleton lhe pediu que usasse seus contatos nas docas. Logo uma vaga para Shackleton foi encontrada a bordo do *Hoghton Tower* , um cargueiro à vela de três mastros. Isso o levaria por alguns dos mares mais traiçoeiros do

mundo, ao lado da tripulação mais rude e dura que se pudesse imaginar. E tudo isso a apenas um xelim por mês. "Meu pai, que não era bobo", escreveria Shackleton mais tarde, "achou que podia curar minha predileção pelo mar colocando-me na situação mais primitiva possível como 'menino' a bordo de um veleiro." Shackleton não deu a mínima. Finalmente estava encaminhado e podia dar início a suas aventuras.

Nos últimos três meses de Shackleton na escola, houve uma mudança repentina em sua atitude para com os estudos, especialmente com relação à matemática, responsável pelos fundamentos da navegação. O professor de matemática informou: "Ele tem dado muitas alegrias em todos os sentidos. Houve uma melhora notável tanto no trabalho quanto na conduta".

Apesar de tudo, isso não convenceu Shackleton a ficar. Ele deixou a escola logo que pôde, finalmente dando adeus com a tenra idade de dezesseis anos, em abril de 1890, e chegando a Liverpool para começar a primeira das grandes e numerosas aventuras de sua trajetória. No entanto, embora talvez estivesse pulando de alegria diante da perspectiva de liberdade e aventura, a experiência quase lhe custaria a vida.

# 2.

A entrada de Shackleton na vida marítima foi tão traumática quanto o pai planejara. No passado, ele talvez admirasse os navios no Tâmisa e invejasse aqueles que estavam a bordo; a realidade agora era muito diferente.

Com uma carga de 2 mil toneladas, o *Hoghton Tower* seguiu para o cabo Horne, no Chile, uma viagem de 32 mil quilômetros, no meio do inverno no hemisfério sul. Sinônimo de perigo mesmo nas melhores condições, essa viagem era uma grande provação até mesmo para os navios mais bem construídos. O *Hoghton Tower* chegou a ser descrito como "um magnífico espécime de arquitetura naval em ferro", ostentando acomodações para dezesseis passageiros na primeira classe, mas seus dias de luxo tinham ficado para trás. Na era do vapor, o navio de três mastros se transformara numa relíquia, pegando apenas aqueles trabalhos de que os navios a vapor fugiam como de uma praga.

Enfrentando ventos uivantes, mares revoltos, ondas monstruosas e até icebergs, o velho navio lutava para não afundar, perdendo dois barcos salva-

vidas ao largo do Horne, com vários tripulantes feridos. Shackleton passou a tempestade quase toda debruçado sobre a borda, vomitando, praticamente incapaz de manter o equilíbrio. Mas enjoo era a menor de suas preocupações.

Desde o momento da partida, em 30 de abril de 1890, Shackleton, o menino de classe média criado num subúrbio confortável, tinha achado tudo muito difícil. Dividindo alojamentos apertados com a tripulação bêbada, que falava muito palavrão, Shackleton, horrorizado, dizia que seus companheiros eram "piores que animais". Mistura de marujos vagabundos, oportunistas e decrépitos, cada um tinha uma história para contar, como revelou Shackleton mais tarde em carta a um amigo: "Há um americano que teve de fugir do país por matar um homem negro; outro que era capataz numa grande serraria… outro proprietário de uma grande fazenda de criação de gado… Outro dia mesmo vi um homem enfiar uma faca até o cabo na coxa de outro". Para um menino que esperava que sua primeira viagem fosse digna da revista *Boy's Own* , era um choque e tanto.

Naqueles primeiros dias, Shackleton deve ter se perguntado se de fato tinha sido feito para a vida no mar. Será que o pai estava certo desde o começo? Em outra carta para um velho amigo dos tempos de escola, ele admitiu que era "trabalho muito difícil e sórdido também… Posso lhe dizer que nem tudo é mel no mar".

A situação piorou quando a tripulação descobriu que o "menino" reprovava seu comportamento. Exatamente como tinha acontecido na escola, ele foi atormentado e tido como esquisito. Alguns achavam esse bullying ritual necessário para endurecer o menino de rosto inocente, enquanto outros simplesmente adoravam descontar as frustrações da vida em alguém que parecia vulnerável.

Tendo tão pouco em comum com a grosseira tripulação, Shackleton adquiriu o hábito de ficar sozinho, mergulhado em seus livros de aventuras, exploração e construção de império, e memorizando interminavelmente seus poemas prediletos, sem falar em trechos da Bíblia. "Aprendi mais literatura em um ano no mar do que em meia dúzia de anos na escola", declarou depois. Na verdade, sempre que alguém procurava por ele, os colegas lembram qual era a resposta conhecida: "O velho Shack está lá metido com seus livros".

Apesar de sua natureza ensimesmada e retraída, o menino, que, noutros tempos, era conhecido pelos colegas como Shackleton Brigão, estava longe de ser um fracote. Quando um tripulante chutou sua perna, Shackleton se jogou no chão do convés e mordeu com força a canela do agressor. O episódio lhe rendeu o respeito relutante da tripulação, sugerindo que era melhor pensar bem antes de agredir o menino, que, claramente, tinha sangue quente nas veias.

Enquanto o navio seguia para o Chile, Shackleton ia se habituando a esse novo jeito de viver e, aos poucos, caía nas graças dos tripulantes, exatamente como tinha acontecido com seus colegas na escola. Além disso, descobriu que seu profundo conhecimento de literatura, poesia e religião, e sua habilidade de contar uma boa história, eram artigos valiosos no mar. Não demorou para que o capitão notasse que muitos dos seus tripulantes mais calejados se juntavam em volta do menino, enquanto ele desfiava uma história atrás da outra, muitas vezes provocando acessos de riso. Talvez mais surpreendente ainda fosse o fato de alguns começarem até a pedir versículos da Bíblia. Igualmente inesperado era ver o menino, aparentemente virtuoso, contar histórias com um cigarro pendendo do lábio e, de vez em quando, soltando um palavrão. Shackleton, cada vez mais à vontade e confiante, percorria as várias hierarquias do navio sem dificuldade, contando suas

histórias tanto para os tripulantes quanto para o próprio capitão. Alguns talvez desconfiassem de que ele só queria se dar bem, mas estava claro que a única recompensa que buscava era desfrutar de companhia, fosse de quem fosse. Como disse mais tarde um marinheiro, ele era "vários tipos encadernados num único volume".

Embora seu talento para contar histórias tenha mudado a atitude dos tripulantes em relação a ele, a qualidade que mais apreciavam era sua disposição para o trabalho. Não havia nenhum glamour em muitas tarefas que era obrigado a executar, mas Shackleton mostrava a maior dedicação, fosse esfregando o convés, dando nós, carregando carga pesada para dentro e para fora dos porões, ou galgando o mastro de 45 metros de altura no meio de uma tempestade. Sem jamais resmungar ou reclamar, Shackleton fazia o que tinha de ser feito, ansioso para mostrar seu valor. O efeito de tudo isso foi tão positivo que, quando o navio e os tripulantes chegaram a Valparaíso, estropiados após quinze semanas no mar, o capitão Partridge o convidou para jantar com o cônsul local a título de recompensa.

Quando o *Hoghton Tower* voltou a Liverpool, quase um ano depois de ter partido, Shackleton disse que tinha sido "um dos aprendizados mais duros" a que um menino poderia ser submetido. No entanto, teria sido suficiente para afastá-lo de uma carreira no mar, como o pai planejara?

Ao retornar para casa em Sydenham, onde cativou suas irmãs com histórias fantásticas de suas aventuras, com direito a comida caseira e uma cama aconchegante, o pai lhe perguntou, com aparente desinteresse, sobre seus planos futuros. Sem pestanejar, Shackleton respondeu que sua ambição era a mesma de antes. Pretendia ficar no mar e galgar os degraus da hierarquia o mais depressa possível. Dessa vez, Henry Shackleton não tentou impedir. Em seu ano longe de casa, o filho se tornara homem, e, se era isso que queria, que assim fosse. Ele, sem dúvida, sabia onde estava se metendo.

O capitão Partridge também gostaria de tê-lo de volta. Apesar de ter afirmado que Shackleton era "o menino mais obstinado e teimoso que já encontrei", ele disse também ao reverendo Woosnam que não "se acharia nele nenhum defeito". Shackleton logo assinou contratos para passar mais quatro anos no mar e se preparou para voltar ao *Hoghton Tower* , mas agora com o capitão Robert Robinson no comando.

Iniciada em Cardiff em junho de 1891, essa viagem ao Chile seria mais difícil do que a primeira. Mais uma vez, fazia um tempo terrível nos arredores do cabo Horn, onde um homem foi arrastado para o mar e desapareceu, e outros foram gravemente feridos em acidentes. Shackleton também teve de ficar dias deitado em seu beliche, padecendo de dores excruciantes nas costas, provocadas por um mês de roupas encharcadas. Ao desembarcar no Chile, foi acometido de uma crise aguda de disenteria, o que tornou a viagem ainda mais desagradável. Mas a maior queixa de Shackleton recaía sobre o capitão Robinson, um tirano muito mais implacável do que o capitão Partridge.

Pouco menos de um ano depois, Shackleton deixou claro para a família que odiava o *Hoghton* , o capitão e a maioria dos tripulantes. Apesar disso, sabia que suas possibilidades de avançar seriam prejudicadas se não fizesse uma terceira viagem. Pelo menos dessa vez o destino inicial era a Índia, não o Chile. Contudo, foi nessa viagem que Shackleton quase perdeu a vida.

Quando um tripulante morreu de repente, alguns dos mais supersticiosos disseram a Shackleton que aquilo era mau presságio. Shackleton talvez não levasse a sério essas histórias, mas logo depois uma tempestade desabou sem aviso ao sul do cabo da Boa Esperança. Tal era sua ferocidade que não houve tempo de arriar as velas. Ao timão, Shackleton tentava desesperadamente manter o navio em pé, e no rumo certo, quando uma onda gigantesca o

desestabilizou, inundando os conveses. Como disse Shackleton, "a natureza parecia estar despejando os frascos da sua ira".

Tentando respirar e sufocando com água salgada, ouviu um estalo acima da sua cabeça. Logo a seguir, o mastro desabou, caindo exatamente no lugar onde Shackleton estivera pouco antes. Pensando na sorte que tivera, ele escreveu depois: "Foi um milagre eu não ter morrido".

Sobrevivendo a outras tempestades em dois anos no mar, a caminho da Índia para a Austrália e o Chile, ele finalmente concluiu seu aprendizado em julho de 1894. Foram quatro anos desde que partira na primeira viagem e, nesse meio-tempo, de fato se tornara um homem. O menino outrora apreensivo, de rosto inocente, deu lugar a um robusto rapaz de vinte anos, com a confiança de ter sobrevivido a tudo que a vida no mar jogara em cima dele. Com nova musculatura, um queixo resoluto e muita determinação, os meses de convívio com múltiplos personagens também lhe renderam mais histórias para o seu repertório, agora contadas com mais vivacidade e explicações, num tom de voz que só poderia pertencer a um homem do mar.

Apesar de ter achado a última viagem a bordo do *Hoghton* particularmente severa, Shackleton decerto não alimentava dúvidas sobre seguir adiante na profissão escolhida. A falta de uma carreira alternativa também deve ter pesado muito em sua decisão, mas, apesar disso, ele logo foi aprovado no exame da Câmara do Comércio como segundo imediato, indo, a seguir, trabalhar como terceiro imediato no *Monmouthshire* , navio comercial sem rota ou calendário fixos, da Shire Line.

Era um avanço considerável em relação ao *Hoghton Tower* . Em especial em suas viagens regulares à China e ao Japão, o navio lhe oferecia o luxo de um camarote próprio, onde podia ler em paz. Em 1896, passou na prova para primeiro imediato e foi promovido novamente, dessa vez para trabalhar no ainda mais luxuoso *Flintshire* .

Aos 23 anos, Shackleton já correra o mundo e tinha uma profissão decente, mesmo não sendo uma que seu pai aprovasse. Parecia que uma vida de aventuras no mar o aguardava. Mas logo seus olhos se voltaram para outro tipo de aventura tempestuosa, a do amor e do romance.

# 3.

Em julho de 1897, Ernest Shackleton conheceu a mulher que o inspiraria a buscar a grandeza. Enquanto o pai cuidava do desabrochar de suas rosas ao sol de Sydenham, Shackleton, agora de folga, mal lhes prestava atenção. Em vez disso, as atenções do jovem marinheiro se voltavam firmemente para uma das convidadas das irmãs.

A mulher em questão era extraordinariamente atraente, disso não havia dúvida. Esguia, de cabelos escuros, com penetrantes olhos azuis, seu riso fácil e sua postura elegante enfeitiçaram o jovem irlandês. Mas depois de apresentado pelas irmãs e de saber que a moça se chamava Emily Dorman, ele logo descobriu que ela era muito mais do que parecia à primeira vista.

Filha de um advogado rico e bem-sucedido, Emily era instruída e inteligente, capaz de passar do flerte ao debate acalorado num piscar de olhos. Já tinha atraído a atenção de muitos homens, rejeitando nada menos que dezesseis propostas de casamento. Mais raro ainda, numa época em que as pessoas casavam jovens, era o fato de continuar solteira aos vinte e tantos

anos. Estava claro que não aceitaria um parceiro só para não ficar sozinha. Era independente demais, inconvencional demais para se conformar com esse destino. Só um homem capaz de despertar nela uma paixão imediata e profunda seria levado em conta.

Seis anos mais novo que ela, Shackleton aceitou ansiosamente o desafio. Parecia não haver dúvida de que estava encantado com Emily, mas talvez seu espírito de aventura também devesse ser levado em conta. Como tantas de suas futuras expedições, Emily era território desconhecido, ainda não conquistado. Muitos homens tinham tentado capturar sua atenção e fracassaram. Ela claramente não aceitaria uma alternativa menos satisfatória. Assim, se Shackleton quisesse prender sua atenção, e talvez até conseguir sua mão em casamento, precisaria ter êxito onde muitos outros tinham sucumbido.

No entanto, apesar dos esforços dele para impressioná-la, Emily não parecia atingida pela flecha do Cupido. Cumprimentando-o com frieza, ela não lhe dava mais atenção do que a boa educação recomendava. E por que daria? No papel, Shackleton era não só mais jovem do que ela como também apenas um modesto oficial de Marinha Mercante. Com a tenra idade de 23 anos, poderia até obter o seu certificado de mestre, o que em tese lhe daria direito a assumir o comando de qualquer navio da Marinha Mercante em qualquer lugar do mundo, mas, na concorrência com outros pretendentes da alta sociedade, isso tinha pouco valor.

Persistente, apesar dos modos frios de Emily, e interrompendo sua busca por viagens no mar, Shackleton jamais perdeu de vista o fato de que aquela era a mulher com quem desejava se casar. Sempre que voltava de uma de suas muitas viagens, Shackleton a perseguia sem descanso, e, embora de início desconfiasse de que talvez não passasse de uma paixão temporária de

um marujo inquieto, Emily teve de reconhecer que havia naquele jovem impetuoso qualquer coisa de travesso e aventureiro.

Depois de meses de esforços da parte de Shackleton, Emily acabou concordando em ir com ele ao Museu Britânico. Para sua surpresa, ela descobriu que, por trás da bajulação, havia um jovem sensível, com um grande amor pelas artes, especialmente poesia. Shackleton, claro, estava acostumado a contar histórias e a recitar poemas para conquistar até o mais calejado dos homens, e sua magnética habilidade com as palavras logo capturou a atenção de Emily. Enquanto Shackleton citava longos versos de Tennyson, palavra por palavra, Emily respondia com versos do seu poeta favorito, Robert Browning, que ela havia estudado num curso universitário. No entanto, tendo escrito um artigo sobre o poema "Paracelso", de Browning, ela deve ter reconhecido sinais de alerta sobre qualquer futuro relacionamento com Shackleton, pois o texto falava de um herói que recusa o amor para buscar o conhecimento.

Com o amor pela poesia servindo de terreno comum, Emily deu a Shackleton uma biografia de Browning para que a lesse quando estivesse no mar. Logo ele também se transformou em um ávido admirador do poeta, escrevendo, posteriormente:

> Vou lhe dizer que o que encontro em Browning é um otimismo consistente, espontâneo. Poeta algum jamais encarou o enigma do universo com uma resposta mais radiante. Ele sabe o que o universo espera do homem — coragem, estoicismo, fé — fé na bondade da existência.

Numa carta para Emily, chegou a citar um verso de "The Statue and the Bust" [A estátua e o busto]: "Que um homem lute ao máximo pelo prêmio que lhe cabe na vida". Isso acabou com as dúvidas de Emily de que ela era a mulher que o jovem marinheiro desejava acima de qualquer coisa.

Mas justo quando parecia se aproximar, Emily inexplicavelmente se afastava, deixando Shackleton emocionalmente confuso. Como escreveu em

outra carta para ela, despachada do mar, o futuro é "tão incerto que mal ouso ter esperança". Cada vez mais ansioso por conquistar sua afeição e temendo que houvesse concorrente, Shackleton estava desesperado quando, no Natal de 1898, o *Flintshire* se preparava para partir em mais uma longa viagem. Diante da perspectiva de passar outros meses longe, Shackleton ficou desolado quando o navio deixou o porto, temendo ter perdido sua chance. Mas o destino deu a Shackleton um alívio inesperado.

Em 26 de dezembro de 1898, o *Flintshire* encalhou perto da costa de Yorkshire e precisou de reparos. Percebendo uma oportunidade, Shackleton saiu do navio e seguiu direto para a casa dos Dorman. Ansioso para tentar a sorte, deixou a cautela de lado e declarou seu amor por Emily na privacidade da sala de bilhar. Pela primeira vez, Emily percebeu que o jovem marinheiro falava sério. De repente, um futuro junto com ele já não lhe parecia tão ridículo.

Mas havia outro obstáculo ao casamento de Shackleton e Emily: o pai dela. Não que Charles Dorman não gostasse de Shackleton. Na verdade, até o achava educado e uma companhia interessante. A profissão que ele escolhera é que era o problema. Uma vida no mar estava muito distante da vida de um médico ou de um advogado. Certamente não era tão bem-vista, nem pagava tão bem, e além disso significava ausentar-se durante meses. Por maior que fosse a sua afeição por Shackleton, não era bem essa a vida que ele tinha em mente para a filha, que conhecera solteiros muito mais aceitáveis no passado.

Apesar dessas dúvidas, Shackleton não foi descartado. Quando não estava no mar, passava fins de semana na fazenda dos Dorman em East Sussex, além de ser convidado para jantares, nos quais sempre fazia o possível para causar boa impressão ao possível sogro. A sobrinha de Emily recordava-se

do seguinte: “Ele era tão legal com as empregadas que serviam à mesa que elas por pouco não derrubavam as coisas, de tanto que ele as fazia rir”.

Há uma história que ressalta os temores de Shackleton de não ter as qualificações necessárias. Durante uma viagem de trem para os Dorman, puxou conversa com um vendedor de antiguidades que, ele descobriu, iria participar de um leilão na casa dos Dorman. Quando o comerciante lhe perguntou: “O que espera arrancar do velho?”, Shackleton respondeu: “A filha”.

Certamente compreendo as aflições de Shackleton. Quando jovem, eu queria me casar com minha falecida esposa, Ginny, que eu conhecia desde que éramos crianças. O pai dela, compreensivelmente, protegia muito sua linda filha, em particular de gente como eu.

Como Shackleton, eu parecia ter muito pouco a oferecer. Apesar de ter estudado em Eton, não tive um grande desempenho acadêmico e estava preparado para uma carreira nas Forças Armadas. Ginny, por outro lado, frequentou um internato feminino e podia ter o homem que quisesse. Depois de uma série de delitos, que culminaram com uma tentativa de destruir o set de filmagem de *Dr. Dolittle* num protesto ambiental mal inspirado, o pai de Ginny a proibiu de me ver, dizendo à minha mãe que eu era “doido, mau e que era um perigo conhecer-me”. Mas isso não me deteve. Acontecesse o que acontecesse, resolvi que ficaríamos juntos, e, embora fosse demorar muitos anos, quando nos casamos o pai dela já me aceitava um pouco, pelo menos, percebendo que, como Shackleton, nada me intimidava. Também ajudava o fato de Ginny corresponder ao meu amor.

Enquanto eu era muito desajeitado, Shackleton tinha um jeito mais diplomático. Se quisesse ser digno de Emily e obter a aprovação do pai dela, sabia que precisava de coisa melhor do que uma vida no mar. Numa conversa com James Dunsmore, o maquinista do *Flintshire* , Shackleton

disse: “Sabe de uma coisa, meu caro, enquanto eu continuar nesta companhia jamais passarei de capitão. Mas acho que posso conseguir coisa melhor. Na verdade, eu gostaria de me tornar conhecido — por mim e por ela”.

Com isso em mente, e logo depois de abrir o coração para Emily na sala de bilhar dos Dorman, Shackleton pediu demissão da Shire Line e procurou algo que causasse melhor impressão. Rapidamente encontrou vaga na Castle Line, empresa de navegação de grande prestígio, cujo transatlântico de 5 mil toneladas *Tantallon Castle* era o que havia de melhor. Acostumada ao luxo, sua clientela era quase sempre composta das pessoas mais notáveis da sociedade britânica.

Servindo como quarto oficial, Shackleton embarcou em três viagens à África do Sul, achando o ambiente do *Tantallon* muito mais de acordo com suas altas ambições. E, enquanto sua nova função demonstrava que talvez estivesse à altura de Emily, ele esperava também que lhe abrisse muitas portas.

Confiante por natureza, ele agora estava ciente de ter o raro dom de fazer as pessoas gostarem dele e pretendia tirar proveito disso. Se nas viagens marítimas anteriores ele usara seus talentos para se integrar à tripulação do *Hoghton Tower* , ali ele resolveu que sua missão era cair nas graças da alta sociedade.

Aprimorando a habilidade camaleônica de adaptar seu caráter e suas histórias a qualquer plateia, conseguia movimentar-se entre o “Mickey” irlandês meio malandro, o fogoso marujo com histórias de sobra e o cavalheiro de classe média com um vasto conhecimento do mundo, encantando a todos que cruzavam seu caminho. Ora citando trechos de poesia, ora contando casos mais indecorosos de suas aventuras no mar, Shackleton tinha a capacidade única de deixar um novo conhecido bem à

vontade. Seu olhar penetrante e seu entusiasmo contagioso levaram um dos capitães da Castle Line a dizer o seguinte a respeito dele:

> Seus olhos brilhavam e seu olhar era rápido… Quando um assunto absorvia sua atenção, a voz adquiria um tom profundo, vibrante, os olhos brilhavam, e ele exibia uma personalidade determinada, confiante, destemida e dominante que, mais tarde, faria dele um líder a quem os homens obedeciam e seguiam sem hesitar.

Prósperos homens de negócios nem sempre foram conhecidos como pessoas muito impressionáveis, mas a natureza de Shackleton logo os desarmava. Ele fazia tudo com graça e confiança, e ninguém se sentia usado para nenhum outro fim que não fosse o da amizade. Frequentemente era esse o caso, pois Shackleton não perdia oportunidade de desfrutar de boa companhia, não importando a classe social de ninguém. Em vez de ser tido apenas como mais um membro da equipe, em quase todas as mesas a presença de Shackleton era ativamente incentivada, e todos reconheciam sua capacidade de levantar os ânimos. Um desses admiradores era o magnata do aço Gerald Lysaght, que viria a ser um dos grandes patrocinadores de Shackleton.

Esse luxo e esse tipo de companhia infelizmente não duraram muito. Em outubro de 1899, começou uma guerra entre a Grã-Bretanha e os colonos falantes do africâner na África do Sul. Embora Shackleton fosse promovido a terceiro oficial no *Tintagel Castle* , de 3,5 mil toneladas, os passageiros da alta sociedade foram substituídos por milhares de soldados que precisavam chegar ao cabo para rechaçar os guerrilheiros bôeres. Entre os que atenderam à convocação estava o irmão mais novo de Shackleton, Frank.

Em 14 de dezembro de 1899, o *Tintagel Castle* partiu de Southampton para o Cabo com 1200 soldados a bordo, na grande expectativa de que a guerra terminasse logo. Mesmo assim, Shackleton encantava a todos. Com milhares de jovens inquietos em busca de diversão, sua capacidade de contar

histórias passou a ser muito requisitada, ao mesmo tempo que ele organizava atividades esportivas e concertos. Nas horas de folga, como sempre, lia muito. Segundo um amigo, o camarote de Shackleton "tinha uma estante com os sinais de um proprietário muito leitor, pois nela vi Shakespeare, Longfellow, Darwin e Dickens".

A guerra na África do Sul não transcorreu como se esperava. Mais de 3 mil soldados ingleses foram mortos, feridos e capturados na primeira semana de conflito. O *Tintagel Castle* , juntamente com Shackleton, foi obrigado a dar meia-volta e retornar o mais rápido possível ao Cabo a fim de levar mais soldados para o campo de batalha.

Por sua capacidade de sempre ver uma oportunidade numa situação sombria, Shackleton logo percebeu um jeito de se tornar conhecido e impressionar Emily e o pai. Com o médico do navio, William McLean, e outros, produziu um livrinho sobre as viagens à África do Sul, intitulado *OHMS or How 1200 Soldiers Went to Table Bay* [OHMS ou como 1200 soldados foram para a baía da Mesa]. Incluindo trechos de alguns de seus poemas favoritos, 2 mil assinantes rapidamente adquiriram exemplares a dois xelins e seis pence. Ele ficou tão orgulhoso dessa nova proeza que mandou um exemplar especialmente encadernado para a rainha Vitória, embora a maior emoção para ele tenha sido enviar um de presente para Emily, com a dedicatória: "E para E, julho de 1900 Os primeiros frutos".

A despeito do sucesso do livro e do seu excepcional desempenho na Castle Line, o fato de escrever no exemplar dedicado a Emily as palavras "Os primeiros frutos" sugere que ele ainda se sentia indigno dela. Na verdade, durante suas longas viagens marítimas, ele continuava achando que havia outros pretendentes qualificados, o que o deixava angustiado. Em cartas para ela, escreveu:

> Suponho que seja próprio do homem querer uma mulher só para si […]. Noutros tempos eu disse "Me ame só um pouquinho, só um pouquinho", e agora me parece que, à medida que envelheço, o que digo é "Me ame totalmente, e só a mim" […]. Quando, como hoje, você se refere a ele: alguma coisa me atinge o coração e eu me sinto perdido, abandonado […]. Por que não fui o primeiro a conhecê-la? Por que você não estremeceu ao meu toque, antes de todos os homens do mundo? De todas as histórias de amor e tristeza, sinto que a nossa se destaca por não haver esperança no começo e não haver nenhuma agora.

Felizmente logo surgiu uma oportunidade que permitiria a Shackleton alcançar o que queria e impressionar tanto Emily quanto o pai. Envolveria, no entanto, uma viagem ao outro lado do mundo, onde homem nenhum tinha posto os pés.

# PARTE DOIS

*Uma alma açoitada pelo fogo do desassossego*

# 4.

No verão de 1900, um anúncio chamou a atenção de Shackleton. Sob o comando do tenente da Marinha Real Robert Scott, a Real Sociedade Geográfica (RGS, NA SIGLA EM INGLÊS ) estava financiando uma expedição à Antártica. Procurava-se, portanto, recrutar tripulantes que atendessem a certos requisitos. Shackleton não tinha experiência nem em exploração, nem em ciência, mas esse era o tipo de chance que ele tinha passado a vida buscando.

Como se saísse diretamente das páginas da *Boy's Own* , a oportunidade de explorar um continente em grande parte desconhecido oferecia aventura, fama e fortuna. Além disso, com o Império Britânico sedento de novas conquistas diante da concorrência de países como os Estados Unidos e a Alemanha, qualquer um que conquistasse um continente desconhecido como a Antártica e o reivindicasse para a rainha e o país seria aclamado como herói durante décadas.

Era isso, mais do que a oportunidade de explorar verdadeiramente a Antártica, que de fato movia Shackleton. Louis Bernacchi, o físico e astrônomo da expedição, diria depois que Shackleton "não demonstrou interesse por nenhuma das expedições anteriores à Antártica" e estava "faminto de aventura e fama". Um dos colegas de Shackleton na Castle Line bateu na mesma tecla:

> Ele se sentia atraído pela oportunidade de escapar da monotonia de método e rotina — de uma existência que poderia acabar asfixiando sua individualidade. Via-se a si mesmo avançando para assumir o comando de um transatlântico tão lentamente que seu espírito se rebelava contra a ideia de passar os melhores anos da vida e da virilidade numa espera cansativa.

O primeiro biógrafo de Shackleton, Hugh Robert Mill, acrescentou depois que a Antártica foi "uma oportunidade, e nada mais".

Um dos outros atrativos da expedição era, claro, a chance de Shackleton mostrar que era digno de Emily. Como a filha de Shackleton, Cecily, comentaria mais tarde, sobre a perseguição do pai à mãe naquela época:

> Ele ia fazer o mundo cair a seus pés e ser digno dessa adorável… mulher de olhos azuis brilhantes e sorriso maravilhoso… Ele queria depor alguma coisa aos pés dela e dizer: "Está vendo, você se casou com um homem que abre seu próprio caminho na vida, e correspondi às suas expectativas".

Transbordando de animação, Shackleton se candidatou formalmente a uma vaga na expedição em setembro de 1900. No entanto, se tivesse tirado um tempo para descobrir o que tinha havido com muitas expedições anteriores ao gelo, talvez refletisse melhor.

O Círculo Polar Antártico foi atravessado pela primeira vez em 1773 pelo capitão James Cook, que, na verdade, jamais viu o continente antártico. Devido a centenas de quilômetros de campo de gelo, seu navio, o *Resolution* , foi impedido de prosseguir. Enquanto a terra acabou finalmente avistada em 1820, foi só nos anos 1840 que dois navios da Marinha Real, o *Erebus* e o *Terror* , conseguiram avançar pelo campo de gelo para explorar melhor a

região. Essa honra coube a James Clark Ross e Francis Crozier, que, além de calcularem a localização aproximada do polo Sul Magnético, mapearam pela primeira vez características geográficas como o mar de Ross, o estreito de McMurdo e a Grande Barreira de Gelo, hoje conhecida como Plataforma de Gelo Ross. No entanto, uma desastrosa expedição da Marinha Real no Ártico logo depois suspendeu toda exploração polar britânica pelos trinta anos seguintes.

Esse contratempo ocorreu em 1845, durante a expedição de sir John Franklin para mapear a última seção inexplorada da Passagem do Noroeste, no Ártico canadense. Abrindo caminho no campo de gelo, os dois navios, *Erebus* e *Terror* , acabaram ficando presos. Missões de resgate foram preparadas às pressas para procurar os 129 homens desaparecidos, a um custo altíssimo — que chegaria a 700 mil libras esterlinas (400 milhões hoje) —, mas inutilmente.

Devido a esse custo e aos estigmas subsequentes, só em 1874 um navio britânico voltaria ao sul, quando a expedição Challenger atravessou o Círculo Polar Antártico. Porém, mesmo depois disso, muitas questões permaneciam sem resposta. O continente seria uma imensa massa terrestre, uma cadeia de ilhas, ou apenas um gigantesco bloco de gelo? Sabia-se tão pouco que era como se fosse Marte. O *Daily Express* fez o seguinte comentário: "Seu ambiente continua sendo uma espécie de silêncio, névoa e vagos terrores".

O oceanógrafo sir John Murray se sentia frustrado com a demora em obter respostas a essas perguntas. Tendo servido como naturalista na expedição Challenger, e com o desastre da expedição Franklin já se apagando na lembrança, ele falou perante a Real Sociedade Geográfica em 1893, recomendando a retomada das explorações à Antártica. Na plateia, ouvindo com atenção, estava sir Clements Markham. Presidente da Real

Sociedade Geográfica, Markham era um ex-membro da Marinha Real que, em 1850, tinha participado de uma viagem de socorro ao Ártico com o objetivo de localizar os navios desaparecidos na expedição Franklin. Inspirado pela convocação de Murray, acabou ficando obcecado pela ideia de que os britânicos deviam estar à frente da exploração da Antártica.

Pondo-se imediatamente a trabalhar nessa expedição Antártica Nacional, Markham traçou um plano a ser executado pela Marinha Real. O primeiro passo seria ver um navio abrir caminho no campo de gelo para encontrar um ancoradouro adequado no qual a tripulação pudesse passar o inverno a bordo. No verão, a tripulação da Marinha Real "exploraria esse continente antártico por terra, para conferir suas características físicas e, acima de tudo, descobrir o caráter de suas rochas e encontrar fósseis para lançar luz sobre sua história geológica". Até então, não se falava em tentar atingir o polo Sul, mas a grande esperança de Markham era de que um britânico — da Marinha Real, nada menos — fosse o primeiro a reivindicar esse Santo Graal.

Em 1895, o projeto de Markham foi aprovado no VI Congresso Geográfico Internacional em Londres. O congresso proclamou que era "o maior ato de exploração geográfica até então empreendido" e que traria um avanço para o conhecimento em "quase todos os ramos" da ciência. Nem todo mundo ficou tão entusiasmado.

Quando ficou claro que seria necessário levantar fundos da ordem de mais de 100 mil libras esterlinas (6 milhões hoje), Markham descobriu que o primeiro-ministro, o Almirantado e até mesmo a Sociedade Real hesitaram em participar. Lembranças do fim trágico e dos custos da expedição Franklin ainda perduravam, e Markham foi informado de que somas vultosas seriam gastas para modernizar a frota da Marinha, especialmente

com a frota da Alemanha passando por grandes avanços. Em resumo, não sobrava dinheiro para financiar essa grandiosa loucura.

Brigas internas entre políticos, a Marinha, a RGS e a Sociedade Real não ajudavam em nada. Todos discordavam sobre os objetivos específicos da expedição, alguns achando que ela deveria se concentrar na glória de reivindicar terras inexploradas para a rainha e o país, enquanto outros acreditavam que uma expedição científica teria muito mais valor. Markham não podia fazer nada além de ver outros países e outros exploradores tentarem passar à frente dele e da Grã-Bretanha.

Em janeiro de 1895, o norueguês Carsten Borchgrevink afirmou ter sido o primeiro homem a pisar no continente antártico. Três anos depois, uma expedição belga partiu para atravessar o Círculo Polar Antártico e se tornou o primeiro grupo a passar o inverno no continente, embora de forma involuntária, quando seu navio, o *Belgica* , ficou preso no gelo.

No entanto, para Markham o maior golpe veio em 1898, quando uma expedição rival britânica partiu para a Antártica. A expedição Southern Crossera financiada privadamente pelo editor de revistas britânico sir George Newnes, e teve enorme sucesso, sendo a primeira a passar o inverno em terra na Antártica, bem como a primeira a visitar a Grande Barreira de Gelo desde a expedição pioneira de sir James Clark Ross em 1839-43. Foi também a primeira a utilizar cães e trenós em viagens antárticas. Para muitos, isso tinha torpedeado os planos de Markham sobre sua própria expedição, agora conhecida como Descoberta.

O século estava quase acabando, e Markham só conseguira arrecadar 14 mil libras esterlinas, sem novas doações à vista. O governo e a Sociedade Real continuavam desinteressados, e nenhum dos dois recebeu ajuda de um benfeitor da iniciativa privada. Enquanto isso, o governo alemão anunciou que financiaria a expedição Gauss à Antártica. No entanto, quando tudo

parecia perdido, o abastado industrial Llewellyn Wood Longstaff respondeu às orações de Markham, doando 25 mil libras esterlinas (1,5 milhão hoje).

Pouco depois, o príncipe de Gales, o futuro rei Eduardo VII , concordou em ser o patrono da expedição, e seu filho, o futuro George V , vice-patrono. Sei por experiência própria o quanto um patrono real pode ser importante. Em 1972, Ginny e eu tentamos levantar recursos para nossa expedição Trans Globe, visando arrecadar cerca de 30 milhões de libras esterlinas em doações e patrocínio, acrescentando-se a isso a nossa limitada experiência com expedições. Naquela época, tínhamos 210 libras no banco, éramos donos de uma minivan de segunda mão e de uma casa hipotecada perto de Hammersmith Bridge. Nossa única renda eram os pagamentos que eu recebia, não muito frequentemente, do Exército Territorial. Nosso sonho parecia fantasioso, quando muito, e, embora tenha sido uma surpresa para nós, e para outros, levantarmos uma grande soma, só quando o príncipe Charles nos deu o selo real de aprovação, em 1978, é que as pessoas começaram a nos levar a sério. Na verdade, quando nos vimos diante do grande problema de achar quem patrocinasse nosso combustível, que custaria 1 milhão de libras, foi graças ao príncipe que acabamos fazendo um acordo com a Mobil Oil. O príncipe Charles viria a ser o patrono de muitas de minhas expedições subsequentes, abrindo portas futuras. Além disso, foi um grande apoiador, chegando a me dar conselhos na formação da minha equipe. Em resumo, o apoio de alguém da família real é fator da maior importância, como Markham descobriria.

Logo que o projeto de Markham foi aprovado pelo príncipe de Gales, o governo achou que não poderia continuar sendo visto como um obstáculo e ofereceu a Markham 45 mil libras para cobrir custos, com a condição de que levantasse o restante na iniciativa privada.

Mas quando o sonho de Markham estava quase se tornando realidade, as coisas por pouco não desandaram. O objetivo principal de Markham era uma abordagem geográfica, explorando o continente desconhecido e mapeando-o devidamente. A Sociedade Real, no entanto, defendia um programa mais científico, com o estudo de minerais, entre outros aspectos. Apesar de Markham até então ter conseguido manter a disputa sob controle, a divergência se agravou quando começaram as discussões sobre quem deveria chefiar a expedição.

A Sociedade queria o professor John Walter Gregory, aclamado geólogo e explorador. Já Markham propôs Robert Falcon Scott, tenente de 31 anos da Marinha Real. Markham começara a observar Scott em 1887, numa disputa entre dois navios da Marinha nas Antilhas. Ele, obviamente, causou ótima impressão, como disse Markham: "Fiquei impressionado com sua inteligência, as informações que tinha e as maneiras encantadoras". Apesar disso, Scott não tinha nenhuma experiência no gelo e jamais comandara uma expedição. Mesmo assim, Markham estava decidido a impor sua vontade, fincando os pés com determinação hidrófoba, até vencer a Sociedade pelo cansaço.

O tenente Scott foi devidamente designado líder e voltou sua atenção para a escolha da tripulação, na qual Shackleton esperava poder servir. No entanto, com a candidatura de Shackleton agora nas mãos, Scott leu os detalhes e jogou-a na lata de lixo, e com ela todas as esperanças e todos os sonhos de Shackleton.

# 5.

Shackleton ficou arrasado. Esperava que a experiência no mar fosse suficiente para lhe garantir uma vaga no navio mercante *Discovery* . Mas não ter experiência com expedições, além de não pertencer à Marinha Real, tinha arruinado suas chances. A porta parecia ter sido fechada com força. Se quisesse realizar seus sonhos e demonstrar seu valor para Emily e o pai, teria de repensar tudo. Mas ele logo percebeu que talvez nem tudo estivesse perdido.

Ao saber que Llewellyn Longstaff financiara boa parte da expedição, lembrou que numa de suas viagens ao Cabo tinha conhecido Cedric, filho de Longstaff. Usando essa conexão para chegar aonde queria, Shackleton arranjou um encontro com o pai de Cedric em sua casa no subúrbio londrino de Wimbledon.

O tempo que Shackleton passara misturando-se com as altas-rodas tinha dado resultado. Além de se mostrar ótima companhia, em Llewellyn Longstaff ele tinha encontrado uma alma gêmea, um homem que parecia

adorar a perspectiva de aventura e de risco tanto quanto ele. Depois de uma tarde adorável na companhia um do outro, o rico industrial prometeu a Shackleton recomendar seus serviços pessoalmente a Markham.

Havia uma pequena dificuldade, pois Markham queria formar toda a tripulação do *Discovery* com homens da Marinha Real sob um regime-padrão de disciplina naval. No entanto, não tinha condições de ignorar um pedido de Longstaff, sobretudo porque a expedição provavelmente precisaria de mais dinheiro no futuro. Assim, ele prometeu que Scott daria uma outra olhadinha no pedido de Shackleton, e nisso Shackleton foi beneficiado por um golpe de sorte.

Atolado num dilúvio de preparativos, Scott pediu a Albert Armitage, seu segundo, de 36 anos, que cuidasse do assunto. Também oficial da Marinha Mercante, Armitage ficou impressionado com a experiência de Shackleton e, além disso, viu algo que Scott tinha ignorado. O *Discovery* , o navio da expedição, seria um dos últimos veleiros de madeira de três mastros construídos na Grã-Bretanha, pois os navios de aço a vapor alimentados a carvão estavam na moda. Shackleton era um dos poucos candidatos com experiência nesse tipo de navio, graças ao tempo que passara no *Hoghton Tower* .

Além disso, Armitage estava ciente de que uma expedição dessas exigia uma personalidade particular. Não havia espaço para criadores de caso ou gente que fazia corpo mole. Todo mundo teria de se adaptar e fazer a sua parte. Com isso em mente, Armitage pediu referências ao empregador de Shackleton na Castle Line. Logo veio a informação de que ele era "ótimo sujeito" e "mais inteligente do que a média dos oficiais". Era tudo que Armitage precisava ouvir para convencer Scott de que Shackleton merecia uma vaga.

No começo de 1901, enquanto retornava à Inglaterra no *Carisbrooke Castle* , Shackleton soube que Scott aceitara seu pedido. Como oficial subalterno, suas tarefas incluiriam administrar provisões e organizar a biblioteca do navio. Em troca, receberia o magro salário de 250 libras por ano (cerca de 15 mil hoje). Apesar do pagamento medíocre, ele ficou emocionado; para Shackleton, esse emprego valia muito mais do que dinheiro. Embora dissesse que aquilo tudo era por causa de Emily, ela era sensata demais para acreditar. "Ele costumava dizer que tinha ido no *Discovery* para se destacar do 'rebanho' por mim!", escreveu ela, "e era legal ele dizer isso, porque eu não podia achar que fosse só por minha causa — era seu próprio espírito, uma alma açoitada pelo fogo do desassossego."

Logo que chegou aos escritórios de Scott em Londres, Shackleton tentou causar boa impressão. Desesperado para integrar a expedição e ansioso por aprender, falava com qualquer um que cruzasse o seu caminho. Fosse alguém da Marinha Mercante ou da Marinha Real, de qualquer patente, fosse um dos cinco cientistas que também estariam na viagem, para ele não fazia diferença. Graças a sua personalidade loquaz e ao dom da eloquência, ele ficava tão feliz pontificando no pub local para jovens marinheiros, contando histórias indecentes entre baforadas de cigarro e goles de bebida, como no meio dos cientistas, fazendo perguntas sobre eles e seus interesses. James Dell, jovem marujo do *Discovery* , observou que Shackleton estava "em toda parte," enquanto Clarence Hare, um comissário de bordo, se lembrava dele como "muito sociável".

O charme de Shackleton também renderia dividendos para as finanças da expedição. Durante uma visita ao *Discovery* , Elizabeth Dawson-Lambton, solteirona rica, ficou tão encantada com ele que doou mil libras esterlinas para a expedição. O dinheiro foi gasto num balão de ar quente, que sir Joseph Hooker, o último sobrevivente da expedição de Ross e Crozier, tinha

recomendado. Hooker disse a Scott que, se a expedição descobrisse que não conseguiria ir até o destino almejado, mesmo assim o balão ofereceria incomparáveis vistas da costa do continente inexplorado.

Mas nem todo mundo se deixava enfeitiçar pelo charme de Shackleton. O físico Louis Bernacchi, que estudaria magnetismo no continente, foi particularmente mordaz. "Sua aptidão para a sátira, para gracejar com os companheiros, podia ser constrangedora, às vezes até irritante", escreveu.

Como tinha sido o caso no *Hoghton Tower* , contudo, nem mesmo aqueles que eram imunes a esse irlandês sorridente e brincalhão podiam negar que ele era muito trabalhador. Era visto com frequência arrastando caixas para cima e para baixo das escadas do escritório, empilhando-as para economizar espaço e pesando-as para ter certeza de que ficavam abaixo de 25 quilos, para ser desembarcadas com facilidade quando estivessem na Antártica. Seu empenho e seu entusiasmo por qualquer tipo de trabalho eram contagiosos. Markham comentou que ele era um "prodígio de energia inteligente", enquanto até mesmo o detrator Bernacchi foi obrigado a admitir que ele era "cheio de brilhantes ideias novas". Scott, o homem que Shackleton queria impressionar mais do que a qualquer outro, também fez muitos elogios, aplaudindo-o por estar sempre "transbordando de entusiasmo e boa camaradagem".

Por fora, Scott, o oficial da Marinha Real, e Shackleton, da Marinha Mercante, não poderiam ser mais diferentes. Scott, que tinha estado no mar desde os treze anos, era mais isolado em caráter e mais rígido em sua abordagem, insistindo nos códigos de disciplina da Marinha. Alguns tinham dificuldade para gostar dele e às vezes o achavam teimoso. Em contraste, Shackleton adorava gente e era um furacão de energia, às vezes em detrimento dele próprio. Nunca se preocupou muito com regras; confiava, em vez disso, num senso inato de justiça.

Mas Scott e Shackleton tinham uma coisa importante em comum. Nenhum dos dois gostava particularmente da exploração polar só pela emoção ou pela novidade do desconhecido. Em vez disso, ambos esperavam que a expedição lhes trouxesse muitos benefícios futuros, com Scott querendo avançar na carreira na Marinha, e Shackleton pretendendo deixar a sua marca no mundo e conquistar a mão de Emily. O fato de estarem participando da exploração polar aconteceu por acaso; ambos teriam aproveitado qualquer oportunidade de alcançar o sucesso com o mesmo entusiasmo. Também compartilhavam o mesmo trágico defeito, "uma ignorância colossal do campo que escolheram", sem que nenhum dos dois jamais tivesse estado no gelo.

Não se podia negar que Scott tinha pela frente um imenso desafio para organizar uma expedição de dois a três anos de duração sem nenhuma experiência anterior. Só havia começado os preparativos em junho de 1900 e, com a saída marcada para agosto de 1901, tinha apenas catorze meses para organizar uma das expedições mais ambiciosas de todos os tempos. Além disso, Scott só podia confiar em conjecturas baseadas na experiência ou no conhecimento factual, uma vez que ninguém sabia com que obstáculos, com que tipos de superfície, ou mesmo com que altitudes depariam entre o lugar previsto de desembarque no estreito de McMurdo e o polo Sul.

Comparativamente, tive muita sorte. Eu dispunha de exploradores polares que vieram antes de mim para consultar, por exemplo, um dos maiores especialistas polares da Grã-Bretanha, sir Vivian Fuchs, que recomendou que eu passasse um bom tempo na Groenlândia e no Norte do Canadá treinando no gelo antes de seguir para a Antártica. Depois disso, embora não fosse exatamente um veterano polar, eu tinha pelo menos dominado a arte de viajar na neve espessa da calota polar em temperaturas de –15ºC, e

de atravessar campos de gelo em temperaturas de –40ºC. Também consegui adquirir habilidades vitais, como medir distâncias percorridas seguindo imagens do sol ao meio-dia com um teodolito, a mesma ferramenta que Scott e Shackleton haviam utilizado em sua expedição décadas antes. (Minha primeira tentativa nesse sentido na Groenlândia deu um erro de 62 milhas náuticas [cerca de 115 quilômetros]. Se eu tivesse tentado adquirir essa habilidade já na Antártica, o resultado poderia ter sido desastroso.) Tudo isso significa que eu estava bem preparado e sabia mais ou menos o que esperar, apesar de nunca ter estado no sul.

Scott não dispunha desse luxo, e o mais óbvio era supor que as condições da neve e do gelo no sul seriam iguais às no norte. Isso significava que métodos desenvolvidos em viagens anteriores da Marinha Real nas zonas congeladas da Passagem do Noroeste poderiam ser copiados. Como resultado, Scott sabia que gente como William Parry, James Clark Ross e Leopold McClintock tinha adaptado certos sistemas de viagem dos inuítes, colecionando numerosas viagens altamente impressionantes com trenós puxados pelo homem.

Apesar disso, observou Scott, desde então "a Inglaterra não manteve a sua reputação no mundo dos trenós", e "é portanto ao exterior que o viajante moderno tem de ir em busca do que há de mais recente e melhor nesse sentido". Na corrida para o polo Norte, os americanos Charles Hall, Elisha Kane, Frederick Schwatka e Robert Peary tinham seguido várias práticas dos inuítes e dos lapões, como viajar com esquis, cães e trenós leves. Os exploradores escandinavos Fridtjof Nansen, Otto Sverdrup e Roald Amundsen, acostumados à neve e ao gelo em seu próprio quintal, também tinham experimentado cada um desses métodos. Já Armitage, homem de Scott, defendia, diferentemente, o uso de pôneis siberianos, em vez de cães ou força humana, confiando basicamente em suas experiências pessoais no

gelo na Terra de Francisco José. Dizia que os pôneis eram capazes de aguentar o frio mais severo e puxar cargas mais pesadas do que os cães ou os homens.

Com muita coisa para decidir, Scott teve um encontro com o famoso explorador polar norueguês Fridtjof Nansen, que, em 1895, batera um recorde chegando mais ao norte. Nansen revelou que, embora tivesse usado principalmente cães para puxar os trenós nas regiões planas de tundra, esses animais praticamente não serviam para nada em terreno irregular e muito acidentado, onde a força humana era melhor. E a Antártica, pelo que se sabia, talvez tivesse um terreno muito acidentado.

Ainda que Nansen, apesar de tudo, recomendasse levar cães, Markham não gostava muito da ideia. Declarando que os cães eram "absolutamente imprestáveis", escreveu:

> Na minha opinião, nenhuma viagem feita com cães chega perto da elevada concepção criada quando um grupo de homens parte para enfrentar adversidades, perigos e dificuldades com esforço próprio. Com certeza, nesse caso, a conquista é mais nobremente alcançada.

No fim das contas, embora levasse alguns cães para ajudar no gelo, Scott achava, como Markham, que quase todo o trabalho seria executado pelos homens arrastrando trenós carregados por toda a região.

Para tomar sua decisão, Scott buscou conselhos do maior número possível de especialistas, e sensatamente escolheu apostar em cães e na força humana. Ninguém pode criticá-lo por isso, e, naquelas circunstâncias, acho que fez o que tinha de fazer. Os cães eram recomendados por quem tinha experiência, portanto ele aceitou seus conselhos, mas se preparava também para recorrer à força humana.

Na verdade, anos depois, quando eu planejava minha expedição, também busquei conselho de um dos principais especialistas polares da minha época, Wally Herbert. Ele tinha chefiado a única equipe que já cruzou o oceano

Ártico, fazendo-o com a ajuda de cães, mas também recebendo ajuda por meio de reabastecimento aéreo. Apesar disso, Herbert escreveu: "A parceria entre homem e cão é a forma mais segura de viagem de superfície… Se um cão morre, ele e seus alimentos são comidos pelos companheiros e o grupo segue em frente… Só vendo para acreditar no desempenho deles".

Conversei também com o dr. Geoffrey Hattersley-Smith, um dos poucos homens que trabalharam com máquinas e cães na orla do oceano Ártico. Ele também ressaltou que seus cães eram capazes de avançar muito mais rápido em trechos de gelo irregular do que qualquer tipo de veículo motorizado para neve. Os cães não se recusam a ligar em baixas temperaturas, nem quebram e desperdiçam semanas, não apenas dias, de tempo bom para viajar por causa disso.

No entanto, apesar desse endosso, Herbert também deixou claro que eu não deveria usar cães se não estivesse disposto a passar um ou dois anos aprendendo a lidar com eles. Eu não contemplava um atraso de dois anos para conseguir isso, além de estar ciente de viver numa época em que a mídia talvez não visse favoravelmente nada que pudesse ser tido como crueldade com os animais. Na verdade, uma expedição polar japonesa tinha, pouco tempo antes, transportado 180 huskies de avião, em jaulas especialmente construídas, dos quais 105 morreram, o que provocou muitas críticas. Depois de pesar os prós e os contras, acabei resolvendo usar veículos motorizados para atravessar a Antártica na expedição Trans Globe. Mais tarde, porém, eu teria de recorrer inteiramente à força humana.

Embora muitos tenham criticado o conceito de trenós puxados por homens ao longo dos anos, em 1993 meu parceiro de trenó, Mike Stroud, e eu nos tornamos os primeiros homens a atravessar todo o continente antártico fazendo exatamente isso, sem que houvesse um cão à vista. E se alguém bradasse que nossos trenós eram mais leves devido à tecnologia

moderna, isso não era verdade. Cada um de nós puxava uma carga de 220 quilos, mais do que qualquer coisa que Scott ou Shackleton puxaram. Digo isso não para me gabar, mas simplesmente para esclarecer os fatos. Scott e Markham tinham razão em acreditar que era possível atingir o polo usando só a força humana, ainda que Scott tenha levado cães por precaução.

À medida que os preparativos avançavam, Shackleton foi enviado à Escócia para aprender a detonar explosivos, habilidade essencial no caso de o *Discovery* ficar preso no gelo, como acontecera com o *Belgica* . Foi incumbido também de aprender a operar o balão de ar quente comprado com o dinheiro doado pela srta. Dawson-Lambton.

Com a proximidade da data da partida, Scott mandou todos os homens ao dentista para prevenir problemas dentários durante a viagem. Parece ter sido uma medida prudente, levando em conta que foram registradas a extração de 92 dentes e a obturação de 102 cáries, ao custo de 62,45 libras esterlinas (3 mil hoje). Certa vez, procedi de forma semelhante quando, para evitar o perigo de algum membro da equipe ter uma crise de apendicite na Antártica, recomendei que todos tivéssemos nossos apêndices removidos em Londres, antes de sair. Para alívio de alguns, a sugestão foi rejeitada, pois mais gente morre dos efeitos colaterais de uma anestesia geral do que de problemas de apêndice.

Problemas dentários eram, todavia, a menor das preocupações de Shackleton. Faltavam apenas semanas para a data da partida, e ele começou a se perguntar se agia certo. Estava indo à Antártica para demonstrar a Emily seu valor, mas temia que, por ficar tanto tempo ausente, ela viesse a esquecê-lo. Pior ainda, ela podia conhecer outra pessoa nesse período. Mas era tarde demais para desistir. Tudo que Shackleton podia fazer era passar cada momento livre com ela e tentar deixar uma impressão duradoura.

Sessenta e seis anos depois me vi diante das mesmas preocupações de Shackleton. Eu devia servir como oficial "contratado" no exército do sultão de Omã por dois anos e temia perder Ginny. Uma semana antes de partir, pus o anel de noivado no dedo dela na esperança de afugentar outros pretendentes em minha ausência, quase como se estivesse instalando uma bandeira britânica no mastro. Parece ter dado certo, pois, apesar de alguns solavancos, nos casamos quando voltei para a Grã-Bretanha.

Apesar de suas preocupações, em 31 de julho de 1901, quando o *Discovery* partiu descendo o Tâmisa, Shackleton estava a bordo, contemplando os milhares de simpatizantes que se enfileiravam ao longo da rota para incentivá-los. Ostentando orgulhosamente seu novo uniforme, fornecido por Markham, ele imaginava a recepção que receberiam quando voltassem, se tudo desse certo. No meio da multidão, avistou suas irmãs mais novas, Helen, Kathleen e Gladys. Acenando com o lenço, disse em linguagem semafórica: "Adeus Helen, adeus Kathleen, adeus Gladys". Mas deixou o adeus mais emotivo para Emily, acenando vigorosamente, sem saber se e quando voltaria a vê-la e, caso voltasse, se ainda teria lugar naquele coração.

Antes de entrar no oceano, o *Discovery* ainda precisava fazer uma parada importantíssima. Ancorando no Solent, uma visita real esperava a animada tripulação. O rei Eduardo VII (que só então subira ao trono, depois da morte da rainha Vitória em janeiro de 1901) e a rainha Alexandra estavam na ilha de Wight para a Semana de Cowes, evento social anual para a realeza e a alta sociedade. Arranjos foram feitos, porém, para que a família real pudesse desejar sorte à expedição, bem como condecorar Scott com a Ordem Vitoriana.

Estavam presentes também os orgulhosos Longstaff e Markham. Depois de quase uma década de falsas promessas, a expedição de Markham agora

recebera a mais alta honraria, o selo real de aprovação. Mas sem os bolsos fundos de Longstaff, a expedição teria ficado no terreno dos sonhos, pois mesmo nas últimas semanas estivera à beira do desastre financeiro. Mais uma vez, Longstaff correra para socorrer, doando mais 5 mil libras para a vaquinha. Enquanto isso, Shackleton observava dos fundos, sem acreditar que estava convivendo com a realeza. Era sinal de que seus sonhos estavam bem encaminhados.

Finalmente, na manhã de 7 de agosto, o *Discovery* deixou a Inglaterra. O *Daily Express* noticiou que o navio viajava acompanhado "dos votos de boa sorte de todos aqueles que esperam que a corrida para o polo Sul seja vencida pela maior potência naval do mundo". Mas, pouco antes de eles partirem, Shackleton tinha tomado medidas drásticas, embora atípicas, para conseguir a mão de Emily em casamento.

Depois do encontro com a família real, e poucos dias antes de acenar para Emily nas margens do Tâmisa, ele tinha escrito ao pai dela pedindo permissão para se casar com a filha quando voltasse. Para Shackleton, escrever essa carta de última hora não só foi um sinal revelador de um profundo temor de perder Emily como também traía uma falta de confiança da parte dele, por não fazer o pedido pessoalmente a Charles Dorman. Ele talvez também esperasse capitalizar em cima de toda aquela boa publicidade desejando toda a sorte do mundo para o *Discovery* no momento da partida. Isso certamente causaria ótima impressão, demonstrando a Dorman que ele ia de fato provar-se digno de sua filha.

Na carta, Shackleton foi franco e honesto. Estava ciente das reservas de Dorman acerca dele e de sua profissão. O que mais preocupava, claro, era dinheiro. Uma vida de simples marinheiro não prenunciava um futuro particularmente brilhante, e com certeza não sustentaria o estilo de vida ao qual Emily estava acostumada como filha de um advogado bem-sucedido.

Shackleton abordou essas questões diretamente, dizendo na carta que se juntara à expedição "a fim de seguir em frente… para que, quando voltar, ou mais tarde quando tiver ganhado dinheiro, eu possa, com sua permissão, me casar com Emily se ela ainda me quiser como acho que quer agora".

Partindo para o mar, Shackleton sabia que seria impossível receber qualquer resposta, boa ou ruim, durante várias semanas, até que o *Discovery* aportasse na Nova Zelândia. Até lá, passaria por uma espera agonizante, além de muitas outras provações e tribulações.

# 6.

Os primeiros dias a bordo do *Discovery* nada tiveram de rotineiros. Na verdade, as coisas deram tão errado que a própria expedição foi posta em dúvida.

Para passar o inverno na Antártica, era indispensável que o navio chegasse ao campo de gelo até o fim de novembro. Qualquer data depois disso já seria pleno inverno, tornando-se intransponível a rota para a orla congelada. Mas, quando o navio ainda avançava para as ilhas Canárias, o tempo já estava contra eles. Descrito como um "veleiro preguiçoso", o *Discovery* era muito mais lento do que se imaginava e, além disso, consumia muito mais carvão do que o previsto. As velas do navio também quase não tinham serventia, não tendo sido testadas antes da partida. O veredito de Shackleton foi, consequentemente, "vela demais atrás e vela de menos na frente", enquanto Charles Royds, o primeiro-tenente, comentou que "um ou dois grandes erros" tinham sido cometidos na construção do navio.

Em mares revoltos, o navio virava um problema. No oceano Índico, foi "jogado de um lado para outro como uma rolha", com muitos tripulantes vomitando nos baldes. Bem mais preocupante do que uma tripulação com enjoo era a água que entrava a bordo, com mais de vinte toneladas tendo de ser bombeadas para fora pelo menos uma vez por dia. Isso quase culminou em desastre quando Shackleton foi verificar os porões e descobriu que estavam inundados, com boa parte dos suprimentos arruinada. Por mais que corresse para salvar o máximo possível de alimentos, uma grande quantidade teve de ser descartada no mar. Devido ao fedor de água suja e de comida estragada, um novo piso precisou ser construído para guardar o resto das provisões. Scott ficou, no mínimo, grato a Shackleton por sua rapidez de raciocínio. Se tivessem ocorrido mais perdas, teria sido muito desagradável pensar nas consequências.

Em 1979, passamos por uma dificuldade semelhante. A caminho da Antártica, nosso navio foi tomado por um cheiro fétido. Um exame atento revelou que nosso velho refrigerador tinha pifado, vomitando uma tonelada de cavala que se liquefez. Nossas parcas de pele de lobo estavam guardadas no mesmo refrigerador e ficaram para sempre impregnadas do fedor de peixe podre.

Naqueles primeiros dias, apesar de trabalhar com afinco, Shackleton continuou se misturando com os tripulantes, que estavam um tanto divididos, dado que eram uma mistura de marujos da Marinha Real e da Marinha Mercante, bem como de cientistas. Mais tarde, formaram-se panelinhas, principalmente porque Scott tinha separado os grupos em alojamentos específicos. A marinhagem dormia nos conveses do refeitório em redes, tenentes em seus próprios aposentos e oficiais em cabines individuais. Embora todos comessem a mesma comida, as refeições dos grupos eram feitas separadamente, com camareiros da Marinha servindo os

oficiais em sua sala própria, numa mesa com toalhas e guardanapos. Shackleton não prestava atenção a nada disso. Sentia-se feliz de poder circular de um grupo a outro, divertindo-os, embora tivesse uma queda particular pela marinhagem e pelos cientistas, na esperança de aprender o que pudesse a partir das experiências que tinham em suas áreas específicas.

Ele travou uma amizade particularmente boa com Hugh Robert Mill. Embora fosse só até a ilha da Madeira, o cientista de quarenta anos, que também atuava como bibliotecário da Real Sociedade Geográfica, se encontrava a bordo para ensinar alguns tripulantes a coletar dados meteorológicos e oceanográficos. Shackleton deveria aprender a testar a densidade e a salinidade da água, o que, como recordaria Mill, era um problema para ele: "Ele achava a minuciosa precisão exigida muito cansativa e demorou a entender a importância de anotar a leitura de um instrumento antes de passar para o próximo".

No entanto, embora fosse uma amizade improvável — entre um cientista paciente e reservado e um aventureiro voltado para a ação —, ambos gostavam da companhia um do outro. Shackleton sempre foi de trato fácil, graças ao entusiasmo e à energia efervescentes, e achava Mill, e sua profissão, especialmente estimulante, o que levava a longas conversas noite adentro. Mill escreveu a respeito do tempo que passaram juntos:

> Foi na ponte de comando do *Discovery* a partir da meia-noite, enquanto o navio avançava para o sul, que descobri sua individualidade e reconheci o quanto era diferente, no jeito de expressar-se e no pensamento, de outros esplêndidos camaradas (a bordo).

Quando Mill deixou o navio na ilha da Madeira, Shackleton rapidamente fez amizade com o dr. Edward Wilson. Tendo estudado em Cambridge, Wilson se formara em medicina no ano anterior e havia trabalhado no Cheltenham General Hospital antes de ingressar na expedição. Agora médico júnior, o rapaz de 29 anos estava mais perto da faixa etária de

Shackleton do que Mill. Além disso, era tão religioso que um colega o descreveu como "a personificação de Cristo na terra". Por fora, o homem religioso de Oxbridge e o homem que abandonara os estudos não tinham muito em comum. Mas, longe das piadas indecorosas que gostava de contar para os tripulantes, Shackleton descobriu que podia ter uma conversa inteligente e profunda com Wilson praticamente sobre qualquer assunto. Logo os dois podiam ser vistos juntos no convés tarde da noite, conversando efusivamente sob as estrelas. "Ele passou a cuidar de mim", escreveu Wilson em seu diário, "me dá dicas intermináveis e não para de fazer coisas por mim."

No começo de outubro, o *Discovery* , com sua carga pesada e seus vazamentos, chegou quase se arrastando à Cidade do Cabo, com mais de uma semana de atraso. Embora isso viesse a ter consequências para a expedição, Shackleton esperava também encontrar o irmão, Frank, que servia na África do Sul, nos Fuzileiros Reais Irlandeses. No entanto, por causa da chegada tardia do *Discovery* , houve um desencontro, pois Frank tinha sido despachado, ferido, para casa.

Scott aproveitou a escala na Cidade do Cabo para rever seus planos de compensar o tempo perdido. Melbourne foi eliminada da rota, e o *Discovery* agora seguiria diretamente para a Nova Zelândia. Mas Shackleton tinha se comprometido a pegar em Melbourne mais suprimentos, além de três cabanas de madeira pré-fabricadas. Consequentemente, precisou providenciar com urgência a remessa de tudo para o porto de Lyttelton, na Nova Zelândia. Enquanto Scott esperava que a rota mais direta lhes permitisse voltar ao cronograma planejado, a viagem de 46 dias para Lyttelton poria o *Discovery* à prova.

Em mares ferozes, os conveses e as áreas abaixo deles voltaram a ser inundados, com o navio abrindo um vazamento e o mecanismo do leme

emperrando. Então, dois dias a oeste da Nova Zelândia, Scott registrou "um dos mares mais pesados que já se viu", com o inclinômetro registrando ângulo de inclinação de 56°. Em 1979, a caminho da Antártica, tomamos emprestado o inclinômetro do *Discovery* e o penduramos na parede lateral da nossa ponte. Uma grande onda antártica nos fez tombar 47° em ambos os sentidos, como registrado pela seta de bronze do inclinômetro. Foi um susto tremendo, por isso mal dá para imaginar o que a tripulação do *Discovery* sentiu num navio de madeira muito mais vulnerável, em face de uma onda bem maior. Sei que temi pela vida.

Apesar das condições difíceis, a aposta de Scott valeu a pena. No fim de novembro de 1901, o *Discovery* , e a tripulação enjoada, chegou a Lyttelton, na ilha Sul, dentro do prazo. Mas, ao chegar, a Shackleton só ocorria um pensamento: será que Charles Dorman tinha respondido à sua carta?

Às duas da manhã, o impaciente Shackleton não conseguia esperar mais um minuto. Foram quase quatro meses agonizantes desde que enviara a carta para Charles Dorman, e precisava saber a resposta, se é que havia. Desembarcando, acordou o agente postal e, para seu grande alívio, havia duas cartas esperando por ele, uma de Charles Dorman, outra de Emily.

Rasgando às pressas o envelope da carta de Charles Dorman, ele leu as palavras rapidamente, o coração quase saindo pela boca: "Se e quando você estiver na situação pecuniária que tanto deseja, e se você e Emmy ainda pensarem da mesma forma, meu consentimento para a união de vocês não faltará".

Shackleton uivou de alegria. Charles Dorman tinha dado permissão para ele se casar com a filha quando retornasse. Comemorou tanto que quase despertou o vilarejo, mas houve uma nota triste nessa história. Ao ler a carta de Emily, ele soube que, pouco depois de enviar a carta, Charles Dorman tinha morrido. Apesar de abalado com a notícia, Shackleton se sentiu

aliviado pelo fato de que um dos últimos atos de Dorman fora aprovar a união. Ele sabia que também para Emily isso era um grande consolo.

Shackleton não tinha tempo a perder nos preparativos do *Discovery* para os desafios da Antártica. Mas, tendo mostrado alguns vazamentos a caminho da Nova Zelândia, o *Discovery* precisou ser posto em doca seca para reparos, embora isso tenha ao menos dado a Shackleton algum tempo para resolver um problema importante. Com provisões suficientes para três anos, o porão já estava totalmente cheio. Mas trinta toneladas de cabanas pré-fabricadas, quarenta toneladas de carvão e 1500 galões de querosene para cozinhar tinham acabado de chegar de Melbourne, e era preciso arranjar espaço a bordo. Finalmente, Shackleton não teve escolha senão amarrar cada peça nos conveses da melhor maneira possível, o que fez o navio baixar perigosamente na água, além de deixá-lo desequilibrado. Precisariam rezar muito para evitar tempestades a caminho da Antártica, do contrário o navio poderia inundar e afundar.

Pouco antes de saírem, Shackleton precisou achar espaço também para quatro dúzias de ovelhas doadas por um criador local. O único lugar onde podiam ficar era perto dos 23 huskies. Apesar de Shackleton ter construído uma barreira entre eles, com sacos de carvão, Scott, percebendo os ferozes rosnados e latidos dos cães, resolveu tirar do navio seu terrier de estimação, Scamp, enquanto durasse a viagem. Sem que ele soubesse, os cães pertenciam a três raças diferentes, o que resultava em mais agressividade do que o normal entre cães de trenó.

Diferentemente do destino de Scamp, o terrier de Ginny, Bothie, viajava com ela por toda parte. Até chegou a ser o primeiro cão a levantar a pata nos dois polos (recorde que o *Guinness Book of Records* polidamente se recusou a aceitar).

Enquanto Shackleton se ocupava de abastecer os porões, Scott enfrentou o primeiro teste real de liderança. Com a tripulação aproveitando a última oportunidade para farrear, alguns caíram em desgraça, com o mecânico-chefe Skelton notando "muita briga e muita bebedeira". Scott se viu num dilema. Sendo a tripulação uma mistura de marinheiros da Marinha Real e da Marinha Mercante e de cientistas, ele não tinha oficialmente permissão para aplicar a Lei de Disciplina Naval. Era consciente, portanto, de que andava numa corda bamba e de que sua autoridade poderia ser questionada a qualquer momento. Mas impor disciplina numa expedição como aquela era essencial, especialmente porque ele sabia que expedições polares anteriores, como as do norueguês Borchgrevink e a do belga Gerlache, tinham sido prejudicadas por discórdias e ameaças de motim.

Embora Skelton recomendasse que dois criadores de caso fossem expulsos do navio, Scott tinha suas dúvidas; não havia pessoal de sobra. Depois de examinar suas opções, adotou o meio-termo, repreendendo severamente os dois homens, rebaixando-os e deixando bem claro que, embora estivesse no comando, também podia ser compassivo. Foi uma aula magna de liderança, e que a tripulação respeitou, com Louis Bernacchi louvando o "senso de correção e de justiça" de Scott.

Mesmo assim, um dos dois patifes desertou. Mas Scott teve sorte. Naquela época, Tom Crean, irlandês de 24 anos, servia como hábil marujo na Nova Zelândia a bordo do torpedeiro *Ringarooma.* Ao saber da vaga aberta na expedição, rapidamente ofereceu seus serviços. Scott ficou muito feliz de ter outro homem da Marinha Real a bordo. Na verdade, foi uma nomeação providencial, pois Crean não só se revelaria uma aquisição valiosa como viria a ser um dos colegas de trenó mais confiáveis de Shackleton.

Em 21 de dezembro de 1901, o *Discovery* estava pronto para partir à Antártica. Ansiosas para assistirem a esse lançamento histórico, pessoas

vieram de todo o país para incentivá-los. Mas, quando uma bandinha tocava a música de despedida, houve um desastre. Assistindo à comemoração no topo do mastro principal, Charles Bonner, marujo de 23 anos do East End de Londres, perdeu o equilíbrio e caiu, morrendo na hora. Essa tragédia atrasou a partida por alguns dias porque, com a tripulação em choque, o infeliz Bonner teve de ser sepultado.

Assim, a cena foi muito diferente quando o desajeitado *Discovery* finalmente deixou Lyttelton na véspera do Natal de 1901. Dessa vez, a multidão e as comemorações se mostraram bem menos ruidosas, assim como alguns tripulantes. Pois quando partiram na melancolia de um denso nevoeiro, ocorreu-lhes que o destino que os aguardava era um continente praticamente inexplorado, com os perigos mais variados. Mais ainda: estariam sozinhos, a milhares de quilômetros da civilização — e de socorro.

# 7.

Quanto mais a tripulação mergulhava no desconhecido, maior era sua apreensão. Todos sabiam que o navio com vazamento, desequilibrado, estaria em dificuldade se topasse com tempo ruim, no que Scott descreveu como "o oceano mais tempestuoso do mundo". Por ora, pelo menos, enquanto viajavam para o sul, passando pelas montanhas nevadas de Vitória do Sul, tudo o que havia no horizonte era céu claro.

Em 3 de janeiro de 1902, quando o *Discovery* cruzava o mar de Ross, Shackleton se viu, pela primeira vez, sem palavras. Diante dele, quase resplandecendo no horizonte, estava o Círculo Polar Antártico, uma vasta extensão de gelo de 482 a 2413 quilômetros de largura, estendendo-se até onde a vista alcançava. Diante da cena fenomenal, que pouquíssimos homens tinham visto, Shackleton escreveu que sentiu uma "ausência de facilidade" para descrever adequadamente o que via. Tudo o que se encontrava à sua frente agora prometia fama, fortuna e aventura, para não falar na possibilidade de ser verdadeiramente digno de Emily. A ideia de ser

o primeiro homem a alcançar o polo também deve ter passado por sua cabeça, bem como a perspectiva de descobrir novas terras, animais e minerais para o rei e o país. Era, de fato, a terra de leite e mel.

No entanto, foi ali que o *Discovery* enfrentou o primeiro desafio antártico. Scott tinha esperado romper o campo de gelo por volta do fim de novembro, quando o verão já teria derretido boa parte do caminho. Agora, o caminho estava bloqueado por blocos de gelo em constante movimento, grandes como catedrais, que, num momento qualquer, fechariam o mar aberto e, no momento seguinte, o revelariam de modo tentador. Era como entrar nas mandíbulas da morte, sem que houvesse nenhuma garantia de acharem uma saída. A qualquer instante, a rota poderia ser bloqueada e o navio ficar preso, o destino que tivera o *Belgica* em 1898, com a tripulação sendo obrigada a passar o inverno no navio, quase enlouquecida. Naquele ambiente, o destino do *Discovery* dependia basicamente da vontade dos deuses.

Scott e a maioria dos tripulantes talvez soubessem pouca coisa sobre como se preparar para a Antártica, mas ele, pelo menos, estava tão bem preparado quanto possível nesse sentido. Tendo observado navios de expedições anteriores, particularmente o *Fram* de Nansen, sabia como maximizar as chances de o *Discovery* não ficar preso no gelo. O navio tinha sido projetado, portanto, com um casco arredondado e inchado, feito de grossas traves de madeira, o que significava que era capaz de seguir adiante sem ser esmagado pela extrema pressão exercida por blocos de gelo de 1 milhão de toneladas em movimento. Isso o ajudava a abrir caminho através de quilômetros de gelo móveis, aparentemente sem problema.

Enquanto avançavam, de forma lenta, mas firme, Scott parava o navio para que espécimes ornitológicos fossem coletados nos blocos de gelo. Também aproveitava para estocar carne fresca para o inverno, com alguns

tripulantes, incluindo Shackleton, aventurando-se no gelo com rifles. Deve ter sido uma experiência incrível para Shackleton. Ele, que nunca tinha disparado uma arma de fogo, se achava agora num bloco de gelo caçando pinguins. Certa vez, abateu também uma monstruosa foca-leopardo pesando quase uma tonelada, que foi fatiada e içada a bordo. Wilson, o açougueiro, se lembrava do "enorme animal com uma boca cheia de dentes e uma cabeça maior do que um urso-polar". Com o tempo, observou Scott, "acabamos desfrutando dos nossos bifes de foca e nos deleitando só de pensar em fígado ou rim de foca".

Embora a preparação de comida continuasse importantíssima, com todas as ovelhas de Lyttelton abatidas, esfoladas e congeladas, água potável também era artigo valioso. Scott mandou seus homens quebrarem pedaços dos blocos de gelo para derreter a bordo. Isso também permitia a Scott economizar seus preciosos suprimentos de carvão, evitando o uso da planta de dessalinização a vapor do *Discovery* .

Em 5 de janeiro de 1902, com o *Discovery* ainda cercado de gelo, Scott decidiu tardiamente comemorar o Natal, tendo o festejo original sido adiado depois da morte de Bonner. Como parte da diversão natalina, cientistas, oficiais e marujos receberam esquis e tiveram a primeira oportunidade de aprender a usá-los. As fotografias sobreviventes de tripulantes do *Discovery* aprendendo a esquiar costumam ser hilariantes, com gente deitada de costas nos blocos de gelo e também em pé. Shackleton não se saiu muito melhor do que a maioria, comentando: "Acho que minha cota de tombos foi maior que a dos outros". Scott achava que esquiar não era, de forma nenhuma, essencial para a expedição, porém logo descobriu que, em determinadas circunstâncias, podia ser muito útil. Mas, por enquanto, os esquis serviam mais para diversão, e depois de se exercitarem no gelo todos voltaram a bordo para uma refeição substancial, um pouco de cantoria e uma ração

extra de rum. Basta dizer que os ânimos estavam exaltados, e haveria mais boas notícias no dia seguinte.

Em apenas quatro dias e noites, o *Discovery* tinha chegado ao fim do cinturão de gelo. Foi uma proeza fenomenal, certamente se comparada a outras expedições. Na expedição de Cross e Crozier nos anos 1840, o *Erebus* e o *Terror* levaram 46 longos dias para atravessar o cinturão de gelo.

Deixando o cinturão para trás, o *Discovery* continuou a viagem para o sul, buscando um lugar adequado para ancorar durante o inverno. Em 9 de janeiro, passou pelas encostas vulcânicas do cabo Adare, que Bernacchi reconheceu imediatamente, sendo um dos poucos a bordo que já tinham estado na Antártica, onde passara o inverno como membro da expedição Southern Cross. Tomando um breve desvio para desembarcar, um pequeno grupo inspecionou a cabana da expedição Southern Cross, onde esperavam encontrar estoques de equipamentos úteis que talvez tivessem sido deixados para trás. Infelizmente, segundo descrição de Wilson, a cabana mais parecia "o centro de um monte de lixo". Mas para alguma coisa serviria.

Em 1902, o telégrafo a cabo existia, mas ainda sem operar em regiões remotas. Navios no mar, portanto, não tinham como informar a ninguém sobre mudanças de plano durante a viagem. Sítios selecionados, como a cabana daquela expedição, eram usados para deixar mensagens. Se um navio tivesse qualquer problema, os bilhetes informariam a grupos de resgate onde tinha estado e para onde pretendia ir. Esse local foi um de cinco pré-selecionados, e Scott deixou uma lata lacrada com um resumo de suas intenções.

O *Discovery* partiu novamente, com Shackleton instalado no cesto da gávea, na esperança de encontrar um lugar mais adequado para estabelecer uma base de inverno. Daquela altura, ele não podia deixar de impressionar-se com a vista. Cercados por gelo brilhante no sol de inverno, cumes

brancos de montanha cada vez maiores e geleiras majestosas passavam a cada minuto, assim como baleias, que nadavam ao lado do navio espirrando altos jorros de água. Era uma visão fenomenal, mesmo para um marinheiro experimentado como Shackleton, que julgava já ter visto tudo o que o mar tinha a oferecer.

Em 20 de janeiro, logo após os 76° ao sul, uma pequena enseada cercada de montanhas parecia oferecer um lugar promissor. Em seguida, Shackleton se juntou a Scott e alguns outros em terra para inspecionar a área.

Scott deu à enseada o nome de Porto Granito, mas depois de algumas considerações decidiu que não servia como ancoradouro de inverno, achando que talvez encontrassem uma base mais ao sul. Mesmo assim, a viagem não foi uma perda de tempo para Shackleton, que se tornou o primeiro ser humano a descobrir plantas na região. Mais tarde, escreveu o seguinte sobre o incidente:

> Eu estava com Koettlitz (o botânico da expedição) e, vendo um negócio verde ao pé de uma grande pedra, o chamei para dar uma olhada. Ele se ajoelhou e depois deu um pulo, gritando: "Musgo! Musgo! Achei musgo!". Eu disse: "Continue. Quem achou fui eu". Ele levou aquilo muito a sério e disse: "Não se incomode, é musgo; estou tão feliz". O camarada estava tão emocionado que os olhos quase se encheram de lágrimas.

Pouco depois, partiram para o estreito de McMurdo, assim batizado em homenagem ao tenente Archibald McMurdo, que tinha viajado no *Terror* na expedição de Ross em 1840. Chegando à baía, encontraram-na entupida de gelo. Parecia tão grosso que Scott teve medo não só de que o *Discovery* não conseguisse passar, mas também de que ficasse preso, se o fizesse. Além disso, qualquer tentativa de abrir caminho à força equivaleria a abalroar granito, com o risco de danificar o casco. Ainda sem querer assumir riscos desnecessários, ele resolveu continuar seguindo para o leste.

Passando pelos vulcões Erebus e Terror, batizados por Ross com os nomes dos seus dois navios, seguiram para leste até chegar ao lado da Grande

Barreira de Gelo. Com sua muralha de gelo costeiro de mais de sessenta metros, essa gigantesca plataforma de gelo tem o tamanho da França, com 90% de sua massa debaixo da água. Não admira que seja impossível para qualquer navio penetrar nessa barreira.

Navegando junto à costa ao longo dessa muralha de gelo, Scott planejava atingir o mais distante ponto de exploração de Ross, antes de mergulhar no desconhecido. Com isso, o *Discovery* estabeleceu o primeiro recorde da expedição, tendo chegado mais ao sul do que qualquer homem já conseguira, depois dos 78°30' sul. Logo em seguida, outra descoberta histórica foi feita.

Tendo passado mais de uma semana bordejando a Grande Barreira de Gelo, eles avistaram uma ilha rochosa que não pôde ser localizada no mapa. Em sua agitação, Shackleton anotou: "É um sentimento único contemplar terras jamais vistas pelo olho humano". Scott deu a essa nova descoberta o nome de Terra do Rei Eduardo VII , em homenagem ao monarca que desejara boa sorte ao grupo antes da partida no Solent. Apesar disso, o *Discovery* continuou seguindo a leste, ainda à procura de uma base adequada.

O tempo estava ficando apertado. O outono se aproximava e o campo de gelo se mostrava cada vez mais denso, o que significava que o *Discovery* corria o risco de ficar preso. Scott se deu conta de que avançar mais ainda em águas inexploradas, sem garantia de encontrar uma base, seria temerário. Decidiu, portanto, que era hora de usar o balão de ar quente.

Avistando uma pequena enseada que avançava vinte quilômetros Grande Barreira de Gelo adentro, Shackleton, Scott e outros levaram o balão para a terra. Mas, temendo que o navio tivesse de tentar uma fuga rápida se o gelo invasor ameaçasse prendê-lo, Scott teve o cuidado de levar estoques de emergência com eles, para não ficarem à mingua caso o pior acontecesse.

Montando o balão às pressas, eles esperavam que a vista inigualável lá de cima lhes revelasse um lugar para acampar. No mínimo, conseguiriam enxergar mais longe através do terreno inexplorado do que qualquer outro homem antes deles. Tendo sido treinado para montar o balão e sendo o responsável por arrecadar fundos para financiá-lo, Shackleton esperava poder tornar-se o primeiro homem a voar na Antártica. Mas, para seu desgosto, e sem tempo para passeios, Scott assumiu o comando.

Por causa de um vento forte, e com o balão preso em terra por um único fio, a situação era extremamente perigosa. Se o vento arrancasse o balão do fio, não haveria como salvar quem quer que estivesse a bordo. Wilson achou que não valia a pena assumir o risco, resmungando que era uma "diversão extremamente perigosa nas mãos de novatos tão inexperientes". Scott decidiu que não tinha escolha. O tempo se esgotava, e ele sentia que era a maneira mais eficiente de encontrar um lugar para acampar. Subiu nervosamente a bordo, e o balão logo atingiu uma altura de 180 metros. Se ele estava nervoso, logo ficou maravilhado com a visão do ilimitado horizonte branco. Mas, por mais deslumbrante que fosse a vista, ainda não divisara um lugar óbvio para montar uma base.

Enquanto Scott descia e pensava em suas opções, Shackleton aproveitou a oportunidade para subir no balão. Levando uma câmera, tirou as primeiras fotografias daquela vasta e inexplorada extensão de neve. Pelo menos pôde se animar um pouco com isso. No entanto, logo foi constatado um vazamento no balão, e o tempo de Shackleton nos ares terminou rápido, assim como a utilidade do balão. A enseada acabou ganhando o nome pouco criativo de enseada do Balão, em homenagem à breve experiência.

Partindo em seguida, Scott ordenou o retorno imediato ao estreito de McMurdo, na esperança de, dessa vez, encontrar uma rota através do gelo. Aproximando-se com cautela, viu que onde antes havia um grosso cinturão

tinha, agora, um trecho de água desimpedido. Sem perder um minuto, Scott mandou o navio seguir em frente, logo ancorando, nas palavras de Wilson, no "porto natural mais perfeito que se possa imaginar". Não só ficava num canto protegido, como parecia dar acesso aos campos de neve da Barreira e, com sorte, ao próprio polo Sul. Naquelas perigosas circunstâncias, era tudo o que poderiam desejar. Mas Shackleton ficou um pouco nervoso, descrevendo a baía como um lugar de "aparência estranha e misteriosa". Apesar disso, esse mundo alienígena seria sua morada pelo resto do inverno.

Scott agora precisava decidir se viveriam numa cabana pré-fabricada em terra ou se ancorariam o navio durante todo o inverno para viver a bordo. Decidiu viverem a bordo, em especial porque o campo de gelo logo se solidificaria confortavelmente em torno do navio, segurando-o no lugar.

Embora alguns tenham ficado felizes por poder desfrutar do conforto do navio durante o inverno, a decisão de Scott não agradou a todos. Alguns marinheiros esperavam que o navio deixasse o grupo de terra para trás no estreito de McMurdo e que eles e o navio voltassem à Nova Zelândia, retornando no verão seguinte para pegar Scott e a tripulação. Agora, tinham pela frente meses de prisão no gelo.

Porém, para Shackleton, só havia motivos para entusiasmo. Ele temera ser despachado de volta com o navio para a Nova Zelândia, mas agora teria a chance de passar o inverno ali e viver o que poucos homens tinham vivido antes. E com o polo Sul a apenas 1450 quilômetros de distância, ainda havia a chance de entrar para a história e de fazer seu nome.

# 8.

Era preciso que tudo estivesse em ordem antes que o sol desaparecesse pelos próximos quatro meses, mergulhando nas trevas aquela terra estranha e o *Discovery* . Embora fossem passar o inverno no navio, as três cabanas pré-fabricadas precisavam ser armadas em terra e abastecidas de suprimentos, para uma emergência, no lugar que ficaria conhecido como Hut Point. Scott também queria usar a claridade solar, que diminuía rapidamente, para explorar a Barreira e tentar encontrar uma rota para o sul a ser usada quando partissem mais tarde em sua verdadeira aventura.

Mas Scott tinha machucado a perna praticando esqui e resolveu que um dos três oficiais do navio comandaria a patrulha em seu lugar. No cara ou coroa, Shackleton, para sua grande alegria, ganhou. Aos 28 anos, comandaria a primeira excursão destinada a localizar uma rota para o polo Sul. A vida dificilmente teria algo melhor a lhe oferecer. Em primeiro lugar, porque foi esse tipo de aventura que o atraiu para a expedição. Mas nem todos correram para lhe dar os parabéns.

Alguns tripulantes acharam um absurdo que uma função tão vital fosse decidida no cara ou coroa. O irlandês brincalhão nunca pusera os pés no gelo por um período prolongado, que dirá ter chefiado uma expedição, por menor que fosse. Havia outros na tripulação que pareciam bem mais preparados, particularmente Armitage, Bernacchi e Koettlitz, que participaram de expedições polares anteriores.

Apesar dos resmungos, Shackleton escolheu seus dois melhores amigos, Wilson e Hartley Ferrar, geólogo de 23 anos, para irem com ele. Em 19 de fevereiro de 1902, o trio partiu para o "estranho mundo branco" sem levar cães ou esquis, cada um puxando um trenó de 3,35 metros, que continha provisões para três semanas, bem como um bote dobrável, necessário para o caso de o gelo quebrar. Na parte traseira do trenó, tremulando ao vento cada vez mais frio, cada homem hasteou sua própria bandeira; a de Shackleton era adornada com o lema da família, *Fortitudine vincimus* [Resistindo venceremos].

Ofegando e arquejando enquanto arrastavam seus trenós sobre o gelo, viam a temperatura cair, com ventos congelantes uivando à sua volta, criando uma atmosfera sinistra e inquietante. Assim como no Saara, praticamente não chove na Antártica, de forma que, comparativamente, a neve é sempre pouca. Assim sendo, as nevascas equivalem às tempestades de areia no deserto, com os ventos jogando no rosto dos homens lascas de gelo em vez de areia.

No frio cortante, de um tipo que nunca tinham sentido, eles se enrolavam profundamente em suas roupas Burberry. Alguns criticaram Scott por usar essa roupa, alegando que ela não protegia os homens contra os elementos de maneira adequada. Em vez disso, muitos consideram que Scott deveria ter providenciado peles de animal inuítes e casacos de pele para uma viagem como aquela. No entanto, embora ideais para viagens com cargas puxadas

por cães, peles não são práticas para homens puxando trenós. Para isso, as roupas precisam permitir a transpiração, de modo que o suor escape em vez de ficar preso, umedecendo as roupas de baixo, que podem congelar nas pausas para descanso. Além disso, o suor pode causar desidratação, e sem frascos isolados a vácuo para carregar água adequada a exaustão é sempre uma ameaça iminente. Naquelas circunstâncias, as roupas Burberry provavelmente foram a escolha certa.

Andando penosamente no gelo, protegendo o rosto enquanto avançavam, eles descobriram que puxar trenó era muito mais difícil do que qualquer um tinha imaginado. Parando um pouco, muito frustrado, Ferrar exclamou que eles avançavam apenas quinze centímetros por passo. Sem se deixar abater, Shackleton os incentivou aos berros a continuar, os pelos da barba retorcidos pelo gelo, as pestanas congelando grudadas. Na verdade, ele logo aprendeu algumas lições duras, mas necessárias, sobre operar em temperaturas tão extremas. Sempre que olhava de binóculos, percebia que não devia respirar nas lentes; se respirasse, o hálito congelaria sobre elas, obscurecendo a visão. Logo descobriu também que limpar as lentes com os dedos nus podia resultar em lesões causadas pelo frio.

Depois de doze horas, os homens não aguentaram mais. Exaustos, os músculos ardendo, suor congelando na pele, Shackleton sugeriu que montassem acampamento para descansar um pouco. Mas até isso acabou sendo uma provação. Dedos queimados de frio e mãos dormentes tornavam difícil armar a barraca, especialmente com o pano inflado por ventos cada vez mais fortes. Como disse Wilson, eles se "agarravam com determinação ao pau da barraca para evitar que todo o trabalho fosse desmanchado".

Com a barraca enfim armada, entraram rapidamente, em busca de um pouco de calor, e inspecionaram os ferimentos. Mas as mãos estavam tão frias que eles mal dobravam os dedos, precisando tentar várias vezes antes

de conseguir acender o fogareiro Primus. Por fim, com ele aceso, e depois de tomarem muito chocolate quente, os homens lutaram para tirar as botas rústicas, às quais as meias ficaram presas pelo suor congelado, antes de se enfiar em suas "roupas de dormir" (nenhum saco de dormir tinha sido desempacotado) para descansar um pouco. Mas isso acabou sendo difícil. "O frio do piso de gelo se insinuava", escreveu Wilson, "e os pontos de contato ficaram muito frios. Pusemos Ferrar no meio e, apesar de ser o lugar mais quente, ele sentiu mais frio durante a noite. Devia estar totalmente exausto."

Descobrindo que era impossível aquecer-se, e com a ponta do nariz congelando assim que saíam das roupas de dormir, os homens acordavam constantemente para bater os pés um no outro, tentando afugentar o risco de ter os dedos lacerados pelo frio. Lembro bem que a grande provação nessas condições era ir lá fora de noite para urinar, abandonando o refúgio do saco de dormir. Aprendi, da pior maneira, que era melhor manter a garrafa de urinar dentro do saco de dormir em vez de enfrentar o frio e ter de se aquecer de novo. Apesar disso, é preciso dizer que garantir que a urina fosse toda para dentro da garrafa com o corpo tremendo era um desafio e tanto. Se errássemos o alvo, a roupa empapada de urina não só virava gelo como passava a feder. Mas vale levar em consideração que, depois de dois meses sem nos lavarmos, fedíamos de qualquer jeito, portanto dava para conviver com aquilo.

Mesmo quando estamos dentro do saco de dormir, e com todo o equipamento adequado, é tão frio de noite que continuamos a tremer, resultando numa perda média de 2 mil calorias por noite. E, ao acordarmos, estamos morrendo de fome, mas com uma ração muito magra à nossa espera. Fazer isso dia após dia pode ser debilitante, e essa foi outra coisa que

Shackleton teve de aprender a evitar, ao medir suas rações em marchas futuras.

Tendo tido a oportunidade de se aquecer e descansar um pouco, no dia seguinte Shackleton, sempre muito determinado, logo estava com seu grupo na geleira, rumando para as ilhas. No fundo, sem dúvida queria demonstrar a Scott que a confiança nele depositada para chefiar essa expedição era justificada, de modo que não queria perder tempo. Seguindo em frente, chegaram a três quilômetros e meio da ilha mais próxima, mas não puderam prosseguir. Exaustos, mais uma vez montaram acampamento antes de iniciar a grande investida no dia seguinte.

Depois de oito horas de sono, Shackleton acordou os outros. Com as ilhas tão perto, sugeriu que deixassem a maior parte do equipamento para trás e seguissem para a ilha de pico mais alto. No entanto, Shackleton e os demais descobriram que a inexperiência e a falta de equipamento especializado não eram uma boa combinação. No frio cada vez mais intenso, tinham dificuldade para segurar o que quer que fosse com os dedos, sem falar que os sapatos eram inapropriados para a escalada. Em função dos tombos frequentes, todos estavam maltratados e contundidos quando finalmente chegaram ao topo. Pelo menos a vista valeu o esforço.

Do alto de 820 metros, avistaram mais da Barreira do que qualquer outro homem antes deles. Em meio ao gelo sem fim, havia uma cadeia de pesadas montanhas ao longe. E, mais além, estava o próprio polo Sul. Aquele era, sem dúvida, um momento para guardar na lembrança. Ele, Ernest Shackleton, como batedor designado por Scott, tinha encontrado um caminho pelo qual talvez se pudesse chegar ao polo Sul. Sentia que, no mínimo, já tinha deixado uma marca.

Com a missão cumprida, Shackleton e os outros mal viam a hora de retornar ao *Discovery* . Revigorados pela conquista, desceram a montanha às

pressas, pegaram o equipamento e partiram para o navio, percorrendo muito mais depressa o caminho de volta.

A bordo, Scott e os tripulantes ouviam maravilhados enquanto Shackleton os regalava com relatos do que tinham visto. Feliz por ser o centro das atenções, ele encantava a quase todos com histórias de suas aventuras. Scott achou que eles "borbulhavam" de entusiasmo, embora o primeiro-tenente Royds não morresse de amores pelo batedor, alegando que Shackleton era "cheio de papo, como esperado". No entanto, embora Shackleton só tivesse parado de falar quando todo mundo se retirou para dormir, Skelton observou: "Dou-lhe o crédito de afirmar que ele fala coisa com coisa, e não bobagens, como um dos nossos membros, se não dois ou três!".

Animado pelo relato inicial de Shackleton, Scott mandou outro grupo numa viagem de descoberta duas semanas depois. Dessa vez, o destino foi cabo Crozier, que deveria servir como uma das caixas de "mensagens" predeterminadas.

Nessa ocasião, os doze homens chefiados por Royds levaram oito cães para ajudar a rebocar a carga. Mas como os cães não eram treinados e as condições pioraram, Royds não teve escolha senão mandar o tenente Barne, de 24 anos, voltar ao navio, juntamente com oito homens. A viagem terminou em tragédia, com George Vince, um marujo da Marinha, escorregando e mergulhando no mar gelado lá embaixo, onde morreu.

Em estado de choque, Barne perdeu o controle do grupo, que se dividiu, partindo em diferentes direções. Não tivesse o marujo naval Frank Wild assumido o controle de três homens, talvez acontecesse coisa muito pior. Wild os conduziu de volta diretamente para o navio, mas Barne e outros três levariam horas para encontrar o caminho, chegando, finalmente, num estado lamentável e confuso.

Scott ficou arrasado, dizendo que a perda de Vince foi "um dos nossos dias mais tristes". A inexperiência dos homens naquelas condições se tornava significativa. Em 4 de março de 1902, Scott anotou:

> Confesso que os trenós, quando empacotados, tinham uma aparência da qual deveríamos mais tarde nos envergonhar, e o mesmo pode ser dito das roupas usadas pelos puxadores de trenó. Mas, naquela altura, nossa ignorância era lamentável; não sabíamos nada sobre as quantidades e as proporções necessárias em termos de alimento, como usar nossos fogareiros, armar nossas barracas, ou até mesmo vestir nossas roupas. Nenhuma peça de equipamento tinha sido testada, e no meio da ignorância geral que predominava a falta de um sistema era dolorosamente evidente em tudo.

Numa aventura como aquela rumo ao relativo desconhecido, isso já deveria ser esperado, muito embora Bernacchi não fosse tão compreensivo. Tendo participado da expedição Southern Cross, de Borchgrevink, ele tinha mais experiência de Antártica do que qualquer outro e achava que lições vitais não estavam sendo aprendidas. Especialmente preocupante era o fato de que muitos tripulantes não conseguiam sequer realizar tarefas simples, como armar uma barraca, acender um fogão ou vestir-se direito.

Felizmente, dia após dia no gelo, esses amadores, lenta mas seguramente, iam aprendendo como ajustar suas roupas, dormir com as meias ou as luvas junto ao corpo, bem como se inteiravam sobre a inutilidade dos sacos de dormir de pele para três homens. Quando usados pela primeira vez, esses sacos pesavam vinte quilos, mas vinte dias depois, devido ao peso acumulado do suor congelado, passavam a 35 quilos, o que significava mais peso para transportar.

Qualquer nova aventura no gelo, porém, teria de esperar. Em março, o ancoradouro do *Discovery* já estava totalmente congelado, com toneladas de gelo espremendo-o de todos os lados, fazendo o madeirame ranger e estalar. Então, em 23 de abril, o sol desapareceu abaixo do horizonte ocidental, mergulhando-os em 123 dias de escuridão.

# 9.

Encasulados nas trevas por meses a fio, muitos já perderam o juízo em expedições antárticas. Não é de surpreender, especialmente no caso dos novatos. Além de escuro, frio e claustrofóbico, o isolamento numa terra misteriosa a milhares de quilômetros de distância da civilização pode ser difícil de compreender. Essas pressões afetam até mesmo os indivíduos mais calejados. Na verdade, na expedição do *Belgica* , a tripulação sucumbiu a uma mistura de escorbuto e "febre da cabine".

Mesmo os que mantiveram a sanidade no *Discovery* achavam as condições muito difíceis. Com a temperatura lá fora despencando para até –52ºC, quase todo mundo preferia permanecer a bordo, mas mesmo ali se formava gelo nas paredes da cabine. Nessas circunstâncias desfavoráveis, muitos sentiam saudades de casa, e estar preso no mesmo lugar, vendo as mesmas pessoas, durante meses seguidos, logo começou a irritar. Qualquer tendência natural à irritação, à depressão, ao pessimismo e à preocupação era amplificada e, na ausência de entes queridos, as válvulas de escape

naturais, na verdade as mais seguras, para sentimentos reprimidos, eram os diários e as cartas para casa. A natureza humana é assim, ainda mais numa expedição em que as sensibilidades tendem a exacerbar-se.

Em minha primeira expedição para o sul, descobri que a proximidade forçada gera discórdia, e até mesmo ódio, entre indivíduos e grupos. Por causa disso, às vezes eu tinha dificuldades para interagir com meus colegas Oliver Shepard e Charlie Burton. Certos dias, sem trocarmos uma palavra, eu antipatizava com um deles, ou com os dois, e dava para perceber que o sentimento era mútuo. Minha sorte é que na base eu tinha Ginny para me fazer companhia, e ela sempre foi um conforto e um apoio fantásticos. Com minha mulher comigo, eu podia, pelo menos, desabafar um pouco; se isso não bastasse, eu extravasava o mau humor em meu diário. Agora, olhando para trás, parece engraçado, pois algumas das minhas queixas eram inconsequentes, embora na época parecessem grandes desentendimentos.

Naqueles sombrios meses de inverno, com o vento uivando lá fora, Clarence Hare, camareiro de Scott e a pessoa mais jovem a bordo, revelou que havia disputas frequentes entre os tripulantes. Essa era a área de competência de Shackleton.

Encarregado da diversão no navio, ele tinha providenciado para que a biblioteca estivesse bem abastecida de livros, ao mesmo tempo que ajudava a montar peças e até a promover debates, discutindo acaloradamente com Bernacchi sobre os méritos poéticos de Browning e Tennyson, com Shackleton encarregado da defesa de Browning. A tripulação acabou votando em Tennyson, que ganhou por um único voto.

Talvez a maior contribuição de Shackleton para manter a tripulação ocupada e satisfeita tenha sido o *South Polar Times* . No refúgio de um "escritório" que era uma área separada no porão, Shackleton tentava publicar essa revista uma vez por mês, convidando a tripulação a submeter

artigos científicos, histórias, poemas, desenhos ou piadas. As ilustrações de Wilson apareciam muito, assim como as caricaturas de tripulantes de autoria de Barne, enquanto Shackleton sempre achava tempo para colaborar com um poema, escrito sob o pseudônimo de Nemo, o herói de *Vinte mil léguas submarinas* de Júlio Verne. Dando a um dos poemas o título de "Para a Grande Barreira", ele assim se referiu à descoberta dos mistérios da Antártica:

*Este ano tua solidez gelada ressoa com as vozes dos homens,*
*Vamos descobrir que tu vens das montanhas?*
*Vamos chamar-te de mar congelado?*
*Vamos partir para o norte deixando-te aqui, ainda um Segredo guardado para sempre?*

Havia ainda muitas outras possibilidades para entreter a tripulação. Na privacidade de uma pequena cabine, os homens podiam *sport the oak* (terminologia de escola pública da época para masturbação), e comer era sempre um momento pelo qual valia a pena esperar. Isso era particularmente verdadeiro para os oficiais, pois Scott fazia o possível para transformar as refeições em eventos, com louça fina e talheres postos à mesa na sala dos oficiais.

Sempre era possível contar com o próprio Shackleton como uma grande fonte de diversão, com histórias e piadas na ponta da língua. Um marujo escreveu: "Era um cavalheiro muito legal, sempre pronto para papear conosco". Como de praxe, ele se dava bem com qualquer um, sendo estimado por quase todos.

Um dos tripulantes de quem Shackleton gostava particularmente era Frank Wild, de 27 anos. Depois de onze anos na Marinha Mercante, Wild se

alistara na Marinha Real apenas um ano antes, mas, ansioso por aventuras, candidatara-se a uma vaga na expedição. Era muito parecido com Shackleton, e ficava fácil entender por que se davam tão bem. Mas, apesar de tudo, era com Wilson que Shackleton passava mais tempo. Depois que um observatório meteorológico foi instalado no vizinho Crater Hill, os dois homens se ofereciam regularmente para fazer a leitura, ainda que significasse subir a encosta no escuro e no frio cortante. Shackleton deu esta explicação: "Queríamos fazer o máximo de exercício [...] possível, e essa era uma maneira útil de exercitar-se". Aquilo, sem dúvida, lhes permitia passar um tempinho longe do navio, de onde, como o sempre paciente Wilson se queixara, "não havia absolutamente como escapar", mas também servia a um objetivo maior: provar a Scott que Shackleton deveria ser escolhido como parte da equipe que seguiria para o sul quando o verão finalmente viesse.

Vagas para ir com Scott em sua expedição ao sul eram altamente cobiçadas; em primeiro lugar, foi por essa razão que muitos quiseram participar. E não havia ninguém que quisesse mais do que Shackleton. Ele certamente não estava ali apenas para constar. Desde o momento em que começou a contar histórias fantásticas para as irmãs, a respeito de vir a ser um herói célebre, ele sonhava com uma oportunidade como essa. Agora, estava ao alcance da sua mão — desde que Scott o escolhesse.

Ao selecionar as equipes para minhas próprias expedições polares, eu sempre procurava escolher indivíduos confiantes, altamente capazes, que não fossem cordeirinhos, mas que também não ameaçassem minha posição de líder. É uma combinação difícil. Embora precise de gente capaz de pensar e agir rápido sob pressão, você não vai querer lidar com tentativas de motim no gelo. Às vezes, é impossível saber como as pessoas reagirão antes de serem postas à prova em algumas das condições mais severas conhecidas pelo homem.

Scott, portanto, tinha de tomar uma decisão difícil, particularmente porque só queria levar uma pessoa. Nisso tinha se inspirado em Fridtjof Nansen, que tinha feito suas célebres andanças pelo polo Norte levando apenas um companheiro. Com uma única vaga em disputa, Armitage era o grande favorito. Na verdade, fora-lhe prometido um lugar na principal viagem para o sul desde o início, daí ter assumido a posição de segundo de Scott. No entanto, com o passar do tempo, Scott foi se tornando aos poucos, mas decididamente, dependente do sólido caráter de Edward Wilson. Já tendo passado pelo teste do gelo, Wilson era inteligente e uma boa companhia. E, mais importante ainda, era médico, o que poderia ser essencial numa viagem tão perigosa.

Em meados de junho, tendo tido a oportunidade de observar todos os prováveis candidatos nos meses de inverno, Scott informou a Wilson que ele viajaria para o sul. Wilson ficou perplexo. Juntara-se à expedição para estudar fauna e geologia. Na verdade, não tinha a menor vontade de ir para o sul, como revelou numa carta para a mulher, queixando-se de que a viagem "me afastaria da minha esfera de trabalho, para uma missão dura e monótona numa barreira de gelo durante três meses". Existia também uma dúvida a respeito da saúde de Wilson. Embora parecesse bem, fora inicialmente rejeitado para a expedição do *Discovery* por ter sofrido de uma crise de tuberculose que lhe causou danos permanentes nos pulmões, o que poderia vir a ser debilitante numa longa caminhada em condições de congelamento. Nessas circunstâncias, Wilson achava que havia muita gente a ser escolhida antes dele. Contudo, apesar de todas as razões para ficar, não poderia recusar a oportunidade. "Dá para imaginar minha surpresa", escreveu ele. "Essa é a longa viagem e não posso deixar de me sentir feliz por ter sido escolhido para ir."

Enquanto Wilson se viu atordoado com a decisão, Shackleton ficou arrasado. Embora tenha reagido rápido e cumprimentado sinceramente o amigo, tornou-se desanimado e retraído. De repente, a única oportunidade real de ficar famoso, de ter o nome para sempre gravado nos livros de história, parecia perdida. Tudo o que lhe restava agora eram meses de abandono no gelo, longe de Emily, aguardando a volta de Scott e Wilson. Era uma perspectiva desalentadora. Mas Shackleton ainda não estava fora do páreo.

Wilson temia que, com apenas eles dois nas vastidões da Barreira, a incapacitação de um poderia ser fatal para o outro. Em particular, sugeriu a Scott que talvez devesse considerar a possibilidade de levar Shackleton também. Depois de pensar um pouco, Scott achou que os argumentos de Wilson faziam sentido. Shackleton já tinha mostrado seu valor na geleira e era um homem forte, capaz de arrastar um trenó por centenas de quilômetros. Além disso, era cheio de recursos e boa companhia. Estava, portanto, decidido. Em outubro, os três partiriam, com a intenção de entrar para a história, esperando, pelo menos, estabelecer o recorde de ser os que chegaram mais perto do polo Sul.

Depois de várias expedições polares com um único companheiro e de outras com dois, olho para trás e vejo que as coisas sempre foram mais fáceis com apenas uma pessoa. Sendo só dois, cada vez que o líder toma uma decisão da qual o outro discorda, esse outro geralmente pensa melhor e acaba acatando. Mas sendo três, se dois discordam da decisão do líder, podem discutir entre si e resultar numa minirrevolta. Mesmo que fracasse, essa minirrevolta tende a criar um ambiente ruim. Se eu tivesse de refazer todas as minhas expedições, jamais levaria uma terceira pessoa, se pudesse evitar (a não ser que a minha mulher estivesse no grupo). Como diz o ditado: “Dois é bom, três é demais”.

Para Shackleton, que ficara sem saída, foi um tremendo golpe de sorte. Ficou, claro, "radiante" quando Scott o convocou para ser o terceiro homem na grande caminhada para o sul, muito embora, mais uma vez, nem todos compartilhassem da sua alegria. Quando a notícia circulou, houve considerável insatisfação entre alguns tripulantes. Entendiam a escolha de Scott por Wilson, porque era médico, mas achavam que a outra vaga deveria ter sido preenchida por alguém da Marinha. Armitage ficou particularmente zangado, vindo a escrever crueldades a respeito de Scott ao longo dos anos. Skelton também achou difícil engolir a escolha, anotando: "Shackleton tagarelando e fingindo que trabalha o tempo todo… claro, as ideias do capitão são em geral perfeitamente corretas… mas… por que dá ouvidos a Shackleton eu não consigo entender — o sujeito não passa de um falastrão". Mas, fosse como fosse, Shackleton tinha sido escolhido por Scott e a decisão estava tomada.

Com os preparativos finais em andamento, e agosto trazendo cada vez mais horas de claridade, Shackleton foi incumbido de tentar treinar os cães no gelo. Era uma tarefa e tanto; Shackleton não tinha experiência nenhuma, e os cães barulhentos e indisciplinados eram especialmente difíceis de domesticar. Nem o chicote, nem a persuasão funcionavam muito bem, e Shackleton era impaciente demais para insistir por muito tempo com qualquer dos métodos.

Alguns críticos (incluindo o próprio Scott em seu diário) sugeriram que ele deveria ter começado a treinar os cães mais cedo, talvez até mesmo à luz da lua de inverno. Mas essa alternativa poderia facilmente ter resultado em severas ulcerações de frio, e em cães mortos, como ocorreria com a equipe norueguesa de Amundsen anos depois. Começar a treinar os cães no fim de agosto, perto da base, como Scott fez, foi sem dúvida o melhor momento.

Apesar de não estar totalmente convencido do seu desempenho, Scott acabou concluindo que os cães tornavam as coisas um pouco menos difíceis.

Nesse meio-tempo, Armitage ganhou pelo menos um prêmio de consolação por ter perdido a oportunidade de viajar para o sul. Em 11 de setembro de 1902, partiu com cinco homens com a missão de encontrar uma rota para o polo Magnético, onde as linhas do campo magnético da Terra emanam da superfície. Encontrar essa localização seria crucial para atualizar os mapas magnéticos do hemisfério sul e, portanto, para a navegação marítima. Já o polo Sul geográfico, que Shackleton esperava atingir, é o lugar no qual todas as linhas de longitude convergem no hemisfério sul. Para a viagem, Armitage e sua equipe levaram esquis, decisão sobre a qual o ainda cético Scott fez o seguinte comentário: "Prefiro não externar o que penso da inovação".

Mas enquanto Armitage conduzia seus homens para uma enseada chamada New Harbour, dois deles, Ferrar e Heald, adoeceram. Um exame atento revelou que ambos padeciam de um mal que ameaçaria o êxito da expedição: escorbuto.

O escorbuto causava hematomas, músculos enfraquecidos, podia levar à perda de dentes, a severas dores nas juntas e, nos casos mais graves, à morte. Hoje sabemos que o escorbuto é resultado da falta de vitamina C. Mas não era assim na virada do século passado. Certos padrões foram detectados ao longo do tempo, particularmente o de que homens que viviam perto da costa e comiam frutas frescas, vegetais e carne pareciam imunes à doença. Era mais comum em homens que faziam longas viagens, distantes desses alimentos. Quando voltavam para o litoral e consumiam uma pesada dieta de carne fresca de foca e de pinguim, eles se recuperavam milagrosamente, mas ninguém se dera conta de que o elemento-chave era a vitamina C.

O primeiro oficial Charles Royds ficou particularmente intrigado com a doença dos homens, comentando: "Quando se pensa na carne fresca que foi fornecida constantemente durante todo o inverno…". Embora tivessem comido uma rica dieta de carne de foca e de pinguim, eles não sabiam que quando a carne era cozida, ou posta para secar, a quantidade de vitamina C diminuía. No caso, é provável que Heald e Ferrar já tivessem uma severa deficiência de vitamina C antes de saírem com Armitage.

De volta à base, Wilson e Armitage fizeram tudo o que estava ao seu alcance para cuidar de Ferrar e Heald, tomando providências, simultaneamente, para evitar que o mesmo sucedesse aos outros. Ordenando mais viagens de caça às focas, Armitage pediu também ao cozinheiro, Henry Brett, que fosse um pouco mais criativo na preparação da carne, pois muitos homens não gostavam do sabor. Agora, com carne de foca servida todos os dias, em vez de duas ou três vezes por semana, Heald e Ferrar logo se recuperaram, enquanto a tripulação a bordo continuava saudável.

Nessa época, Scott, Shackleton e Thomas Feather, o contramestre, estavam ausentes em outra missão, antes da grande investida para o sul. Levando com eles um trenó carregado de provisões, e com o auxílio de dezesseis cachorros, eles tencionavam criar depósitos de suprimento na Barreira a serem usados quando a marcha para o sul começasse para valer em outubro.

Apesar de o escorbuto ter sido um problema na viagem de Armitage, a operação para erguer depósitos também tinha levantado algumas questões de saúde. Uma preocupação especial era Shackleton, que, segundo Wilson, "lacerou a ponta de todos os dedos de novo com queimaduras de gelo e obviamente se encontra um tanto exausto. Está muito mais magro e perdeu alguns quilos".

Wilson estava ciente de que as duas curtas expedições que Shackleton aguentara no gelo até então não seriam nada em comparação com o que vinha pela frente. Se quisessem alcançar o polo, como pretendiam, isso significaria uma viagem de ida e volta de 1480 milhas náuticas [2740 quilômetros], rebocando trenó 29 quilômetros por dia durante mais de cem dias nas condições mais difíceis conhecidas pelo homem. Apesar de ter recomendado Shackleton a Scott, Wilson escreveu sobre suas preocupações para a mulher, Oriana:

> Eu me sinto mais em condições do que Shackleton. Pela mesma razão, acho que ele não está preparado para esse trabalho. O capitão é forte e vigoroso como um buldogue, mas Shackleton não tem as pernas que o trabalho exige. Porém está tão louco para ir que deve dar conta.

Wilson resolveu não compartilhar essas preocupações com Scott, ainda que Shackleton estivesse padecendo de ataques regulares de tosse, que o mantinham acordado à noite. Era óbvio que não estava bem, mas não ia querer perder uma oportunidade que só aparece uma vez na vida. Numa indicação de que Shackleton também se preocupava com a própria saúde, na noite anterior à partida ele escreveu uma carta para Emily dizendo que, se morresse na viagem, "não chore por mim, pois foi trabalho de homem e ajudei um bocadinho a aumentar o conhecimento… Meu amor, talvez nos encontremos novamente em outro mundo…".

Havia ainda uma coisa importantíssima que todos tinham esquecido e que agora deveria ter soado o alarme: Shackleton era a única pessoa no navio que não se submetera a um exame médico antes da partida.

# 10.

Nove anos haviam transcorrido desde que Markham sonhara com uma expedição britânica para conquistar o sul desconhecido. E agora, depois de dois anos de preparativos sob o comando de Scott, o grande dia finalmente havia chegado. Na manhã de 2 de novembro de 1902, o trio formado por Scott, Wilson e Shackleton posou para uma fotografia ao lado dos seus dezenove cães e cinco trenós. Os trenós estavam carregados de provisões e equipamento suficientes para setenta dias, de modo que, acontecesse o que acontecesse, eles teriam de começar a voltar depois de 35 dias.

Antes de partir, Scott deixou ordens para o seu segundo, Albert Armitage:

> Se eu não voltar antes de uma data em que haja qualquer possibilidade de o navio ficar congelado novamente, você deve levar o navio de volta para a Nova Zelândia depois de abastecer a cabana e deixar, se julgar adequado, um grupo de busca que possa ser recuperado na estação seguinte.

De jaqueta com capuz, o rosto destacando-se num funil com aro de arame, desenhado por Scott para proteger contra queimaduras de gelo, os

três homens deram os primeiros passos para entrar na história, sob os aplausos e desejos de boa sorte dos compatriotas a bordo do *Discovery* . Enquanto os cães puxavam os trenós como um trem atrás deles, um grupo de apoio formado por Barne e mais doze homens já estava na Barreira, tendo partido três dias antes a fim de estabelecer os depósitos de provisões para a viagem de volta do trio.

Enquanto o *Discovery* , o monte Erebus e o monte Terror sumiam lentamente de vista, as primeiras tentativas de esquiar enquanto rebocavam trenós ao lado dos cães se mostraram inúteis. No entanto, depois do terceiro dia, a superfície de neve mudou e no terreno plano os esquis funcionaram bem, permitindo que os homens percorressem uma média de dezessete quilômetros diários durante quatro dias seguidos.

Com o bom desempenho dos cães, os três cavaleiros polares logo alcançaram Barne e a equipe que preparava o depósito, que tinham viajado sem esquis e considerado a viagem penosa. Apesar disso, a equipe estabelecera um novo recorde em viagem para o sul, atingindo os 78°55', batendo o recorde de Borchgrevink. Isso certamente deu a Scott, Wilson e Shackleton esperanças de se saírem ainda melhor, em especial por causa do equipamento e dos preparativos superiores.

Lamentavelmente, o desempenho dos cães começou a cair. Sua ração, um misto de bacalhau norueguês seco e biscoito, tinha estragado durante a viagem do *Discovery* para o sul, deixando-os muito desnutridos, tendo de lutar para cumprir a meta diária de deslocamento. Além disso, não consumiam nenhuma gordura, o que lhes teria dado o combustível necessário num clima tão frio. Os animais certamente sabiam o que queriam, pois uma noite um dos cães conseguiu escapar e comer o equivalente a uma semana de carne gorda de foca da ração dos homens.

Cada vez mais devagar, com as reservas de energia reduzidas, Wilson começou a chamar os cães de "preferiam" — eles "preferiam" fazer qualquer coisa a puxar trenó.

O desempenho cada vez pior se devia também, em parte, à ausência de qualquer objeto visível à frente do cão dianteiro. Em 180 graus de desolação inexpressiva, não havia nada em que os olhos pudessem fixar-se, e por isso eles se confundiam e diminuíam o passo. Esse problema também me afetou muito, mas por razões diferentes. Quando comecei a sofrer de visão dupla depois de uma longa expedição, um oftalmologista de ponta concluiu que as longas semanas sem horizonte, ou ponto focal, tinham levado os olhos a se fixarem numa distância de um metro à frente das minhas botas. Essa "convergência dos eixos visuais" demorou uma semana para ceder.

Para resolver o problema dos cães, Scott mandou os homens se revezarem rebocando ao lado dos cães dianteiros. Foi um erro, pois serviu apenas para incentivar os cães a relaxarem, deixando que os humanos fizessem o trabalho. Ademais, no terreno irregular, com três homens tendo de puxar uma carga total de mais de 220 quilos, os esquis não tinham serventia. Pior ainda, cada par pesava nove quilos, e portanto, amarrados no trenó, eles representavam um acréscimo substancial ao peso morto a ser puxado.

O que aprendi nas minhas expedições é que os eventuais benefícios dos esquis são praticamente anulados no momento em que você começa a puxar uma carga pesada, e não consigo entender por que tantos críticos continuam a censurar Scott, e outros, por não acreditar mais nos esquis.

Em 1993, quando Mike Stroud e eu nos transformamos nos primeiros a cruzar o continente antártico sem nenhuma assistência, cada um de nós rebocava um trenó com 225 quilos iniciais de carga, quase sempre sem esquis. Para se ter uma ideia mais clara do que isso representa, seria o equivalente a amarrar três adultos de tamanho médio, cada um pesando 73

quilos, jogá-los numa banheira de fibra de vidro sem pernas e arrastá-los sobre dunas de areia por 2735 quilômetros, durante 95 dias. Um trabalho duríssimo, mas alcançamos o nosso objetivo, demonstrando aos críticos que esquis e cães não são indispensáveis em viagens não mecânicas na Antártica.

Não quer dizer, entretanto, que seja fácil, particularmente para quem não tem experiência em rebocar peso nessas condições. Embora Wilson se queixasse de dor nos joelhos e rigidez nos tendões, sua verdadeira preocupação era Shackleton. "Shackle começou a apresentar uma tosse persistente e irritante na barraca", escreveu Wilson, acrescentando um pouco mais tarde: "Todos nós estamos em ótima forma… menos Shackle, cuja tosse parece muito problemática". Não era, de maneira alguma, um bom presságio, sobretudo num estágio tão inicial.

Os homens começaram a andar ainda mais devagar. Famintos, exaustos, quase sem fôlego; as condições de tempo também não ajudavam em nada. No entanto, o calor, e não o frio, é que causava problemas. Com o vento amainando e as temperaturas subindo para 6,5ºC, arrastar peso era ainda mais árduo, sobretudo porque os homens usavam roupas adequadas para um frio abaixo de zero, suando, portanto, profusamente. Numa dessas ocasiões na Antártica, fazia tanto calor que precisei rebocar o trenó só de ceroulas e colete. Mas, por causa do buraco na camada de ozônio, que pelo menos não foi problema para Scott, Shackleton e Wilson, logo descobri que a minha pele estava queimando. Quando parei, as gotas de suor que tinham escorrido pela cueca e pelas regiões inferiores congelaram, uma experiência memoravelmente penosa.

Nessas condições, e com os homens labutando, ficou claro para Scott que era preciso mudar de método se quisessem atingir seu objetivo. Consequentemente, ele tomou a difícil decisão de dividir a carga e levá-la em partes. Agora, eles passariam a puxar a carga por oito quilômetros, ou

menos, com visibilidade baixa, depositá-la, voltar para pegar a outra metade e seguir em frente. Isso significava viajar cinco quilômetros para avançar apenas 1,6. Scott também passou a viajar só durante a noite, para evitar as horas mais quentes do dia, uma vez que, apesar de 24 horas de claridade, o sol ficava muito mais baixo "à noite".

Também procedi assim muitas vezes durante minhas expedições, particularmente numa viagem solo para a Antártica, quando não tive escolha a não ser dividir e levar aos poucos uma carga de 213 quilos para subir Frost Spur a partir do nível do mar até o platô polar, tendo perdido meus crampons numa fenda. Tive de fazer cinco viagens árduas, mas não havia como transportar a carga naquela encosta tão íngreme de uma só vez.

Embora Scott tivesse razão ao dividir a carga, Shackleton ainda chamou de "trabalho penoso esse vaivém para trás e para a frente" e, mais tarde, definiu a viagem como "um horror". Mesmo as breves pausas para descanso ofereciam pouco alívio, com o suor congelando na pele, deixando-os com ainda mais frio.

Todas as noites no acampamento os homens tentavam descongelar, curtindo seu ensopado *pemmican* (uma carne-seca misturada com gordura e depois derretida com um biscoito duro) para aquecer as entranhas. Em meio a uivantes vendavais do lado de fora, a escuridão ficava ainda mais assustadora por causa do barulho de "terremotos" provocados pelo tombo de uma massa suspensa de gelo que disparava um rugido atroador por toda a paisagem. Para desviar a atenção dessas coisas, os homens passaram a apoiar-se uns nos outros, com Wilson lendo trechos da Bíblia e Shackleton contando histórias ou lendo poesia.

Os três formavam uma mistura pouco comum, com Scott da Marinha Real, Shackleton, marujo mercante, e Wilson, médico, mas se davam muito bem. Na verdade, nem mesmo em seus diários, que eram redigidos

privadamente e ofereciam uma oportunidade para extravasar, revelavam alguma antipatia entre eles. No entanto, parece que um incidente causou um ressentimento temporário.

Um dia, quando preparava o ensopado, Shackleton acidentalmente o derramou no piso da barraca, abrindo um buraco no tecido da base. Scott criticou Shackleton, em tom irritado, por não ter sido suficientemente cuidadoso, mas parece que o incidente logo foi esquecido, sem dúvida com a intervenção de Wilson, que era sempre uma presença apaziguadora. Nenhum dos dois voltou a tocar no assunto, nem criticou o outro em seus diários. Na minha opinião, o fato de ninguém dizer palavras duras mostra que o episódio foi insignificante, embora alguns biógrafos tentem lhe atribuir grande importância.

Longe de repreender Shackleton, Scott só tinha elogios a fazer ao colega por seus esforços. Lutando com a dificuldade de respirar, Shackleton avançava sempre, o corpo curvado tanto quanto possível para a frente, reunindo forças para arrastar o trenó com os arreios nos ombros e ainda incentivando os outros. Scott disse o seguinte: "Apesar de ofegante, de vez em quando ele erguia e virava um pouco a cabeça num esforço para animar o grupo". Custasse o que custasse, Shackleton estava decidido a não desanimar ninguém, muito menos a si mesmo. Puxando o trenó com toda a força que tinha, em 25 de novembro ele e os demais cruzaram o paralelo 80, o mais próximo que qualquer pessoa já tinha chegado do polo a partir de qualquer parte da circunferência da Antártica.

Apesar disso, estavam atrasados. Scott percebeu que, para ganhar mais dias na viagem na direção sul, teria de reduzir suas rações diárias para menos de 822 gramas cada um. No café da manhã, tudo o que havia agora era uma caneca de bacon picado e biscoito, o almoço consistia em mais biscoitos, postas de foca cozidas e uma caneca de chocolate quente. De noite,

a dieta melhorava um pouco, e eles comiam uma mistura de *pemmican* , bacon, biscoito e queijo com um aditivo proteico chamado plasmon. Mas aquilo estava longe de ser suficiente para continuarem andando quilômetros e quilômetros num ambiente traiçoeiro, arrastando trenós sobrecarregados. Diariamente, agora ingeriam apenas cerca de 4 mil calorias, gastando provavelmente mais de 7 mil. Nesse ritmo, a perda de peso ficaria em torno de 283 gramas por dia, e, como a maior parte da gordura corporal desapareceria no primeiro mês de viagem, em dezembro os corpos famélicos estariam metabolizando os próprios músculos dos quais dependiam. Além disso, quando passamos fome, nosso corpo começa a viver do estoque de gordura, e, ao decompor a gordura, o fígado produz substâncias químicas chamadas cetonas, que circulam na corrente sanguínea e nos dão uma sensação de mal-estar e depressão — mistura nociva quando somada à dor, à exaustão e à fome.

Na minha opinião, esse déficit de calorias, mais do que qualquer coisa relacionada ao uso de esquis e cães, é que viria a representar o maior desafio para aqueles homens. Embora não tivesse culpa disso, Scott não fazia ideia de quantas calorias precisariam ingerir, assim como não sabia o quanto a geografia seria difícil.

Para a nossa travessia do continente antártico em 1993, Mike Stroud e eu planejávamos consumir 5200 calorias diárias, mas nem isso era suficiente. Ao medir nosso gasto calórico, Mike, o maior especialista da Grã-Bretanha em pesquisa de nutrição sob estresse, descobriu que eu queimava 10670 calorias por dia! A análise das nossas amostras de sangue revelou que nossos sistemas enzimáticos, tudo aquilo que controlava nossa absorção de gordura, sofriam mudanças, e nossos níveis de hormônios intestinais eram o dobro dos registrados antes. Estávamos nos adaptando a nossas rações ricas em gordura de uma maneira nunca vista. Além disso, na ausência total de

gordura corporal, perdíamos músculo e peso do coração, além de massa corporal.

Situação semelhante deve ter ocorrido com Scott, Shackleton e Wilson. Logo os três só pensavam em comida, enquanto a fome não parava de crescer, como uma criatura viva e insaciável nas profundezas do estômago. Em seu diário, Shackleton deu a uma página o título de "Desejo" e escreveu uma lista de alimentos, que incluíam filé de carne de vaca, pão frito crocante, torta com geleia e mingau. Todo sonho que anotava incluía consumir algum tipo de alimento. Num deles, Shackleton sonhou que "belas tortinhas passam voando por mim lá em cima". Já Scott escreveu que os homens tinham passado de "famintos a vorazes". E não ficou só nisso. Os estoques de combustíveis estavam tão perto do fim que Scott não teve escolha senão incentivar a econômica estratégia de mastigar pedaços de carne de foca congelada, em vez de cozida, nas pausas do meio-dia.

Enquanto avançavam, com as pernas cansadas e o estômago cada vez mais vazio, as distantes manchas escuras de terra às vezes pareciam próximas, e de repente a neblina os envolvia, tirando a visibilidade. Como anotou Wilson: "A costa para onde nos dirigimos ainda está a uns oitenta quilômetros… Mas tudo é tão lindo, por toda parte há picos cobertos de neve, penhascos e cabos salientes". E emenda: "Partículas de neve caindo o dia inteiro. Nada a não ser 'silêncio branco' à nossa volta".

Sem dispor de nada que servisse de referência, eles tentaram seguir a direção indicada pela bússola, tarefa lenta e frustrante apesar de semanas de experiência. Quando a bússola falhou, sem horizontes visíveis, em condições de ofuscação, ausência de perspectiva e de direção, Scott, muitas vezes, teve de se guiar apenas por um pedaço de lã preso à ponta de uma varinha de bambu para calcular a direção do vento.

Na minha vez de atravessar o continente gelado no fim dos anos 1970, tive de lançar mão exatamente das mesmas técnicas de Scott e Shackleton. Sistemas de navegação por satélite e GPS ainda não podiam ser utilizados naquelas latitudes, pois na época não havia satélites em órbita polar. Passei semanas aprendendo com o Exército a usar teodolitos, sextantes, cronômetros, almanaques náuticos e tabelas de declinação solar (*sight reduction tables* ), e muitas noites identificando estrelas individuais em cada quadrante do céu. Como Scott, às vezes também precisei improvisar. Quando o sol brilhava, eu navegava por meio das sombras de uma série de linhas riscadas à faca no para-brisa de plástico da minha moto de neve. A capacidade de adaptação e improvisação é definitivamente a chave do sucesso em condições tão adversas, e Scott vinha se revelando um mestre nisso.

Em meados de dezembro, o interminável ir e vir, a fome cada vez mais intensa, o cansaço, as temperaturas que despencavam e a matilha de cães doentes reduziram o avanço para pouco mais de 2,5 quilômetros por dia. O diário de Shackleton incluía anotações como "dedos muito doloridos", "pernas cansadas", "cães pararam de puxar… É preciso seguir a qualquer custo" e "cansado de rebocar". Só a força de vontade mantinha Shackleton em pé e andando, mas mesmo isso já se mostrava vacilante.

Para economizar energia, eles se limitavam a falar o necessário, e os esquis foram descartados para diminuir o peso da carga, assim como outras provisões, deixadas para trás no Depósito B. Lembro-me de fazer o mesmo quando tentava atravessar o continente com Mike Stroud, decidindo que poderia abrir mão da minha jaqueta de edredom, que eu mal tinha usado. Abrir mão de artigos como esse é um risco calculado, claro. No momento em que decide descartar alguma coisa que não passa de peso morto, você

reza para que ela não venha a fazer falta, como aconteceu comigo em relação à minha jaqueta, quando poucos dias depois a temperatura despencou.

O grupo de Scott tinha viajado mais de 150 quilômetros em pouco mais de um mês, mas, com a decisão de dividirem o peso e voltarem para buscar a outra metade, eles, na verdade, viajaram o triplo dessa distância, com os calcanhares machucados incomodando dentro das botas, cada passo deflagrando lampejos de dor aguda no rosto tenso de cada um. Os três, a essa altura, se encontravam no limite de sua capacidade de resistência. Até mesmo Shackleton, por natureza otimista, sabia que estavam perto de encarar a derrota nos olhos, comentando: "Não dá para continuarmos assim".

Logo ficou claro que haveria novos sacrifícios se quisessem continuar. Para acabar com as desmoralizantes idas e vindas no transporte da carga dividida dos trenós e utilizar toda a energia para avançar, mais peso precisaria ser cortado. Tiveram então de fazer a escolha mais difícil de todas, como escreveu Wilson: "Decidimos alimentar oito ou nove dos melhores cães com a carne dos outros, e, quando esses cães comerem uns aos outros, teremos de puxar nossos próprios víveres e equipamentos". A decisão deixou todos tristes, principalmente Scott, amante de animais, mas significava também que não teriam mais de arrastar ração para os cães, pois eles comeriam uns aos outros: agora era, literalmente, "cão comendo cão".*

Houve quem sugerisse que Scott jamais teria premeditado essa matança nada britânica de cães, apesar de saber que os noruegueses a aceitavam como um método sensato de fazer viagens polares. No entanto, embora fosse incapaz de provocar a morte de cães do jeito descrito por gente como Fridtjof Nansen, Scott sempre conviveu com a possibilidade de precisar sacrificar cães. No inverno anterior, junto com Wilson, ele tinha até antevisto a matemática exata do avanço pelo sistema "cão-comendo-cão",

como o diário de Wilson confirma. Talvez esperasse jamais terem de recorrer a tanto, mas estava preparado para essa eventualidade, caso fosse necessário.

Andando penosamente rumo ao sul, dois homens puxando trenó ao lado dos cães restantes e o outro estalando o chicote e açulando os animais lá atrás, logo passaram a abominar aquela experiência, jurando jamais repeti-la. À medida que os cães iam morrendo, ou eram mortos por Wilson, que perfurava o coração deles com seu bisturi, os homens anotavam a morte de cada animal em seus diários como se fosse a morte de um amigo. Quando Wilson ficou incapacitado de executar a horrenda tarefa, por ter sido afetado pela cegueira da neve, Scott não quis assumi-la. Envergonhado dos próprios escrúpulos, escreveu: "É uma covardia moral da qual sinceramente me envergonho, e sei muito bem que meus companheiros detestam tudo isso tanto quanto eu… [Wilson faz] a minha cota desse trabalho sórdido". Sobrou, portanto, para Shackleton, mas o brutal sacrifício pelo menos valeu a pena.

Aliviados de boa parte da carga, os três conseguiram voltar a viajar pelo menos 1,5 quilômetro por hora. A rigor, ainda era devagar demais, porém muito melhor do que o resultado de seus esforços anteriores, e agora que o ir e vir tinha sido abandonado pelo menos toda a distância percorrida era para a frente. Mesmo assim, o sonho de chegar ao polo parecia se esvair, sobretudo porque a saúde de cada um entrou em declínio.

A cegueira da neve afligiu a todos, sendo Wilson o caso mais grave. Num dos olhos injetados de sangue, ele sentia repetidas punhaladas no globo ocular. Tentando descrever a aflição, ele escreveu: "Meu olho doía tão intensamente que eu não conseguia ver nada e mal aguentava a dor. Eu o "cocainizava" repetidas vezes. Jamais tinha sentido tanta dor no olho…". Nos anos 1970, durante uma expedição de treinamento no Ártico, passei por

situação bem parecida. Com a sensação térmica de –84ºC, o líquido natural dos meus olhos de fato congelou. Era pura agonia.

Houve momentos na viagem em que dois dos três homens ficaram cegos, e o terceiro fazia uso de um só olho. Para proteger os olhos doentes, Wilson passou a usar uma venda enquanto se arrastava e puxava a carga, com Scott lhe descrevendo o panorama, ainda que esse panorama, muitas vezes, se resumisse a uma brancura implacável estendendo-se até o horizonte.

Como se não bastasse, com os homens ingerindo vitamina C muito aquém do necessário, o escorbuto reapareceu. Shackleton foi o primeiro a apresentar sintomas, quando suas gengivas se inflamaram, e dias depois Scott e Wilson também foram acometidos, sentindo ainda fadiga e dores nas juntas e nos músculos. Na falta de fontes frescas de vitamina C, e de toda forma alheios ao fato de que a cura estaria nisso, os três perderam a esperança de evitar o próximo estágio da doença: mais músculos e ossos doloridos, dentes soltos, úlceras hemorrágicas e gangrenosas. Se não conseguissem vitamina C logo, a morte seria inevitável. Mas como obter isso num lugar tão ermo?

Felizmente, o dia de Natal trouxe aos homens uma folguinha. Scott abrandou as restrições sobre rações, e eles se banquetearam com fígado de foca e bacon no café da manhã e comida quente no almoço. Numa demonstração da importância da boa alimentação, os homens, naquele dia, avançaram mais do que tinham conseguido em semanas, andando dezessete quilômetros, motivo de comemoração naquela noite com uma caneca de cozido e uma surpresa especial oferecida por Shackleton.

Tendo escondido um pudim de ameixa dentro de uma meia sobressalente justamente para aquela ocasião, ele mostrou o tesouro aos boquiabertos Wilson e Scott. Naquele momento, não havia ninguém mais popular não só no continente, mas provavelmente em todo o planeta Terra. Foi o momento

de mais alto-astral em semanas, enquanto os três devoravam tudo, sem deixar sobrar uma migalhinha.

Ao fim de um dia produtivo de marcha, e com a barriga cheia, os homens se amontoaram dentro da barraca e conversaram sobre os dias vindouros. Estavam num raio de quinze quilômetros dos 82° sul e a cerca de 785 quilômetros do polo. Já tinham estabelecido um novo recorde nas viagens para o sul e estavam cientes de que os estoques de alimento e combustível só lhes permitiriam mais quatro dias de viagem de ida. Ficou decidido, portanto, que atravessariam os 82° sul em 29 de dezembro e voltariam para o *Discovery*. Como escreveu Shackleton, "não seria prudente irmos além".

Apesar de debilitados pela cegueira da neve e pelo escorbuto, Shackleton estava decidido a levar os homens além do paralelo 82. Lá na frente, puxava os trenós e incentivava Scott, Wilson e os cães derradeiros a seguirem em frente, forçando pernas e braços cansados através da neve. Graças a seu extraordinário esforço, eles alcançaram, em 28 de dezembro, o objetivo, atravessando o chamado "círculo mágico", mas, como anotou Scott, "quase acabamos com nossos recursos".

O paralelo 82 os deixou à boca de uma vasta enseada que seguia para oeste entre dois grupos de montanhas. Apesar de terem decidido voltar, perceberam que, com mais alguns quilômetros de labuta, talvez conseguissem ver suficientemente longe dentro daquela grande enseada para descobrir se se tratava apenas de uma baía ou de um canal cortando a orla. Essas informações poderiam ser essenciais para futuras expedições polares. Decidindo fazer uma última investida, Scott escreveu:

> Concluímos em nossas discussões, no entanto, que nunca se sabe o que pode ocorrer e decidimos, apesar das perspectivas pouco promissoras, esticar ao máximo nossos próprios limites. Como ficou provado, concluímos corretamente, pois se tivéssemos voltado daquele ponto teríamos deixado de ver uma das características mais importantes de toda a costa.

Mas Shackleton não conseguiu continuar. Precisava desesperadamente de um descanso depois de investir tudo para alcançar o paralelo 82. Decidiram deixá-lo para trás numa barraca, enquanto Scott e Wilson seguiam em frente, com a bênção dele. No último dia de 1902, eles partiram, esquiando na enseada, e, com a neblina e as nuvens se dispersando, confirmaram que, como não tinha um fim visível, a enseada de trinta quilômetros de largura só podia ser um estreito entre duas ilhas. Scott, a seguir, batizou-a de enseada Shackleton, como um consolo para o amigo. Além disso, deu a uma montanha próxima o nome de monte Markham, em homenagem ao fundador da expedição. Ao partirem nessa viagem final, Wilson e Scott estabeleceram outro recorde de 82°17' sul. Shackleton, no acampamento, só tinha alcançado os 82°15'. Pelo menos, apesar de todas as dificuldades, haviam estabelecido um novo recorde, viajando mais de 320 quilômetros para o sul.

Quando Scott e Wilson voltaram para a barraca de Shackleton, todos concordaram que tinham ido tão ao sul quanto seus corpos e suas provisões lhes permitiram. Naquelas circunstâncias, e sendo uma das primeiras equipes a tentar essa travessia, foi um bravo esforço. Apesar disso, o polo continuava a centenas de quilômetros de distância, uma conquista aparentemente impossível. Scott dever ter tido um "profundo senso de desapontamento" por não chegar mais perto, mas, quando deram meia-volta, Shackleton escreveu que era "um lugar maravilhoso, e justifica o esforço de chegar lá". Na verdade, eles tinham descoberto e mapeado quase 360 quilômetros de litoral virgem.

Porém, se não voltassem a salvo para o *Discovery* , ninguém saberia das paisagens que viram ou do recorde que estabeleceram. Mais uma vez, eles seriam submetidos ao teste da capacidade de resistência humana, sobretudo

Shackleton, que logo ficaria tão doente a ponto de não conseguir sequer ficar em pé.

---

A expressão inglesa "*dog eat dog*" designa uma situação em que as pessoas fazem qualquer coisa para alcançar um objetivo, mesmo que implique prejudicar os outros. (N. T.)

# 11.

O grupo agora precisava correr contra o tempo. As rações estavam no fim e eles precisavam voltar para o Depósito B, onde tinham deixado provisões — a mais de 150 quilômetros de distância. Mas localizar aquele ponto minúsculo não era nada fácil. Assinalado por uma única bandeira preta na vasta paisagem branca da Antártica, o depósito poderia facilmente ser soterrado pela neve ou ter a bandeira arrancada por um vendaval uivante. Além do mais, suas bússolas não indicavam uma variação magnética precisa, tornando a tarefa ainda mais complicada. Caso se atrasassem, suas escassas rações acabariam, e, nesse caso, a morte era certa. Como disse Wilson quando partiram de volta para o norte em 31 de dezembro de 1902: "Precisamos chegar ao depósito… antes de 17 de janeiro".

Durante quatro dias, o grupinho exausto exigia o máximo de cada músculo para andar uma média de treze quilômetros diários. Se pudessem manter esse ritmo, talvez chegassem a tempo no depósito. Mas, em 5 de janeiro, os homens foram obrigados a fazer todo o trabalho com a maioria

dos cães restantes andando na retaguarda, uma caravana canina totalmente inútil, sobrevivendo à base do canibalismo, cada vez mais reduzida numericamente. Em circunstâncias normais, talvez tivessem pensado em comer a carne dos cães para saciar a fome e, quem sabe, até evitar o escorbuto, mas acharam essa medida desaconselhável. Os cães estavam doentes, e os homens temiam que sua carne estivesse contaminada.

Começaram a desacelerar num ritmo alarmante, e enquanto isso nem sinal do depósito no horizonte. Lampejos de esperança eram repetidamente esmagados, e, embora ninguém falasse nisso, havia um temor real de que talvez não conseguissem voltar. Mas então, à meia-noite de 13 de janeiro de 1903, quando inspecionava o horizonte pelo telescópio do teodolito, Scott se emocionou ao avistar um ponto negro minúsculo na brancura de 360 graus. "Dei um pulo", escreveu ele, "e gritei: 'Rapazes, lá está o depósito'. Não éramos um grupo muito expansivo, mas acho que tínhamos uma boa desculpa para a selvagem alegria provocada por esse anúncio."

Naquela noite acamparam no depósito, onde tinham guardado provisões suficientes para catorze dias, tentando aproveitar ao máximo o descanso e a comida. Mas teriam de se manter até alcançar o Depósito A, o que exigia uma caminhada de pouco mais de onze quilômetros por dia, agora com o peso adicional dos esquis recolhidos neste segundo depósito.

Os animais restantes, nas palavras de Wilson, eram então "apenas um estorvo". O que certamente não ajudava em nada era o fato de o grupo ter optado por carregar alguns animais doentes em seus trenós, aumentando ainda mais o peso. Essa insensatez claramente precisava acabar, e um arrasado Scott teve de mandar matar os cães restantes. "Acho que todos teríamos chorado… no fim de um conto trágico", escreveu Scott. "Mal consigo escrever a respeito." Nem ele, nem Shackleton jamais esqueceram o

que tiveram de fazer com seus cães. Decidiram nunca mais repetir a experiência.

Diante de tristeza tão implacável, uma inovação, pelo menos, pareceu levá-los adiante. Usando o tecido do chão da barraca como vela, resolveram aproveitar os ventos fortes, na esperança de serem empurrados para o Depósito A. Infelizmente, os ventos sopraram na direção errada, e eles logo se perderam. Como escreveu Scott: "Não devemos estar longe do nosso depósito, mas não sabemos exatamente onde nos encontramos".

Lembro que passei por um problema parecido. Quando tentava atravessar o continente antártico com Mike Stroud, usamos paraquedas, em vez de panos de barraca, para tentar ganhar impulso. Foi letal. O vento era tão forte que fomos arrastados através de cinturões de sastrugi, sulcos irregulares de gelo cavados pelo vento, em velocidades perigosamente altas, com os nossos trenós tombando o tempo todo. Às vezes, nossas velas se prendiam em obstáculos de gelo, que nos seguravam, ou ficavam irremediavelmente emaranhadas, obrigando-nos a tentar desembaraçá-las sob o vento gélido. No fim, Mike e eu decidimos que elas eram perigosas demais para insistir em usá-las.

Mas, em 1996, quando tentava me tornar o primeiro homem a atravessar a Antártica sozinho e desassistido, utilizei-me de uma pipa. Meu rival norueguês, Børge Ousland, tinha entoado loas a esse método, e com ele fui capaz de colher ventos e viajar 187 quilômetros diários, sem gastar nem de longe a mesma quantidade de energia. Na verdade, preservei tanta energia que era uma luta ingerir minhas 1600 calorias diárias, e, a rigor, acabei descartando rações suficientes para oito dias, supondo que não iria precisar delas. Infelizmente, mesmo viajando a uma velocidade recorde, fui acometido de uma crise renal e tive de abrir mão da minha tentativa. De

toda forma, Børge Ousland ficaria com o recorde, fazendo a travessia em impressionantes 55 dias, tendo percorrido à vela três quartos da distância.

Agora perdidos em condições de ofuscação, e com o suprimento alimentar no fim, Shackleton, Scott e Wilson procuravam desesperadamente a bandeira preta do depósito. No entanto, com a visibilidade obscurecida pela neblina e a Barreira monótona se estendendo por centenas de quilômetros, era quase impossível localizá-la. Como disse Scott, era um "ponto muito pequeno num oceano de neve muito grande". Parecia que seria necessário um milagre para encontrarem a proverbial agulha no palheiro. Felizmente, receberam um.

Através de uma rápida brecha que se abriu na neblina, Scott viu o que lhe pareceu uma bandeira preta no horizonte. Apesar de a neblina se fechar segundos depois, Scott estava certo do que avistara. Sem perder tempo, marcharam rapidamente na direção de onde a bandeira tinha sido vista. Era sua derradeira esperança — tudo ou nada. Se chegassem lá e aquilo não passasse de uma miragem, estariam em sérios apuros. Para alívio geral, não fora uma ilusão de ótica. Era, de fato, o Depósito A e, com ele, a salvação.

Enquanto devoravam, triunfantemente, uma tigela de cozido quente logo depois de alcançarem o depósito, ficou claro, porém, que Shackleton tinha chegado ao seu limite. Arquejando muito e tossindo sangue, seu estado era lamentável. Embora o cozido lhe tenha permitido continuar marchando no dia seguinte, Wilson temia pelo bem-estar do amigo, escrevendo que ele "não está se sentindo bem".

O *Discovery* ainda estava a mais de 240 quilômetros de distância, mas as péssimas condições de saúde de Shackleton o impossibilitavam de puxar seu trenó. Sem uma queixa, Wilson e Scott assumiram a carga extra, observando, preocupados, enquanto o enfermo Shackleton seguia aos trancos, claramente angustiado. "O capitão Scott e o dr. Wilson não

poderiam fazer por mim mais do que fizeram", escreveu ele. "Todo o trabalho sobrou para eles, e, apesar de todas as dificuldades e ansiedades daquele momento, sempre exibiam uma expressão alegre."

Como era de esperar, a sobrecarga retardava a marcha dos homens, numa situação em que cada minuto era vital para a sobrevivência. Tudo o que não fosse essencial foi descartado no gelo, e os dois últimos cães acabaram abatidos. A carga mais leve ajudou um pouco Scott e Wilson, mas, a essa altura, Shackleton tinha dificuldade até mesmo para andar.

Tossindo sangue violentamente, Shackleton desabou em 18 de janeiro com dores no peito. Scott e Wilson montaram acampamento às pressas para que ele pudesse descansar, enquanto Shackleton pedia insistentes desculpas, sabendo que sua saúde deteriorada lhes custava caro; sentia-se humilhado por estar reduzido à condição de passageiro. Scott anotou que Shackleton "sente agudamente sua inatividade".

Um último e dramático lance de dados logo deu a Shackleton alguma chance de chegar ao *Discovery* . Restando apenas um par de esquis, ele resolveu tentar. Graças aos ventos fortes, e com o mínimo de esforço, ele descobriu que conseguia acompanhar Scott e Wilson. Depois de viajar mais de quinze quilômetros num dia e de o grupo alcançar outro depósito, a chaminé do Erebus indicou que eles estavam a apenas 160 quilômetros de Hut Point. Mas uma olhada para o esquelético Shackleton bastou para revelar a Scott que viajar de esqui com o estômago cheio talvez não fosse suficiente para salvá-lo. Escreveu: "Não há dúvida de que Shackleton está extremamente doente". O parecer médico de Wilson, enquanto isso, era de que ele se encontrava "totalmente incapacitado" para viajar.

Wilson estava tão preocupado, enquanto Shackleton perdia e recuperava a consciência, que disse a Scott que ele talvez não sobrevivesse àquela noite. Anos depois, Shackleton revelaria que ouvira as palavras de Wilson a Scott e

que isso lhe deu novas forças para mostrar que estavam errados. Contra todas as expectativas, o obstinado irlandês se levantou no dia seguinte e, quase sem ajuda, cambaleou até seus esquis e seguiu em frente.

Apesar dessa demonstração de tremenda força de vontade, aquilo não durou muito. Quando o amigo se cansou, Wilson o convenceu a se sentar no trenó para que o rebocassem. Shackleton sabia que não tinha escolha, mas a sensação de orgulho ferido foi arrasadora.

Arrastando Shackleton, Scott e Wilson também começaram a achar a viagem desesperadamente difícil. As pernas de Wilson ardiam, obrigando-o a manquejar, e os tornozelos de Scott incharam muito, em decorrência de semanas de marcha traiçoeira e dos efeitos do escorbuto. "Estamos tão acabados como três pessoas podem estar", confidenciou Scott em seu diário.

Em 3 de fevereiro, avançando aos trancos quilômetro após quilômetro, cada vez mais perto do navio, a silhueta de dois homens surgiu de repente. Eles acharam que devia ser miragem, ou que a cabeça confusa lhes pregava uma peça, mas, quando as condições melhoraram um pouco, viram que se tratava de Bernacchi e Skelton, que vinham recebê-los. Estavam salvos. Contudo, o deprimente aspecto dos homens pegou Bernacchi e Skelton de surpresa. "Estavam bastante desgastados e cansados", disse Bernacchi, "e Shackleton, muito, muito doente."

Depois de tamanhas provações, não era de surpreender que os homens barbudos, malnutridos e queimados pelo frio apresentassem aquela aparência. Durante 93 dias, marcharam 1536 quilômetros, a maior parte do tempo rebocando trenós, através do continente mais traiçoeiro do mundo. Nesse processo, também desvendaram, até certo ponto, um dos grandes mistérios do território. Em vez de massa de gelo flutuante, a Antártica era de fato um continente congelado, quase todo coberto de capas de gelo.

De volta ao *Discovery* , que ainda estava preso no gelo, mas com suprimentos recentemente reabastecidos pelo navio de socorro *Morning* , os "três cavaleiros polares" foram saudados com três rodadas de aplausos por homens dependurados no cordame. Subindo no navio com a ajuda de Koettlitz e Royds, o debilitado Shackleton foi imediatamente descansar, não sem antes tomar seu primeiro banho em 94 dias. Embora, mais tarde, tenha se levantado para participar com os outros tripulantes de uma refeição de três pratos, com sopa, carneiro e pudim de ameixa, estava tão exausto que não deu conta sequer de terminar o primeiro prato.

Shackleton estava orgulhoso de tudo o que conseguira. Agora de volta ao *Discovery* , achou que podia retornar a Emily como herói, como um verdadeiro recordista, já com uma reputação. Mas não seria assim tão simples.

# 12.

Embora a marcha para o sul estivesse concluída, com um novo recorde estabelecido, o *Discovery* ainda não podia partir. Encapsulada no gelo, a tripulação teria de esperar mais alguns meses pelo descongelamento. Não significa que não houvesse mais nada a fazer. Ainda faltava completar uma série de estudos científicos, sem falar em novas viagens de trenó para explorar o continente.

Nesse meio-tempo, Shackleton aproveitou a oportunidade para recuperar suas forças, ansioso para fazer a sua parte o mais plenamente possível nos meses seguintes. Ainda se sentia embaraçado por ter sido relegado à condição de passageiro na viagem de volta e, mais do que nunca, queria demonstrar seu valor.

No entanto, não muito longe do *Discovery* estava o *Morning* , o navio de socorro de Markham. Embora seu objetivo principal fosse fornecer novos suprimentos, assim como entregar a correspondência da tripulação, ele também poderia transportar qualquer homem incapacitado, ou aqueles que

simplesmente quisessem abandonar a expedição, de volta para a Nova Zelândia. Shackleton certamente não tinha planos de estar no navio de socorro na volta para casa. Na verdade, apesar de seu estado lamentável, quando Scott perguntou se alguém queria voltar, ele manteve a mão decididamente abaixada. Mesmo assim, Scott continuava muito preocupado com a saúde de Shackleton e pediu a Koettlitz, o médico-chefe, que o examinasse.

Koettlitz não descobriu danos permanentes e, talvez reagindo ao desejo do paciente de permanecer, disse a Scott que, na sua opinião, Shackleton não precisava ir embora. Scott não se convenceu. Tinha baixado uma instrução segundo a qual todos os oficiais do navio deviam "gozar de uma boa saúde que lhes permita ser convocado a qualquer momento para submeter-se a adversidades e situações de perigo". Exigiu, portanto, que Koettlitz lhe desse uma opinião definitiva sobre se Shackleton estaria em condições de chefiar uma viagem de trenó, ao que Koettlitz respondeu por escrito:

> O colapso do sr. Shackleton durante a viagem de trenó para o sul decorreu, em grande medida, na opinião do dr. Wilson, de contaminação por escorbuto. Estou de acordo; ele está praticamente recuperado, mas, em referência ao seu memorando sobre os deveres de um oficial executivo, não posso afirmar que esteja em condições de submeter-se a adversidades e situações de perigo neste clima.

Numa carta que escreveu para Scott Keltine, da Real Sociedade Geográfica, Koettlitz também revelou que Shackleton "fora acometido de uma espécie de asma". Embora Shackleton se recuperasse bem do escorbuto, esse estado subjacente ainda preocupava.

Wilson também seguia preocupado com o amigo. Assistira à rápida deterioração de Shackleton durante a viagem de volta, assim como às suas persistentes dificuldades de respirar e a seus acessos de tosse. Em sua opinião, era desaconselhável que Shackleton corresse o risco de passar um

segundo inverno. Levando tudo isso em conta, Scott informou a Shackleton que ele voltaria para casa no *Morning* .

Shackleton se sentiu humilhado. Não só precisou ser rebocado no trenó na etapa final da viagem como, agora, teria de abandonar o navio, descartado como inválido. Em vez de se orgulhar de tudo o que fizera e de voltar para casa como herói, agora o que ele menos se sentia era herói. Bernacchi escreveu que Shackleton ficou "profundamente decepcionado e faria qualquer coisa para ficar". Estava tão arrasado com a decisão de Scott que suplicou a Reginald Ford, encarregado de registros e relatórios, que trocasse de lugar com ele, para que pudesse ser de alguma utilidade numa função menos desafiadora. Ford rejeitou a proposta de Shackleton, que provavelmente não seria mesmo sancionada por Scott.

Quando se espalhou pelos conveses a notícia de que o popular Shackleton seria despachado de volta para casa, houve um grande desapontamento. Ciente do furor causado, Scott explicou que aquilo se dava puramente por razões de saúde. "É com grande relutância que ordeno sua volta", disse ele, "e tenho certeza de que ficará claro que o faço exclusivamente por causa de sua saúde e para que suas perspectivas futuras não sejam afetadas."

Fossem quais fossem as esperanças que alimentava, a expedição de Shackleton chegava ao fim. A seus olhos, tudo tinha sido em vão, e tudo era responsabilidade de Scott. Começou então, como muitos afirmam, uma rivalidade entre os dois, embora, para alguns, tenha começado antes.

Nos anos seguintes, houve muitos escritos sobre essa rivalidade, boa parte dos quais tendo origem na boca e na pena de Albert Armitage. Embora tenha escrito um livro sobre suas experiências no *Discovery* dois anos depois dos acontecimentos, nele Armitage não mencionou nenhuma disputa entre Scott e Shackleton. No entanto, com o passar dos anos, um casamento terrível e as pressões do serviço no mar tornaram Armitage cada vez mais

amargurado, sobretudo com Scott, por tê-lo deixado de lado na viagem para o sul.

Em 1922, quando Hugh Robert Mill escrevia a biografia de Shackleton, Armitage lançou uma bomba ao revelar o seguinte:

> Pouco depois de voltar da viagem ao sul, Shackleton me contou que Scott ia mandá-lo para casa e me perguntou se eu poderia intervir de alguma forma. Ele estava muito angustiado e não conseguia entender. Consultei Koettlitz e ele me informou que o estado de saúde de Scott era pior que o de Shackleton. Procurei então Scott e lhe perguntei se ia mandar Shackleton embora. Disse-lhe que não havia necessidade disso do ponto de vista da saúde, de forma que, depois de dar muitas voltas, ele acabou dizendo: "Se não voltar doente, ele voltará desonrado". Contei a Shackleton e prometi cuidar dos seus interesses.

Então Armitage acrescentou outra "lembrança" antiga, também revelada pela primeira vez:

> Durante o inverno, Wilson me contou a seguinte história, confirmada depois por Shackleton. Certa manhã, na viagem para o sul, Wilson e Shackleton estavam arrumando seus esquis depois de tomar café. De repente, Scott gritou para eles: "Venham aqui, seus idiotas". Eles se aproximaram e Wilson perguntou tranquilamente: "Você estava falando comigo?". "Não, Bill", respondeu Scott. "Então devia ser comigo", disse Shackleton. Não houve resposta. Ele então disse: "Ok, você é o maior idiota de todos, e toda vez que ousar falar comigo nesse tom vai ter volta". Antes de ir embora, Shackleton me disse que pretendia voltar para mostrar a Scott que ele — Shackleton — era melhor que Scott.

Será que Wilson, grande amigo de Scott e conhecido por sua lealdade, contaria uma história como essa para Armitage, de quem nunca foi muito íntimo? O historiador polar David Wilson, sobrinho-neto de Edward Wilson, não tem dúvida de que Armitage, amargurado em consequência de duas décadas difíceis, inventou essa conversa.

Na verdade, notas de autoria de Skelton, o maquinista-chefe do *Discovery* , também lançam dúvida sobre a confiabilidade de Armitage. "Armitage é um camarada peculiar", escreveu ele, "especialmente com relação a seus argumentos… Seus métodos nem sempre são genuínos." Após a morte de Armitage, Skelton foi ainda mais direto:

> Penso que o caráter de Armitage às vezes era muito amargo — ele achava que não tinha recebido o crédito que merecia por seu trabalho —, não era popular em nossa expedição nem em seu próprio serviço, a P&O. Scott era diplomático com ele, e nenhum de nós teve altercações. Ele alimentava esse complexo de inferioridade idiota da Marinha Mercante em relação à Marinha Real. Em sua vida particular, teve muitos azares. O irmão na MR , que conheci bem, preferiu cometer suicídio a enfrentar uma corte marcial por um crime sórdido. Sua mulher era "um mulherão", e o pobre Armitage, que ela deixou sem um centavo, era bom demais com ela. Em seus últimos dez anos de vida, depois que deixou a P&O, ele ficou sem dinheiro, amargurado com a falta de reconhecimento dos outros… Pessoalmente, nunca tive um desentendimento com ele, mas jamais me correspondi com ele, ou cheguei muito perto, e isso era verdade com todos nós no *Discovery* . Seus livros nem sempre são verdadeiros e não são grande coisa… ele tende a achar que tem direito a muito mais.

Por que Armitage inventaria essa história? Alguns acham que foi porque Scott, inadvertidamente, perguntou se ele também queria partir no *Morning*. O que Armitage não sabia era que Scott tinha recebido instruções confidenciais do Almirantado, por intermédio de Markham, para tentar convencer Armitage a voltar. Até hoje não se sabe bem por quê, mas, segundo as más línguas, teria a ver com a criança pequena da sra. Armitage e uma ameaça de escândalo envolvendo uma terceira pessoa. A tentativa de Scott de transmitir isso com jeito para o seu segundo foi um retumbante fracasso, e Armitage ficou achando que queriam expurgá-lo simplesmente porque ele, como Shackleton, era da Marinha Mercante. Escreveu depois: "Ainda bem que a minha nomeação era independente [de Scott]. Recusei terminantemente".

Outro mito incentivado, mas não inventado, pelo ressentido Armitage era sua "lembrança" de que Wilson, certa vez, lhe contou que "se desentendeu com Scott" durante a viagem para o sul, e que "isso" tinha a ver com o jeito de Scott tratar Shackleton. Em 1933, o autor George Seaver citou, aparentemente com base em documentos que a viúva de Wilson lhe permitiu ver antes de destruir, a mesma frase de Edward Wilson: "Ele se desentendeu com Scott". Alguns biógrafos de Scott usaram essa citação ambígua de Wilson, da qual não existe fonte escrita, para mostrar que

Wilson havia pedido satisfações a Scott sobre o jeito como tratava Shackleton. Não há nenhuma prova disso.

Nem existe menção nos meticulosos diários de Wilson, ou em nenhuma outra parte, de um incidente a que isso pudesse, de alguma forma, se referir. Mas essa história pífia citada por Seaver tem sido usada por gerações de historiadores polares como prova de que Wilson, em seu papel corriqueiro de pacificador entre todos os homens, criticou Scott por causa de um incidente específico ocorrido entre Scott e Shackleton ou, talvez, para advertir Scott sobre aspectos de sua conduta. Ou será que o assunto desse tête-à-tête teria sido as crises de mau humor, a impaciência e o pavio curto frequentemente confessados por Scott? Jamais saberemos; só podemos, no máximo, conjecturar.

No entanto, o que dispensa conjecturas, uma vez que os diários de Wilson, Scott e Shackleton estão disponíveis para o público em geral, é o fato de que, seja onde for, em nenhum deles, não existe menção a nenhuma disputa entre Scott e Shackleton naquela época. Já comentei que, ao escrevermos em nosso diário em tempos difíceis, tendemos a desabafar um pouco. No caso de Scott, conhecido por afundar em estados de espírito sombrios e por guardar rancor, é notável que, havendo algum problema com Shackleton, ele não escrevesse nada a respeito.

Na verdade, a carta de Scott para a mãe revela que ele não guardava nenhum rancor contra Shackleton. "Estou mandando embora todos os inúteis", escreveu ele, "e é um alívio me livrar deles. Exceto Shackleton, que é ótima pessoa e só é reprovado do ponto de vista das condições físicas."

Sei por experiência própria que o teste de fogo do comportamento entre os homens numa viagem tão longa e torturante vem no fim, quando então lhes é possível escapar da companhia uns dos outros. Na primeira noite após o retorno dos homens a suas cabines no *Discovery* , Gerald Doorly, um dos

oficiais no navio de socorro *Morning* , passava pelas cabines vizinhas de Scott e Shackleton quando ouviu Scott gritar: "Ei, Shackles, o que acha de umas torradas com sardinha?". Isso dificilmente corrobora os boatos sobre desentendimento, menos ainda sobre hostilidade, entre os dois.

Além disso, na época em que Scott mandou Shackleton para casa, os cerca de setenta homens do *Discovery* , e do navio de socorro, se misturavam socialmente e contavam fofocas, como membros de expedição têm o hábito de fazer, tentando obter informações de primeira mão. Os tripulantes que iam ficar na Antártica por mais um ano fizeram anotações subsequentes em seus diários, ou escreveram cartas para entes queridos. Muitos diários dos homens, bem como uma série dessas cartas (incluindo 56 escritas pelo loquaz Charles Royds), foram examinados, minuciosa e repetidamente, em anos posteriores, por biógrafos de Scott em busca da mais leve menção ao suposto desentendimento entre Scott e Shackleton. Nenhum aponta algum ressentimento. A única ilação, entre todos os homens a bordo, de que pode ter havido algo mais por trás da decisão de Scott do que razões médicas vem do biólogo Thomas Hodgson, que escreveu: "Ouvi dizer que é verdade, como suspeitei, que sentimentos pessoais são a verdadeira razão para a partida de Shackleton". Mas como poderia Hodgson saber? Certamente não seria por intermédio de Wilson, nem de Scott, de forma que só podemos atribuir essa ilação a informações sussurradas ao pé do ouvido, que vão sendo distorcidas à medida que passam de boca em boca.

A passagem do tempo já sepultou a verdade, mas, ao mandar Shackleton de volta, Scott escreveu para a Real Sociedade Geográfica: "O sr. E. H. Shackleton, que para meu desgosto está retornando, pode ajudar muito a explicar os detalhes da nossa posição e dos nossos requisitos para o futuro".

Se Scott tivesse de fato um problema com Shackleton, acho que não teria confiado nele para ser o porta-voz da expedição até que ele próprio

retornasse pessoalmente. Na minha cabeça, não duvido de que Scott estivesse preocupado com a saúde de Shackleton e, ciente de tudo o que ele tinha feito, achasse melhor sua volta para casa. Isso, claro, não servia de consolo para Shackleton.

Em 1º de março, um Shackleton instável deixou o *Discovery* sob céus apropriadamente cinzentos. Enquanto ele caminhava sombriamente pelo gelo em direção ao *Morning* , seus compatriotas, em meio aos quais se tornara tão popular, subiram no cordame para fazer acenos de adeus, tristes de vê-lo partir. "Não consigo escrever muito sobre isso", anotou Shackleton, "mas fiquei mais tocado do que sou capaz de expressar quando os homens vieram ao convés e me deram três vivas de despedida."

No dia seguinte, o *Morning* deixou o *Discovery* para trás e partiu com destino à Nova Zelândia. Shackleton, homem orgulhoso, que tinha sonhado em conquistar para si nome e fortuna, chorou. Achava que tinha desapontado a si mesmo e Emily. Ela só o esperava de volta dentro de mais um ano, e agora ele chegaria bem mais cedo em casa, e, pelo menos a seus olhos, fracassado. Fosse qual fosse o verdadeiro motivo de Scott para ter mandado Shackleton de volta, uma coisa ele conseguiu: até o dia de sua morte, os dois seriam rivais.

# 13.

Depois de atracar em Christchurch, Shackleton fez a longa viagem de volta para a Grã-Bretanha via San Francisco. Naturalmente, não estava em seu melhor humor, como pode ser percebido pelos comentários não muito caridosos que escreveu em seu diário sobre os companheiros de viagem:

> "Há um razoável número de passageiros a bordo, mas eles me parecem uma turma bem chata e desinteressante", resmungou para Emily. "Há um ou dois indivíduos perto dos quais decidi que não vou sentar: pois ao subirem no trem não faziam mais do que rosnar e falar de si mesmos. Mais! Mais! Sobre vocês mesmos!"

É claro que, depois de aventuras como a sua, outros assuntos de conversa talvez parecessem comparativamente sem graça. De todo modo, ele dificilmente tinha vontade de conversar naquele momento. Em vez de tentar divertir os outros com suas histórias fabulosas, pelo menos por ora ainda havia muito desconforto. A aguda sensação de fracasso e ressentimento continuava a consumi-lo por dentro.

Após quase dois anos de ausência, Shackleton finalmente voltou para casa em junho de 1903. A essa altura, pelo menos, começava a parecer o Shackleton de antes, tendo tido a oportunidade de organizar os pensamentos, de descansar e de desfrutar de algumas refeições substanciais. Apesar da própria sensação de fracasso, ficou aliviado ao ver que Emily ainda o considerava um herói e certamente queria se casar com ele. No entanto, uma das outras razões para participar de expedições era formar seu patrimônio, a fim de manter Emily no padrão a que estava acostumada. Tinha até feito essa promessa por escrito ao pai dela.

Despachado para casa mais cedo e recebendo uma ninharia enquanto estava ausente, ele agora temia a possibilidade de lidar com um buraco negro financeiro. Felizmente, no que dizia respeito a Emily, seu falecido pai tinha deixado para ela uma renda de setecentas libras esterlinas por ano (40 mil hoje), então a situação não era tão desesperadora. Na verdade, essa quantia representava o triplo do que Shackleton ganhara no *Discovery* . Mas ele achava humilhante. Ele queria não só poder sustentar a futura esposa; queria ser o arrimo de família.

As escolhas que Shackleton tinha diante de si eram muito duras. Podia voltar para o mar, possivelmente para um transatlântico da Castle, mas isso parecia mais um retrocesso do que um passo para a frente dentro das perspectivas que tinha aventado. Afinal, ele era um recordista e enfrentara situações que quase lhe custaram a vida. Tinha direito a achar que talvez houvesse uma recompensa por tudo isso. Em vez de olhar para trás, agora buscava novas oportunidades.

Shackleton esperava que a experiência de expedição ajudasse a acelerar seu progresso na hierarquia da Marinha Real. Confiando em Markham e em seus tantos contatos, Shackleton tinha certeza de que um pedido seu teria tratamento prioritário, particularmente por causa dos elogios efusivos de

Markham ao seu desempenho no *Discovery* . "O capitão Scott fala do sr. Shackleton como um 'prodígio de energia inteligente'", escreveu Markham. "Não se cansa nunca, está sempre animado e é extremamente popular. Continuou merecendo a confiança e a calorosa aprovação do capitão Scott por sua aplicação e prestatividade durante a viagem, e acompanhou seu comandante na memorável viagem de trenó ao sul."

Apesar desses elogios efusivos, o pedido de Shackleton foi indeferido. Embora talvez tenha culpado a si mesmo, ele não ficaria sabendo que o homem que Markham abordara em seu nome, sir Evan MacGregor, o servidor civil mais influente do Almirantado, não chegava a ser um fã de Markham, e portanto não tinha nenhuma intenção de lhe fazer favores. Assim, o pedido de Shackleton foi rejeitado quase sem que se dignassem a examiná-lo.

Outra oportunidade de voltar ao mar chegou a despertar o interesse de Shackleton. Com o *Discovery* ainda preso no gelo antártico, o Almirantado pensou em mandar um navio em auxílio. Como conhecia o continente e suas condições muito melhor do que a maioria, Shackleton foi sondado para servir como imediato a bordo do navio de resgate *Terra Nova* .

Era de se esperar que Shackleton aproveitasse a oportunidade. Numa dramática inversão de papéis, ele passaria a ser o salvador de Scott, depois de ter sido mandado de volta para casa como inválido. Na verdade, um médico do Almirantado o aprovara como "apto para serviço na Antártica". Mas ele recusou. Embora não haja nenhum registro escrito que nos ajude a deduzir suas razões, talvez ter de passar mais alguns meses longe no mar quando planejava um casamento o fizesse pensar melhor. Porém ele viajou a Dundee para dar conselhos sobre como equipar o *Terra Nova* para as condições antárticas, e o navio partiu no fim de agosto de 1903.

Logo depois a expertise antártica de Shackleton voltou a ser convocada, quando o navio de Otto Nordenskjöld, o *Antarctic* , afundou após ter sido esmagado pelo gelo no mar de Weddell. Com o capitão e os tripulantes presos num bloco de gelo à deriva, à mercê das intempéries, a situação era desesperadora. Ansioso para ajudar, Shackleton aconselhou o grupo de resgate internacional da melhor maneira que pôde, e, como resultado, Nordenskjöld e seu grupo foram todos resgatados com sucesso.

Apesar de tudo, as oportunidades de ganhar dinheiro eram raras. Shackleton tinha achado que os empregadores viriam derrubar sua porta quando soubessem de suas proezas, mas, em vez disso, o que houve foi silêncio. Tentando desesperadamente resolver a situação perigosa, ele acabou percebendo que estava numa posição ímpar e que sua fortuna potencial, na verdade, era uma coisa óbvia.

Shackleton tinha sido designado porta-voz da expedição até que Scott voltasse. De repente, ele se deu conta de que, com Scott provavelmente permanecendo preso no gelo por algum tempo, poderia imprimir à narrativa o tom que quisesse. Assim, poderia falar de si mesmo como o herói recordista e ficar com todos os louros e aproveitar todas as oportunidades. Isso, claro, teria de ser feito antes de Scott voltar e contar sua própria versão dos fatos. Sem perder um segundo, Shackleton se pôs à disposição para dar palestras e escrever artigos para jornais e revistas sobre sua experiência, sendo entusiasticamente aplaudido.

Já sabemos que Shackleton era bom escritor. Afinal, já tinha escrito um livro, além de editar o jornal mensal da expedição, o *South Polar Times*. Com floreios de genuíno contador de histórias, seus artigos sobre a expedição foram, consequentemente, muito bem recebidos, embora Bernacchi, mais tarde, viesse a comentar que ele tinha “dado um jeito de se

promover consideravelmente. Segundo vários relatos, ele parece não estar sendo muito honesto". Para Shackleton, claro, esse era exatamente o objetivo.

Embora Shackleton contasse bem sua história na imprensa escrita, o que realmente o tornava especial era o dom de falar em público. Desde sempre grande contador de histórias, agora tinha uma história maravilhosa para contar. Tentando vender a imagem de si mesmo como o bravo herói que conquistava terras desconhecidas, as plateias começaram a aparecer em grandes levas, e com isso surgiram as oportunidades pelas quais esperava.

Anunciado em toda parte, graças à sua popularidade crescente, foi abordado pela Tabard Cigarette and Tobacco Company, que tinha uma loja na rua New Burlington de Londres. Ansiosos para ganhar dinheiro explorando o nome de Shackleton, convidaram-no para entrar no negócio, dando a entender que talvez um dia pudessem oferecer ações na Bolsa de Valores. Esse sonho nunca chegou nem perto de tornar-se realidade, mas para Shackleton já era alguma coisa ter uma pequena participação num negócio pelos próximos anos, em troca de pouco ou nenhum trabalho.

Apesar disso, Shackleton achava necessário provar alguma coisa para si próprio, e talvez até mesmo para Scott. Percebeu que só participando de outra expedição conseguiria superar esses sentimentos de dúvida sobre o próprio valor. De olho numa próxima aventura, ofereceu seus serviços ao capitão Joseph-Elzear Bernier, marinheiro canadense que pretendia chegar ao polo Norte em 1904. Infelizmente, a expedição jamais se materializou.

Com novas portas se fechando, e já perto dos trinta anos, Shackleton se voltou para outra habilidade que talvez conseguisse transformar em atividade de tempo integral. Depois do relativo sucesso do seu livro e do *South Polar Times* , bem como dos artigos sobre o *Discovery* , imaginou que poderia ter êxito como jornalista. Parece que outros achavam o mesmo, pois

no outono de 1903 foi designado subeditor da *Royal Magazine* , revista mensal que oferecia matérias leves para um público de classe média.

Shackleton, sem dúvida, era capaz de escrever, mas logo ficou claro que a função de subeditor não era sua praia. Em vez de escrever artigos, sua tarefa era editar e copidescar artigos alheios, o que não combinava com alguém que sempre quis ser protagonista. Aborrecido e inquieto, parecia passar a maior parte do tempo no escritório brindando a equipe com histórias de suas próprias aventuras, o que levou o editor Percy Everett a dizer: "Não há quem saiba contar uma história tão bem. Ele nos fazia ver as coisas de que falava e nos enfeitiçava". No entanto, apesar de encantado com Shackleton, Everett tinha lá suas dúvidas. "Foi o sujeito mais sociável que conheci até hoje", disse, mas "seu conhecimento do lado técnico da produção de uma revista era zero".

As ambições jornalísticas de Shackleton chegaram ao fim depois de meros três meses. Ficar preso a uma escrivaninha não combinava nada com alguém que só pensava em aventuras e gostava de ser o próprio patrão. Talvez um elemento-chave em sua decisão tenha sido o fato de o cargo de secretário da Real Sociedade Geográfica Escocesa (RSGS, NA SIGLA EM INGLÊS ) ter ficado vago, uma oportunidade, a seu ver, muito mais sedutora. Para sua grande alegria, descobriu que tinha um aliado dentro da instituição, preparado para mexer os pauzinhos e garantir que ele fosse escolhido.

John George Bartholomew, um dos fundadores da RSGS vinte anos antes, achava que o irlandês não convencional, com experiência de uma expedição recordista, nada menos que isso, talvez fosse exatamente o tipo de dínamo capaz de trazer a estéril RSGS para o novo século. Tanto Markham quanto Hugh Robert Mill, amigo de Shackleton do *Discovery* , com quem continuava mantendo contato regular, também deram ótimas referências.

Na verdade, a lealdade e o entusiasmo de Mill eram tão grandes que ele ameaçou desligar-se da RSGS se não dessem o emprego a Shackleton.

Em janeiro de 1904, o felicíssimo Shackleton foi nomeado secretário da RSGS , apesar do modesto salário de duzentas libras esterlinas por ano (cerca de 11 mil hoje). O cargo implicava mudança para Edimburgo, com a noiva Emily a tiracolo, onde alugaram uma casa em South Learmonth Gardens, número 14. Apesar de muito animado com a oportunidade, não era exatamente a grande riqueza que tinha prometido à mulher. Esperando redimir-se no futuro, escreveu: "Eu só queria poder lhe dar muito, querida, mas as coisas vão acontecer e logo estaremos melhor", e "meu amor é tão forte que redimirá a pobreza do resto de mim". Apesar disso, pelo menos o emprego na RSGS dava prestígio, e Shackleton o via como primeiro passo para coisas maiores. A função, sem dúvida, oferecia possibilidades estonteantes, sobretudo porque ele passaria a conviver socialmente com pessoas como William Beardmore, um dos empresários mais ricos da Escócia, que, nas palavras de Mill, "tinham as chaves de muitas fechaduras".

Em 11 de janeiro de 1904, quando Shackleton chegou para trabalhar em seu rebelde terno de tweed, o melancólico escritório da RSGS na Queen Street de Edimburgo não fazia ideia do que vinha pela frente. Anteriormente, o escritório tinha um ar quase fúnebre, com muitos funcionários satisfeitos em viver presos ao passado e governados por uma tradição obsoleta. Na verdade, Shackleton se referia cruelmente a um dos membros do comitê como "Druida Antigo" e dizia de Finlay, o secretário interino, que "o tato e o bom humor estavam de férias quando a vida de Finlay exigiu sua parte". Decidido a trazer mudanças, tomou conta do escritório como um tornado, causando a maior comoção quando saiu em busca de firmas locais para *anunciar* na revista da sociedade, enquanto muitos achavam inaceitável seu apego a uma máquina de escrever e a um

telefone. Shackleton ignorava essas críticas. Tinha sido contratado exatamente para isso e adorava ofender um pouco. Em carta para Mill, disse: "Você morreria de rir se visse o rosto deles, quando o toque do telefone os incomodava".

Depois de proferir uma fascinante palestra no magnífico Synod Hall de Edimburgo, Shackleton instituiu uma série bem popular de palestras anuais em pontos importantes de Aberdeen, Dundee e Perth. O público médio desses eventos variava entre 250 e 1630 pessoas, e o número de filiados também aumentou, rendendo muito dinheiro para a RSGS . Se antes havia dúvidas sobre o irlandês malandro, elas foram dissipadas.

No sábado, 9 de abril de 1904, Shackleton finalmente realizou uma de suas grandes ambições: casar com Emily Dorman. Na Christ Church, Westminster, o feliz casal, Shackleton agora com trinta anos, Emily com quase 36, fez suas promessas solenes diante de amigos e parentes. Para ele, foi o clímax de sete anos de esperanças e sonhos. Seu rosto largo transbordava de felicidade, como se ele tivesse conquistado o próprio polo Sul. Já Emily acabara aceitando o fato de que o homem com quem casara seria sempre um "meninão". Apesar das boas intenções de Shackleton, Emily sabia que uma vida doméstica não servia para ele. Ela jamais conseguiria acorrentá-lo, nem tinha intenção de fazê-lo. Como afirmou mais tarde: "Jamais, intencionalmente, acalmei seu espírito ardente ou tentei prendê-lo à vida doméstica que tanto significava para mim". Shackleton teve uma sorte extraordinária ao encontrar uma mulher como Emily.

Passando a lua de mel nas Highlands no fim daquele verão, os recém-casados jogaram golfe em Dornoch, com Emily sempre controlando o jogo. Logo depois, e para sua grande alegria, Emily descobriu que estava grávida. Parecia que Shackleton tinha tudo o que sempre quis. Como disse a si mesmo: "Fico tão feliz pensando nos momentos que o futuro nos reserva".

Contudo, como sempre acontece com os exploradores, uma vez atingida uma meta, a atenção logo se volta para a seguinte. O emprego de Shackleton na RSGS devia estimular sonhos de novas conquistas, mas encontrar uma expedição adequada era tarefa complicada. Nenhuma até então despertara seu interesse verdadeiramente, pois a maioria não lhe oferecia a oportunidade de glória que tanto desejava. Mas e se encabeçasse sua própria expedição?

Em julho de 1904, Shackleton conheceu William Speirs Bruce, veterano de cinco viagens à Antártica. Bruce tinha se oferecido para participar da expedição do *Discovery* , mas fora recusado por Markham, sem dúvida por não ser homem da Marinha. Sem se deixar abater, Bruce lançara sua própria expedição ao gelo, arrecadando o dinheiro necessário de patrocinadores privados, muitos dos quais escoceses. Em sua expedição, havia descoberto muitos quilômetros de litoral, registrado o número notável de 1100 espécies e estabelecido a primeira estação meteorológica permanente na Antártica, na ilha Laurie. Embora Shackleton estivesse ansioso para trocar histórias sobre o continente, foi o fato de Bruce chefiar a própria expedição, depois de ter sido preterido por Scott, que realmente despertou seu interesse. O que o impedia de fazer o mesmo? Percebeu que conhecia muitos dos patrocinadores de Bruce e, igualmente importante, que gostavam dele. Melhor ainda, sabiam do seu sucesso no *Discovery,* graças à sua série de palestras e artigos.

Com esse pensamento na cabeça, chegou a notícia do esperado retorno do *Discovery* à Grã-Bretanha. Dezoito meses haviam transcorrido desde que Shackleton vira Scott pela última vez, e, apesar de ainda não haver sinais de nenhum ressentimento real contra ele, não havia dúvida de que desejava ardentemente mostrar que Scott estava errado, e chefiar uma expedição própria serviria exatamente para isso.

Em 16 de setembro de 1904, Shackleton foi a Londres dar as boas-vindas a Scott e sua tripulação. Diante de multidões eufóricas, Scott foi saudado como herói nacional, promovido a capitão, e claramente recebeu os aplausos que Shackleton tanto desejava para si próprio. Ao ver Scott coberto por chuvas de elogios, Shackleton compreendeu que seu tempo como centro das atenções tinha acabado. Scott era agora o menino de ouro, o que só fortaleceu a determinação de Shackleton de agir sozinho.

Durante um almoço, os dois homens tentaram ignorar o incômodo passado e falar de suas ambições futuras. Scott disse francamente a Shackleton que pensava em, um dia, voltar à Antártica para chegar ao polo. Shackleton lhe desejou boa sorte, mas disse que não tinha planos de retornar, declarando: "Estou casado e sossegado. Até considerei me incorporar a alguma outra expedição em algum momento, mas desisti da ideia, pois parece não ter dinheiro envolvido. Só destruiria minha vida, se eu fosse capaz de aguentar, o que Wilson diz que não sou".

Apesar disso, Shackleton já fazia planos para retornar à Antártica e esperava chegar antes de Scott. Como seu velho amigo dos tempos do *Discovery* Hugh Robert Mill escreveria depois, "ele tinha resolvido, naquela época, provar que, de forma alguma, era inapto para o serviço polar, partindo novamente à frente de uma expedição". E, dessa vez, Shackleton seria dono do próprio destino.

# PARTE TRÊS

*Um burrico vivo*

# 14.

Ser parte e chefiar uma expedição são duas coisas muito diferentes. Você não está indo só pelo passeio, concentrado num papel específico, mas é o responsável por todos os aspectos, desde o recrutamento da tripulação até a compra de um navio. E tudo isso leva tempo, particularmente se você tiver de arrecadar uma tremenda soma de dinheiro. Ginny e eu levamos mais de sete anos para conseguir os mais de 30 milhões de libras esterlinas em doações e patrocínio de 1400 empresas, necessários para a nossa recordista expedição Trans Globe. Assim sendo, embora alimentasse esperanças de vir a chefiar sua própria expedição, Shackleton estava prestes a aprender algumas lições muito duras.

Se quisesse transformar o sonho em realidade, ele precisava, desesperadamente, atrair dinheiro. Sem isso, a perspectiva de retornar ao sul era assunto morto. Mas, depois de distribuir para contatos endinheirados um folheto inicial de quatro páginas sobre seus planos, não conseguiu

arrecadar um centavo de investimento. Foi um golpe, mas ele não desanimou.

Avaliando quais seriam, potencialmente, os benfeitores mais ricos e generosos, ele fixou sua atenção em William Beardmore, um magnata dos transportes marítimos de Glasgow, que começava a investir no futuro: a fabricação de carros. Eles se conheceram numa função da RSGS, e Shackleton se hospedara no castelo de duzentos anos de propriedade de Beardmore nos arredores de Glasgow. Embora a princípio tivesse tentado cair nas graças de Beardmore na esperança de conseguir um emprego em seu vasto império, logo se deu conta de que aquele era o homem que poderia financiar seus sonhos. Além disso, Shackleton mantinha um relacionamento amigável, platônico, com a jovem mulher de Beardmore, Eliza (que preferia ser chamada de Elspeth). Com tudo isso a favor, Shackleton tinha certeza de que poderia convencer Beardmore a bancá-lo.

Nesse meio-tempo, outra oportunidade surgiu do nada, como um raio.

Graças à popularidade de Shackleton, ao apelo do seu jeitão informal, ao dom de falar em público, o Partido Liberal Unionista enxergou nele alguém que poderia ter futuro na política. Shackleton aceitou um encontro com sir John Boraston, o agente do partido, e foi convidado a candidatar-se a membro do Parlamento por Dundee nas próximas eleições gerais. Shackleton logo reconheceu que a função lhe daria o prestígio com que sonhava. Só havia um problema: ele não tinha convicções políticas firmes, nem paixão por esse papel. Talvez Mill tenha resumido da melhor maneira possível quando descreveu o mais recente objetivo de Shackleton como "uma bela aventura e uma tremenda travessura", com Shackleton concordando em candidatar-se, mas sem, na verdade, entender onde estava se metendo.

No que dizia respeito a Dundee, o Partido Liberal Unionista era caso perdido. Aparecendo, de início, como uma dissidência do Partido Liberal, os unionistas se limitavam agora a parceiros minoritários do aristocrático e localmente odiado governo conservador. Além disso, a joia da coroa do governo, politicamente falando, consistia em opor-se ao governo autônomo para a Irlanda. Nessa época, Dundee tinha uma grande população irlandesa que inundara a cidade à procura de emprego. Era improvável que esse tipo de política os conquistasse. Dundee era também uma cidade de classe trabalhadora, de operários de fábrica mal remunerados, quase sempre vivendo em condições tenebrosas, identificando-se cada vez mais com o emergente Partido Trabalhista, que prometia lutar por seus direitos. A maré, portanto, já estava virando contra os conservadores e, por extensão, contra os unionistas, não só ali, mas também em grande parte do país. Em suma, Shackleton praticamente não tinha chance de eleger-se.

Apesar disso, ele achava que nada tinha a perder. Imaginava que podia tentar ser eleito enquanto continuava em sua função na RSGS e tentava montar uma expedição. Parecia ambicionar várias coisas incompatíveis ao mesmo tempo, mas logo ficou claro que não seria possível. Devido a um conflito de interesses, a RSGS informou Shackleton que, se ele quisesse concorrer a uma vaga no Parlamento, teria de renunciar ao cargo de secretário.

Depois de avaliar suas opções, Shackleton decidiu que uma vida na política era a sua praia, dizendo a Mill:

> Com a vida pela frente, e força e esperança, todos esses elementos que o tempo tomará de volta, posso alcançar alguma coisa antes do período no qual a vida perde o frescor, e a força desaparece, e a esperança foge, ou, se não foge, assume a atitude respeitável da resignação.

Em janeiro de 1905, ele renunciou ao cargo na RSGS , onde tinha causado grande impacto. Foi um erro tremendo. Não só não tinha a mínima chance

de ganhar, como nenhuma eleição geral fora convocada. Na verdade, o governo de coalizão vinha fazendo de tudo para evitar a convocação de uma eleição, ciente de que, se o fizesse, muito provavelmente perderia.

Sem eleição para disputar, e de saída da RSGS , Shackleton virou pai em 2 de fevereiro daquele ano, quando Emily deu à luz o filho, Raymond. Apesar de orgulhoso, alegando que o bebê tinha "grandes punhos para o combate", havia agora mais uma boca para alimentar, e ele estava desempregado, tudo por culpa sua. Em pânico, percebeu que precisava encontrar logo outra fonte de renda e deixar resolutamente de lado qualquer ideia de liderar uma expedição.

Mais uma vez, o jornalismo voltou a ser uma opção. Shackleton foi convencido por Niels Grøn, empresário dinamarquês, a investir quinhentas libras esterlinas (29 mil hoje) em sua agência de notícias, a *Potentia* , que prometia contar a "verdade". "Acho que vai ser a grande onda do futuro", disse ele a Emily, muito animado. Mas logo Grøn esbanjou o dinheiro e nenhuma edição de *Potentia* jamais foi publicada. Outro sonho estilhaçado.

Apesar da esperança de vir a chefiar uma expedição, Shackleton estava tão desesperado que pensou em participar da expedição de Michael Barne, cuja intenção era voltar à Antártica para explorar a Terra de Graham, uma extensão da Antártica que se projeta para o norte em direção ao extremo sul da América do Sul, ainda relativamente inexplorada. Mas depois de conversar sobre o assunto com Markham, Shackleton descobriu que quase ninguém se interessava em financiá-la. De novo, estava de volta ao ponto de partida.

Mas o golpe mais doloroso que Shackleton recebeu em seu *annus horribilis* talvez tenha sido desferido em outubro de 1905. Scott finalmente publicara seu livro, *The Voyage of the Discovery* [A viagem do *Discovery* ], mas, para Shackleton, aquela não era uma leitura agradável. Apesar de ter

conseguido traçar um retrato lisonjeiro de si no circuito de palestras, ficou horrorizado ao ler a avaliação que Scott fazia dele.

Scott escreveu que Shackleton tinha sido um "inválido" que precisou ser carregado num trenó, deixando de mencionar que ele fora acometido de escorbuto, ou mesmo que tinha, bravamente, seguido em frente de esqui quando Wilson já o julgava à beira da morte. Em vez disso, ficou parecendo que a viagem tinha sido demais para o debilitado Shackleton, com Scott declarando: "Fui o menos afetado no grupo". Em nome da moralidade pública, Shackleton escolheu suas palavras com cuidado. Embora dissesse a Scott que o livro era "lindamente preparado e esplendidamente bem escrito", a crítica doeu. Era como se uma ferida tivesse sido cutucada com ferro quente. Acontecesse o que acontecesse, apesar das aparições públicas, estava decidido a corrigir Scott. Mas, antes mesmo de poder pensar nisso, havia finalmente uma eleição a disputar.

Em dezembro de 1905, Balfour renunciou como primeiro-ministro, e a eleição foi marcada para 16 de janeiro de 1906. Vendo aí uma chance de escapar de novos constrangimentos, Shackleton mergulhou de corpo e alma na campanha eleitoral, assistindo a 56 reuniões políticas em apenas três semanas. Seu jeito cativante, sem dúvida, conquistou muitos eleitores, com o *Dundee Courier* elogiando sua "personalidade alegre e seus modos sedutores". Digna de atenção foi sua resposta à pergunta "O senhor defende o voto para as mulheres?". Com olhar brincalhão, ele levou os dedos aos lábios e sussurrou: "Silêncio! Minha mulher está aqui".

Apesar do sucesso das piadas, Shackleton chamou pouca atenção da população irlandesa ou das classes trabalhadoras. Sendo ele próprio irlandês, tentou convencê-las da oposição do partido ao governo autônomo, declarando: "Sou irlandês e me considero um patriota de verdade quando digo que a Irlanda não deveria ter governo autônomo". Esse comentário

atraiu para Shackleton a ira dos desordeiros no meio da multidão. Talvez sentissem que ele não estava sendo sincero, pois seu pai era um grande defensor do governo autônomo, bem como seus irmãos e irmãs. De qualquer maneira, ele precisava de muito mais malícia e inteligência para se envolver num assunto tão incendiário.

Para surpresa de ninguém, salvo talvez dele próprio, tanto Shackleton quanto os liberais unionistas levaram uma surra na eleição. Os conservadores caíram tão profundamente em desgraça que Balfour se tornou o primeiro e único primeiro-ministro a perder sua cadeira local. Shackleton chegou num distante quarto lugar em Dundee, com apenas 13% dos votos. A única pessoa que ficou atrás dele foi o candidato conservador. Era tudo muito previsível, mas ainda assim Shackleton pulou dentro da fogueira sem estudar a oportunidade da forma devida, de tão obcecado que estava em sua busca por prestígio e fortuna. Ferido e um tanto humilhado, pelo menos manteve o senso de humor, comentando: "Recebi todos os aplausos e os outros camaradas receberam todos os votos". Infelizmente, aplausos não pagavam contas.

Tendo borboleteado de uma maluquice para outra desde que tinha chegado em casa três anos antes, Shackleton jamais desistia dessa busca de 360 graus. Quando a terrível Guerra Russo-Japonesa parecia estar chegando ao fim, com mais de 200 mil mortos em apenas dezoito meses, os humilhados russos precisavam desesperadamente de ajuda para retirar milhares de marujos dos combates no sul da Manchúria. A única maneira de fazê-lo, ao menos aparentemente, seria por via marítima, de forma que os russos vinham alugando todos os navios mercantes disponíveis para ajudar nessa gigantesca tarefa.

Vendo nisso uma oportunidade, Shackleton e um consórcio formado por Thomas Garlick, contador, e George Petrides, irmão de um velho amigo dos

tempos de escola, decidiram fornecer o transporte para ajudar na evacuação de 40 mil russos do porto de Vladivostok. O possível acordo prometia pagar de doze a quarenta libras esterlinas por cabeça, dependendo da patente. Shackleton escreveu, animado, para Emily: "Há uma chance de nossa pequena empresa de barcos a vapor fechar um grande negócio dentro de poucos dias. Isso significaria 10 mil libras esterlinas para mim, mas não posso entrar em detalhes agora. É muitíssimo animador". Ele não percebeu, entretanto, que era apenas um peãozinho no tabuleiro de um jogo muito maior.

Naquela época, os russos estavam negociando um contrato bem mais amplo com uma grande empresa germano-americana de transporte marítimo e tentavam derrubar os preços. O fato de gente como Shackleton aceitar preços mais baixos deu aos russos poder de barganha para fechar o contrato que queriam com a empresa.

Mais uma vez, Shackleton se viu numa situação difícil. Depois de mais um fiasco, e precisando desesperadamente de dinheiro para sua recém-formada família, ele voltou a procurar William Beardmore. Embora já tivessem conversado sobre Beardmore financiar uma expedição, o que Shackleton queria agora era apenas um emprego. Uma tremenda perda de prestígio. Felizmente, como gostava de Shackleton, Beardmore lhe conseguiu uma vaga em sua Parkhead Works em Glasgow. Ali, ele serviria como secretário de um pequeno comitê criado para avaliar o projeto de uma nova turbina a gás. Para todos os efeitos, não passaria de um escrevente com um título sofisticado, com um salário de trinta libras por mês.

Tentava convencer a si mesmo, e convencer Emily, de que isso, de novo, era só o passo inicial para grandes conquistas, escrevendo: "Posso vir a ser diretor em pouco tempo. Se eu tivesse, digamos, 10 mil libras no negócio, ele

pagaria de 10% a 14%, e então a diretoria vale pelo menos mil por ano, e estaríamos bem".

Mais uma vez, não era uma função adequada para Shackleton. Ele já deveria saber, àquela altura, que sua personalidade turbulenta era incompatível com a vida atrás de uma mesa. Isso ficou bem claro para seus superiores, que achavam que suas atas deixavam muito a desejar. Logo arranjaram um trabalho mais apropriado na esperança de aproveitarem ao máximo a aptidão que Shackleton tinha em excesso: entreter os outros. Ele se tornou, portanto, embaixador da empresa, recebendo clientes em Parkhead ou em Londres. Naturalmente, eles simpatizavam com o animado irlandês, cujo estilo dinâmico e cuja facilidade com as palavras quase sempre deixavam admiradores na palma da sua mão. O secretário de Beardmore, A. B. MacDuff, se lembrava saudosamente dos tempos de Shackleton em Parkhead: "Mesmo que estivesse ocupadíssimo, eu deixava tudo de lado para fazer o que ele queria, de tanto que eu gostava do camarada".

Para um homem que aparentemente queria ficar rico, dizia-se que ele costumava se esquecer de pegar o próprio salário. "Deixava o salário conosco e o esquecia completamente por cinco meses", recordava-se MacDuff. Isso mostra que, para Shackleton, dinheiro não era a motivação principal. Tinha sorte de poder contar com o dinheiro de Emily, porém, acima de tudo, o que ele queria era ser herói, deixar seu nome na história e ser lembrado. Se o dinheiro viesse em decorrência, ótimo, mas não era isso que o mantinha acordado de noite e enchia sua cabeça de sonhos. Todo emprego que conseguiu parecia mais ligado a prestígio e a mostrar seu valor do que a qualquer outra coisa.

Cada vez mais inquieto e cansado de viver de casa para o trabalho e do trabalho para casa, Shackleton voltou a pensar na perspectiva de montar uma expedição, quem sabe agora até o próprio polo Sul. Em carta para Mill,

escreveu: “O que eu não daria para estar lá de novo, fazendo meu trabalho, e dessa vez realmente a caminho do polo”.

Por enquanto, pelo menos, não compartilhou suas ambições com Emily. Sabia que essa fantasia poderia causar angústia justamente agora, quando tinha acabado de se estabelecer num emprego regular. O dinheiro que ganhava, quando se dava ao trabalho de ir buscar o salário, era insuficiente, cada vez mais. O filho Raymond crescia rápido, enquanto o pai, cada vez mais surdo, foi obrigado a parar de tratar pacientes com problemas do coração, e Shackleton tinha de ajudar mandando dinheiro para Londres.

Mesmo assim, Shackleton continuava decidido a montar outra expedição, acontecesse o que acontecesse, especialmente em outubro de 1906, quando Roald Amundsen entrou ruidosamente em San Francisco após completar a primeira navegação da Passagem do Noroeste. Logo depois, o americano Robert Peary estabeleceu novo recorde em viagens para o norte, chegando a 320 quilômetros do polo Norte. Tudo isso era como um pano vermelho provocando o inquieto touro irlandês chamado Shackleton e só reforçava a sua intenção de retornar ao sul e escapar da enfadonha labuta diária.

Logo ficou claro para muita gente que Shackleton estava com a cabeça longe dali. Numa de suas visitas regulares para conversar com o secretário de Beardmore, MacDuff lhe perguntou se vinha considerando meter-se noutra aventura. “Sim”, respondeu ele. “Quero participar de uma nova expedição em breve. E, desta vez, pretendo comandá-la.”

Ao mencionar seus novos planos para Elspeth Beardmore, Shackleton ficou feliz de saber que ela dava a maior força e sentiu que ela talvez até conseguisse convencer o marido a financiá-los. Tudo parecia encaminhar-se quando Shackleton, mais uma vez, ficou de mãos atadas: Emily estava grávida de novo. Parecia que ele ficaria confinado para sempre à sua mesa,

sonhando com dias melhores, enquanto outros conquistavam mundos desconhecidos.

# 15.

O célebre explorador Robert Peary afirmou certa vez: "A atração do gelo é algo estranho e poderoso". Concordo totalmente. Pouco importam os desconfortos e os fracassos que venhamos a sofrer; a necessidade de retornar é hipnotizante. Costumo dizer que esse impulso tem a mesma força que o fumante sente quando tenta não pensar em tabaco. As lembranças de gangrena, coceira no saco e ulceração pelo frio (perdi as pontas de cinco dedos) são eclipsadas pelas lentes róseas através das quais se enxerga a perspectiva de uma grande aventura. Como observou outro americano: "Nada é mais responsável pelos velhos bons tempos do que uma memória ruim".

Era, sem sombra de dúvida, o caso de Shackleton. Onde quer que estivesse, jamais se livrava da voz fanática reverberando na cabeça que o exortava a voltar. Os dinamarqueses têm até uma palavra para isso — *polarhullar* —, que pode ser traduzida como forte desejo pelas regiões polares. Acima de tudo, ele queria voltar para satisfazer suas ambições,

gravar o nome na história e ficar rico, bem como mostrar que Scott estava equivocado. Mas até ele tinha ciência de que uma viagem dessas era uma fantasia, com Emily grávida mais uma vez e as finanças já no limite.

Pouco antes do Natal de 1906, Emily deu à luz a filha, Cecily. Apesar de todos os sonhos aparentemente frustrados, Shackleton adorou. "Você vai ficar satisfeito de saber que o presente de Natal mais interessante que recebi foi de minha mulher", escreveu para Mill, "que domingo de manhã apresentou à família uma esplêndida menininha." Apesar disso, enquanto tentava, de alguma forma, posar de pai amoroso, ele ainda buscava, sem sussurrar uma palavra a Emily, um jeito de voltar ao sul.

Traçando um plano em linhas gerais, decidiu que estabeleceria seu acampamento em Hut Point, exatamente como o *Discovery* tinha feito. De lá, tentaria chegar ao polo Sul, viajando pelas montanhas que ele, Scott e Wilson haviam identificado como uma passagem potencial para o sul.

Shackleton continuou partilhando seus planos com Elspeth Beardmore. Ela era boa ouvinte, disposta a dar corda às heroicas fantasias dele, sempre tentando incentivá-lo. Afinal, nada tinha a perder e, por não ter filhos, era incapaz de se pôr verdadeiramente na posição de Emily. "Você é sempre tão animada", escreveu para ela, "e me sinto tão melhor depois de vê-la."

Ao longo dos anos, essa relação certamente provocou muito falatório. Embora não haja prova conclusiva de que Shackleton e Elspeth tivessem um caso romântico, suas cartas certamente sugerem que eram mais do que apenas amigos. "Elspeth… você sempre foi uma amiga e uma confidente tão verdadeira", escreveu ele, "que só com você posso falar… Na outra noite, você estava tão linda."

Essa relação faz lembrar Shackleton lá no início, correndo atrás de Emily. Ele sempre pareceu mais interessado na caçada do que no resultado final. Isso se dava tanto no trabalho quanto na vida romântica. Como escreveu

depois, quando estava no sul: "Deve ser parte da minha vida o fato de eu continuar ambicionando coisas fora do meu alcance". A mulher de um dos homens mais ricos da Escócia era, definitivamente, isso, e ele sem dúvida se sentia lisonjeado por ela, em troca, demonstrar tanto interesse nele. Se havia algo mais entre eles, só podemos conjecturar, mas os dois passavam muito tempo juntos e compartilhavam seus segredos mais íntimos.

Depois de semanas de conversas com Elspeth, que continuaram aumentando sua confiança, Shackleton resolveu avisar Emily que planejava nova incursão à Antártica. "Devo voltar coberto de honras e com dinheiro, e jamais me separarei de você novamente", prometeu. Emily poderia ser perdoada se não aceitasse. Eles tinham pouco dinheiro, e ela acabava de dar à luz à caçula, Cecily. Não seria hora de o homem que ela chamava de "meninão" crescer? Mas ela compreendia o espírito inquieto e a necessidade dele de demonstrar o próprio valor. Sabia que nada do que dissesse deteria o marido ambicioso. "Ela jamais foi mulher que quisesse levantar um dedo para dificultar a saída dele", diria sua filha. Emily achava que sua função era cuidar da família enquanto o marido tentava conquistar o sul. No entanto, era muito bom contar com a aprovação de Emily e o incentivo de Elspeth, mas, para tornar o sonho realidade, Shackleton precisava de dinheiro vivo na mão.

No começo de 1906, ele preparou uma proposta de orçamento num documento formal intitulado "Planos para que uma expedição Antártica vá até o Quadrante Ross da Antártica com vistas a alcançar o polo Sul geográfico e o polo Sul Magnético".

Navio totalmente equipado… 7 mil libras
Provisões para três anos — Roupas, salários dos tripulantes, equipamento científico, óleo, equipamento de trenó incluindo cães e pôneis, transporte

de cães, pôneis e passagens, despesas gerais… 10 mil libras
Total… 17 mil libras

A cifra total se revelaria absurdamente otimista; Shackleton precisaria de pelo menos 50 mil libras para financiar a expedição. O otimismo irrealista estava, porém, na essência do projeto. Como disse certa vez o filósofo escocês William H. Murray: "No instante em que alguém se compromete, a Providência também se mexe". Shackleton era um grande crente na Providência, e a palavra aparece muitas vezes em seus diários. Atirou-se, portanto, de corpo e alma na empreitada, mas muitos dos calejados homens de negócios que Shackleton abordara inicialmente em busca de patrocínio perceberam a verdade sobre ele e seus planos.

Esses homens, que fizeram fortuna de grão em grão, identificavam um sonhador como Shackleton a um quilômetro de distância. Na visão da maioria deles, Shackleton não tinha um grande histórico na Marinha Real, como era o caso de Scott, e participara de uma única expedição, que, como todos agora sabiam graças ao livro de Scott, tinha terminado com ele rebocado num trenó como um inválido e mandado para casa mais cedo. Com tudo isso, Shackleton não chegava a inspirar a confiança de que eles precisavam para achar que valia a pena investir dinheiro. Por ousarem duvidar dele, Shackleton anotou setenta "negativos" numa lista proibida, jurando provar que todos estavam errados. Descobri anos depois que, para conseguir doações, é preciso pensarmos em nós mesmos não como exploradores, mas como vendedores. Com o tempo, adquiri uma lábia mais direta, e o mesmo ocorreu com Shackleton, que se tornou um dos arquiexpoentes, em sua época, da arte de conseguir patrocínio.

Quando Shackleton apresentou essa suposta "oportunidade" para amigos e parentes, o primo da Irlanda, William Bell, prometeu alguma contribuição,

assim como outra conexão familiar, o irmão mais velho de Emily, Herbert Dorman. Tentando cada vez mais levantar recursos com aqueles de bolso fundo e com quem tinha algum tipo de ligação, Shackleton reatou com Gerald Lysaght, o fabricante de aço que conhecera anos antes no transatlântico *Tantallon Castle* . Embora só conseguisse arrancar uma doação simbólica de Lysaght, cada centavo contava. Seu êxito maior veio quando se lembrou do cheque de mil libras que a velha solteirona Elizabeth Dawson-Lambton doara para o *Discovery* . Apresentando-se de novo, descobriu que ela se lembrava bem dele, e a mulher preencheu outro cheque de mil libras. Porém isso não passava de uma gota no oceano daquele mínimo de 17 mil libras necessárias para navio, suprimentos e pessoal.

Mas Shackleton precisava mesmo, em vez de ir atrás de vários pequenos patrocinadores, de um benfeitor que acreditasse nele, como Llewellyn Longstaff, que efetivamente financiara a expedição do *Discovery* . Sabendo que Elspeth Beardmore era uma grande apoiadora, e àquela altura já conhecendo bem o marido, Shackleton voltou suas atenções para ele. Era tudo ou nada. “Finalmente tomei coragem e pedi a ele sem rodeios”, recordava-se.

Beardmore gostava de Shackleton, mas compreensivelmente lhe fazia algumas reservas. Não ia jogar dinheiro num investimento não testado como Shackleton sem limitar os riscos. Assim, concordou em garantir apenas um empréstimo de 7 mil libras no Clydesdale Bank, que Shackleton quitaria com os “primeiros lucros” da expedição. Embora não fosse bem o que tinha em mente, Shackleton esperava que, quando outros prováveis patrocinadores vissem que um indivíduo abastado como Beardmore lhe confiava ao menos algum investimento, talvez ficassem mais tranquilos e também abrissem seus talões de cheque. Essa era a ideia.

Quando Ginny e eu angariávamos fundos para nossas expedições, sempre jurávamos não tomar um centavo emprestado. Todos os itens, sem exceção, tinham de ter patrocínio, do barco à manteiga. Certamente não queríamos débitos pairando sobre nossa cabeça, tanto que não abríamos contas bancárias nem tínhamos linha de crédito. Claro, conseguir coisas de graça levava um pouco mais de tempo; foram sete anos, como já mencionei, para levantarmos os mais de 30 milhões de libras esterlinas em patrocínio e doações para a expedição Trans Globe, mas pelo menos podíamos concentrar nossas atenções no trabalho, em vez de nos preocuparmos com a quitação de uma vultosa dívida quando voltássemos. Por enquanto, Shackleton estava apenas desesperado para voltar ao gelo, fossem quais fossem as consequências.

Embora ainda precisasse atingir o patamar de 17 mil libras, agora, com a garantia de Beardmore, ele sentia que pelo menos tinha dinheiro para dar o pontapé inicial. No começo de 1907, Shackleton levou a família para Londres e alugou um pequeno escritório na Regent Street, atulhando-o de equipamentos polares atraentes para impressionar visitantes, a quem pretendia pedir doações. Mas, ao pagar o aluguel do escritório, Shackleton reduzia ainda mais suas sempre parcas finanças.

Da sua nova e onerosa base em Londres, Shackleton agora mirava um patrocinador que tinha certeza de que subiria a bordo: a Real Sociedade Geográfica. Sabia que isso era essencial. Qualquer apoio da RGS levaria ao apoio do rei, que então, certamente, abriria as comportas. Com uma palestra de Roald Amundsen marcada para 11 de fevereiro de 1907 na RGS , na qual falaria do seu incrível êxito na Passagem do Noroeste, Shackleton entendeu que seria uma oportunidade boa demais para deixar passar. Ouviria o grande homem falar e, ao mesmo tempo, aproveitaria para apregoar sua própria expedição, que agora se chamava Antártica Britânica. “Pretendo

pegar alguns peixes grandes [membros vitalícios] na minha rede e tentar outros", disse ele a Mill. "Espero até o fim da semana ter o dinheiro garantido e devo anunciá-la antes do dia 12. O fim parece à vista." Mas outros exploradores tiveram a mesma ideia, e a concorrência por patrocínio era feroz.

Um desses rivais era Henryk Arctowski, cientista polonês que tinha sobrevivido à expedição do *Belgica* . Ele também pretendia estar presente para anunciar sua expedição belga destinada a alcançar o polo Sul com trenós motorizados. O explorador francês dr. Jean-Baptiste Charcot também circulava, assim como Barne e William Speirs Bruce, que tinha inspirado Shackleton a chefiar uma expedição própria, todos querendo levantar recursos para as próprias expedições.

Quando Arctowski topou com Shackleton na RGS e o informou da intenção de anunciar seu plano sobre o polo Sul ainda naquela noite no jantar da instituição, Shackleton reagiu como gato escaldado. Sabendo que precisava agir antes, e rápido, anunciou seus próprios planos minutos antes de Arctowski anunciar os seus. Depois do jantar, logo entrou em contato com o *Times* para descrever seu projeto como um empreendimento nacional — um empreendimento que derrotaria um rival estrangeiro.

O *Times* anunciou direitinho. "Com expedições semelhantes sendo organizadas por outros países, o que se poderia chamar de ataque internacional às regiões polares do sul será lançado, o qual será seguido com o maior interesse." Embora o anúncio servisse como advertência a qualquer competidor que pudesse estar planejando atuar na "sua" zona da Antártica costeira, Shackleton sabia que esse anúncio público também lhe garantiria apoio britânico. Afinal, decerto caberia a um súdito britânico a honra de ser o primeiro homem a chegar ao polo Sul.

Aproveitando-se desse toque nacionalista, Shackleton lembrou à RGS que, com expedições rivais já sendo preparadas, não havia tempo a perder. Ele precisava do apoio, e do dinheiro, deles logo. No entanto, a RGS não se convenceu.

Keltie, o secretário da entidade, e sir George Goldie, que tinha substituído Markham como presidente, ouviram os planos de Shackleton com indiferença. Achavam particularmente que aqueles planos ainda tinham "muitas perguntas e insinuações misteriosas" em vez de respostas sólidas. Isso talvez até fosse o caso, mas o que não revelaram a Shackleton foi que a RGS já planejava patrocinar o plano de Scott de retornar ao sul, considerando que essa era a melhor aposta.

Desconhecendo a falsidade da RGS , ou até que ponto os projetos de Scott estavam avançados, Shackleton continuou a fazer planos, de qualquer maneira, agora voltando suas atenções para a tripulação. Naturalmente, Wilson, amigo íntimo dos tempos do *Discovery* , era seu primeiro candidato a braço direito. "Quero alguém que faça o que tem de ser feito e você é o melhor do mundo nisso", escreveu-lhe Shackleton. "Se eu não estiver em condições de fazer a viagem para o sul, então não existe ninguém melhor do que você." Wilson, porém, tinha recentemente começado um trabalho nas charnecas escocesas, investigando uma epidemia que vinha acabando com as perdizes. "Dei minha palavra de que levaria esse trabalho com as perdizes até o fim", explicou ele ao perplexo Shackleton, apenas dois dias depois de receber a carta. Sabendo que Shackleton continuaria insistindo, terminou com a frase: "Não desperdice mais dinheiro com longos telegramas".

Não conseguir a adesão de Wilson foi um golpe, e Shackleton logo descobriu que outros do *Discovery* também se encontravam indisponíveis: Armitage, Hodgson, Skelton e Barne. A verdadeira razão disso não demorou a se tornar evidente. Quando abordou George Mulock, o homem que tinha

substituído Shackleton no estreito de McMurdo em 1930, Mulock revelou que já se comprometera a ir com Scott. Subitamente, os motivos de ele ser rejeitado pela tripulação do *Discovery* , assim como pela RGS , se esclareciam.

O que realmente magoou Shackleton agora foi saber que, enquanto Scott recrutava a tripulação do *Discovery* , o próprio Shackleton não tinha sido convidado a voltar. Foi um estrago arrasador em sua confiança. De repente se sentiu furioso e muito sozinho.

Nesse meio-tempo, com Scott tendo voltado provisoriamente à Marinha, a notícia da proposta de expedição de Shackleton chegou aos seus ouvidos quando ele estava no mar. O momento não poderia ser pior. Ele acabara de assumir o comando do encouraçado *Albemarle* e praticava táticas de batalha perigosas e altamente especializadas no Atlântico, a oeste de Portugal. Numa noite escura como breu, quando oito navios de guerra pesando muitas toneladas avançavam pelas trevas, sem luzes, Scott saiu da ponte para mandar uma mensagem. Momentos depois, sentiu o impacto terrível da proa do *Albemarle* abalroar outro navio.

A notícia do acidente, ligada ao nome de Scott, foi parar nas primeiras páginas dos jornais. Uma investigação oficial subsequente o isentou de qualquer culpa, mas, no dia em que Scott ficou sabendo das intenções polares de Shackleton, ainda estava estressado, temendo uma corte marcial e desonra. Agora, com a possibilidade de o homem a quem chamava de "inválido" ameaçar seu objetivo de chegar ao polo, ficou espumando de raiva. Levando isso em conta, sua resposta a Shackleton só pode ser descrita como muito contida. Em 18 de fevereiro de 1907, Scott escreveu:

[reto]*Meu prezado Shackleton,*

[simples]*Vejo no* Times *de 12 de fevereiro que você está organizando uma expedição para seguir nossos velhos passos; e é a primeira vez que ouço falar nisso. A situação é embaraçosa para mim, pois já anunciei a intenção de fazer uma nova tentativa no mesmo lugar, e venho articulando tratativas*

*sobre o assunto. Na verdade, eu sempre pretendi tentar novamente; contudo, como dependo da Marinha, fui obrigado a me reintegrar e adquirir alguma experiência antes de pedir licença para sair novamente, achando que era melhor, enquanto isso, manter meus planos em segredo — mas já dei início aos preparativos e Michael Barne está em Londres cuidando de tudo com vistas a agosto, quando devo estar livre para começar a trabalhar.*

Houve em seguida uma intensa e rápida troca de cartas entre os dois. Ambos sabiam que o principal objetivo do outro era ser o primeiro a chegar ao polo Sul, pouco importando quantas outras viagens científicas e subsidiárias fossem discutidas para disfarçar. Percebendo que Shackleton não tinha a menor intenção de desistir, Scott tentou, tanto quanto possível, constrangê-lo.

Quando soube dos planos de Shackleton para desembarcar no estreito de Sound, Scott disparou outra carta, dizendo-lhe que esse destino estava fora de questão. "Acho que qualquer um que tenha algo a ver com exploração saberá que [o estreito de McMurdo] é meu", escreveu Scott. "Isso deve esclarecer que você está atrapalhando o trabalho da minha vida. Se for para o estreito de McMurdo, estará se dirigindo para uma estação de inverno que é claramente minha." Encerrou lembrando a Shackleton tudo o que ele, aparentemente, lhe devia. "Não tenho prazer nenhum em lembrá-lo", escreveu ele, fazendo exatamente isso, "de que fui eu quem o levou ao sul, ou da lealdade com que todos tratamos uns aos outros, ou de incidentes da nossa viagem, ou da minha disposição de lhe fazer justiça quando voltamos."

Scott, evidentemente, não tinha como fazer valer sua reivindicação sobre o estreito de McMurdo, ainda que tivesse sido o primeiro a passar o inverno lá. Na verdade, parecia não ter importância alguma para Scott o fato de Borchgrevink ter descoberto o estreito de McMurdo dois anos antes da expedição do *Discovery* , sem criar nenhum obstáculo para que Scott o usasse. Como disse Mill a Shackleton, todo território era "absolutamente

aberto e livre para qualquer um que tenha a coragem, a perseverança e a sorte de alcançá-lo".

Se o estreito de McMurdo ficasse fora de cogitação, os planos de Shackleton seriam seriamente prejudicados em mais de um sentido. Ele não só conhecia bem o estreito como aquele era o melhor ponto de desembarque, e Shackleton tinha insistido muito ao abordar Beardmore e outros patrocinadores, que seu conhecimento da área dava ao plano grande chance de êxito. Era uma das poucas cartas que ele tinha na manga, em comparação com outras possíveis expedições. Se agora tivesse de contar a seus patrocinadores que parte dessa experiência vital não seria de utilidade, havia a chance de que eles desistissem.

Mas Shackleton estava ciente do que uma opinião negativa a seu respeito resultaria, e boa parte da glória ficaria manchada se ele agora pusesse os pés no estreito de McMurdo, por mais difícil que isso tornasse sua expedição. Na Inglaterra eduardiana, era muito importante ser visto como leal e cavalheiresco. Nesse sentido, Shackleton sabia muito bem que Scott era o menino de ouro da Real Sociedade Geográfica e que, portanto, precisava agir com cuidado para não manchar o próprio nome.

Mas a rivalidade latente entre Scott e Shackleton estava prestes a explodir. "Shackleton deve tudo a mim", disse Scott, furioso, a Keltie. "Acho que seria desonesto da parte de qualquer um propor essa expedição ao estreito de McMurdo enquanto ele não tivesse certeza de que eu tinha desistido da ideia de voltar." Agora, olhando além da questão do estreito de McMurdo, Scott tentava impedir a expedição de Shackleton de qualquer maneira, alegando que sua iniciativa poderia "arruinar a causa da verdadeira exploração". Esperava também que outros, mais poderosos do que ele, interviessem, declarando: "A questão é saber até que ponto a RGS pode tolerar um ato de deslealdade".

Muitas explosões de Scott nessa época precisam ser contextualizadas. Ele não só passava por um período de muito estresse, depois do incidente no mar, como lutava para sustentar a mãe idosa. Além disso, podia mesmo achar, legitimamente, que uma expedição chefiada por alguém como Shackleton, que jamais chefiara uma expedição e retornara como inválido na última viagem, resultaria num desastre capaz de suspender por anos futuras expedições. Foi o que ocorreu depois da desastrosa expedição de Franklin em 1845. Se a expedição de Shackleton passasse por situação semelhante, os planos do próprio Scott estariam comprometidos. Keltie pôs lenha na fogueira ao escrever para Scott que Shackleton "não está, absolutamente, regulando bem" e "Deus sabe o que pode acontecer se fizer essa viagem para o polo".

Embora isso talvez explique parte de sua hostilidade aos planos de Shackleton, a verdade é que Scott ficou tão furioso que não resistiu à tentação de mencionar o passado. "Eu pessoalmente jamais espero grande coisa nesse tipo de trabalho de um homem que não seja honesto", disse ele a Keltie. "Shackleton é o menos experiente dos nossos viajantes e nunca foi muito cuidadoso — basta examinar sua história subsequente para ver que não persistiu em nada, e você sabe melhor do que eu das contínuas maquinações que ele concebeu." Essas declarações cáusticas contrariam tudo o que Scott escreveu na época do *Discovery* .

O estado de espírito de Scott era tal que ele chegou a escrever uma carta para Edward Stanford, o dono da Livraria Stanfords, expressando sua indignação com um mapa da Antártica que a livraria produzira para identificar o lugar exato "mais ao sul" "alcançado por Scott e Shackleton". Scott ressaltou que marcar esse ponto geográfico histórico com seu nome e o de Shackleton claramente "implicava liderança dupla"… o que "não estava de acordo com o fato". Stanford tranquilizou Scott dizendo que "todo mundo

sabe que você foi o líder" e removeu devidamente o nome de Shackleton do mapa.

A situação ameaçava ficar mesmo feia. Para tentar remediar as relações, Shackleton esperava que Wilson, amigo comum, pudesse conseguir um acordo. Mas, para sua surpresa, Wilson tomou o partido de Scott. "Concordo 100% que pertence a Scott o direito de usar essa base antes de qualquer outra pessoa", escreveu ele. "Acho que você deveria propor afastar-se do estreito de McMurdo como base." Além disso, advertiu, em tom sombrio, que se Shackleton resolvesse passar o inverno no estreito de McMurdo, "a honra estigmatizada de chegar ao polo, ainda que isso viesse a acontecer, valeria infinitamente menos do que a honra de lidar generosamente com Scott".

Uma vez que Wilson deixou clara sua lealdade, Shackleton recorreu a Markham como mediador. Mas Markham não só ficou do lado de Scott como passou a criticar severamente Shackleton. "Ele [Shackleton] tem se comportado vergonhosamente", disse Markham a Scott. "Nada me deixa mais triste do que saber que uma expedição [do *Discovery* ] que funcionou com tanta harmonia do começo ao fim tinha uma ovelha desgarrada."

Shackleton percebeu que, pelo menos perante a opinião pública, estava travando uma batalha perdida. Scott era o homem da Marinha e um tesouro nacional. Por mais que tivesse razão, Shackleton reconheceu que insistir não lhe traria nada de bom e, além disso, consumia um tempo precioso. Se a intenção de Scott era atrasar Shackleton, estava funcionando. Portanto, Shackleton resolveu mudar de tática.

Em março de 1907, tendo Scott retornado do Atlântico, os dois homens se encontraram em Londres para buscar um acordo. Em maio, o combinado era que Shackleton poderia fazer o que quisesse a leste de 170° oeste. Comprometendo-se a não pôr os pés no estreito de McMurdo, Shackleton

disse a Barne: "Prefiro perder a chance de estabelecer um recorde a tomar qualquer atitude que não seja correta". Foi extremamente generoso da parte de Shackleton. Ainda que se entenda o acordo sob o prisma da época, é possível argumentar que o pedido de Scott fora descabido e injusto.

Até aquela altura, Shackleton conseguira de alguma forma manter a compostura e a boa disposição natural, mas, de repente, Wilson foi longe demais. Procurando uma base que substituísse o estreito de McMurdo, Shackleton pensou em desembarcar na Terra do Rei Eduardo VII . Isso se devia em parte a Armitage, que tinha proposto a base a Scott ainda no *Discovery* , achando que ela prometia uma rota mais fácil para o polo. No entanto, quando ficou sabendo, Wilson escreveu o seguinte: "Não faça novos planos, de maneira alguma, até saber definitivamente quais são os limites que Scott impõe aos direitos dele".

Aquilo já era demais para Shackleton. Tinha feito o possível para ceder às exigências de Scott, ainda que não tivesse nenhuma obrigação para com ele, mas isso, para todos os efeitos, era pôr sua expedição nas mãos de Scott. Ademais, estava horrorizado com o fato de Wilson ter resolvido se meter no assunto a ponto de ameaçar a amizade entre eles. Decidido a não ceder mais um centímetro, escreveu de volta: "Não concordo com você, Billy, sobre suspender meus planos até saber o que Scott considera direito seu. Não tenho a menor dúvida de que seus direitos terminam na base que pediu, ou a uma razoável distância dessa base. Entendo que atingi meu limite e não posso ir além".

As coisas agora podiam explodir a qualquer momento, com os dois homens tentando desesperadamente arrecadar fundos entre um número limitado de patrocinadores. Scott parecia levar vantagem, graças à sua ligação com a Marinha, à bem-sucedida expedição do *Discovery* e ao selo de aprovação da Real Sociedade Geográfica. Keltie nem sequer tentou esconder

sua lealdade a Scott, escrevendo: "Não tenha nenhuma dúvida, se as duas expedições partirem, de que lado estarão os mais sinceros desejos de êxito". Assim, as perspectivas de Shackleton não eram nada encorajadoras. No entanto, ele ainda contava com alguns trunfos. Scott estava preso à Marinha por mais dois anos, enquanto Shackleton tinha toda a liberdade para prosseguir com seus planos. Dos dois, Scott era a escolha prática, mas Shackleton, sujeito imprevisível, dotado de uma personalidade otimista, alegre e determinada, que fazia as pessoas esquecerem seus defeitos e abrir seus talões de cheque, ainda não estava fora do jogo.

Tendo convencido todos os patrocinadores de que sua mudança de lado não era de forma nenhuma negativa (o que teria sido extremamente difícil, imagino, se algum deles soubesse alguma coisa sobre a Antártica), ele anunciou que partiria em agosto de 1907. Sabia que se perdesse o prazo teria pela frente um futuro bastante incerto.

Ainda necessitando de investimentos significativos, Shackleton se pôs a procurar o artigo mais caro e vital da sua lista de compras — um navio. Mas, àquela altura, a maioria dos navios que serviam estava fora de seu alcance. Quando um navio moderno, com novos motores e capacidade para cinquenta homens, ideal para a viagem ao sul, lhe foi apresentado, ele achou bem salgado o preço de 11 mil libras esterlinas. Era mais do que todo o dinheiro que tinha no banco, e isso sem nem mesmo ter pagado por novos equipamentos, provisões e tripulação.

Não tendo muitas opções, Shackleton foi posteriormente presenteado com um caçador de focas de madeira mais velho chamado *Nimrod* . Construído em Dundee em 1866, o navio não alcançava mais de seis nós de velocidade e tinha apenas 41 metros de comprimento. Passara quase cinquenta anos no mar, e Shackleton fez o seguinte comentário ao vê-lo: "Estava muito dilapidado e cheirava fortemente a óleo de foca". Para estar

em condições de navegar, o velho e rangente *Nimrod* claramente ia precisar de amplos reparos e modificações para aguentar os rigores da Antártica, mas, ao preço baixíssimo de 5 mil libras, era tudo o que Shackleton podia comprar.

No entanto, em junho de 1907, com o *Nimrod* em Londres para uma ampla reforma, que incluía maquinário novo, Shackleton ficou sem dinheiro e, consequentemente, sem esperança. A não ser que acontecesse um milagre, ele teria pela frente mais vergonha, frustração e humilhação, com Scott colhendo toda a glória para si.

# 16.

Para evitar cancelar a expedição, Shackleton precisava desesperadamente de mais 8 mil libras esterlinas. Porém, se ainda tivesse a intenção de partir em agosto e chegar antes de Scott, não poderia interromper a reforma do navio. Mantendo segredo sobre seus planos, mandou os encarregados do serviço continuarem trabalhando, o tempo todo esperando, de alguma maneira, tapar esse buraco negro financeiro.

A essa altura, tinha abordado qualquer homem ou mulher com algum patrimônio com que ele tivesse alguma ligação. Depois de uma enxurrada de rejeições, parecia não ter mais a quem recorrer. Jogando sua rede, e suas esperanças, cada vez mais longe e de modo mais amplo, se pôs a vasculhar a Grã-Bretanha à procura de qualquer pessoa com um histórico de patrocinar o que quer que fosse. Finalmente topou com Edward Cecil Guinness, o conde de Iveagh.

O conde era o chefe da dinastia Guinness do ramo da cervejaria e tinha doado mais de 1 milhão de libras para várias instituições de caridade ao

longo dos anos. Só que essas doações geralmente envolviam causas dignas, como moradias e remoção de favelas. Até aquela altura, o conde não tinha demonstrado interesse em patrocinar expedições nem nada do tipo. Além disso, não conhecia Shackleton, mas Shackleton planejava explorar duas coisas que tinham em comum: ambos eram irlandeses e maçons, sendo que Shackleton ingressara na maçonaria depois de voltar da expedição do *Discovery* .

Shackleton sabia que, para ter chance de êxito, não poderia dar a impressão de estar desesperado. Assim, com charme, blefe e gabolice, ele conseguiu convencer Iveagh de que seria vantajoso ter seu nome ligado a uma expedição histórica como aquela. A compra do *Nimrod* talvez tenha ajudado também: um navio já adquirido, em fase de reforma, passava a ideia de uma expedição já em fase avançada, quando estava longe disso.

Mas o conde era esperto demais para cair na lábia de Shackleton. Em vez de patrociná-lo, concordou em garantir-lhe um empréstimo de 2 mil libras esterlinas, na condição de que outros patrocinadores estivessem dispostos a elevar o total para as 8 mil libras necessárias. Estava longe do que Shackleton precisava, mas era melhor do que nada. De alguma forma, ainda lhe faltavam 6 mil libras, com o tempo cada vez mais apertado.

Nesse meio-tempo, ainda teria de recrutar a tripulação, com a maioria dos bons candidatos já comprometida com Scott. No fundo, só lhe restava procurar o melhor dentro daquilo que sobrara, na esperança de achar algumas joias não lapidadas. Em sua atulhada escrivaninha na Regent Street, examinou atentamente mais de quatrocentos pedidos, a maioria de homens inadequados para aquele tipo de excursão. Trabalhando até tarde da noite, raramente era visto na casa da família em Bayswater. Revelando o grau de estresse que o atormentava, escreveu para Elspeth Beardmore: “Há mil e

uma coisas que preciso fazer, e o tempo parece curto demais para dar conta de tudo".

É maravilhoso que Shackleton tenha conseguido manter a calma. O dinheiro era pouco, todos os tripulantes que valiam a pena aparentemente estavam comprometidos, havia uma onerosa reforma de navio em andamento, e a maior parte da Real Sociedade Geográfica e do mundo das expedições lhe dera as costas. O bom senso teria recomendado a qualquer homem de menor estatura que desistisse, mas Shackleton parecia disposto a dar vida à expedição só com a força de vontade.

Formar uma boa tripulação estava sendo difícil, mas ele se lembrou de ter conhecido Jameson Boyd Adams em 1905 durante umas férias com Emily na Escócia. Sabia que Adams estava na Marinha Mercante e era, além disso, reservista da Marinha Real. Apesar de não ter experiência especificamente em expedições, Shackleton achava que ele seria um bom reforço. Depois de convencer Adams a desistir de uma carreira na Marinha, pelo menos por enquanto, nomeou-o seu segundo no comando, e ele passou a ajudar a entrevistar alguns candidatos mais promissores, embora com certas restrições.

Sabendo por experiência própria que o condicionamento e a saúde eram essenciais numa expedição, Shackleton decretou que todo candidato precisava "estar livre de problemas cardíacos". Quis garantir ainda que fosse uma tripulação sem classes, para evitar divisões, como muitas vezes acontecera no *Discovery* entre marujos da Marinha Real e da Marinha Mercante. "O temperamento dos vários membros da expedição é um dos fatores mais sérios e importantes num caso como o nosso", escreveu. "Acho que o êxito do nosso trabalho depende tanto da atitude geral de uns tripulantes para com os outros quanto do trabalho que cada um tem de fazer individualmente."

Num campo já rarefeito, esses pré-requisitos representavam mais uma restrição na escolha de tripulantes. No entanto, Shackleton conseguiu convencer dois antigos colegas do *Discovery* a subir a bordo: Frank Wild e Ernest Joyce. O recrutamento de Joyce foi pura sorte. Identificando-o no andar de cima de um ônibus londrino, Shackleton lhe fez um aceno para que descesse e lhe pediu que fizesse parte da expedição. Joyce, então na Marinha Real, aceitou alegremente, com a condição de que fizesse parte da expedição ao polo e recebesse de Shackleton compensação financeira pela perda da pensão da Marinha. Shackleton concordou, acrescentando mais um crédito a ser quitado quando a expedição retornasse.

Embora a maior parte dos velhos tripulantes do *Discovery* estivesse fora do seu alcance, Shackleton tinha conhecido ao longo da carreira um pequeno grupo de homens que lhe pareciam confiáveis. Adams era um desses indivíduos, mas havia também o dr. Eric Marshall, de 28 anos, que Shackleton conhecera numa ocasião social. Marshall era um respeitado jogador de rúgbi, e Shackleton tinha ficado impressionado com sua inteligência e seu físico atlético. George Marston, que era amigo das irmãs de Shackleton e descrito como um "comediante gordo sempre com um sorriso", também acabou sendo recrutado como ilustrador-chefe.

O tenente Rupert England, contratado para capitanear o navio, era conhecido de Shackleton, tendo sido imediato do *Morning* , o navio de socorro enviado em auxílio ao *Discovery* . Embora nunca tivesse comandado um navio, ele contava com o aval de William Colbeck, o capitão do *Morning* , que Shackleton originalmente queria para a função. Com isso, e considerando que England já havia pelo menos estado na Antártica, Shackleton não via motivo para não lhe confiar essa função, enquanto John King Davis, de 23 anos, serviria como imediato.

Mais do que em qualquer ligação pessoal, Shackleton confiava nos instintos ao recrutar tripulantes. Guio-me por isso também ao avaliar membros potenciais de uma expedição. De início, eu submetia alguns possíveis candidatos à prova nas montanhas do norte do País de Gales, em busca de pessoas profissionais, persistentes, quase sempre do Serviço Aéreo Especial do Exército britânico. Mas, com o tempo, descobri que uma personalidade positiva, que saiba trabalhar em equipe, era quase tão essencial quanto a capacidade de suportar condições adversas. Finalmente, concluí que é melhor procurar pessoas convencionais, com empregos comuns, que atendam a três critérios: equilíbrio psicológico, paciência e afabilidade.

Com isso em mente, para a expedição Trans Globe acabei recrutando Charlie Burton, cabo aposentado do Regimento Real de Sussex e, àquela altura, oficial de segurança; Oliver Shepard, ex-membro dos Guardas Galeses e, na época, vendedor de cerveja Whitbread; e Geoff Newman, especialista em impressão. Nenhum deles tinha experiência em expedições, mas todos pareciam adequados do ponto de vista da personalidade.

Nesse sentido, o jeito de Shackleton conduzir as entrevistas era revelador. Ele procurava, obviamente, certo tipo de caráter que lhe fosse valioso durante uma longa expedição. Ao conhecer Raymond Priestley, de 21 anos, fez várias perguntas aleatórias, aparentemente não relacionadas à expedição, ao jovem geólogo, como, por exemplo, se ele sabia cantar. “Deve ter feito outras perguntas, mas me lembro bem dessas, porque eram inusitadas”, diria Priestley mais tarde. Uma prova de sua habilidade para enxergar o potencial dos homens é que Priestley teria uma carreira brilhante: tornou-se geólogo conceituado, foi sagrado cavaleiro da Coroa britânica e serviu como presidente da Associação Britânica para o Avanço da Ciência e, até mesmo, como presidente da Real Sociedade Geográfica.

Ao recrutar os tripulantes, Shackleton se deu conta de que não tinha explorado um aspecto importante. Até então, deixara em segundo plano o elemento científico da expedição; estava muito mais interessado na glória de chegar ao polo. Agora compreendia que a inclusão de um elemento científico poderia ajudar a obter aprovação oficial, quem sabe até patrocínio.

Também aprendi isso depois de cometer muitos erros. A mídia e, particularmente, os grandes patrocinadores têm mais boa vontade com expedições que incluem sólidos programas de pesquisa científica do que com aquelas que não passam de bravatas machistas. Consequentemente, sempre tomei providências para que minhas expedições polares tivessem um elemento científico significativo, tanto em meteorologia quanto em propagação de alta frequência, cardiologia ou análise de sangue, uma vez que esses projetos muitas vezes pagavam a maior parte dos custos da expedição.

Com isso em mente, Shackleton buscou os melhores cientistas disponíveis, recrutando o experiente biólogo escocês James Murray, bem como o dr. Alistair Forbes Mackay. Esses homens provavelmente deram à expedição a aparência de um empreendimento científico sério, mas foi um geólogo assistente de vinte anos que acabou sendo um trunfo para Shackleton na solução do problema do patrocínio.

Sir Philip Lee Brocklehurst não era um mero geólogo promissor, mas também um baronete etoniano do senhorial palácio de Swythamley Hall em Staffordshire. Depois de apresentado ao jovem barão, Shackleton rapidamente percebeu que ele não apenas tinha os pré-requisitos necessários para servir a bordo como cientista, mas também era dono de uma grande fortuna, com muitas relações sociais. Para ter acesso a isso, ele só precisava convencer o jovem barão a juntar-se ao grupo, o que de fato ocorreu, graças aos consideráveis poderes de persuasão de Shackleton.

Em seguida, sem perda de tempo, Shackleton providenciou um encontro com a mãe viúva do baronete, lady Annie Lee Brocklehurst. Enfeitiçada e lisonjeada pelo amável irlandês, ela não só concordou em assegurar-lhe um empréstimo de 2 mil libras esterlinas como fez algo muito mais importante: abriu-lhe as portas da alta sociedade. Graças a esses contatos, Shackleton não demorou a preencher boa parte do buraco negro financeiro de 8 mil libras (embora agora, infelizmente, estivesse crescendo). E havia notícias ainda melhores.

O general de brigada John Fielden Brocklehurst, primo de lady Brocklehurst, era um soldado famoso e funcionário da Casa Real da rainha Alexandra. Shackleton se deu conta de que essa conexão lhe abriria caminho para o próprio rei, passando por cima da Real Sociedade Geográfica. O selo de aprovação real seria um passaporte para futuros patrocínios, para publicidade na mídia e para o sucesso.

Shackleton escreveu de imediato ao secretário particular do rei para pedir o apoio do monarca, citando o nome de Brocklehurst. Embora não conseguisse o patrocínio real almejado, o rei decidiu que, se o *Nimrod* participasse da regata anual da Semana de Cowes, como o *Discovery* havia feito, ele teria o maior prazer em subir a bordo para dar à expedição uma despedida real. Depois da situação tão difícil vivida poucas semanas antes, isso era uma injeção de ânimo para Shackleton e para a expedição. Mas, como sempre ocorria, más notícias não tardaram a vir.

Quando parecia que Shackleton estava pondo as finanças em ordem e assegurando uma despedida real, a família esteve em vias de cair em desgraça. Em julho de 1907, as joias da Coroa irlandesa, avaliadas em 40 mil libras esterlinas, foram roubadas de um cofre no Castelo de Dublin. Não houve portas ou trancas quebradas, e o cofre foi aberto com uma chave.

Parecia coisa de gente de dentro, e todos os olhos se voltaram para alguém que Shackleton conhecia.

O cofre se encontrava no escritório de sir Arthur Vicars, para quem o irmão de Shackleton, Frank, tinha trabalhado como um dos arautos do Castelo de Dublin. Era de conhecimento geral que Frank enfrentava grandes dificuldades financeiras e que vinha sendo investigado por fraude no mercado de ações. Logicamente, tendo um motivo e os meios, Frank passou a ser o principal suspeito.

Para agravar a situação, Frank era homossexual, o que na época era crime, e sabidamente participava de orgias organizadas pelo duque de Argyll, cunhado do rei. Essa revelação tinha um potencial explosivo tanto para Shackleton quanto para a família real. A imprensa faria uma festa ligando a história ao explorador e ao rei.

Embora Frank ainda não tivesse sido preso e, no fim das contas, viesse a ser absolvido por um comitê "de fachada" incumbido de proteger culpados em funções importantes, seu nome estava manchado como devedor. Bastava isso para arruinar Shackleton, que ainda tentava desesperadamente levantar fundos. Ao saber que Frank precisava de mil libras esterlinas para evitar a desonra, Shackleton suplicou a Beardmore por um empréstimo de curto prazo, a ser quitado antes da partida do *Nimrod* . Beardmore atendeu, mas Shackleton não lhe disse para que serviria o empréstimo, embora aparentemente tenha contado a Elspeth. "Frank me deu muitas preocupações e despesas", contou-lhe. "Mas agora resolveu seu problema e quitará o dinheiro que me deve."

Pelo menos por ora Shackleton tinha evitado o opróbrio e pôde voltar suas atenções para a compra de equipamento e provisões para a expedição. E, dessa vez, havia alguém que finalmente se dispunha a ajudar. Fridtjof Nansen, o mundialmente famoso explorador polar norueguês, servia como

ministro da recém-independente Noruega na Corte de St. James em Londres. Nansen tinha alcançado a grandeza no norte gelado e agora sonhava em conquistar o sul. Isso não o impedia, entretanto, de dar bons conselhos a britânicos que aspiravam conquistar o polo Sul, incluindo Shackleton e Scott. Depois de trocar ideias com Nansen, Shackleton saiu com uma noção mais clara do que deveria buscar, baseando suas decisões em experiências pessoais e nos conselhos de Nansen.

Como tinha sido vítima de escorbuto na marcha para o sul, Shackleton era ciente como ninguém da importância de uma boa dieta. Escolheu, portanto, todos os suprimentos alimentares de olho em propriedades antiescorbuto e nisso foi amplamente patrocinado por gente como Rowntree, Colman, Glaxo e Lipton.

Além dos alimentos básicos de sempre, Shackleton, que pessoalmente adorava um bom prato, estocou muitos artigos de luxo, como geleias, sopas exóticas, biscoitos de gengibre e guloseimas de frango e cogumelo. No entanto, também cuidou para que houvesse *pemmican* em quantidade suficiente para fazer cozidos, pois sabia que era essencial se prover de energia e calor durante a marcha. William Roberts, chef de renome internacional, também foi contratado como cozinheiro, para dar aos pratos a aparência mais suntuosa possível.

Shackleton ainda tentou tirar proveito de avanços recentes em tecnologia. Uma empresa chamada Venesta forneceu caixas leves à prova d'água produzidas com tábuas de aglomerado que não só serviam para embalar coisas no navio como também poderiam ser reaproveitadas como divisórias e mobília na cabana da expedição. Seu uso economizaria mais de quatro toneladas de peso. Além disso, a própria cabana, feita de pinho, com teto insulado, feltro e embalagem de cortiça granulada, foi pré-fabricada,

tornando-a muito mais fácil de guardar do que a cabana levada no *Discovery* .

Shackleton também tinha em mente outros planos para as tábuas da Venesta. Como o *South Polar Times* tinha sido muito popular no *Discovery* , ele conseguiu uma impressora de graça, bem como tinta, papel e blocos de impressão, cortesia de sir Joseph Causton and Sons, conhecida casa editorial da City. As tábuas de múltipla serventia seriam perfeitas para as capas, imaginava ele.

Outros dispositivos modernos que Shackleton levou para o sul incluíam a última palavra em equipamento fotográfico para cobertura da viagem com fotos e filmes. Esperava que essas imagens, com o tempo, se tornassem extremamente valiosas, em especial com o lucrativo contrato que pretendia fechar na volta para escrever livros e dar palestras.

Na viagem à Noruega, Shackleton quis aproveitar todos os avanços noruegueses em matéria de equipamento para expedições. As sugestões de Nansen nesse assunto foram inestimáveis. Shackleton encomendou trinta trenós, juntamente com quinze sacos de dormir feitos de pele de rena, além de botas *finnesko* de pele de perna de rena da Lapônia e de luvas de pele de lobo e de cão. Apesar de não ser um grande entusiasta da arte de esquiar, encomendou muitos esquis, botas e bastões em Oslo.

Por mais admirável que fosse o fato de Shackleton querer levar consigo o que havia de mais moderno em equipamento, a verdade é que ele só saberia se tinha tido alguma serventia quando estivesse na Antártica. Se não tivesse, seria tarde demais para corrigir. Apesar de achar muito útil treinar na Groenlândia e no norte do Canadá quando me preparava para as condições antárticas e árticas, também pude testar vários itens para ver o que funcionava ou não. Com mais paciência, e talvez presciência, Shackleton

poderia ter feito exatamente o mesmo, economizando tempo e dinheiro, ao mesmo tempo que ajudava a garantir a segurança da expedição.

Uma das decisões mais importantes dizia respeito aos animais que seriam mais úteis para ajudar a puxar provisões e equipamento no polo. Na expedição do *Discovery* , Scott tinha recorrido a uma mistura de força canina e humana. Os cães, claro, acabaram virando um problema, ainda que Shackleton tenha dito o seguinte depois da expedição: "Tínhamos apenas 23 cães quando começamos. Eu gostaria que tivéssemos sessenta ou setenta, pois assim teríamos chegado ao polo". No entanto, nos anos seguintes, parece que Shackleton chegou à conclusão de que eles mais atrapalhavam do que ajudavam. "Os cães não se mostraram satisfatórios na superfície da Barreira", escreveu mais tarde. Agora examinava alternativas, uma das quais eram os pôneis, mas estes animais ainda não tinham sido usados na Antártica, e ele não sabia se teriam serventia.

Não dá para saber exatamente quem o inspirou a essa forma de pensar. Nansen tinha enaltecido o uso de cães de trenó e esquis com bastões. O mais provável, portanto, é que conhecidos dos tempos do *Discovery* o tenham levado a decidir-se pelos pôneis. Armitage utilizara pôneis na expedição do explorador britânico Frederick Jackson ao polo Norte em meados dos anos 1890 e era particularmente entusiástico. Na verdade, Jackson tinha proclamado os pôneis "um sucesso absoluto". Mas não era bem verdade.

Jackson dizia que os pôneis eram capazes de carregar cargas extras, mas boa parte dessa carga extra era comida, da qual os pôneis demandavam grandes volumes. Outra dificuldade era que, como o casco de um pônei pesa de quatro a cinco vezes mais que a pata de um cão, a probabilidade de os pôneis afundarem no gelo era bem maior. Três dos quatro pôneis de Jackson morreram assim. Todos os cães sobreviveram.

Royds, outro conhecido da época do *Discovery* , também anotara em seu diário a preferência por uma mistura de pôneis e cães:

> Pôneis podem carregar, ou melhor, arrastar, 816 quilos cada um, enquanto comem, ou demandam em alimento, 4,5 quilos por dia. Um cão pode carregar 45 quilos e demanda 680 gramas por dia, e um homem pode carregar noventa quilos e demanda 907 gramas de alimento por dia. Portanto, não resta dúvida de que uma combinação entre pôneis e cães com um pequeno grupo de três homens é o melhor método para viajar nessa superfície nevada.

Numa era em que muitas dessas decisões ainda eram tomadas na base da tentativa e erro, Shackleton não pode ser criticado por apostar nos pôneis, especialmente depois do desastre com os cães na expedição do *Discovery.* Dito isso, se tivessem sido treinados profissionalmente, os cães, sem dúvida, apresentariam um desempenho muito melhor. Pelo menos nesse assunto, Shackleton contratou Bertram Armytage, de 38 anos, formado em Cambridge, para treinar os quinze pôneis manchurianos, já não muito novos, que tinha comprado da China. Armytage foi, no entanto, uma escolha curiosa, pois não tinha experiência nenhuma nisso. Caso os pôneis se mostrassem um fiasco, Shackleton também encomendara nove huskies siberianos como uma espécie de seguro.

Os pôneis talvez fossem uma opção de transporte prática para o gelo, mas Shackleton também era ciente de uma alternativa potencialmente animadora. Beardmore vinha produzindo carros Arrol-Johnston em sua fábrica de Paisley e lhe ocorreu que poderia ser uma excelente publicidade para sua empresa se Shackleton dirigisse até o polo num deles. Também seria, claro, o primeiro desses carros a ser usado na Antártica, o que, por si só, já era um privilégio.

À primeira vista, parecia boa ideia. O motor de doze-quinze cavalos do carro permitia alcançar uma velocidade de 25 quilômetros por hora, e seu tanque duplo continha combustível suficiente para 480 quilômetros. Melhor ainda, o ar quente do escapamento seria desviado para aquecer os pés do

motorista. Prometia uma viagem rápida e confortável através das geleiras para dentro da história.

Mas nem mesmo o notoriamente otimista Shackleton se animou muito. Tinha ciência de que um veículo tão pesado, além de tudo com pneus, seria inútil no gelo, e ninguém sabia dizer se um motor de carro funcionaria no frio extremo. Foi por essa razão que não depositou suas esperanças no carro e levou pôneis, explicando a Skelton: "Não dependo do carro como principal meio de tração". Mas levá-lo na viagem certamente deixaria Beardmore muito feliz e significaria preciosos centímetros de espaço na imprensa, como se vê neste artigo do *Times:*

> O carro a ser usado pela expedição antártica do tenente Shackleton está exposto no depósito da Arrol-Johnston em Londres antes de ser despachado para Christchurch, Nova Zelândia. A parte de aço do chassi recebeu tratamento especial para resistir à influência das baixas temperaturas. As rodas dianteiras são calçadas de madeira, e um equipamento foi instalado para atrelar trenó, enquanto as rodas traseiras, calçadas da mesma maneira, dispõem de projeções de aço nas quais buracos foram abertos para receber pinos e adquirir maior poder de adesão. O motor tem 12-15 cavalos, refrigerado a ar, capaz de chegar a 25 quilômetros por hora, e dois sistemas de ignição foram instalados. O escapamento será usado para aquecimento e também está ligado a um derretedor de neve para fornecer água. Os dois tanques de gasolina, um dos quais acionado pela gravidade e o outro por pressão, armazenam combustível suficiente para 480 quilômetros.

Um jornal publicou um cartum mostrando Jack Frost sentado no polo, olhando por cima do gelo, com a seguinte legenda: "Derrotei cães e navios, e balões, e agora eles acham que vão me dominar com gasolina: pois bem, é o que veremos!". Para aumentar a publicidade, a revista *Autocar* citou a declaração de Shackleton de que, com o carro, conseguiria viajar 240 quilômetros em 24 horas, e que "haveria uma boa chance de arrancar para o polo". Essa sugestão, claro, era conversa fiada, mas a imprensa e o público engoliram, e provocou olhares nervosos da Real Sociedade Geográfica e de Scott, que sem dúvida odiava a ideia de o carro ser usado num empreendimento tão nobre. Shackleton colaborava com tudo aquilo para

manter Beardmore feliz, mas o carro ocuparia um bom pedaço do espaço já limitado do *Nimrod* .

Embora Shackleton tentasse lidar com todos os aspectos da situação e pensasse em experimentar novos métodos caso necessário, havia uma área dos preparativos da qual mantinha distância: submeter-se a um exame médico. Emily, muito preocupada, conseguiu finalmente convencê-lo a fazer um check-up cardiológico, e, ainda que ele dissesse que havia sido aprovado, ela não se convenceu. "Acho que ele examinou o especialista, em vez de o especialista examiná-lo! [nas palavras de um médico que conhecia bem Shackleton]", disse ela. "Sei que o camarada jamais teve oportunidade de escutar o coração dele… Talvez ele tivesse medo de não estar em condições de ir." Tratando-se da expedição de Shackleton, a única pessoa que poderia barrá-lo era ele próprio, e não havia a menor possibilidade de isso acontecer. Só lhe restava rezar para que a doença não reaparecesse quando estivesse no gelo.

Apesar de todas as dificuldades, no fim de julho de 1907 a expedição estava pronta para partir. Shackleton levara apenas alguns meses para arrecadar fundos, comprar e reformar um navio, recrutar sua equipe e adquirir o equipamento necessário. Esse processo custou a sir Vivian Fuchs, cujas duas equipes atravessaram a Antártica na década de 1950, cinco anos, e à minha única equipe, que fez a travessia em 1970-80 como parte da nossa viagem circumpolar, sete anos no total. Mas, na disputa com Scott, Shackleton achou que não tinha escolha senão partir o mais rápido possível. Naquelas circunstâncias, apesar de muito endividado, ele fez o melhor trabalho que alguém poderia desejar.

Uma coisa que talvez tenha lhe poupado tempo foi o fato de, naquela época, não haver organismos governantes da Antártica, como o Foreign Office Polar Desk e a Fundação Nacional de Ciência dos Estados Unidos,

para impedir organizações não governamentais de operar no sul. Isso poupou a Shackleton anos de disputas políticas. No entanto, ele registrou seus planos no Almirantado, assim como num comitê especial de notáveis da Real Sociedade Geográfica.

A cena do recém-reformado *Nimrod* partindo das docas das Índias Orientais em 30 de julho de 1907 deve ter sido difícil para Scott e a Real Sociedade Geográfica aceitarem. Eles tinham feito tudo o que estava ao seu alcance para atrapalhar Shackleton, mas ele perseverou e, mais uma vez, estava a caminho da Antártica enquanto bandeiras britânicas tremulavam, buzinas ressoavam e milhares de pessoas aplaudiam. Mas, antes de rumar para o gelo, precisava fazer algumas paradas.

A primeira foi em Eastbourne, para que a sempre leal Elizabeth Dawson-Lambton pudesse ver com os próprios olhos onde tinha ido parar seu dinheiro. Enquanto outros patronos, muito mais ricos, se limitaram a garantir empréstimos, ela, mais uma vez, demonstrara sua fé em Shackleton, dando o pontapé inicial com dinheiro vivo. Sem sua confiança lá no início, a expedição talvez nunca se materializasse.

A segunda escala foi alguns dias depois, na ilha de Wight. O mar estava coberto por mais de duzentos navios, mas o rei e a rainha só tinham olhos para o pequeno *Nimrod* , quando ele adentrou o porto. Ancorado ao lado do HMS *Dreadnought* , o mais poderoso navio de guerra do mundo, Shackleton estava radiante de orgulho quando o rei Eduardo o agraciou com a Real Ordem Vitoriana. Tinha dado o mesmo galardão a Scott seis anos antes, e, para Shackleton, aquilo era um sinal efetivo de que ele lograra atingir os mesmos escalões superiores. Não estava mais só participando de uma viagem. Agora era o líder de uma expedição histórica, com as esperanças do rei e do país depositadas em seus ombros. Era tudo o que sempre sonhara.

Então Shackleton recebeu um bônus inesperado. A rainha Alexandra se sentiu tão atraída pela expedição e pelo cativante Shackleton que, como prova de sua confiança, lhe entregou uma bandeira Union Jack para ser fincada no polo Sul. Uma forte sensação de prazer tomou conta de Shackleton quando a graciosa rainha anunciou: "Que esta Union Jack que entrego ao senhor o conduza, com segurança, ao polo Sul". Para aumentar a satisfação de Shackleton, ela prendeu um bilhete à bandeira que dizia: "É a primeira vez que isso acontece". Fotos do *Nimrod* apareceriam depois em seu novo álbum fotográfico, destinado a angariar fundos para obras de caridade, e também nos cartões de Natal que mandaria aos amigos no fim do ano.

Enquanto o *Nimrod* viajava para a Nova Zelândia, Shackleton permaneceu em terra por mais dois meses para não deixar nada pendente. Por fim, despedindo-se de Emily e das crianças, sua cabeça estava, no entanto, firmemente voltada para os difíceis preparativos da expedição. Emily tentou "tornar tudo o mais fácil possível para ele", mas Shackleton viria a se arrepender de não ter dado atenção à mulher antes de partir. Quando finalmente embarcou num navio de passageiros, logo que se despediram ele começou a escrever um rosário de cartas apaixonadas, dizendo coisas como: "Sinto um nó na garganta quando penso em minha família e vejo as mães a bordo do navio com seus filhos e eu partindo para tão longe de tudo o que amo", "Gostaria de estar de novo na ventosa Edimburgo com você", e "Prometo mais uma vez, querida, que nunca mais me ausentarei para fazer isso de novo". Era um padrão conhecido. Em terra, Shackleton demonstrava pouco interesse pela família, pensando exclusivamente em expedições, mas quando partia sentia muitas saudades. De qualquer maneira, nunca estava satisfeito, sempre correndo atrás de algo fora do seu alcance.

Um dos motivos para Shackleton ter dificuldade de concentrar-se era a necessidade infindável de mais dinheiro. Com credores ainda atrás dele, incluindo Beardmore, que queria receber de volta o empréstimo de mil libras, Shackleton tentou aproveitar a aprovação pública do rei e da rainha para arrancar mais dinheiro de possíveis patrocinadores na Semana de Cowes.

Mesmo tendo obtido algum recurso a mais, ele não estava nem perto de poder reembolsar o que devia a todo mundo. Em vista disso, Shackleton tomou a penosa decisão de partir sem pagar Beardmore, apesar de saber que isso deixaria um gosto amargo na boca do velho. Escreveu para Elspeth numa tentativa de explicar: "Você não pode pensar boas coisas de mim por não ter pagado a Will todo o dinheiro que ele tão generosamente me emprestou. Mas as coisas têm sido muito difíceis para mim". Mais tarde, ele incumbiu o irmão de Emily, Herbert Dorman, que era advogado, de cuidar de todas as questões financeiras pendentes em sua ausência, tarefa, sem dúvida, ingrata.

Apesar disso, ainda esperava, com otimismo, levantar mais dinheiro quando desembarcasse na Austrália e na Nova Zelândia, dinheiro esse que poderia mandar para saldar suas dívidas. Se tudo o mais falhasse, ele esperava então que, no futuro, a venda de livros e os proventos de palestras o tirassem do vermelho. Como disse a Emily:

> Já acertei com Heineman para publicar o livro quando eu voltar, o que significa 10 mil libras esterlinas se tivermos êxito. E isso sem falar em todas as notícias de jornais que esperamos conseguir. Com isso, fico com todas as palestras etc. líquidas, e o livro pode saldar cauções se as pessoas realmente quiserem, mas sou de opinião de que não vão querer se formos bem-sucedidos. Acho que só as palestras vão render 30 mil libras.

Tudo isso, no entanto, dependeria do êxito da expedição. Contudo, levando em conta que ela fora preparada às pressas, e Shackleton adoecera da última vez, não havia como ter certeza disso.

# 17.

Um artigo saído na revista *Field* tinha informado, pouco tempo antes, que "a principal virtude do líder de uma expedição polar moderna é ser um bom mendigo". Nada mudou nesse sentido, mas, se Shackleton quisesse se manter à tona, teria de transformar a mendicância numa forma de arte.

Mesmo agora, viajando para alcançar o *Nimrod* , e, como alguns biógrafos conjecturam, possivelmente envolvido num caso amoroso, Shackleton era incapaz de esquecer a crescente pressão financeira. Sabia que, quando desembarcasse na Austrália, precisaria, mais uma vez, arrecadar fundos urgentemente para fugir dos credores. Se não fizesse isso, havia a possibilidade bem real de a expedição ter de ser abandonada. Seria a maior de todas as humilhações. Custasse o que custasse, precisava arranjar mais dinheiro.

Como era de esperar, logo que chegou descobriu que a situação era mais desesperadora do que nunca. Empréstimos que esperava ter recebido nesse meio-tempo não se materializaram, deixando-o com fundos insuficientes

para pagar os salários de todo o pessoal. Também não havia dinheiro para a imensa quantidade de alimentos e equipamentos adicionais que o *Nimrod* precisava embarcar na Nova Zelândia, sem falar nos reparos a que precisaria se submeter.

A Austrália, no entanto, era uma fonte ainda inexplorada de recursos. Com todo o interesse gerado em torno dele e de sua expedição, Shackleton arregaçou as mangas sem perda de tempo. Iniciando um bem-sucedido circuito de palestras, os fundos que levantou com os ingressos provavelmente já seriam suficientes. Mas, como tantas vezes ao longo de sua carreira, ele preferiu doar os proventos para instituições de caridade locais, angariando muita simpatia, sem, no entanto, resolver seu problema mais imediato.

Porém, embora a história empresarial de Shackleton fosse marcada por êxitos e fracassos, ele, pelo menos, demonstrava bom senso usando essas palestras como uma oportunidade de investimento. Lamentando a falta de apoio em seu país de origem, dizia às suas plateias: "A indiferença e a luta para tentar fazer uma coisa que eles não aprovavam têm sido nossa experiência na Inglaterra". Mudando rapidamente de tom, incentivava os australianos a mostrarem que eram diferentes dos avarentos senhores coloniais: "Vocês têm pela glória do Império um entusiasmo que os afasta da condição da gente das terras antigas, reduzida a um estado do qual espero que a expedição a desperte". Em seu entusiasmo, Shackleton era o grande mestre de cerimônias, e em Sydney seu talento de vendedor logo chamou a atenção de um galês de 49 anos altamente influente.

William Edgeworth David era um conceituado geólogo que havia descoberto a região carbonífera de Hunter Valley na Nova Gales do Sul. Conhecido em toda parte, sua opinião era respeitada tanto nos altos escalões da sociedade australiana quanto no governo. David achava que a expedição

de Shackleton tinha o potencial de descobrir vastos depósitos minerais na Antártica e resolveu ajudar. Com isso em mente, e sabendo das dificuldades financeiras de Shackleton, conseguiu do governo australiano uma subvenção de 5 mil libras esterlinas (300 mil hoje) para o braço científico da expedição. Shackleton adorou saber disso. Numa só tacada, tinha conseguido dinheiro para garantir, pelo menos, que o *Nimrod* partisse, ainda que credores em casa continuassem sem receber.

Sempre de olho na glória e na riqueza, Shackleton percebeu que se sua expedição descobrisse vastos recursos naturais seria realmente mérito seu. Ele e sua tripulação com certeza não eram especialistas nesse campo em particular, mas quem melhor do que David para estar à frente? Embora só pudesse oferecer a David a pífia quantia de seiscentas libras esterlinas por ano para se juntar à tripulação, o célebre galês aproveitou a oportunidade. Como disse numa carta para Emily: "Acho que é pouco dinheiro para um homem como ele". Havia muita verdade nisso, em mais de um sentido.

Logo veio também Douglas Mawson, ex-pupilo de David e agora professor da Universidade de Adelaide. A presença dos dois deu à expedição um perfil elevado nos círculos científicos e expertise na descoberta de minerais. Igualmente importante, porém, era que Shackleton agora poderia se concentrar apenas em chegar ao polo, enquanto os cientistas faziam o seu trabalho.

Respaldado com uma formidável equipe científica e com dinheiro suficiente, Shackleton partiu para a Nova Zelândia a fim de juntar-se ao *Nimrod* e à sua tripulação, enquanto tentava, o tempo todo, arrecadar mais fundos.

Nesse meio-tempo, alguns parceiros de Shackleton já trabalhavam com afinco em Lyttelton. Joseph Kinsey, agente de Shackleton na Nova Zelândia, obtivera licença para que o *Nimrod* usasse gratuitamente o porto, enquanto

Leonard Tripp, advogado que Shackleton conhecera no *Discovery* , tinha aberto as portas da sociedade da Nova Zelândia. Para Shackleton, era uma oportunidade que não queria desperdiçar.

Embora fosse extremamente popular nesses círculos, com a mídia igualmente incapaz de resistir ao charme do loquaz aventureiro, Shackleton se sentiu frustrado com a dificuldade de arrancar dinheiro daqueles bolsos. Apesar das palavras carinhosas, a sociedade da Nova Zelândia não era tão solidária em matéria de dinheiro quanto Shackleton esperava. Mais uma vez, ele se viu em dificuldades. Mas ainda tinha uma última e decisiva carta na manga.

Ao ser apresentado ao primeiro-ministro da Nova Zelândia, sir Joseph Ward, Shackleton não teve o menor pudor em pressionar para que o governo fosse "o primeiro" a dar uma contribuição. Enquanto Ward, apanhado de surpresa, tentava assimilar aquele pedido tão direto, Shackleton recorreu à imprensa enfeitiçada. Improvisando um conto de aflição, disse aos repórteres que, desde que chegara ao país, tinha "entrevistado cinquenta milionários e nenhum deles me deu um centavo". Agora era obrigado a pedir uma mãozinha ao primeiro-ministro. A mídia reagiu exatamente como Shackleton esperava. Botando lenha na fogueira em benefício dele, uma manchete proclamava: "A Nova Zelândia vai ajudar?". Na verdade, Shackleton coagiu o governo, pondo-o na posição de ceder relutantemente ou ser visto como avarento. Não querendo contrariar um homem que rapidamente se tornava um tesouro nacional, o governo acabou dando mais mil libras esterlinas para a bolada de Shackleton.

O dinheiro arrecadado não era quase nada em comparação com o montante da dívida que precisava ser quitada na Inglaterra, mas ao menos permitiu a Shackleton abastecer decentemente o navio. Na verdade, agora eles tinham bem mais do que precisavam. Com quase quarenta homens,

cães, pôneis e toneladas de suprimentos a bordo do *Nimrod* , sua linha de flutuação afundava quase sessenta centímetros sob a água. O navio estava tão sobrecarregado que não havia espaço para guardar carvão em quantidade suficiente para a viagem. Apesar de todo o esforço despendido para comprar os pôneis, Shackleton não teve escolha senão abandonar cinco deles em Lyttelton. Mas nem mesmo com esse sacrifício havia espaço para armazenar o carvão necessário para levar o *Nimrod* até a Antártica e de volta à Nova Zelândia.

Para dizer o mínimo, Shackleton estava em apuros. No entanto, ele rapidamente mostrou seu talento para o pensamento criativo e teve a ideia de arranjar um navio a vapor maior para rebocar o *Nimrod* até a borda do gelo, reduzindo assim a necessidade de estocar tanto carvão. Mas isso se revelou oneroso demais, e Shackleton não tinha dinheiro. Felizmente, sir James Mills, presidente da Union Steamship Company, de Dunedin, veio em seu socorro. Oferecendo a Shackleton o uso do navio comercial de mil toneladas *Koonya* , ele se dispôs ainda a dividir os custos com o governo da Nova Zelândia.

Apesar disso, a necessidade de dinheiro era desesperadora. Tanto que, poucas horas antes de o *Nimrod* partir, Shackleton permitiu que um agricultor local, George Buckley, entrasse na equipe pela soma de quinhentas libras. Já que a partida não podia mais ser adiada de forma nenhuma, Buckley não teve tempo nem mesmo de arranjar o equipamento apropriado e partiu para a Antártica levando somente um terno leve de verão. Mais um sinal da natureza desorganizada da expedição.

Finalmente, no dia de Ano-Novo de 1908, o *Nimrod* deixou o porto de Lyttelton, sob os aplausos de uma multidão de 50 mil pessoas e com uma bandinha tocando "Auld Lang Syne". Acenando em despedida e respondendo entusiasticamente aos simpatizantes, Shackleton deve ter

sentido que a parte mais árdua tinha ficado para trás. Agora poderia concentrar-se na tarefa de chegar ao polo, o que, certamente, seria moleza em comparação com tudo o que tinha realizado nos últimos meses. Na verdade, pouco antes de partir, ele escreveu o seguinte para Emily: "Dentro de poucas horas partiremos… e haverá um pouco de sossego e paz". No entanto, poucas horas após deixar o porto, o *Nimrod* já estava seriamente encrencado.

# 18.

Ao deixar o porto, o *Nimrod* logo foi anexado, via nove toneladas de cabo de aço, ao *Koonya* , que o levaria até a Antártica. Porém o cabo acrescentou mais peso ainda à embarcação já sobrecarregada, empurrando seu bico mais para dentro da água. A linha de flutuação desapareceu por completo, deixando apenas 91 centímetros de bordo livre. Se houvesse qualquer tipo de tempestade, o navio correria sério risco de afundar. Shackleton estava ciente do risco, mas, àquela altura, não teve outra escolha senão rezar para que o tempo fosse camarada. Contudo, horas depois da partida, enfrentaram uma tempestade com força de furacão.

Ondas de mais de trinta metros de altura, agitadas por ventos ferozes, desabavam sobre o navio. Oscilando furiosamente nas ondas acachapantes, o *Nimrod* atingiu um ângulo de cinquenta graus, correndo o risco de virar. "Nunca vi mares tão imensos em toda a minha carreira marítima", disse Harbord, imediato do *Koonya* . "A água subia a bordo às toneladas." Parecia

que a separação dos dois navios era só uma questão de tempo, com a corrente sendo puxada em todas as direções.

Toneladas de água gelada avançavam sobre o *Nimrod* , inundando os conveses, provocando um temor real de que os pôneis se afogassem. Os cientistas se dividiram em plantões de duas horas para cuidar deles, mas não havia muito o que fazer. Tentando salvar a própria vida, tudo o que lhes restava era olhar enquanto os animais relinchavam e eram arremessados de um lado para outro, trombando contra as paredes e desabando no chão. Um dos pôneis ficou tão machucado em meio à confusão que não conseguiu se levantar. Agora que já não servia, Shackleton ordenou que fosse abatido. Priestley escreveu: "Se os pôneis morrerem, minha opinião pessoal é que nossas chances de chegar ao polo morrerão com eles".

Enquanto os pôneis foram machucados e maltratados pelas intempéries, um dos cães morreu afogado, mas os homens a bordo não tiveram melhor sorte. Espremidos num compartimento de 4,5 por 2,4 metros, eram lançados para cima e para baixo como se estivessem numa secadora, com paredes e pisos sujos de vômito, o que rendeu ao compartimento o apelido de Beco das Ostras. A umidade e o cheiro forte debilitavam ainda mais o estômago já enjoado dos tripulantes. Marshall achou o ar "fétido" e escreveu: "A pessoa já acorda com falta de ar". Douglas Mawson, tão forte, mental e fisicamente, quanto qualquer dos personagens mais conhecidos de *Heroic Age* , descreveu sua cabine como "um buraco horroroso"; "As ondas nos molharam o dia inteiro e à noite dormimos com roupas molhadas em meio a cobertores molhados".

Posteriormente, Priestley reconstituiria minuciosamente, em seu diário, as horrendas condições:

> O chamado Alojamento dos Cientistas é um lugar em cujo interior, em circunstâncias normais, eu não colocaria dez cães, menos ainda quinze homens do nosso grupo de desembarque. Não dá para compará-lo a lugar algum na terra e mais parece minha ideia de inferno do que qualquer coisa que

> eu já tenha imaginado antes. Para começar, o espaço é suficiente apenas para quatro homens viverem em condições de relativo conforto. Não há vigias que possam ser abertas, a ventilação é pré-histórica, e em duas noites seguidas tivemos de fechar todas as portas por causa do mar batendo continuamente do lado ventoso da popa. Todos os cobertores do lugar estão empapados de água salgada, e o cheiro é quase insuportável. O chão está coberto por sessenta a noventa centímetros de caixas de instrumentos meteorológicos e de outros tipos, bem como de bagagem pessoal.

A maioria dos homens estava doente demais para comer ou segurar qualquer coisa no estômago, mas, de todo modo, comida quente era uma impossibilidade. Depois de arrebentar no navio, uma onda particularmente pesada inundou a cozinha e atingiu os fogões. Com a tempestade piorando, tripulantes começaram a culpar Frank Wild, que tinha matado um albatroz durante a viagem. Segundo a superstição, ele é que tinha provocado aquela situação violenta.

Para alívio de todos, dez dias depois que a tempestade começou, o tempo aos poucos foi melhorando, e os primeiros pontões de campo de gelo surgiram no horizonte. Após rebocar o *Nimrod* por mais de 2400 quilômetros e de ser a primeira embarcação de aço a atravessar o Círculo Polar Antártico, o *Koonya* pôde, finalmente, livrar-se daquele fardo e retornar para a Nova Zelândia. Shackleton jamais esqueceria os esforços do seu capitão, Frederick Pryce Evans. Nas condições mais difíceis imagináveis, ele se comportara de maneira admirável. E agora, enfim, cinco anos depois de deixar o *Discovery* , Shackleton estava de volta às banquisas, e suas aventuras podiam, de fato, começar.

Ziguezagueando e abrindo caminho à força no campo de gelo, o *Nimrod* logo se viu cercado de icebergs por todos os lados. Muitos tripulantes, que nunca tinham posto os pés na Antártica, correram ao convés para olhar, admirados. Shackleton, claro, já tinha visto tudo aquilo, mas, ainda assim, se sentia revigorado pelo “frescor indescritível” da paisagem. Num instante,

todo o estresse dos últimos meses desapareceu. Ele estava de volta e fazendo o que mais amava.

Apesar da violência do tempo até aquele ponto, o *Nimrod* era, afinal, contemplado pela sorte. Não só as águas estavam calmas, e os ventos fracos, como Shackleton logo viu que, em vez de quilômetros de campo de gelo para atravessar, o que havia agora era mar aberto. Graças a esse golpe de pura sorte, em 16 de janeiro o *Nimrod* havia não só atravessado o campo de gelo em tempo recorde como também economizado carvão. Mas finalmente chegava o momento decisivo que tinha provocado tanto rancor nos meses anteriores.

Shackleton havia prometido a Scott ficar longe do estreito de McMurdo e passar o inverno na Terra do Rei Eduardo VII . No entanto, agora decidia atracar num lugar totalmente diferente. Percebeu que a enseada do Balão, onde ele e Scott tinham subido ao céu no balão de ar quente, ficava 161 quilômetros mais perto do polo do que a Terra do Rei Eduardo VII , e, como dissera a Emily, oferecia uma "rota direta para o sul e sem fendas". Com isso em mente, Shackleton mudou de curso.

Enquanto a tripulação se extasiava com a Grande Barreira de Gelo e com a visão de centenas de baleias rondando o navio, a enseada do Balão parecia ter sumido do mapa. Logo se constatou que, depois da visita do *Discovery* ,o gelo na Barreira tinha mudado de forma, e a enseada do Balão não existia mais. Tendo ganhado tanto tempo na travessia do campo de gelo, eles acabaram perdendo essa vantagem e mais ainda. Era 24 de janeiro, e o *Nimrod* devia deixar o continente em 1º de março para não ficar preso no gelo. Podia parecer bastante tempo, mas eles levariam semanas para atracar, desembarcar suprimentos e montar as cabanas. O tempo estava ficando curto para fazer tudo aquilo, mas, quando tentaram chegar à Terra do Rei

Eduardo VII , parecia que o gelo tinha bloqueado o caminho. Shackleton ficou num dilema.

Com todas as rotas para seu destino aparentemente fechadas, Shackleton, cada vez mais preocupado, escreveu: "Mesmo que cheguemos à Terra do Rei Eduardo VII, talvez eu não seja capaz de encontrar um lugar seguro para descarregar, e provavelmente teria de abandonar a carga em vista das enormes massas de gelo terrestre e de montículos de gelo que se desgarram, o que tornaria a posição do navio insustentável". Apesar disso, Shackleton seguia decidido a manter sua palavra e encontrar uma base que não fosse o estreito de McMurdo, "de forma a poder cumprir a promessa pessoal feita a Scott".

No entanto, o capitão England estava cada vez mais atento às condições e também preocupado com a escassez de carvão; havia uma possibilidade de ficarem sem uma quantidade suficiente para retornar à Nova Zelândia. Reconhecendo a urgência da situação, Shackleton pediu à tripulação que usasse como combustível toda a madeira disponível. A casota, o mastro da mezena e o mastaréu foram todos sacrificados, na esperança de ganhar mais tempo para que o navio encontrasse onde atracar. No entanto, Shackleton logo se deu conta de que nada disso resolveria o problema imediato: derrotar o gelo.

Agora só havia uma opção: o estreito de McMurdo. Shackleton sabia muito bem o que isso significava e como seria retratado na Inglaterra por causa disso. Escreveu para Emily: "Tenho passado por uma espécie de inferno… Minha consciência está limpa, mas o coração pesa". Só que não tinha escolha. Tentara dois pontos alternativos para atracar e tinha sido incapaz de chegar a qualquer um deles. Se continuasse tentando, tudo terminaria em desastre. Ele talvez deixasse de cumprir a palavra dada a Scott, mas, para o bem da expedição e para a segurança da tripulação, não

havia alternativa. Apesar de dizer a Emily que poderia enviar partes de sua carta explicativa "para qualquer pessoa que você queira na família, Herbert etc.", ela não deveria enviá-la para, ou discuti-la com, "pessoas de fora e inimigos. Não que eu ache que eles existam, fora a facção de Scott".

Se as circunstâncias fossem as mesmas, eu decididamente teria feito o que Shackleton fez. Com todas as rotas conhecidas bloqueadas, o gelo apertando o cerco e o combustível no fim, ele não teve escolha. Se mantivesse a palavra, certamente poria em risco não apenas a si mesmo, como também toda a tripulação. Se o custo daquilo fosse somente o orgulho ferido por ter violado uma promessa, então o preço a pagar foi bem pequeno.

Mas nem todos os tripulantes concordaram com sua decisão. Enquanto Harbord alegou que todos estavam "muito tristes e decepcionados", Marshall ficou indignado. "Shackleton… é um pulha", escreveu ele, "apesar do que ele possa dizer ao mundo quando voltar. Não fez nenhuma tentativa de chegar à Terra do R. E… Ficou furioso quando eu disse que lamentava que ele não tivesse tentado chegar à Terra do R. E. Quis me convencer de que fizera o máximo que qualquer ser humano teria feito." Em 1952, Marshall foi ainda mais longe, afirmando com todas as letras: "Sempre tive certeza de que Shackleton jamais teve a intenção de atracar em qualquer outro lugar que não fosse a base de Scott".

Essa é uma clara inverdade. Os registros apontam que Shackleton tentou chegar à Terra do Rei Eduardo VII e que o gelo não contribuiu, tampouco a cautela do capitão England. Pesquisa recente feita por Robert Headland, arquivista do Instituto Escocês de Pesquisa Polar, sustenta a crença de que Shackleton sempre quis atracar na Terra do Rei Eduardo VII e só mudou de curso devido às circunstâncias. Além disso, antes de partir para a Antártica, Shackleton havia convencido o primeiro-ministro da Nova Zelândia a designá-lo chefe dos correios. Isso lhe permitiria abrir a primeira agência

postal na Antártica, de onde seus homens poderiam mandar cartas para a família quando o *Nimrod* voltasse. Para tanto, Shackleton levou 240 mil folhas de selos de 1d [um centavo] que traziam o nome de "Terra do Rei Eduardo VII". É improvável que ele se desse a tanto trabalho se não tivesse a intenção de atracar naquele ponto.

Felizmente, a maior parte da tripulação, incluindo o capitão England, compreendeu e aprovou a decisão de Shackleton. O simples fato de poder genuinamente se considerar "expert" em viagens polares tanto quanto qualquer pessoa viva na época sem dúvida lhe dava uma grande vantagem nesse sentido. Se dissesse que o navio precisava fazer isto ou aquilo, estaria falando com mais experiência naquelas águas do que qualquer um a bordo.

Hoje em dia talvez seja difícil compreender por que aquela decisão foi tão difícil, mas na época, mais de um século atrás, não se violava uma promessa levianamente. E, no que dizia respeito à Antártica, desenvolveu-se uma ética peculiar com relação a direitos e lugares aonde as pessoas podiam viajar. Jean Charcot, explorador polar francês, mais tarde diria o mesmo, declarando: "Não pode haver dúvida de que o melhor caminho para o polo passa pela Grande Barreira de Gelo, mas, para nós, isso pertence aos exploradores britânicos, e não tenho a intenção de invadir terras de outras pessoas". Amundsen, rival posterior de Scott, claramente concordava com isso, pois escreveu para Nansen: "Minha intenção não é seguir como um cãozinho os passos dos ingleses. Eles têm, naturalmente, a primazia. Devemos nos contentar com o que eles rejeitam".

Apesar da promessa quebrada, atracar no estreito de McMurdo foi um desafio. Hut Point, onde o *Discovery* passara o inverno, também estava bloqueado por gelo. No fim do mês de janeiro, Shackleton rezou para que uma tempestade rompesse os 26 quilômetros de gelo da baía e abrisse caminho, mas isso não era de forma alguma correto.

Nesse ínterim, enquanto rezava para que o gelo cedesse, Shackleton tentou aproveitar bem o tempo. Adams, Wild e Joyce foram instruídos a rebocar até o Hut Point e informaram na volta que a cabana de Scott ainda se encontrava em boas condições. Shackleton também desempacotou o carro da Arrol-Johnston, com o qual esperava poder transportar provisões através do gelo até o Hut Point na metade do tempo. O diário de Aeneas Mackintosh descreve a primeira viagem caótica do "mecânico" Bernard Day em sua máquina querida:

> Que coisa! Ela se comportou segundo as peculiaridades da sua espécie, avançou uns poucos metros e estacou, pulsando violentamente, até que Day, movido, sem dúvida, por um sentimento de piedade, a acalmou com uma série de marteladas e aparafusadas. Depois de uma breve pausa, a máquina pegou de novo, e as rodas de trás, cumprindo sua obrigação, giraram violentamente na neve, afundando a tal ponto que o carro não moveu mais uma polegada.

O grupo ainda não tinha nem desembarcado e Shackleton já sabia que aquela máquina dispendiosa, que ocupava tanto espaço, praticamente não servia para nada.

Mais preocupante era o fato de que as reiteradas tentativas do capitão England de fazer o *Nimrod* abrir caminho abalroando o gelo não produziam efeito. Com o tempo cada vez mais apertado, Shackleton começou a ficar ansioso. A situação não melhorou nada quando um gancho de aço se desprendeu, balançou pelo convés e atingiu com força o olho do segundo imediato, Aeneas Mackintosh. Contorcendo-se de dor, ele foi levado para a cabine do capitão, onde os médicos, Marshall e Mackay, lhe aplicaram clorofórmio com uma toalha no nariz e na boca, e, improvisando grosseiramente uma "pinça" de arame, removeram o globo ocular esmagado à luz de um único lampião.

O clima ia ficando cada vez mais sombrio. Ficou claro que, com a chegada iminente do inverno, não haveria a menor chance de passarem a estação fria

na velha base de Scott em Hut Point, nem mesmo razoavelmente perto dela. Outro ponto de atracação precisava ser encontrado logo.

Entrando e saindo do gelo desesperadamente à procura de um lugar que pudesse servir, Shackleton por fim encontrou ouro em 3 de fevereiro. Acessando a ponta de um acidente rochoso chamado cabo Royds, em homenagem ao primeiro-tenente do *Discovery* , Shackleton disse a England que chegasse o mais perto possível, para que pudesse enfim explorar.

Pegando um barquinho à vela até a orla, Shackleton encontrou uma boa superfície rochosa, plana, para montar acampamento. Além disso, o lugar era protegido dos ventos frios por uma colina próxima e havia um lago que poderia fornecer água regularmente. Era mais do que Shackleton poderia esperar. Sem perda de tempo, instruiu England a aproximar mais o *Nimrod* para que pudessem começar a desembarcar as provisões.

No entanto, England foi extremamente cauteloso. Temendo bater contra as pedras ou ficar preso no gelo, levava o navio até a costa e voltava repetidamente, desperdiçando precioso combustível. Isso permitiu que alguma coisa fosse descarregada, com as provisões jogadas no campo de gelo e levadas rapidamente por pesados trenós, mas nem de longe com a rapidez necessária. Shackleton, que até então demonstrara muita paciência, sabia muito bem que precisavam desembarcar tudo com mais rapidez e menos cautela. Observando com fúria mal contida enquanto England, mais uma vez, afastava o navio, Shackleton foi visto arrancando o chapéu, atirando-o no chão e o pisoteando.

A paciência de Shackleton com England devia estar no limite, mas o grupo de desembarque ficou furioso. O maquinista-chefe, Harry Dunlop, chegou à conclusão de que "a tensão era demais para ele. Seus nervos estavam em frangalhos". Frank Wild foi mais implacável, alegando que England estava "perturbado" e "agindo como um idiota". Já Mackintosh

escreveu que as palhaçadas de England "desanimaram todo mundo". A situação piorou pouco depois, quando uma tempestade arrastou o *Nimrod* oitenta quilômetros mar adentro, deixando o grupo de terra desamparado, desabastecido e com medo de ter sido abandonado.

Shackleton levava em conta que era a primeira vez que England capitaneava um navio, ainda por cima em águas revoltas e imprevisíveis. Tentou ao máximo tolerar a situação, mas um incidente na ponte de comando, quando o mar estava calmo, foi um pouco demais. Ao ordenar que England levasse o navio até a costa para descarregar mais suprimentos, England, para sua indignação, se recusou. Reafirmando sua autoridade, Shackleton pôs a mão no telégrafo e ordenou: "Toda força avante". Em resposta, England mudou a mensagem para: "Toda força à ré". England era o capitão do navio, mas Shackleton, seu patrão. Tratava-se de um equilíbrio difícil, e ficou claro que a dinâmica entre os dois era tensa.

Recolhendo-se à cabine para conversar em particular, Shackleton pediu a England que renunciasse alegando problemas de saúde, na esperança de que isso, pelo menos, permitisse a England preservar as aparências. Mas England não aceitou demitir-se. Nesse caso, Shackleton tinha de considerar substituí-lo como capitão, mas precisava agir com cautela. Não queria transformar England em desafeto. Ele não só poderia contaminar o grupo com suas arengas como Shackleton ainda precisava dele para levar o *Nimrod* de volta à Nova Zelândia. Além disso, legalmente, England só poderia ser demitido quando o navio estivesse no porto. Levando tudo isso em conta, Shackleton decidiu que England continuaria no cargo por enquanto, mas, se voltasse a ignorar suas ordens, Dunlop estava instruído a pô-lo "a ferros, se necessário".

Em 22 de fevereiro, quase três semanas depois e sem novos incidentes, todos os equipamentos, provisões e animais do navio estavam

descarregados. Lamentavelmente, não havia mais possibilidade de restabelecer as boas relações entre England e Shackleton.

Quando o *Nimrod* e o capitão England partiram de volta para a Nova Zelândia, Shackleton e seu grupo de inverno quase não se despediram deles. Não só os sentimentos continuavam exaltados, depois da pantomina no mar, como England insistiu num suprimento de carvão para a volta do navio que era quase 40% acima do necessário. Com isso, o grupo de terra teria de economizar carvão durante o rigoroso inverno que vinha pela frente. Porém Shackleton prometeu que nunca mais voltariam a ver England.

England não sabia, mas, entre as cartas que levava para entes queridos, Shackleton lhe pedira para entregar uma ao seu agente, Joseph Kinsey. Nela, Shackleton instruía Kinsey a demitir England como inválido com salário integral por um ano. Se os olhos de Mackintosh, que também estava retornando, tivessem se recuperado a tempo, ele deveria ser promovido para o lugar de England, e, caso não fosse possível, o capitão Evans do *Koonya* deveria assumir e retornar ao cabo Royds em 1909.

Como era de esperar, chegando à Nova Zelândia, England ficou furioso com a decisão, particularmente com as alegações de que estivesse perturbado. "Estou perfeitamente bem, física e mentalmente, e minha renúncia está sendo forçada", protestou a Kinsey. No entanto, não teve escolha senão aceitar. Sabendo que poderia ser fatal para sua carreira, preferiu não tocar no assunto com ninguém, nem mesmo com a legião de jornalistas que bateram à sua porta. Mas outros que tinham voltado no *Nimrod* não demoraram a abrir o bico.

Enquanto se preparava para passar o inverno com o grupo de catorze homens, Shackleton não fazia ideia de que, mais uma vez, tinha voltado à primeira página dos jornais no mundo inteiro. Tendo ouvido alguma coisa sobre a disputa de poder entre England e Shackleton, a imprensa fez a festa,

enfeitando e exagerando ao máximo, sabendo que Shackleton sempre rendia histórias interessantes. Manchetes de jornais subsequentemente bradavam "História de tripulantes sobre luta na ponte" e "Briga entre exploradores". Colunas traziam detalhes sensacionalistas sobre um acirrado desentendimento entre o líder e o capitão do seu navio, nas quais havia até menção a "um dos combatentes sendo derrubado".

Houve mais animosidade contra Shackleton quando foi revelado que o *Nimrod* não fizera uma série de experimentos científicos aos quais as subvenções dos governos australiano e neozelandês estavam condicionadas.

Mais uma vez, a palavra de Shackleton foi posta em dúvida. O *Lyttelton Times* foi particularmente mordaz:

> A Comunidade da Austrália aprovou uma soma de 5 mil libras esterlinas para a expedição e a Nova Zelândia deu mais mil libras esterlinas em dinheiro vivo, e muito mais na forma de bens e serviços, a partir do claro entendimento de que o *Nimrod* , enquanto a expedição estivesse no sul, retornaria a Lyttelton para realizar exaustivas pesquisas magnéticas de águas australasianas. Essas pesquisas teriam tido maior valor prático para o Império do que mesmo uma bem-sucedida corrida ao polo, mas elas nem sequer começaram e, pelo visto, não serão realizadas. Nesse meio-tempo, o *Nimrod* jaz ocioso em Lyttelton, supostamente aguardando a hora de voltar à Antártica para buscar a expedição. Em vista desses fatos, o público com certeza tem o direito de perguntar se a expedição pretende tranquilamente se apropriar de 6 mil libras esterlinas e deixar sem cumprir a maior parte do acordo não escrito em nome do qual o dinheiro foi doado.

Credores na Grã-Bretanha leram as notícias com raiva. Parecia que Shackleton vinha enganando cada vez mais gente, deixando atrás de si um rastro de contas não pagas e quebrando promessas enquanto arrecadava mais dinheiro. Beardmore também tinha descoberto que o empréstimo não saldado de mil libras nem sequer fora usado pela expedição, servindo, em vez disso, para ajudar Frank Shackleton a quitar suas dívidas. A partir daquele momento, sua relação com Shackleton deixou de existir. Mas a notícia de que Shackleton havia atracado no cabo Royds, dentro do estreito

de McMurdo, e não na Terra do Rei Eduardo VII , é que provavelmente ameaçava causar mais danos à sua reputação.

Como esperado, Scott ficou furioso, dizendo a Keltie: "Não dá mais para fazer negócio nenhum com Shackleton", e o chamando de "mentiroso declarado". Parecia que todas as notícias sobre brigas a bordo do navio, credores não pagos, dinheiro adquirido sob falsos pretextos e agora essa promessa quebrada davam razão a Scott quando dissera que Shackleton causaria danos inimagináveis a futuras expedições durante muitos anos. Na eventualidade de que Shackleton, apesar de todo o caos, chegasse por milagre ao polo, Scott, preventivamente, disse a Bernacchi: "Acho impossível não pôr em dúvida qualquer resultado que ele venha a alegar. Tenho certeza de que prefere mentir a reconhecer um fracasso e imagino que mentirá artisticamente".

A Real Sociedade Geográfica reconheceu que se encontrava numa posição difícil. Scott era seu "homem de ação", mas, agora que Shackleton tinha atracado na Antártica, ainda havia uma pequena chance de ele chegar ao polo. Os poderes constituídos, portanto, resolveram tentar agradar aos dois lados. Keltie concordou com Scott e fez severas críticas a Shackleton, ao mesmo tempo que dizia a Emily, sobre a decisão do marido de atracar no estreito de McMurdo: "Nas circunstâncias por ele descritas, era difícil achar que pudesse agir de outra forma". Markham, o maior defensor de Scott, procedeu de forma parecida, afirmando que a "história tem dois lados".

Já Wilson foi implacável. Numa carta a um amigo, diria o seguinte a respeito da promessa que Shackleton fizera a Scott e não cumpriu:

> Sobre Shackleton, acho que quanto menos se disser, melhor… Meu medo é que ele tenha se tornado uma pessoa inescrupulosa… Na verdade, rompi totalmente com ele e para sempre, depois de lhe dizer, numa carta bastante minuciosa, exatamente o que pensava dele e de todo esse negócio. Na minha opinião, ele jogou a Exploração Polar, de modo geral, na lama de suas próprias ambições limitadas e desprezíveis.

Por ora, Shackleton contava com o luxo de estar sem contato com o mundo exterior, mas não havia dúvida de que, se voltasse sem ter chegado ao polo, os abutres o despedaçariam, membro a membro.

Apesar do estresse e da tensão dos últimos meses, em suas últimas palavras para Emily antes de desaparecer por pelo menos um ano, Shackleton mostrou sua determinação de prosseguir, mesmo contra todas as probabilidades, citando o poema de Browning de que os dois mais gostavam, "Prospice":

*Temer a morte? — sentir a névoa em minha garganta,*
*A névoa em meu rosto,*
*Quando as neves começam, e as rajadas denotam*
*Que me aproximo do lugar,*
*O poder da noite, a pressão da tempestade,*
*O posto do inimigo;*
*Onde ele está, o Maior Medo numa forma visível,*
*Mas o homem forte precisa ir…*

# 19.

Na desolada costa do cabo Royds, ferozes nevascas açoitavam a superfície do mar, lançando sobre os homens uma chuva de lascas de gelo. Para ajudar a protegê-los das condições implacáveis, Shackleton decretou que o acampamento precisava ser montado rapidamente. Usando picaretas para arrancar as placas de gelo das caixas, os homens ergueram às pressas a cabana pré-fabricada de dez por 5,7 metros, a ser iluminada por lampiões alimentados por gás acetileno. Na escuridão do inverno antártico, aquela seria a casa deles pelos próximos meses, em isolamento total do mundo exterior.

Dentro, os quinze homens foram separados em grupos, e a cada um foi designado um cubículo de 1,8 por 2,1 metros, com cortinas para garantir um mínimo de privacidade, particularmente se quisessem "*sport the oak* " [masturbar-se]. Os dois cientistas australianos nascidos na Grã-Bretanha, professores David e Mawson, ficaram juntos, assim como os velhos "cães polares" Joyce e Wild, os cientistas Priestley e Murray, os médicos Adams e

Marshall, os cuidadores de pônei Armytage e Brocklehurst, o artista George "Putty" Marston e o motorista Day, e o cozinheiro Roberts e o biólogo/cirurgião Mackay. Shackleton dividia seu cubículo com a "biblioteca pública". Para identificarem os cubículos, muitos decidiram pintar nas cortinas nomes apropriados, como Rogues' Retreat, para Joyce e Wild, junto com um desenho de dois rudes camaradas bebendo cerveja em canecas.

Se você quisesse dar uma boa olhada na cabana, espremendo-se por entre as cortinas engorduradas dos cubículos, aspirando o ar empestado, descobriria que, no meio do corredor central, havia uma mesa que podia ser erguida através de roldanas quando não estivesse em uso, para abrir um pouco mais de espaço. O artigo mais indispensável, o fogão a carvão (ou gordura de foca), que era ao mesmo tempo forno e aquecimento central, ficava no fim do corredor, longe da varandinha da entrada e perto da mesa de trabalho do cozinheiro. Uma área de "refrigeração" foi destinada, ao longo de um lado da cabana, para focas e pinguins abatidos, apanhados regularmente no lago congelado na vizinhança, como se fosse um supermercado de bairro, com mais de cem quilos em qualquer dia. A "geladeira", porém, ficava longe dos canis do outro lado, com cães prontos para arrebatar qualquer rebotalho.

Montado o acampamento, ainda havia muito a fazer, e Shackleton, como sempre, atuava na linha de frente. Ajudando em todas as áreas, era visto escavando carvão com a pá, exercitando os pôneis ou dando uma de vigia noturno. Era típico dele garantir que não houvesse divisões de classe e que todo mundo contribuísse. Além disso, era boa companhia. Diferentemente de Scott, Shackleton jamais se comportava timidamente em público, nem quando os grupos se animavam demais no refeitório. Enquanto a cabana estremecia sob a força de ventos catabáticos de 130 quilômetros por hora, com uma fina poeira de neve penetrando até mesmo pelos menores buracos

ou fendas nas paredes, os homens se amontoavam ao longo da estreita mesa iluminada a gás, suas sombras nítidas se misturando como fantasmas, enquanto Shackleton os enfeitiçava com histórias. "Era um homem sociável, que gostava de companhia", lembrava-se Priestley, "e era sempre a vida e a alma de qualquer grupo em que estivesse."

Porém, talvez tenha sido a impressora o que trouxe mais alegria para Shackleton e os homens. O *South Polar Times* , como já mencionado, tinha sido um imenso sucesso no *Discovery* , mas, dessa vez, Shackleton quis publicar um livro para o grupo ler, com todo mundo dando sua contribuição. Receberia o título de *Aurora Australis* , com Marston produzindo a parte de arte e Shackleton usando novamente o pseudônimo Nemo. Antes da viagem, Wild e Joyce tinham feito cursos de composição tipográfica e de impressão, por isso ficaram encarregados de produzir cem exemplares do livro de 120 páginas, enquanto Day transformava as caixas de Venesta em capas. Quando finalizado, o livro se tornou muito popular e certamente contribuiu para entreter o grupo.

Mas nem tudo era diversão e jogos nos sombrios meses de inverno. Quando Marston tentou divertir todo mundo se vestindo de mulher e começou a fazer provocações cômicas pela sala, Mackay explodiu e os homens tiveram de ser apartados. O pior ainda estava por vir, como foi relatado minuciosamente no diário de Marshall, quando Roberts, o cozinheiro, e Mackay brigaram porque o primeiro pôs os pés no baú do segundo. Mackay tentou estrangulá-lo, mas o robusto Morston conseguiu dominá-lo. Shackleton percebeu que não tinha escolha senão estabelecer a lei. Ignorar o assunto poderia enfraquecer seriamente o grupo e ameaçar a expedição. Numa rara explosão de raiva, ameaçou atirar em Mackay se ele voltasse a se comportar daquele jeito.

Shackleton claramente pertencia a uma espécie rara capaz de liderar homens de diferentes origens, fossem marujos endurecidos ou cientistas, e conquistou o respeito deles pela força da personalidade ou pela força dos músculos. Buckley lembrava que ele tinha "uma influência magnética, e logo ficou conhecido como 'Chefe'". Mas o Chefe agora tinha uma bela dor de cabeça.

Graças ao cautelosíssimo England, a demora no desembarque impossibilitou Shackleton de começar a instalar os depósitos de suprimentos na Barreira para a planejada marcha de primavera rumo ao polo. O gelo, que inicialmente bloqueara o caminho, agora flutuava para dentro do mar, e enquanto o estreito de McMurdo não voltasse a congelar não haveria como chegar àquele ponto.

David, contudo, deu uma sugestão que chamou a atenção de Shackleton. O vulcão das proximidades, Erebus, de 4050 metros de altura, jamais tinha sido escalado. Em vez de todos ficarem confinados na cabana o inverno inteiro, um pequeno grupo poderia escalá-lo e, imediatamente, incluir a expedição nos livros de recordes. Era também uma oportunidade para David, Mawson e Mackay adquirirem alguma experiência, uma vez que o trio estava programado para participar de uma expedição posterior visando localizar o polo Sul Magnético.

Depois de muita discussão, ficou decidido que David, Mawson e Mackay encabeçariam o ataque, enquanto Adams, Marshall e Brocklehurst, o jovem baronete, dariam apoio na retaguarda. Mas nenhum dos homens tinha experiência em escaladas, nem equipamento de alpinismo. Tudo de que dispunham para escalar o vulcão eram toscos *crampons* de fabricação caseira (pedaços de couro com pregos afixados nas botas *finnesko* de sola lisa) e *piolets* . Apesar disso, ninguém estava muito preocupado, porque

aparentemente as encostas por onde subiriam possibilitavam uma escalada mais ou menos suave.

Arrastando um trenó de 270 quilos de provisões para dez dias e duas barracas para três pessoas, os homens partiram muito animados, na esperança de deixar sua marca pessoal. Mas as dificuldades começaram logo depois, quando o trenó quebrou e cada homem teve de transportar nas costas parte da carga em mochilas improvisadas. Por serem incômodas demais para carregar, as varetas das barracas foram descartadas, o que tornava impossível erguer as barracas para servir de abrigo. Em vez de voltarem, e demonstrando uma inacreditável falta de experiência, decidiram usar os tecidos das barracas para se cobrir quando estivessem em seus sacos de dormir. Não era um bom presságio.

Avançando lentamente vulcão acima, a equipe começou a perceber que estava tentando abarcar o mundo com as pernas. Os *crampons* não funcionavam, o que levava os homens a escorregarem e caírem o tempo todo, e a agitarem os braços para manter o equilíbrio, enquanto as mãos ficavam dormentes, incapazes de agarrar o que quer que fosse. "Já lutávamos por algum tempo", escreveu David, "quase sempre de quatro… sem fôlego para falar." Um pouco mais acima, Mawson começou as sofrer os efeitos da altitude, enquanto Brocklehurst teve os pés congelados. A situação dele era tão ruim que o grupo foi obrigado a deixá-lo para trás e continuar a subida, prometendo pegá-lo na volta. Uma bela maneira de comemorar seu 21o aniversário.

Cinco dias depois de partir, o grupo, exausto, chegou ao cume da cratera sibilante que vomitava vapor e enxofre, e de lá puderam avistar uma ampla extensão da planície de gelo. Apesar de todas as tribulações, tinha valido a pena. Eles não só entraram nos livros de recordes como também adquiriram uma experiência valiosíssima durante a jornada.

Após recolher Brocklehurst e algumas amostras geológicas, o grupo decidiu que a maneira mais rápida de chegar à base da montanha seria *glissar* — palavra educada para escorregar de bunda. Pondo *piolets* entre as pernas para servir de freio, eles se jogaram encosta abaixo, o tempo todo aos gritos. Logo estavam de volta a cabo Royds, a salvo, aceitando tapinhas nas costas e muitos cumprimentos. Eufórico com a proeza de seus homens, Shackleton abriu o champanhe em sua homenagem, afirmando que "tinha gosto de néctar". No mínimo, sua expedição já teria essa primeira façanha para exibir.

Mas ele não perdia de vista o verdadeiro motivo da expedição: chegar ao polo. Isso não só consolidaria seu status de herói e lhe traria fortuna como também calaria seus muitos inimigos. Porém a missão ficou bem mais difícil quando outros quatro pôneis caíram mortos. Ao fazer uma autópsia, Marshall descobriu areia vulcânica em seus estômagos. Por cerca de uma semana depois do desembarque, enquanto os estábulos eram aprontados, os pôneis ficaram amarrados num lugar arenoso, não muito longe da cabana. A conclusão é que eles haviam comido areia para matar a fome de sal. Dos quinze pôneis originais, restavam apenas quatro. Era um desastre. Os planos de Shackleton previam que pelo menos seis pôneis seguiriam com os cinco homens já escolhidos para acompanhá-lo na marcha: Adams, Brocklehurst, Joyce, Marshall e Wild. Ele ainda achava que quatro pôneis talvez fossem suficientes, mas se houvesse outra baixa ele teria um problema sério para resolver.

Embora os pôneis fossem uma preocupação, os homens que Shackleton escolhera para formar sua equipe também estavam caindo como moscas. A ulceração de frio no dedão do pé de Brocklehurst tinha gangrenado e precisou de amputação, o que o excluiu da disputa para a viagem ao sul. Não foi bem um golpe, uma vez que Marshall já tinha levantado dúvidas sobre a

aptidão de Brocklehurst ao perceber que ele tinha "um batimento cardíaco irregular". Em seu diário, também opinou que Brocklehurst "parece não ter coragem". De qualquer maneira, Shackleton cedeu seu cubículo particular para que Brocklehurst pudesse se recuperar.

Logo depois, Joyce também foi descartado, quando Marshall descobriu que seu fígado fora prejudicado pelo álcool e que ele apresentava sintomas de doença cardíaca. Shackleton sabia bem demais que um homem doente, numa viagem desse tipo, poria em risco a vida de todos. Entretanto, por causa disso, sua própria participação estava ameaçada.

Quando fez um exame e ouviu o coração de Shackleton, Marshall declarou: "Murmúrio pulm[onar] sistólico ainda presente". Marshall não ficou surpreso. Embora os problemas de saúde de Shackleton no *Discovery* fossem bem conhecidos, Marshall também desconfiava de que Shackleton evitara escalar o monte Erebus porque sentia os efeitos do frio e das altas altitudes. Como Marshall recordaria em 1956, "ele sabia que talvez não aguentasse a altitude, provavelmente de mais de 3600 metros, e teria demonstrado tal incapacidade antes da viagem ao sul".

Mas não havia a menor possibilidade de Shackleton excluir a si mesmo da viagem ao sul. Marshall, inutilmente, tentou argumentar, mas ele já tinha ido longe demais, arriscado demais. No entanto, se ia para o sul naquelas condições de saúde, Shackleton precisava ter absoluta certeza de que todos os que fossem com ele eram saudáveis. Um homem doente já era ruim; dois seriam o desastre total.

Agora, com Brocklehurst e Joyce excluídos, Shackleton passou a noite mergulhado em profunda concentração. Depois de horas analisando prós e contras, decidiu que o grupo que viajaria ao sul seria formado por ele mesmo como chefe, Adams como segundo, Marshall como médico e o sempre leal Wild, escolhido, em última análise, pela sua reputação com

Shackleton. Ainda era uma equipe forte, capaz de alcançar o polo, desde que nenhum outro pônei morresse e nenhum homem tivesse problemas de saúde.

A saúde dos outros homens, felizmente, não foi posta em dúvida, mas um choque de personalidades se manifestou nos quatro meses de escuridão polar. Marshall, homem altamente instruído e cheio de opiniões, logo começou a se ressentir do fato de Shackleton ser o líder. Achava, aparentemente, que, por seu diploma universitário e nível de escolaridade, merecia mais respeito de Shackleton e, sem dúvida, da tripulação. Mas Shackleton era capaz de liderar homens só pela força da personalidade; não precisava recorrer ao nível de escolaridade. Sua liderança era um talento natural, que poucos possuem, o que não era o caso do introspectivo e taciturno Marshall.

Incapaz de vencer o ciúme, Marshall fazia críticas veladas sempre que havia oportunidade, ao mesmo tempo que ignorava Shackleton o máximo possível. Em particular, dava vazão a seu azedume no diário, escrevendo sobre Shackleton, logo depois da escalada do Erebus, sem nenhum motivo aparente: "Ele é incapaz de uma ação ou de um pensamento decente… Vai ver só, antes disso acabar". Noutra anotação que se segue, e também depreciativa, Marshall criticava Shackleton por maltratar subordinados e não realizar serviços religiosos regularmente, e concluía chamando-o de "mentiroso e hipócrita consumado", por quem não tinha nem "um pingo de respeito".

Na escuridão do inverno, Shackleton manteve distância, esperando que o humor de Marshall melhorasse quando a claridade voltasse. Se isso não ocorresse, então ele teria de tomar a decisão difícil, mas necessária, de excluir Marshall. Mas será que poderia confiar que ele não contaminaria os que ficassem com ele?

Quando a claridade voltou em agosto, os preparativos para a viagem ao sul começaram de verdade. Da maior importância era estabelecer os depósitos de suprimentos, o que tinha sido adiado por causa do atraso na busca de um ponto para atracar. Em 22 de setembro, Shackleton, Adams, Marshall, Wild, Marston e Joyce partiram, com o objetivo de chegar ao Hut Point e estabelecer o primeiro depósito aos 79°39' sul. Era uma viagem de ida e volta de 515 quilômetros, um verdadeiro teste para todos os envolvidos, particularmente porque Shackleton estava decidido a observar Marshall com atenção.

Para a viagem, Shackleton resolveu não usar pôneis. Isso talvez tornasse a tarefa mais difícil, mas ele temia que um deles morresse ou ficasse ferido antes da grande investida para o sul. No entanto, deu ao carro da Arrol-Johnston uma última chance, para ver se poderia ser de alguma utilidade no transporte de pessoas ou equipamento. Infelizmente, depois de começar a funcionar e engasgar, morreu com apenas treze quilômetros percorridos. Não só a falta de rastros nos pneus era fatal para o desempenho do veículo como Day também descobriu que as temperaturas extremas atrapalhavam a entrada de ar no carburador. Setenta e seis anos depois, em condições parecidas, nossas motonetas de neve individuais tiveram o mesmo problema, com temperaturas na faixa dos –45ºC: aceleradores emperravam, carburadores ficavam bloqueados, combustível vazava, e uma junta da caixa de marcha explodiu.

Shackleton agora não tinha mais dúvida. O carro fora uma gigantesca perda de tempo. Embora Day, mais tarde, tenha registrado uma velocidade de até 24 quilômetros por hora à frente de um trenó com 340 quilos de carga, transportando em oito horas o que uma equipe de seis homens teria levado pelo menos dois dias para transportar, tudo isso se deu em gelo duro. Como seria bom se o carro pudesse lidar com a neve solta… Ah, se porcos

tivessem asas… Por enquanto, os homens precisariam fazer o resto da viagem rebocando.

Depois de ajeitarem a velha cabana de Scott, eles seguiram em frente para a Barreira, onde a temperatura caiu para –50ºC e o vento aumentou significativamente. Foi um verdadeiro teste para o grupo, em especial quando Joyce desenvolveu ulceração causada pelo frio. As condições ficaram tão ruins que, em certos dias, não foi possível sequer saírem da barraca. Apesar disso, conseguiram atingir seu objetivo, chegando aos 79°39' sul, onde despejaram óleo e forragem para os pôneis, marcando a área com uma bandeira preta.

Na volta para o cabo Royds, Wild escreveu: "Éramos um grupo famélico e exausto quando chegamos". Nesse meio-tempo, David, Mawson e Mackay já tinham partido, na esperança de localizar o polo Sul Magnético. Era uma viagem de ida e volta de 1600 quilômetros rumo ao desconhecido, e Shackleton lhes avisara que, se quisessem encontrar o *Nimrod* e voltar para a Nova Zelândia, precisavam estar no cabo Royds até 7 de fevereiro de 1909.

Mas, para Shackleton, nada daquilo era mais do que floreio em relação ao grande objetivo da expedição. No fim de outubro, ele e sua equipe finalmente sairiam rumo ao polo, porém, faltando poucas semanas para a partida, a questão do temperamento de Marshall ainda estava por resolver. Ele tinha sido uma presença quase maligna na cabana, mas Shackleton soube que trabalhara admiravelmente bem no gelo e deixara de ser um problema pessoal. Na verdade, Shackleton relutava em deixar para trás o ultrarresistente Marshall, apesar de haver outros médicos disponíveis.

Em sua tentativa anterior de chegar ao polo, Shackleton quase perdera a vida para o escorbuto, e uma das principais razões da escolha de Marshall para participar da expedição havia sido seu estudo da doença. Embora a falta de vitamina C ainda não tivesse sido identificada como causa, as

pesquisas de Marshall o levaram a acreditar que a única maneira de combater a doença era comer alimento fresco em abundância, basicamente carne de foca e de pinguim, bem como tomate enlatado, que ele tinha comprado na Nova Zelândia. Os tomates, em particular, continham boas doses de vitamina C, o que podia afastar a ameaça de escorbuto e até ajudar a curá-lo. Shackleton, portanto, confiava na expertise de Marshall para ajudar o grupo a ir ao polo e voltar, sem que o escorbuto se manifestasse. A não ser que Marshall se mostrasse incapaz de controlar seu mau humor, a decisão de Shackleton era levá-lo junto.

Isso contraria um pouco minhas próprias experiências. Aprendi com o tempo que se eu tivesse a mais leve suspeita, antes de partir, de que alguém pudesse vir a ser a maçã podre, o melhor a fazer era me livrar dele de imediato. O gelo já é suficientemente difícil sem alguém que estrague o ambiente e esteja sempre desafiando o líder. Apesar disso, enquanto Shackleton mantinha Marshall em observação, o próprio Marshall, por sua vez, ainda não estava convencido de que Shackleton deveria ir.

Shackleton podia até não ter mostrado nenhum efeito negativo durante a operação de montagem dos depósitos, mas Marshall tinha certeza de que o sopro no coração seria um problema quando estivessem bem depois da Barreira. Os dois não demoraram a se desentender sobre a questão, mas Shackleton deixou claro que ele era o "Chefe" e, se decidisse ir, nada o impediria. O assunto só foi resolvido quando, pouco antes de iniciarem a jornada para o sul, Shackleton entregou a Marshall uma carta formal isentando-o de qualquer responsabilidade por quaisquer problemas de saúde que pudessem surgir durante a marcha. Declarava também que, se Shackleton não conseguisse voltar, seus testamenteiros defenderiam o discernimento médico de Marshall. Escreveu Shackleton: "Aceitei todas as suas opiniões médicas e agi em conformidade com elas", e assinou o

documento. Mas a decisão de permitir que Shackleton prosseguisse perseguiria Marshall durante décadas. Escrevendo meio século depois, concluiu que Shackleton "jamais esteve apto a pôr em prática nenhum dos seus programas".

Antes de deixar a Inglaterra, Shackleton tinha feito a Emily uma promessa solene: "De uma coisa tenho certeza, não vou correr nenhum risco só para tentar chegar ao 'polo' contra todas as adversidades". Mas agora, numa carta a ser entregue para Emily caso ele morresse, escreveu: "Minha querida esposa de olhos doces. Lembre-se de mim com doçura… Não esqueça… seu marido terá morrido numa das poucas coisas grandiosas que ainda é possível fazer". Acontecesse o que acontecesse, Shackleton, de fato, acreditava que seu destino era chegar ao polo, ou morrer tentando.

# 20.

Em 29 de outubro de 1908, o momento da verdade finalmente chegou para Shackleton. Marshall, Wild e Adams, bem como um pequeno grupo de outros homens do acampamento encabeçado por Joyce, que a eles se juntaria nos primeiros dias da marcha, partiram debaixo de céu azul. Foi, nos termos de Shackleton, "um começo auspicioso". Bernard Day conduziu o carro no gelo duro por alguns quilômetros, ajudando a carregar suprimentos, enquanto os pôneis, Chinaman, Grisi, Quan e Socks, puxavam, cada qual, um trenó, sem que nenhum dos cães participasse da viagem. Scott teria aprovado.

Antes de partir, Shackleton disse a Murray, a quem ficava o comando no cabo Royds, que se eles não voltassem até 1º de março de 1909 "é porque alguma coisa muito séria aconteceu". Nesse caso, o *Nimrod* tinha ordem para retornar à Nova Zelândia, deixando um grupo de três no cabo Royds por mais um ano, para o caso de Shackleton e seus homens chegarem.

Mas Shackleton não ocupava a cabeça com pensamentos de derrota. Desde o momento em que fora despachado por Scott para casa quase seis anos antes, tinha feito tudo o que estava ao seu alcance para voltar ao gelo. Nesse ínterim, sobrevivera a escândalos, constrangimentos, traições, hostilidade e sabotagem, e, não obstante, de alguma forma, ali estava ele, decidido a, enfim, reivindicar o que acreditava ser seu destino por direito: um lugar nos livros de história. Como ele mesmo escreveu: "Finalmente estávamos na longa estrada depois de quatro anos de deliberações e de trabalho. Rezo para termos êxito, pois tenho me envolvido nisso com emoção e entusiasmo".

Melhor que ninguém, Shackleton sabia que o território que tinha pela frente era traiçoeiro. Junto com Scott, chegara a 82°15', bem longe do polo, numa marcha que quase lhe tirara a vida. Agora pretendia ir bem mais longe. Em sua última tentativa, percorrera os primeiros 480 quilômetros do trajeto, mas os novecentos quilômetros restantes para o polo nunca haviam sido explorados. Era impossível dizer que desafios os aguardavam. O caminho para o polo podia estar bloqueado por montanhas do tamanho do Everest, o próprio polo poderia estar localizado numa rede de profundos canhões estendendo-se por quilômetros ou, como o polo Norte, no mar congelado, sem ligação com a terra.

Para cumprir essa missão potencialmente impossível, Shackleton dispunha de 91 dias, antes que o estoque de alimentos acabasse; Scott levara o suficiente apenas para setenta dias. Para completar a viagem de ida e volta, de 2770 quilômetros, Shackleton e sua equipe precisavam viajar pelo menos trinta quilômetros por dia, sobrevivendo com uma ração de apenas 4300 calorias. À primeira vista, parecia um objetivo risível. Isso não só era duas vezes mais rápido do que tinham sido capazes de desenvolver anteriormente na viagem do *Discovery* , como, em 93 dias, haviam marchado somente 1545

quilômetros, bem abaixo do ritmo exigido para chegar ao polo. Apesar das adversidades monumentais, Shackleton continuava otimista, achando que eles dariam um jeito de cumprir a missão. Mesmo supondo que os quatro pôneis restantes poderiam ser de grande ajuda, sabia, mais do que quase todo mundo, que a força de vontade e a firmeza de caráter podem ajudar alguém a superar as condições mais adversas.

Esse otimismo e essa determinação claramente contaminavam seus homens. Brocklehurst afirmou que "Shackleton era tão entusiasmado e tão confiante na própria capacidade que não nos deixava muito espaço para pensar em outra coisa que não fosse o sucesso". Shackleton era homem de muitos defeitos, mas, quando se tratava de liderar pelo exemplo e transformar um grupo numa coisa melhor do que se poderia esperar dos indivíduos que o compõem, tinha poucos rivais. No gelo, essas características seriam cruciais.

Na verdade, Shackleton enfrentou seu primeiro teste quando Socks começou a mancar. Logo depois, Adams, de repente, soltou um grito. Quan, o maior dos pôneis, o escoiceara na canela, abrindo a carne até o osso. Com Socks manco e Adams quase incapaz de andar, Shackleton não teve escolha senão voltar ao Hut Point e adiar a marcha por alguns dias, na esperança de que Socks e Adams se recuperassem. Frank Wild, apesar de fã de Shackleton, anotou: "O capitão está muito irritadiço e agitado". Para grande alívio de Shackleton, em 3 de novembro os dois estavam prontos para continuar. Mas, quando o grupo partiu novamente para a Barreira, novos desafios surgiram, um atrás do outro.

Depois de muita reflexão, Shackleton tinha apostado nos pôneis, em detrimento dos cães, para ajudar a transportar provisões e equipamentos até o polo. Mas quando os animais começaram a pisar a neve macia, seu peso,

como se temia, os fez afundar quase até os joelhos, retardando dramaticamente a marcha.

Os pôneis se saíam um pouco melhor no gelo. Inacreditavelmente, não eram ferrados e, por isso, estavam sempre escorregando e caindo. Scott, mais tarde, comentaria os excelentes resultados de ferraduras facilmente ajustáveis para pôneis viajando em condições de neve solta, mas não encontrei nenhum registro de que a equipe de Shackleton possa, alguma vez, ter pensado em usá-las.

Para ajudar os animais aflitos, Shackleton e seu pessoal cavavam degraus em trechos difíceis de gelo, mas isso consumia um tempo precioso. De repente, viajar trinta quilômetros por dia já não parecia apenas otimista, mas quase impossível.

As condições também eram adversas para os homens, que afundavam da mesma forma na neve solta. A pé, exerciam uma pressão de 1,13 quilo por polegada quadrada, enquanto que, se usassem esquis, a pressão cairia para 226 gramas. No entanto, como foi notado, os esquis naquela época eram muito pesados e só seriam necessários em certas circunstâncias. Prescindir de esquis era, portanto, um risco calculado. Se nunca precisassem deles, os homens estariam rebocando peso extra por milhares de quilômetros. Mas, se se mostrassem necessários, fariam falta, como certamente fizeram naquele momento, com os homens já atrasados poucos dias depois de iniciar a marcha. Shackleton logo percebeu que precisava agir, e depressa.

Naquela velocidade, suas rações diárias acabariam antes que chegassem perto do polo. Shackleton, portanto, tomou a decisão de reduzi-las para durarem 110 dias, o que permitiria aos homens procurarem alcançar vinte quilômetros diários. Esperava que essa meta fosse mais realista, declarando: "Se não fizermos o serviço nesse tempo, é a vontade de Deus". Para se precaver de futuras perdas, em caso de desastre quando o grupo de apoio

voltasse em 7 de novembro, Shackleton mandou Joyce montar mais um depósito de alimentos em Minna Bluff. Se a situação se tornasse realmente desesperadora, isso funcionaria como garantia.

Nada era mais importante para Shackleton do que percorrer a distância prevista todos os dias, mas ele mantinha um pé atrás com relação a Marshall; temia, particularmente, que jogasse os outros contra ele. Para evitar qualquer insatisfação, determinou que a cada semana os homens trocassem de barraca, evitando, assim, que os descontentes tivessem tempo de formar uma clique para contestar sua autoridade. Além disso, determinou que as obrigações, como cozinhar, fossem compartilhadas, e que todos os homens participassem de discussões sobre decisões importantes. Esperava, com isso, fazer todos se sentirem responsáveis pelo êxito ou pelo fracasso da missão, bem como fortalecer o espírito de equipe. Estavam juntos para o que desse e viesse, e todos eram responsáveis por qualquer êxito e qualquer fracasso. Se tentasse impor sua autoridade em circunstâncias tão traiçoeiras, temia que os homens sofressem um colapso e o responsabilizassem por seus males.

Mas Shackleton enfrentou outro contratempo. Embora tivessem andado 87 quilômetros nos primeiros nove dias, um avanço em relação aos sessenta que tinham percorrido no mesmo período com o *Discovery* , uma nevasca violenta desabou, confinando-os nas barracas até que a tempestade passasse. Como cada quilômetro e cada dia eram vitais, foi um enorme revés. O grupo não teve escolha senão abrigar-se nas barracas e aguardar a tempestade ceder.

As barracas sacudiam sob o vento feroz, enquanto os homens se amontoavam lá dentro, lendo os livros que traziam consigo, *Muito barulho por nada* , de Shakespeare, no caso de Shackleton. A incapacidade de marchar era um problema, mas, além disso, nos dois dias que ficaram

paralisados os homens e os pôneis consumiram valiosas provisões. Um medo silencioso impregnava a atmosfera: o polo já estava fora de alcance. Enquanto escrevia, privadamente, que "é uma dolorosa provação para nossas esperanças", Shackleton tinha consciência de que não poderia deixar os homens aceitarem a derrota tão cedo, ainda que tudo parecesse trabalhar contra eles. Fazia o possível para manter o otimismo e mostrar que estava tranquilo, contando piadas, histórias e interessando-se pelo bem-estar de cada um para manter um estado de espírito positivo. Isso, de alguma forma, contagiou os homens, que achavam que se Shackleton ainda achava possível atingir o objetivo era porque tudo corria bem.

Em 9 de novembro, as condições haviam serenado o suficiente para permitir a retomada da marcha. Mas ainda era difícil avançar, particularmente quando deparavam com ondas congeladas de sastrugi, que eram traiçoeiras para os pés. Avançando com cautela, Shackleton escreveu: "Não havia alternativa senão confiar na Providência". Apesar disso, a Providência parecia decidida a abandoná-los. Quando Chinaman pisou em uma fenda, o chão cedeu, deixando-o pendurado sobre o abismo, com ele transportando todo o equipamento de cozinha do acampamento, metade do suprimento de óleo e todos os biscoitos. Correndo para acudir, os homens escoraram desesperadamente o pônei, cientes o tempo todo de que o gelo poderia ceder sob seus pés a qualquer momento. Perder Chinaman e o equipamento de cozinha não só tornaria impossível continuar a marcha como ainda levantaria dúvidas sobre a possibilidade de voltar para o cabo Royds. Usando toda a força que tinham em cada músculo, conseguiram puxar o pônei para um lugar seguro.

Os pôneis vinham se revelando mais um estorvo do que uma vantagem. De noite, no acampamento, os homens perceberam que, diferentemente dos cães, que retêm calor, os pôneis o dissipavam, sendo, portanto,

particularmente suscetíveis ao frio. Para mantê-los aquecidos, os homens tinham de erguer quebra-ventos com blocos de gelo, escovar qualquer neve que se acumulasse em suas capas e em seus cascos, bem como amarrar cobertores noturnos sobre eles. Além disso, o milho precisava ser cozido até virar um purê. Teria sido bem mais fácil cuidar dos cães. Logo os homens passaram a odiar os pôneis, embora não tivessem escolha senão continuar com eles.

Felizmente, as condições melhoraram. Com o gelo mais firme sob os pés, os homens não só atingiam a meta diária de vinte quilômetros em alguns dias como até a superavam em outros. Se tudo corresse bem, talvez ainda conseguissem chegar ao polo. Mesmo o irritadiço Marshall escreveu: "Tudo mais promissor".

Tendo alcançado o primeiro depósito para reabastecer em 15 de novembro, o grupo, agora bem alimentado, continuou a recuperar mais tempo valioso na semana seguinte, atingindo e superando a meta diária. Em 16 de novembro, bateram um recorde diário de 27 quilômetros, chegando ao paralelo 80. "Começo a achar que chegaremos bem ao polo", escreveu Wild, embora fizesse uma ressalva pessimista, "mas tenho dúvidas quanto à volta."

A saúde de Chinaman não era nada animadora. Muito doente, com os animais feridos, estava claro que não conseguiria continuar. Wild foi convocado para realizar um dever sacrificial que nem Shackleton, nem Adams, nem Marshall eram capazes de suportar: dar um tiro na cabeça do pônei e pôr fim ao seu sofrimento. Marshall, pelo menos, não mostrou tantas reservas na hora de retalhar a carne de Chinaman, deixando mais de 22 quilos no próximo depósito para a viagem de volta. O resto foi devorado com gosto naquela noite, em pedaços fritos ou crus. Wild disse que tinha gosto de carne de vaca de qualidade e que mandou para dentro "uma quantidade respeitável", enquanto Marshall comentou que a carne deveria

ajudá-los a "evitar o perigo do escorbuto". Ao comê-la, Adams teve problema com um dente, que Marshall, com bastante dificuldade, conseguiu arrancar, sem boticão.

Embora a carne de Chinaman fosse, sem dúvida, crucial na viagem de volta, o grupo agora tinha um pônei a menos, e a carga teve de ser dividida entre os outros. Perder um pônei em estágio tão adiantado da marcha não foi um desastre, mas seria se perdessem outros, em rápida sucessão.

Lembrando que tinha sido muito difícil localizar cada bandeira preta de depósito durante a expedição do *Discovery* — que Shackleton havia comparado a "achar uma boia no mar do Norte" —, ele decidiu tornar os depósitos bem mais visíveis. Levantando primeiro um monte de neve com uma bandeira preta enfiada no topo, os homens resolveram construir outros de mais ou menos dois metros de altura cada um, que se destacavam na paisagem plana e tinham mais chance de não ser destruídos pelo mau tempo.

Quando se deslocaram mais a leste, a fim de evitar o gelo partido e móvel que anos antes tinha causado tantos problemas para a expedição do *Discovery* , os montes Longstaff e Markham despontaram no campo de visão. Mas, diante deles, havia uma coisa muito mais importante. O recorde batido por Scott em viagens ao sul quando chegou a 82°17' estava provocadoramente ao alcance deles.

Poucos dias depois, eles superaram essa marca, quando, em 26 de novembro, acamparam a 82°18,5' sul. Scott, Shackleton e Wilson tinham levado 59 dias para estabelecer o recorde. Agora Shackleton e seus homens o quebravam em apenas 29. Aquele não era o grande objetivo de Shackleton, mas, o que quer que acontecesse, ele podia se vangloriar de ser não apenas um recordista, mas de ter provado seu valor para Scott e para todos que duvidaram dele.

Tudo o que tinham diante de si era território inexplorado. “É privilégio de poucos homens ver terras nunca vistas por olhos humanos”, escreveu Shackleton, maravilhado. “Não dá para imaginar o que significa percorrer lugares nos quais ninguém esteve antes.” Apesar disso, estava ciente de que, na comoção de novas descobertas, a marcha poderia reservar muitos desafios inesperados e desagradáveis.

Durante duas semanas, os homens tinham avançado milagrosamente, e todos continuavam com boa saúde, mas, de súbito, Grisi e Quan começaram a mancar. Não havia escolha senão abatê-los a tiro, com a carne de Grisi sendo guardada no depósito seguinte. Marshall atribuiu “à ignorância e à incompetência” de Shackleton a morte de Quan, com a velha inimizade entre eles ainda fervilhando sob a superfície.

Os homens tiveram de dividir entre eles o trabalho dos pôneis, adicionando 270 quilos de carga, com o polo ainda a 640 quilômetros de distância. Com as rações reduzidas, isso só aumentou a fome, já voraz, dos homens. Com as reservas de energia rapidamente desfalcadas, a distância que percorriam também ia diminuindo. Enquanto originalmente recebiam uma ração de 4300 calorias diárias, agora ingeriam não mais de 3 mil. “Estamos famintos agora e sabemos que, provavelmente, será assim por mais três meses”, escreveu Shackleton, reconhecendo a dimensão da tarefa que tinham pela frente. “Muito feliz se sairmos desta”, escreveu em linguagem cifrada Wild, que agora partilhava uma barraca com Shackleton.

Não bastasse a luta contra a fome, o que veio em seguida representou um significativo revés. Para chegarem ao polo, era indispensável que a superfície continuasse plana e sólida. Mas agora, diante deles, se estendia uma cadeia de montanhas conhecida atualmente como cadeia Transantártica. Esse acidente geográfico tem cerca de 3500 quilômetros de comprimento, 290 de

largura e, em alguns pontos, mais de 4200 metros de altura, exatamente o tipo de território inexplorado que Shackleton mais temia.

Só para alcançar o pé dessa cadeia de montanhas já foi um desafio. A pressão do gelo contra a rocha criara cumes imensos, tornando o terreno extremamente perigoso. Era, segundo Marshall, "como uma onda oceânica rebentando numa costa desconhecida". Parecia não haver uma passagem fácil, e os homens temeram ter chegado o mais longe possível. Marshall escreveu: "Pediram-me para dizer ao Chefe que ele 'tinha se saído muito bem e feito o suficiente'. Respondi que 'nada impede alguém de dar meia-volta'". No entanto, Shackleton se recusava a admitir derrota. Em vez disso, resolveu escalar uma elevação próxima para ver se havia um caminho mais fácil. Se houvesse, continuariam a marcha para a glória. Caso contrário, não havia alternativa senão retornar. Os homens, que agora chamavam Shackleton unanimemente de "Chefe," preferiram depositar sua confiança nele.

Amarrando-se uns aos outros com cordas, os homens avançaram, hesitantes, por onze quilômetros de fendas. Qualquer escorregão poderia lançar um homem, rolando, centenas de metros abaixo. Como não poderia deixar de ser, o avanço era penosamente lento, com os homens levando seis horas para percorrer os onze quilômetros, antes de chegarem ao sopé de uma montanha vermelha.

Em comparação com outras da cordilheira, a montanha, ao menos, era relativamente pequena, com apenas seiscentos metros de altura. Em duas horas, os homens tinham chegado perto do cume, rezando para que a vista lá do alto mostrasse um caminho mais fácil do outro lado.

Protegendo os olhos contra o sol, deram uma espiada ao longe e viram uma gigantesca geleira formando um caminho para o sul que penetrava na cordilheira, como uma rodovia para o céu. "De repente surgiu diante de nós

uma estrada aberta para o sul", escreveu Shackleton, eufórico. Se pelo menos conseguissem passar pelas fendas, com Socks e suas provisões, o caminho para o polo estaria livre. Até Marshall fez uma pausa para assimilar a magnitude da descoberta. "Jamais esquecerei a primeira visão dessa terra prometida", escreveu. "O Todo-Poderoso foi muito bom conosco." Shackleton havia descoberto uma das poucas rotas transitáveis através da cadeia de montanhas para o polo.

Cada novo trecho de território inexplorado oferecia também a oportunidade de honrar um destacado acidente geográfico com um nome. Shackleton decidiu, portanto, chamar a montanha vermelha de monte Hope. Embora alguns pensassem que "Hope" [Esperança], nesse caso, expressasse seus sentimentos quando viu o caminho aberto para o polo, parece haver outra explicação.

Anos antes, Shackleton tinha conhecido uma escocesa chamada Hope Paterson. Novamente aqui, não há prova de que tenha havido uma relação romântica entre os dois, mas sabemos com certeza, por cartas, que os dois mantiveram estreito contato. Ao voltar para casa da expedição, Shackleton lhe enviou um pedaço de pedra, numa caixa de prata, que trazia inscrito um mapa com as coordenadas do monte Hope.

Houve alguma discussão também em torno do nome que Shackleton deu à geleira. A maioria achava que o nome geleira Beardmore era uma homenagem a William Beardmore, numa tentativa de Shackleton de apaziguá-lo por ter desaparecido sem saldar a dívida de mil libras esterlinas. A despeito disso, Shackleton dissera anteriormente a Elspeth Beardmore que batizaria uma geleira em sua homenagem. Por essa razão, alguns afirmam que talvez a geleira tenha recebido esse nome por causa de Elspeth, e não do marido dela.

Naquele momento, esses nomes eram questões banais. Shackleton já tinha quebrado o recorde de Scott e acabara, milagrosamente, descobrindo uma das pouquíssimas passagens disponíveis para o polo. Não voltaria para casa, como temia na véspera, com o rabo entre as pernas. De repente, todos os seus sonhos pareciam ao alcance da mão.

# 21.

Tendo descido da montanha, muitos voltaram para o acampamento, o sol fulgurando no céu como se anunciasse a importantíssima descoberta feita pelo grupo. Após semanas de trabalho duro no frio enregelante, o sol parecia sinalizar uma mudança na sorte daqueles homens. Não foi bem assim.

Rebocar uma carga de 270 quilos entre três pessoas, enquanto Socks, guiado por Wild, puxava outra, era trabalho árduo, e o sol ardente não ajudava em nada. Era meados do verão e o sol brilhava até meia-noite. Suando abundantemente, os homens tinham de ficar só de camisa, mastigando carne de cavalo congelada para refrescar.

O sol também maltratava muito os olhos. Enquanto atravessavam pontes de fendas e escalavam o monte Hope, os raios do sol se refletiam no gelo, ofuscando-os. Os óculos de neve embaçavam com a transpiração, enquanto os olhos quase fechados e inchados de fluido lacrimejavam, colando as máscaras nas faces. Recusando-se a usar óculos para poder encontrar o

caminho, Shackleton sofria mais do que os outros, com os raios ultravioleta queimando não apenas a córnea, mas qualquer pedaço de pele exposta, enquanto bolhas e cascas lhe cobriam o rosto, e os lábios rachavam e sangravam. Para aliviar a dor, ele apertava as pálpebras com as luvas, mas não adiantava muito, e, quando tentava abrir os lábios rachados para falar, mais pele arrancava, fazendo os lábios sangrarem e congelarem. Wild observou que a cegueira da neve era "terrivelmente penosa" para Shackleton, mas admirava o fato de "ele não desistir".

Em 4 de dezembro, eles finalmente puseram os pés na geleira gigante, o "portal" para o polo, mas Shackleton estava ciente de que o calor do sol poderia causar o derretimento e o colapso das pontes de fenda sob seus pés. Tomou o máximo cuidado numa ponte de fenda que rachava e rangia a cada passo, ameaçando desabar a qualquer momento.

Shackleton também reconhecia a ameaça que vinha de cima. Em volta deles, havia imensas pedras caídas dos penhascos. Escreveu: "Achamos que a qualquer momento um grande pedaço de rocha pode desabar". Isso era ainda mais preocupante à noite. Incapazes de ancorar suas barracas no gelo firme, tiveram de fazê-lo em trechos de neve solta, debaixo de uma coluna de granito com pedras espalhadas em volta. "Esta noite a Providência tomará conta de nós", escreveu Shackleton, "pois não há nada mais que possamos fazer."

Logo perceberam que era perigoso demais transportar toda a carga de uma vez no gelo frágil e traiçoeiro. Decidiram, portanto, deixar Socks para trás enquanto dividiam a carga para rebocar em trenós que iam e vinham. Marshall falou dos terrores que enfrentaram.

> Atravessando fendas por todo o resto da tarde, uma superfície terrivelmente traiçoeira, pois não há nada que indique a sua presença… Shackleton e eu atravessamos pouco antes de acampar. Isso chateou Shackleton, e ele não está bem fisicamente. Uma série de coisas desagradáveis pela frente amanhã.

Depois de passarem por várias situações perigosas, emocionalmente exausto, Shackleton escreveu que "cada passo era um risco". Wild acrescentou: "Prefiro caminhar 65 quilômetros a fazer isso de novo". Mas Wilson estava enganado se pensava que o pior já tinha passado.

Em 7 de dezembro, quando Wild guiava Socks e o resto do grupo a uma altura de cerca de 520 metros na suave encosta da geleira, o terreno se abriu debaixo dele. Despencando no abismo para a morte certa, Wild foi bruscamente escorado. Por um golpe de sorte, seu trenó tinha virado de lado e ficara atravessado no buraco, com os arreios salvando-o da queda. A mesma coisa aconteceu comigo certa vez na geleira de Beardmore. Quando eu tentava atravessar uma ponte de fenda, com os esquis presos aos pulsos, a superfície cedeu. Pendurado sobre um enorme buraco, percebi que o que me impedia de despencar e morrer era uma das varetas do meu esqui, que ficou atravancada acima de mim, ainda presa ao pulso.

Socks não teve a mesma sorte. O peso quebrou as correias que o prendiam ao trenó, e ele desabou na escuridão. O grupo agradeceu à sua estrela da sorte por ter salvado pelo menos o trenó, que transportava comida e dois dos quatro sacos de dormir. Se perdessem o trenó, todos, certamente, teriam morrido.

Apesar disso, a perda de Socks foi outro revés monumental. Eles teriam de dividir entre si mais de 450 quilos de carga e ainda haviam perdido a carne do pônei, que poderia tê-los alimentado por duas semanas. Não chegava a ser um consolo o fato de agora poderem comer a comida dele: dezoito quilos de milho e catorze quilos de um preparado de alto poder energético composto de carne, cenoura, leite, açúcar e passas. Não querendo parecer desanimado, Shackleton disse: "As dificuldades são simplesmente desafios a serem superados".

Quando temia um fracasso e sentia a disseminação gradual do pânico, descobri que a melhor maneira de combater pensamentos negativos é ensaiar mentalmente minha reação ao pior cenário possível. Por exemplo, quando me aproximava de um campo de fendas, eu ensaiava na cabeça o que fazer, exatamente, passo a passo, se viesse a cair na goela de uma rachadura de trinta metros. Sentir-se preparado para o que der e vier tem um efeito tremendamente positivo.

Shackleton, exausto, escreveu o seguinte sobre a viagem:

> Começamos às 7h40 na pior superfície possível — gelo azul com quinas cortantes cheio de fendas, elevando-se em colinas e despencando em ravinas. É uma tensão constante para nós evitar que o trenó quebre, ou despenque numa fenda, e também estamos cheios de hematomas nos lugares em que batemos no gelo duro… Foi um trabalho de ir e vir o dia todo, pois só podíamos levar um trenó de cada vez… Apesar disso, avançamos cinco quilômetros para o sul…

Cada minuto parecia uma eternidade, com a ansiedade roendo por dentro, enquanto dedos dos pés e das mãos queimados de frio competiam a cada passo com a dor mais aguda de cuecas repuxando virilhas laceradas. Com a fome e o cansaço exigindo mais do que podiam aguentar, cada um olhava o outro com desdém. Wild se irritava com Adams e Marshall por não puxarem sua carga, escrevendo que Marshall era "um sujeito desagradável, pesadão e preguiçoso" e que desejava "que ele caísse numa fenda de uns trezentos metros de fundura". Foi um pouco mais gentil com Adams, admitindo que este se esforçava ao máximo, embora ainda fosse "um máximo bem mais ou menos". Dizia que Marshall e Adams juntos eram "vermes lamentáveis".

Marshall, que jamais precisou de um bom pretexto para criticar Shackleton, agora achava difícil ficar calado. Shackleton talvez comandasse bravamente o grupo na linha de frente, apesar da cegueira da neve, mas Marshall não demonstrava a menor simpatia, afirmando que era culpa dele e que estava cansado de suas "lamúrias". Numa ladainha de queixas, Marshall

descreveu suas habilidades culinárias como "imprestáveis" e disse que Shackleton era como "uma velha, sempre apavorado". Depois, não aguentando mais, jogou na cara de Shackleton que a viagem "não deveria ter sido tentada a partir daquela base [cabo Royds] com o objetivo único de chegar ao polo, e qualquer um que tente defender essa decisão básica tem um parafuso a menos". Embora tentasse pairar acima do mau humor de Marshall, Shackleton não conseguiu resistir à tentação de dar algumas alfinetadas em suas cartas para Emily, nas quais descrevia Marshall como "um tanto adolescente [e] com uma tendência a ressentir-se da disciplina". Com sua franqueza, mesmo em condições tão difíceis, Marshall comprometia a segurança do grupo, e Shackleton, sem dúvida, deve ter se perguntado se não fora um erro levá-lo.

Com o tempo, cada homem preferiu atravessar o mundo fantasmagórico de brancura e formas estranhas em silêncio. Guardando para si queixas, dores e fúria, arrastavam seus trenós através das fendas sinistras. O polo ainda estava a 560 quilômetros de distância, e a única certeza que tinham era de que rumavam para o sul.

O polo era o objetivo, mas ainda tinham trabalho científico a realizar. Usando o teodolito e o hipsômetro, mapearam o terreno virgem e registraram a altura de muitos picos à sua volta, batizando numerosas montanhas e geleiras em homenagem a pessoas ligadas à expedição: Dorman, Mill, Keltie, Adams e Wild. Num momento de caridade, Shackleton chegou a dar a um deles o nome de Marshall, apesar de receber pouca demonstração de gratidão em troca.

Aqui também tem havido algum debate sobre os nomes de alguns desses acidentes geográficos, particularmente o monte Donaldson. Chegou até nós a informação de que, durante a viagem para a Nova Zelândia, Shackleton fez amizade com certa Isobel "Belle" Donaldson. Mais uma vez, é impossível

dizer se a relação entre os dois foi de alguma forma romântica, mas, pouco antes de o *Nimrod* partir para o cabo Royds, Shackleton lhe escrevera uma carta na qual se identificava como "Seu Homem Polar". Parece que a montanha de 3930 metros foi batizada em homenagem a Isobel, com quem ele ainda manteve contato durante anos. Nesse ritmo, Shackleton corria o risco de não ter mais montanhas para batizar com os nomes de tantas conhecidas suas.

Descobrir montanhas e geleiras era em si uma grande emoção, mas Wild fez a descoberta mais espetacular de todas: carvão. Inspecionando as pedras, descobriu veios negros de até 2,4 metros de espessura. Era não só a primeira vez que se encontrava um recurso tão valioso no continente como representava também uma descoberta científica revolucionária, provando que milhões de anos antes a Antártica tinha sido um ambiente quente e pantanoso. Se a expedição já podia ser classificada como bem-sucedida, depois que os homens bateram o recorde de Scott essa descoberta deu nova ênfase ao elemento científico. Na verdade, foi na esperança de descobertas desse tipo que o governo australiano dera ouvidos a David e assentira em fazer uma doação tão generosa a Shackleton.

O humor do grupo melhorou outra vez quando o topo da geleira despontou diante deles. Shackleton reconheceu que o polo estava ao seu alcance. No entanto, se quisessem ter alguma chance de êxito, novos sacrifícios precisavam ser feitos. "Temos de marchar comendo pouco para atingir nosso objetivo", escreveu ele, diminuindo ainda mais as rações.

Montando outro depósito de suprimentos, eles deixaram para trás provisões suficientes para quatro dias, levando biscoitos e uma pequena quantidade de cozido de *pemmican* misturado com o milho dos pôneis. Precisavam viajar pelo menos 35 quilômetros por dia, coisa que ainda não tinham conseguido, mesmo com rações completas. Shackleton sabia que

essa última investida era tudo ou nada, escrevendo: "Incendiamos nossos navios agora".

A marcha se tornou particularmente desagradável. Nas altitudes maiores, o ar ficava mais rarefeito e frio, e respirar era difícil. O ar a 3050 metros perto do polo tem o mesmo efeito em seres humanos que a 3960 metros em montanhas equatoriais. Outro problema é a desidratação, causada pela respiração acelerada e pela atmosfera seca; no platô, os homens também tinham apenas metade do oxigênio que havia na Barreira lá embaixo.

A horrível experiência de Shackleton com altitude na verdade me ajudou a preparar-me para a expedição Trans Globe. Sabendo das dificuldades que ele havia enfrentado, quando chegou a hora de escolher o acampamento-base de inverno fiquei com um lugar abaixo da montanha Ryvingen, levando em conta que estava 1500 metros acima do nível do mar. Usar esse local ajudou a nos aclimatarmos às altas altitudes mais de sete meses antes de tentarmos a grande travessia. Shackleton, claro, estava em território inexplorado, de forma que não fazia ideia de que precisava se preparar para aquele tipo de obstáculo.

Comentando que rebocar a grandes altitudes era um "trabalho mortal", Marshall agora não tirava os olhos de Shackleton. Sabia que aquelas eram exatamente as condições que poderiam ser fatais para um homem que já tivera dificuldades respiratórias. Por ora, pelo menos, Shackleton seguia em frente, sem nenhum sinal exterior de problema, mas, ainda assim, Marshall escreveu: "Shackleton bem acabado… não vai aguentar altitude mais elevada".

E para a frente avançavam, finalmente chegando ao paralelo 86 no Natal, quando Shackleton achou que era hora de recompensar os homens. *Pemmican* extra foi servido no café da manhã, uma fatia de queijo

acrescentada ao almoço regular de quatro biscoitos e chá, e todos os recursos disponíveis foram usados para as festividades noturnas.

Amontoados numa barraca para dois homens, os quatro jantaram um ensopado de comida de pônei misturada com Oxo, *pemmican* e biscoitos, antes de devorarem uma sobremesa de pudim de ameixa preparado em água de chocolate saborizada com conhaque. Distribuíram-se charutos, que foram apertados por lábios com rachaduras de frio e bolhas de sol, logo impregnando a barraca com seu cheiro forte. Basta dizer que, embora o termômetro mostrasse –46ºC e houvesse um vendaval lá fora, foi um momento de êxtase. Wild estava particularmente animado: "Pela primeira vez em muitos dias me sinto estufado, por isso não vou falar mal de ninguém, apesar de adorar poder fazê-lo".

Os homens acordaram de manhã com vigor renovado para atacar os 450 quilômetros restantes até o polo. Percebendo que todos estavam animados, Shackleton decidiu que agora tinham condições de receber a má notícia que ia dar. Por causa do ritmo do avanço, as rações teriam de durar dez dias, e não apenas sete. "Teremos um biscoito de manhã, três ao meio-dia e dois à noite", escreveu Shackleton. "É só o que nos resta fazer, pois precisamos chegar ao polo, custe o que custar."

Shackleton estava mesmo pondo à prova suas ambições. Chegar ao polo era tudo para ele. Em seu diário, escreveu uns versos de "Love in the Valley" [Amor no vale], de George Meredith, que ilustravam o seu estado de espírito:

*Difícil é o nosso amor. Difícil de alcançar e de conquistar.*
*Difícil, mas, oh, a glória de vencer se ele fosse conquistado.*

Sempre que eu estava em sérias dificuldades num apertado cronograma polar, e ainda insistindo em avançar, pensava que meu avô, pioneiro no Canadá e na África, e que meu pai e meu tio, ambos mortos nas guerras mundiais antes de eu nascer, estavam ao meu lado, torcendo para que eu conseguisse. Isso sempre foi um imenso conforto e fortaleceu minha determinação. Imagino que, num momento como esse, Shackleton pensasse em Emily e nos filhos, e que cada passo em direção ao polo era outro passo para torná-los orgulhosos do marido e do pai.

Logo depois, todo o equipamento não essencial foi descartado para aliviar o fardo: pranchas sobressalentes, tesouras e panos deixados no gelo. Esses sacrifícios permitiram que os homens chegassem mais perto do cronograma traçado, atravessando a cordilheira no fim de dezembro e, finalmente, pondo os pés na superfície plana que os levaria ao polo. No entanto, mais sacrifícios precisaram ser feitos para que pudessem manter o ritmo de 24 quilômetros por dia.

Uma barraca foi descartada, e outro depósito de alimentos, montado. Seria apertado, mas, com isso, Shackleton calculava que, a sorte ajudando, eles chegariam ao polo em 12 de janeiro e ainda teriam tempo suficiente para voltar ao Hut Point até 28 de fevereiro, o fim do prazo para o *Nimrod* partir.

Levando em conta o que já fora realizado, essa última investida parecia possível. Após semanas de tortura, estavam a poucos dias de tudo aquilo que desejavam alcançar. E, apesar disso, os homens mal conseguiam andar, mesmo com o peso reduzido que agora carregavam. Cada nova dor no músculo ou no tendão os obcecava, com bolhas e lesões gritando sua presença. Para que as pífias rações parecessem maiores, eles mergulhavam os biscoitos no chá quente, de forma a incharem. Infelizmente, isso não deixava seus estômagos nem um pouco mais cheios. Estavam cercados por

gelo e neve, mas as rações de combustível tinham sido de tal maneira reduzidas que não podiam mais se dar ao luxo de derreter gelo para obter água. A desidratação começava a incomodar de verdade. As roupas empapadas de suor congelavam na pele, deixando-os com ainda mais frio, mas eles haviam descartado as mudas de roupa, por isso não tinham nada para trocar. Quando mediu a temperatura dos homens, Marshall descobriu que estavam todos à beira da hipotermia, apenas um pouco acima dos 35ºC.

Achei isso um tanto extremo, por isso verifiquei com o dr. Mike Stroud, que me disse o seguinte:

> Não é uma coisa com que eu já tenha deparado e duvido muito. Basta pensar um pouco para perceber que "monitorar atentamente a temperatura do corpo" não é possível numa expedição polar [como aquela]. Medições precisas teriam de ser retais, pois a temperatura da boca é afetada pela temperatura do ar, e quando o ar é muito frio a leitura vai parecer abaixo da realidade. Além disso, uma queda de apenas dois graus (supostamente Fahrenheit, mas mesmo centígrados) não basta para afetar a nossa cabeça. Portanto, parece mais provável que tenha sido um problema de baixo nível de açúcar no sangue, semelhante ao que sofri a alguns dias do polo.

Fosse qual fosse a causa desses problemas, os homens entravam em colapso regularmente e só se levantavam com ajuda, enquanto a laceração causada pelo frio continuava sendo uma preocupação real. Na mesma rota nos anos 1990, quatro dedos dos meus pés congelaram. Meu colega rebocador de trenó nessa viagem, Mike Stroud, escreveu em seu diário:

> Ran não tinha mais como aguentar o tormento sem reagir. A inflamação no pé direito tinha agora um buraco fundo, vermelho, irritado, inflamado com pus, e os dedos pretos e inchados de ambos os pés eram demarcados por uma viva linha vermelha na base onde o tecido bom lutava contra a infecção. Cheiro de carne podre veio somar-se aos nossos odores corporais já ruins.

Se essa experiência antártica me ensinou um novo significado da palavra "frio", também o fez em relação à palavra "dor". Ossos e dentes quebrados, dedos rasgados, ulcerações causadas pelo frio e cálculos renais crônicos

eram desagradáveis, mas, naquelas noites na Antártica, eu soube pela primeira vez o que era dor de verdade.

Rangendo os dentes sob uma tortura implacável, Shackleton escreveu: "É difícil saber qual é o limite do homem", ainda incentivando os seus a prosseguirem. Apesar de tudo, os homens arrastaram trenó por vinte quilômetros na véspera do Natal, proeza incrível. Shackleton rezava. "Tudo há de dar certo." Nem Marshall podia deixar de admirar a força de vontade sobre-humana de Shackleton, que empurrava a equipe para a frente, com o líder da expedição avançando com cada centímetro de cartilagem à sua disposição, encontrando forças para liderar metendo a mão na massa.

O advento do Ano-Novo trouxe novos e encorajadores avanços de dezessete quilômetros, de forma que eles estabeleciam um recorde mundial ao superar a maior distância já percorrida em direção a qualquer dos polos (87°6½' norte, reivindicado em 1906 por Robert E. Peary). Shackleton e seus homens tinham superado também a mais alta latitude jamais alcançada por qualquer ser humano.

No entanto, logo depois, Wild, sempre leal a Shackleton, achou que não podia continuar, escrevendo: "A carne e o sangue não aguentam mais". Marshall também achou que a temperatura de todos os homens tinha caído abaixo dos 34ºC, tão baixa que o termômetro era incapaz de medir. Shackleton começou a pensar consigo mesmo, pela primeira vez, que talvez tivessem de voltar.

Em 2 de janeiro de 1909, depois de uma árdua marcha de dezesseis quilômetros, com o polo finalmente a dez dias de distância, Shackleton escreveu no diário: "Não estamos viajando rápido o suficiente para fazer nossa comida durar o máximo possível e voltar para o nosso depósito a tempo". O momento da verdade se aproximava rapidamente. Poderiam chegar ao polo, mas a chance de todos voltarem vivos seria tênue, e, neste

caso, quem tomaria conhecimento de tudo o que haviam conseguido? Isso claramente passava pela cabeça de Shackleton enquanto ele se esforçava para tomar uma decisão. "Acho que, se formos longe demais, será impossível voltar por esta superfície", escreveu, "e então todos os resultados estarão perdidos para o mundo."

Se estivesse sozinho, Shackleton muito provavelmente teria arriscado a vida para alcançar o impossível. Mas precisava levar em conta o bem-estar de Adams, Marshall e Wild, que o seguiriam até os confins da Terra se ele lhes dissesse que seria possível. "Preciso examinar o assunto de maneira sensata e levar em conta a vida dos que estão comigo", confidenciou ele em seu diário. "O homem só pode fazer o melhor de que é capaz, e temos contra nós as forças mais poderosas da natureza."

Em 6 de janeiro, Shackleton reconheceu a derrota. Chegaram a 88°5', mais ou menos a 185 quilômetros do polo, mas ele não podia continuar arriscando a saúde de seus homens. "Eu não conseguiria explicar o que sinto, se tentasse fazê-lo por escrito, agora que o fim chegou", escreveu. O polo talvez estivesse fora de seu alcance, mas, como o tempo estava bom e a superfície era plana, Shackleton convocou suas tropas para uma investida final em direção ao sul, para somar ao recorde incrível que já tinham estabelecido. O objetivo era chegar a 160 quilômetros do polo, o que, com uma estocada, era viável.

Até então, Shackleton tinha medido a distância percorrida em milhas estatutárias. Chegar a menos de cem milhas estatutárias do polo agora seria impossível, mas ele percebeu que talvez pudessem chegar a menos de cem milhas náuticas. Com isso em mente, eles prepararam um último depósito, assinalado apenas por uma vara de bambu e um saco vazio fazendo as vezes de bandeira, e partiram.

Era um risco significativo. A insensatez da decisão se revelou logo depois, quando uma nevasca confinou os homens dentro de sua barraca durante 48 horas, obrigando-os a comerem seu já desfalcado estoque de rações. Estirados em seus sacos, amontoados como sardinhas, o hálito congelado pairando em torno, cada homem deve ter se perguntado, para si mesmo, se a decisão dele fora acertada. Wild escreveu: "Acho que hoje foi o pior dia que já vivemos. Descobrimos que é absolutamente impossível nos mantermos aquecidos, e todos temos queimaduras de gelo… tivemos de acampar às 4h30, caso contrário, acho eu, teríamos entrado em colapso".

Finalmente, no dia 9, a nevasca amainou, mas, apesar disso, eles não retornaram. Deixando para trás a barraca e o trenó, partiram levando apenas alguns biscoitos e pedaços de chocolate, bem como um cilindro de latão contendo selos da Terra do Rei Eduardo VII e a bandeira britânica de seda da rainha Alexandra. Embora o tempo estivesse bom, por volta das nove da manhã Shackleton não teve escolha senão parar. "Fizemos tudo o que podíamos", escreveu ele. Ninguém tinha nada mais a dar, e a brancura ilimitada ainda se estendia até o horizonte. Mas estariam a cem milhas náuticas [185 quilômetros] do polo, como Shackleton esperava? Coube a Marshall verificar.

Durante toda a expedição, Marshall, o navegador, tinha usado um teodolito para medir a distância percorrida a partir da posição do sol ao meio-dia. Se não conseguisse ver o sol, recorria à distância indicada pelo medidor do trenó, que informava a quilometragem diária. No entanto, nessa investida final, o teodolito fora deixado para trás a fim de aliviar o peso, bem como o trenó, o que tornava difícil afirmar com segurança a posição exata deles. Marshall, portanto, usou o palpite para anunciar que eles estavam a 88°23' sul, a 97 milhas náuticas [cerca de 180 quilômetros] do polo. Alguns contestam essa sua leitura final, ajudados por Marshall, que mais tarde

afirmou que "os fatos serão revelados numa declaração selada, antes ou depois da minha morte". Apesar disso, até hoje nada mais foi dito sobre o assunto.

Os homens macilentos levaram um momento para marcar seu "recorde de chegar mais ao sul" erguendo a bandeira da rainha Alexandra para tirar fotografias. Tinham quebrado o recorde de Scott por 663 quilômetros. Foi uma proeza, principalmente quando o caos dos preparativos e a severa falta de fundos e de apoio são levados em conta.

Mas Shackleton não pôde desfrutar do momento. Calculava que teriam chegado ao polo se levassem uma carga extra de onze quilos de biscoitos e treze quilos de *pemmican* , ou se Socks não tivesse morrido ao cair num buraco. Isso, provavelmente, é verdade. Em vez de qualquer discussão sobre esquis, cães ou pôneis, como descobri por mim mesmo, são as rações o elemento mais vital da viagem para o sul, e nesse caso elas foram insuficientes. Apesar disso, Shackleton não teria como negar que, naquelas circunstâncias, não poderiam dar mais do que deram. "Quaisquer que sejam os arrependimentos que tivermos, fizemos o melhor que podíamos", escreveu ele.

Os homens sabiam que não chegar ao polo incomodava demais Shackleton, que continuou olhando fixamente para o sul, sonhando com o que havia um pouco além. Wild compreendeu que ele tinha posto a segurança dos homens acima dos próprios sonhos. "Tenho absoluta certeza de que se Shackleton só precisasse pensar em si mesmo", escreveu em suas memórias, "teria prosseguido e fincado a bandeira no polo pessoalmente."

A decisão de Shackleton de dar meia-volta naquele momento demonstrou notável coragem e inteligência. É por razões como essa que ele continua reverenciado. Isso não lhe servia de muito consolo àquela altura. Já pensava no que mudaria na próxima vez, decidido a chegar ao polo de um jeito ou de

outro. Mas será que nesse meio-tempo outros chegariam lá? E ele é que lhes teria mostrado o caminho! Era cruel demais pensar nessa possibilidade.

Antes de poder digerir tudo isso, ele primeiro precisava voltar com segurança para o *Nimrod* , que estava a mais de 1200 quilômetros de distância, em linha reta. Cinco anos antes, Shackleton quase morrera na viagem de volta para o *Discovery* , percorrendo uma distância bem menor. Com a saúde dos homens já se deteriorando, e a fome extrema se instalando, era indispensável encontrarem todos os depósitos de alimentos na marcha de volta.

# 22.

Depois de alcançarem facilmente o depósito mais próximo, em 11 de janeiro, Shackleton percebeu que seria difícil chegar ao seguinte a tempo. Ficava a mais de trezentos quilômetros de distância, e os homens dispunham de provisões suficientes para apenas dez dias, com as rações reduzidas à metade. Além disso, tinham levado dezessete dias para percorrer a mesma rota. Em suma, as perspectivas eram sinistras.

Shackleton também estava mal. Os pés apresentavam severas queimaduras de gelo, o que Wild notou com preocupação: "Ambos os calcanhares estão rachados em quatro ou cinco lugares, as pernas, machucadas e irritadas, e hoje ele teve uma violenta dor de cabeça por causa das quedas, e apesar disso segue em frente como qualquer um". Cada passo era uma agonia, com a possibilidade de marchar mais de 22 quilômetros por dia para chegar ao depósito parecendo cada vez mais irreal. No entanto, Shackleton tinha uma solução muito astuta para aumentar a velocidade, ao mesmo tempo que poupava os pés.

A viagem para o sul tinha sido prejudicada pela marcha contra o vento gelado. Dessa vez, o vento soprava por trás, e Shackleton pretendia utilizar-se dele. Lembrando-se da tentativa de usar o pano do chão da barraca como vela quando estava com Scott, ele fez o mesmo, com o vento empurrando os homens através da geleira a um ritmo incrível. Viajando até mais de trinta quilômetros por dia, faziam muito menos esforço. Se tudo desse certo, graças àquele momento de inspiração, chegariam ao próximo depósito bem a tempo.

Mas achar o depósito seria um desafio. Como tinha ocorrido na marcha de volta com Scott, encontrar um ponto tão minúsculo sem a ajuda de mapas minuciosos ou de invenções modernas como o GPS dependia de muita sorte. Como escreveu Shackleton: "Foi um risco enorme deixar nossa comida na grande planície branca, com apenas os sulcos do trenó nos guiando de volta".

De início, a trilha deles ainda era visível, mas, à medida que avançavam, os rastros iam desaparecendo. Então perceberam que o medidor do trenó tinha caído. Sem ele, seria difícil calcular quanto tinham viajado cada dia e a distância que faltava até o depósito, bem como até o cabo Royds. "É uma perda considerável para nós", reconheceu Shackleton.

Sua única esperança agora era localizar pontos de referência familiares. Isso pelo menos lhes indicaria se estavam indo na direção certa e poderiam estimar quanto precisariam viajar. Felizmente, pelo menos por ora, a cadeia de montanhas os ajudava a identificar algumas referências, como o monte Buckley, e, com o vento ajudando a viajar 46 quilômetros em 19 de janeiro, encontraram o depósito em tempo hábil.

Os homens não perderam tempo em se entupir de comida. Mas Shackleton, que parecia precisar mais do que os outros, não aguentou nem olhar para ela, tendo contraído uma dor de estômago. Ao partirem no dia

seguinte, o estado de saúde de Shackleton era ainda mais alarmante. Marshall, que a contragosto passara a admirar a tenacidade do líder, o observava nervosamente. "Pulso em marcha fraco e irregular de cerca de 120", registrou, depois de um exame, conjecturando que, se piorasse muito, teriam de carregar Shackleton no trenó, exatamente como Scott e Wilson haviam feito seis anos antes. Shackleton não aguentaria novamente aquela humilhação, mas logo estava tão fraco que não conseguiu mais rebocar. Por ora, não tinha escolha senão deixar os outros puxarem enquanto ele os acompanhava cambaleando. Em vez de reconhecer na doença de Shackleton uma fraqueza, Wild preferiu atribuí-la a sua força incrível, escrevendo que, "por umas seis semanas, ele fez bem mais do que a sua parte no trabalho".

Shackleton se utilizava cada vez mais de suas reservas profundas, recusando-se a ser responsabilizado por estorvar o grupo, com as tristes lembranças da sua época com Scott empurrando-o para a frente. O vento continuava a ajudar. Mesmo tendo de avançar em meio a fendas perigosas, eles conseguiam andar de 24 a 32 quilômetros por dia. O estômago de Shackleton também deu uma sossegada, e ele finalmente pôde reter algum alimento e renovar as energias. Embora o frio e as ulcerações continuassem a castigá-lo, ele respirava com mais facilidade, à medida que o grupo atingia altitudes mais baixas. Particularmente para Shackleton, isso foi crucial.

O depósito seguinte ficava a 64 quilômetros de distância, mas eles estavam quase sem ração. "Olhamos uns para os outros enquanto fazemos nossas magras refeições", escreveu Shackleton, meio tonto e torturado por enxaquecas, "e sentimos rancor se um dos homens consegue fazer o seu cozido durar mais do que o resto de nós." Tendo devorado as últimas migalhas de *pemmican* e de milho para pônei, tudo o que restava eram os tabletes "Marcha Forçada" de Marshall, que consistiam em cocaína e cafeína. Isso não bastava. Cada homem, por sua vez, ia tombando na neve antes de

reunir energia, de alguma forma, para ficar em pé. De olhos fundos e esqueléticos, mal se sentiam vivos, as pernas doendo, os ombros esfolados por semanas de arreio de trenó entrando na pele, a ponta do nariz em carne viva.

Quando Adams tombou, resmungando coisas sem sentido, e não conseguiu levantar-se, ficou claro que os homens não alcançariam o próximo depósito. Como se a situação já não fosse desesperadora, agora a morte espreitava nas sombras.

Marshall, que Wild acusara de não fazer a sua parte rebocando trenó, e cujo humor soturno tinha impregnado boa parte da marcha, resolveu agir. Avistando o contorno distante de uma formação rochosa onde estava situado o depósito, compreendeu que era o único ainda com forças para chegar lá. Oferecendo-se bravamente para ir sozinho e voltar trazendo comida, partiu, sabendo que era tudo ou nada para todos eles.

Cambaleando entre fendas, Marshall escorregava com frequência, sob risco constante de cair dentro de uma, mas com sacrifício conseguia levantar-se, arrastando os pés, ou mesmo de quatro, sem querer desamparar os companheiros.

Ao chegar, o faminto e exausto Marshall resistiu, de alguma forma, à tentação de comer sua ração ou, o que seria pior, de banquetear-se com ração alheia. Para seu enorme crédito, engoliu apenas dois torrões de açúcar, para obter energia, juntou toda a comida que pôde levar e voltou para onde estavam os homens, ciente de que cada minuto era precioso.

Quando se reuniu a eles, os homens tinham passado 36 horas sem comer e se encontravam em condições precárias. Tomando ansiosamente as provisões de Marshall, Wild acendeu o fogareiro e fez uma panela fumegante de cozido e carne de cavalo, tudo engolido com uma caneca de chá, e biscoitos de sobremesa. “Meu Deus, como aquilo era bom”, escreveu

ele. Foi a "melhor refeição que fizemos na vida". Shackleton agradeceu o fato de seus homens terem escapado por pura sorte, e tudo graças a Marshall. "Não consigo descrever apropriadamente a tensão mental e física das últimas 48 horas", escreveu ele, a respeito do pior período da expedição até aquele momento.

As coisas melhoraram um pouco no dia seguinte; tinham comida no estômago, deixaram para trás a perigosa geleira e estavam de volta à lisa Barreira. O próximo depósito ficava a apenas oitenta quilômetros, e eles tinham comida suficiente para seis dias. Em comparação com o sufoco que acabavam de passar, era um luxo.

No entanto, aquilo só parecia facilmente alcançável, em princípio, se não se levasse em conta a deterioração da saúde de todos. Shackleton e Adams tinham sofrido muito, e havia chegado a vez de Wild. Acometido por uma crise acachapante de disenteria, que ele atribuiu à carne de pônei, a diarreia o obrigava a parar o tempo todo. Isso causou mais desidratação, levando-o a chupar gelo e neve desesperadamente para aliviar um pouco. Completamente exausto, mal conseguia pegar as correias do trenó para puxar, menos ainda pôr um pé na frente do outro durante quilômetros e quilômetros. Marshall administrou um remédio, para que pudesse prosseguir, mas que só serviu para deixá-lo sonolento. Agora só pele e osso, sobrevivendo à base do único alimento que segurava no estômago, quatro biscoitos por dia, ele parecia à beira da morte, e tudo o que queria era rastejar para dentro da barraca no fim do dia e morrer.

Reconhecendo a rápida deterioração de Wild, Shackleton obrigou o amigo a aceitar um dos seus estimados biscoitos. Era tudo o que Wild conseguia comer, e Shackleton sabia que poderia fazer a diferença entre a vida e a morte. Foi um gesto magnífico, quando uma porção de alimento era vital para cada homem, e um biscoito era tido como uma verdadeira iguaria.

Posteriormente, Wild proclamaria sua devoção a Shackleton pelo resto da vida. "Acho que ninguém mais no mundo é capaz de entender a generosidade e a simpatia que aquilo demonstrava", escreveu Wild. "Juro por DEUS que nunca vou esquecer. Milhares de libras esterlinas seriam incapazes de pagar por aquele biscoito."

Fosse ou não um gesto de altruísmo, só biscoitos não poderiam sustentar Wild. Ele fora incapaz de comer qualquer outra coisa por mais de seis dias, e, durante todo esse tempo, seu corpo era esvaziado continuamente de quaisquer nutrientes que ainda restavam. "Se não conseguir melhorar logo, acho que terei de ser largado na Barreira", confidenciou em seu diário.

Tinham comida suficiente para chegar ao próximo depósito, mas os homens logo foram acometidos de diarreia e enfrentaram a mesma luta de Wild. Em 4 de fevereiro, anotou Shackleton, "todo o grupo entrou em colapso e foi incapaz de se mexer". Adams precisou sair da barraca várias vezes durante a noite para aliviar-se, e Marshall disse que o acampamento era "como um campo de batalha… Perspectivas sérias". Mas os homens não podiam se dar ao luxo de ficar sentados à toa. A única opção era prosseguir aos trancos, tendo como único consolo o fato de que o vento lhes permitia percorrer mais de trinta quilômetros por dia. Mas o cabo Royds ainda estava a 386 quilômetros de distância.

Felizmente, com a diarreia cedendo, e os homens conseguindo segurar o alimento no estômago, o próximo depósito ofereceu uma guloseima rara: os restos de Chinaman. Chegando ao depósito em 13 de fevereiro, os homens comeram tudo o que foram capazes, incluindo o sangue congelado, que Wild transformou numa "bela sopa". Outro luxo veio dois dias depois, quando Shackleton comemorou seu 35o aniversário. Cozido extra foi servido para festejar, e os homens deram a Shackleton um presente realmente especial: um cigarro, feito de fiapos de tabaco colhidos nas sacolas

dos homens, adoravelmente enrolados num tubo de papel. “Uma delícia”, recordava-se Shackleton.

Até então, o único sucesso na marcha de retorno tinham sido as tremendas distâncias por eles percorridas graças à utilização do vento. Sem ele, a chance de chegarem a tempo a cada depósito era praticamente nula. Passando agora por pontos de referência familiares, como o monte Discovery, o ritmo da caminhada caiu para cerca de vinte quilômetros por dia, e mais uma vez foi preciso economizar nas rações. “Estamos assustadoramente famintos”, queixou-se Shackleton, obrigado a ingerir apenas 2 mil calorias diárias, menos da metade do recomendado.

Chegando ao depósito seguinte em 20 de fevereiro, devoraram mais cozido e biscoitos, bem como geleia e chocolate. Para grande alegria dos homens, havia também um estoque de charutos da empresa de tabaco Tabard, de Shackleton, que ajudou a mantê-los aquecidos. Mas suas rações não eram suficientes para os 224 quilômetros de viagem até o cabo Royds. Se fossem cuidadosos e atingissem uma boa velocidade, teriam o suficiente para quatro dias, o que talvez lhes permitisse chegar a Minna Bluff, a 112 quilômetros, onde era de esperar que Joyce tivesse preparado outro depósito. Isso, claro, se ele tivesse seguido as instruções de Shackleton. Mesmo assim, ainda havia o problema de encontrar o depósito.

Em 21 de fevereiro, uma tempestade de neve ameaçou confinar os homens em sua barraca, mas não tiveram escolha senão seguir em frente. O vento era tão feroz que eles mal conseguiam enxergar o caminho, e as temperaturas despencavam para –37ºC, o vento gélido e uivante penetrando até a pele e lançando fragmentos de gelo no rosto. Enquanto o frio lhes impregnava o corpo, travavam uma batalha constante para manter a temperatura interna dos órgãos; as roupas praticamente inúteis diante das

repetidas rajadas cabásticas. "Agora ou vai, ou racha", escreveu Shackleton. "Nossa comida está à nossa frente, e a morte nos persegue por trás."

De alguma forma, e em tais condições, eles marcharam mais de 64 quilômetros em apenas dois dias. Mesmo homens em excelentes condições físicas teriam dificuldade para igualar essa proeza. Apesar de "tão magros que os ossos doem quando nos deitamos na neve endurecida, em nossos sacos de dormir", Shackleton inspirou os homens doentes a encontrarem, no âmago do seu ser, reservas que pareciam havia muito esgotadas.

Para grande alívio de todos, em 22 de fevereiro, rastros frescos apareceram na neve, juntamente com latas descartadas e tocos de cigarro. Estavam, claramente, no caminho certo, mas teria Joyce deixado alimentos no depósito? Faltava ainda um dia de marcha para Minna Bluff, porém os homens tinham consumido todo o alimento, à exceção de alguns biscoitos. Se não chegassem lá e localizassem o depósito naquele dia, estaria tudo acabado.

Partindo às 6h45, procuraram em vão. No meio da tarde, ainda não havia sinal do depósito. Não restavam mais biscoitos, e logo escureceria, tornando praticamente impossível avistar a bandeira preta tremulante que indicava o depósito. Dispunham de poucas horas para localizá-la.

Olhos bem abertos, os pescoços girando o tempo todo, eles rastejaram, vasculhando a Barreira em todas as direções, as esperanças por um fio. Então, às quatro da tarde, Wild viu uma luz piscar ao longe. Não tinha certeza se era o depósito, mas era tudo que lhes restava.

Insistindo com eles para prosseguirem, descobriu que a luz era o reflexo do sol numa lata de biscoito empoleirada no topo de um montículo de três metros de altura, assinalado por três bandeiras tremulando ao vento. Estavam salvos. Joyce não só montara o depósito de acordo com as instruções como também tinha deixado carneiro recém-cozido, pudins de

ameixa e ovos. E as boas notícias não paravam por aí. Num bilhete, Joyce confirmava a chegada do *Nimrod* , agora sob o comando do capitão Evans do *Koonya* , que assumiu depois que o capitão England fora demitido.

Mas já era 26 de fevereiro, e a volta do navio para a Nova Zelândia estava prevista para 1º de março. Um estupendo esforço derradeiro era necessário para chegarem no prazo. Se os deuses fossem generosos, dava tempo, mas não poderiam atrasar-se em hipótese alguma.

Os deuses, tristemente, não escutaram suas preces porque, mais uma vez, a diarreia atacou, retardando a marcha e deixando alguns paralisados por cólicas. Afundando na neve até os joelhos, eles sabiam que era preciso continuar, mas de repente uma violentíssima nevasca desabou, não lhes deixando alternativa senão buscar abrigo dentro da barraca. E o tempo passava inexoravelmente.

Em 27 de fevereiro, a nevasca amainou, e eles puderam prosseguir, decididos a compensar o tempo perdido. Incrivelmente, puderam fazer isso marchando mais de quarenta quilômetros, o que permitiam os constantes ataques de diarreia de Marshall, até que ele não aguentou mais.

Montando acampamento, Shackleton calculou que ainda restavam 48 quilômetros. O *Nimrod* deveria partir em apenas 36 horas. Mas era evidente que Marshall não tinha mais de onde tirar energia.

Ele estava tão desnutrido que os ossos corriam o risco de perfurar a pele fina, com os músculos das pernas outrora salientes reduzidos a nada. Se ele continuasse nesse estado, jamais chegariam a tempo. Shackleton precisava tomar uma decisão audaciosa.

Adams foi instruído a ficar tomando conta de Marshall no acampamento, enquanto Shackleton e Wild iam para Hut Point, o refúgio mais próximo. Shackleton instruíra alguns homens a ficarem lá, mas, ainda que não houvesse ninguém, Shackleton também especificara que um grupo deveria

permanecer no vizinho Observation Hill, enviando mensagens regularmente. No mínimo, de lá poderiam sinalizar uma mensagem informando que estavam todos sãos e salvos e que o *Nimrod* não deveria partir sem eles.

Para a marcha final, levaram apenas dois sacos de dormir e uma pequena quantidade de alimentos. Precisavam "confiar na Providência", rezando para que não desabasse outra nevasca, retardando a marcha e expondo-os aos elementos.

Partindo às 16h30, marcharam durante toda a noite, só parando nas primeiras horas da manhã, quando tiveram certeza de que podiam ser vistos do Observation Hill. Shackleton fez sinal freneticamente com um heliógrafo, mas, para frustração dos dois, não receberam sinal de volta. Será que o *Nimrod* já tinha partido?

Não lhes restando alternativa a não ser seguir em frente, com todo o alimento já consumido, Shackleton e Wild oscilavam entre a lucidez e o delírio. A certa altura, correram rumo a um grupo de figuras distantes, achando que fosse de busca e salvamento do *Nimrod* , mas logo viram que era só uma família de pinguins. Já passava do meio-dia, o que significava que marchavam havia mais de vinte horas. Shackleton estava ciente de que Wild começava a ficar desanimado. "Frank, meu velho", disse ele, segurando-o pelo braço, "nada como alguém experiente numa situação difícil." Wild fez força para sorrir; enquanto os mais jovens do grupo estavam estirados na barraca, os dois mais velhos, de 35 anos, é que de alguma forma conseguiam avançar.

Com o fim da Barreira à vista, os homens chegaram ao mar congelado, na esperança de encontrar um caminho para Hut Point. Mas o gelo era tão instável que não havia como atravessar. Só lhes restava tomar o caminho mais longo, contornando por terra. Nem isso era seguro, como Shackleton e

Wild se lembravam muito bem, pois passava perto de onde George Vince caíra e morrera durante a expedição do *Discovery*.

Prosseguindo cautelosamente sobre a superfície irregular, com a fraca visibilidade retardando ainda mais a caminhada, os homens chegaram ao alto da encosta, na esperança de conseguir ver o *Nimrod* ao longe. Mas não havia nem sinal do navio, tampouco de presença humana em Hut Point. Foi um golpe arrasador. Wild lembrava que ambos tinham ficado "sem palavras" ao perceberem que, na melhor das hipóteses, permaneceriam presos na Antártica por mais um inverno. Torciam, pelo menos, para que tivessem deixado comida.

Na cabana deserta, encontraram um bilhete do professor David. Nem tudo estava perdido. O *Nimrod* já não estava no cabo Royds, mas entre o Hut Point e o cabo Royds. Isso explicava por que não conseguiram vê-lo. Mas o bilhete informava também que o navio só estaria lá até 26 de fevereiro. Já era a noite de 28 de fevereiro. Muito provavelmente, tinha partido. Shackleton ficou furioso. Tinha deixado instruções claras para que o *Nimrod* partisse em 1º de março.

Shackleton e Wild tentaram enviar uma mensagem de sinal para onde achavam que o *Nimrod* poderia estar, se é que já não tinha partido para evitar ficar preso. Usando urina para acender uma lâmpada de acetileno, acenaram com ela na direção do navio, na esperança de serem vistos. Enquanto isso, só podiam esperar e rezar. Se o *Nimrod* não aparecesse nas próximas horas, estariam presos e logo teriam de retornar à Barreira, para salvar Marshall e Adams, levando com eles essa notícia desalentadora.

Para sua grande alegria e surpresa, o *Nimrod* logo despontou, depois que a lâmpada foi avistada do alto do mastro pelo caolho Aeneas Mackintosh. Shackleton e Wild se abraçaram delirantemente. Não dormiam havia mais de 36 horas, mas seus esforços não tinham sido em vão. Wild escreveu sobre

o avistamento: “Os olhos humanos jamais depararam com espetáculo mais feliz”.

Menos de duas horas depois, a dupla suja, descabelada e esquelética subiu a bordo do *Nimrod* , para alegre espanto da tripulação. Supunha-se que estivessem mortos, e, ao vê-los, alguns achavam que não estavam muito longe disso. Preocupados com sua saúde, os homens correram para preparar bacon e pão frito, que Shackleton e Wild devoraram.

O estado de saúde de Wild era tão grave que ele foi mandado para a cama, mas Shackleton reuniu um pequeno grupo formado por Mackay, Mawson e Michael McGillion, que era da nova tripulação do *Nimrod* , e retornou à Barreira para salvar Marshall e Adams. Reconhecendo que, àquela altura, suas reservas de alimento eram extremamente baixas, se já não tivessem acabado, Shackleton decretou que o grupo não poderia descansar enquanto não os encontrasse. Dessa maneira, outra marcha infernal começou, dessa vez por 24 horas, sem uma piscadela de sono, para o exausto Shackleton, que vinha marchando praticamente sem parar por mais de dois dias e noites.

Finalmente, ao meio-dia de 2 de março, Shackleton avistou a barraca. Dentro, Marshall e Adams estavam num estado lastimável, sem comida alguma de sobra. Para alegria deles, Shackleton chegou carregado de provisões, levando também a grande notícia de que haviam alcançado o *Nimrod* a tempo. Logo estariam a bordo, voltando para casa. Era uma notícia para levantar qualquer ânimo.

Depois de outra marcha de 24 horas, todos estavam a salvo a bordo do *Nimrod*. Shackleton, que perdera onze quilos em sua viagem polar, pôde finalmente descansar e empanturrar-se de qualquer coisa comestível. Em 1993, depois de 94 dias na Antártica puxando trenó, perdi 25 quilos. Embora logo tenha recuperado o peso, sempre me pergunto que tipo de tensão isso pode ter exercido sobre o meu corpo, principalmente o coração,

pois em 2003 sofri um ataque cardíaco num aeroporto e sobrevivi graças exclusivamente à disponibilidade de um desfibrilador móvel. Teria Shackleton sofrido mais danos no coração depois daquela excursão? Afinal, é sabido que a perda de peso súbita pode danificar os vasos sanguíneos, levando a flutuações na frequência cardíaca e a elevação da pressão arterial, fatores que podem aumentar o risco de insuficiência cardíaca. Shackleton, seguramente, voltou às condições de segurança, mas não tenho dúvida de que acumulou problemas para o futuro.

Nesse momento, essas questões não preocupavam Shackleton. Verdade que não atingira o objetivo supremo de chegar ao polo, mas certamente inscrevera seu nome na história. Atingira um ponto mais ao sul do que qualquer outro ser humano, mapeara uma área de terreno inexplorado e descobrira carvão. Isso certamente consolidaria sua reputação como explorador e cientista, ao mesmo tempo que demonstrara aptidões de liderança do mais alto calibre. Enquanto esteve no gelo, sua equipe ainda tinha completado valiosas pesquisas, e, claro, haviam escalado o monte Erebus.

De alguma forma, Shackleton incitara e convencera sua equipe a operar o reboque por mais de 2800 quilômetros nas condições mais traiçoeiras, todos sofrendo mais do que a maioria dos seres humanos jamais teve de suportar. Apesar de sentirem fome, frio e exaustão extremos, todos saíram vivos desse inferno. A cada momento, Shackleton tinha avaliado adequadamente os riscos, levando os homens ao limite absoluto de sua resistência, mas sem jamais pôr a vida deles deliberadamente em risco.

Mais talvez do que qualquer outra coisa foi sua decisão de retornar quando estavam a menos de cem milhas náuticas [185 quilômetros] do polo, o que lhe rendeu admiração. Todos estavam cientes de que aquela era a suprema ambição de Shackleton e de que ele tinha feito sacrifícios

inacreditáveis para chegar tão perto. Deve ter sido uma decisão dolorosíssima. Muitos teriam preferido arriscar tudo, acontecesse o que acontecesse. Mas, apesar de suas ambições pessoais, Shackleton se recusara a pôr a segurança dos seus homens em risco. Como disse Adams, posteriormente, se tivessem marchado nem que fosse apenas mais uma hora, certamente teriam morrido.

Uma prova de lealdade inspiradora é que, quando padecia de disenteria, fome e exaustão, Shackleton se virou para Wild e quis saber se ele o acompanharia de novo no futuro, para mais uma tentativa de chegar ao polo. Apesar de tudo o que tinham sofrido, e ainda sofreriam, Wild respondeu imediatamente que sim.

Por ora, no entanto, qualquer pensamento de outra expedição teria de esperar. Primeiro, ainda precisavam escapar do gelo, que agora ameaçava imobilizar o navio.

# 23.

Arranjos frenéticos foram feitos para partirem rumo à Nova Zelândia o quanto antes. Já era 4 de março, e o gelo começava a formar-se em volta do *Nimrod*. Todo o equipamento necessário e todas as provisões do Hut Point foram rapidamente embarcados, deixando para trás, no entanto, tudo que não fosse essencial. Isso incluía rações suficientes para doze meses, que tinham sido separadas para sustentar o grupo durante outro inverno no gelo. Não importava. Futuras expedições fariam bom uso delas. Agora precisavam sair do estreito de McMurdo antes que fosse tarde demais.

Ventos violentos lançavam o gelo recém-formado de encontro ao navio carregado, quando o *Nimrod* levantou âncora e partiu, com os homens cantando "Auld Lang Syne" em comemoração. Shackleton, enquanto isso, contemplava a cabana que sumia de vista, "com sentimentos quase de tristeza". Sua grande aventura tinha acabado, e no fundo do coração ele pensava ter fracassado. Ao contar aos homens suas proezas, havia sempre a ressalva: "Mas nada disso é o polo". Em casa, ele pintaria um quadro de

triunfo, e de fato havia estabelecido um novo recorde no sul, mas sabia que os detratores se deleitariam com seu "revés".

Provavelmente foi pensando nisso que decidiu não ir direto para Lyttelton. Em vez disso, ordenou a Evans que seguisse para uma região inexplorada, a oeste do cabo Adare, desesperado para reivindicar e levar para casa outra descoberta. Era quase arriscado demais. Com o gelo iminente ameaçando imobilizar o navio, e não querendo abusar da sorte, Shackleton desistiu dessa missão, e o *Nimrod* deixou para trás a zona de gelo antártico tradicional em 10 de março.

Não faria muita diferença. Ao trocar histórias com as equipes que se aventuraram no gelo para cumprir as várias missões que ele lhes atribuíra, Shackleton ficou sabendo que alguns haviam feito descobertas históricas. Muito embora tenham precisado arriscar a vida para fazê-lo.

Na ausência de Shackleton, o Grupo das Montanhas Ocidentais de Priestley, Brocklehurst e Armytage tinha sido incumbido de realizar estudos geológicos no mar congelado no lado ocidental do estreito de McMurdo. Tendo montado acampamento certa noite, Armytage descobriu, com horror, que a banquisa onde estavam se desgarrara da costa e seguia para o mar alto. Por pura sorte, a banquisa fez um breve contato, quatro horas depois, com uma zona de gelo preso à terra, o que lhes permitiu levar os trenós, o equipamento e a si próprios para lugar seguro. "Havíamos acabado de sair quando a banquisa se desgarrou novamente", escreveu Armytage, "e dessa vez seguiu em direção norte, para mar alto." Uma preocupação especial para Brocklehurst tinham sido as baleias que nadavam no entorno: "As assassinas cercavam o sopé da geleira, seres brutos horrendos privados de seu inusitado café da manhã". Disse Priestley sobre o quase acidente: "Espero nunca mais passar por isso".

David, Mackay e Mawson, que saíram para localizar o polo Sul Magnético em 5 de outubro de 1908, tinham vivido a sua cota de drama. Numa das maiores proezas de arrastamento de trenós com força humana já realizadas, esse grupo tinha viajado 2027 quilômetros em 122 dias, enfrentando terríveis condições climáticas e terreno perigoso, especialmente na língua de gelo Drygalski. Tendo de ir e voltar com seus pesados trenós, às vezes viajavam apenas 6,4 quilômetros por dia, padecendo de escassez de ração e de fome severa.

Embora todos fossem cientistas muito educados, as condições provocaram tensão dentro do grupo. Mawson foi particularmente severo com o professor David, chamando seu ex-tutor de "meio demente" e ameaçando substituí-lo no comando por medo de que tivesse ficado "maluco".

Mesmo com todos os problemas, em 16 de janeiro de 1909, depois de três meses arrastando carga, localizaram o polo Sul Magnético a 72°15' sul e a 155°16' leste. Shackleton ficou muito feliz com as notícias. Seu recorde no sul, somado a essa descoberta genuinamente histórica, significava que ninguém poderia acusar a expedição do *Nimrod* de fracasso. Agora que ele tinha demonstrado ser capaz de liderar uma expedição bem-sucedida, seria mais fácil também levantar dinheiro para outra investida ao polo. Ficou horrorizado, no entanto, ao descobrir que, por muito pouco, não tinha sido largado preso no gelo.

Seguindo suas instruções, o *Nimrod* fora entregue ao comando do capitão Frederick Pryce Evans, com Aeneas Mackintosh servindo de imediato. Em 23 de janeiro, o *Nimrod* tinha voltado para o cabo Royds, e tudo parecia correr de acordo com os planos. Porém, como David e seu grupo do polo Sul Magnético não retornaram até 1º de fevereiro, Evans se recusara a usar o navio para fazer uma busca, não querendo gastar carvão precioso. Foi por

essa razão que, logo depois, ele deu Shackleton como morto. Por isso, Evans ignorou as ordens de Shackleton de enviar mensagens heliográficas todos os dias do Observation Hill e recolheu todos os homens e suprimentos do Hut Point, a fim de se prepararem para partir. Foi graças à insistência de Murray, que Shackleton deixara como encarregado, que o navio esperou um pouco mais. Se não conseguissem enviar a mensagem de sinal para o *Nimrod* no momento em que o fizeram, Shackleton e Wild não só teriam de passar outro inverno no gelo como poderiam ter ficado presos ali permanentemente. Pois se Evans voltasse para a Nova Zelândia e dissesse às autoridades que supunha a morte de Shackleton, não havia nenhuma garantia de que um navio de resgate seria despachado.

Deve ter sido arrepiante ouvir essa história, mas Shackleton se sentia aliviado demais para ficar com raiva. Todos estavam vivos e bem, apesar de um tanto maltratados e contundidos. Ele deve ter reconhecido também que ninguém agira perfeitamente bem em condições tão difíceis. Cada um teve momentos de que agora talvez se lembrasse com arrependimento. Para Shackleton, era o sentimento persistente de que, com um pouco mais de ração, ele teria chegado ao polo.

Fossem quais fossem seus pensamentos particulares sobre o êxito da expedição, Shackleton sabia que era indispensável ter o controle da narrativa, apresentando tudo o que fizeram como triunfo absoluto. Como mestre de relações públicas que era, na primeira oportunidade que apareceu Shackleton desembarcou rapidamente na remota e pitoresca ilha de Stewart e despachou um relato de 2500 palavras para o *Daily Mail* , descrevendo-se como um herói intrépido e aventureiro.

A notícia do triunfo de Shackleton repercutiu no mundo inteiro e atingiu o establishment polar em Londres como um foguete. Ele aparentemente provara que todos os céticos estavam errados, e agora eles corriam para se

proteger. Alguns preferiram vir a público dar os parabéns a Shackleton por sua proeza, mas outros ainda estavam ressentidos demais para aceitar aquela heroica versão de sua arriscada viagem.

Como era de esperar, Markham pôs em dúvida a leitura dos recordes polares de Shackleton. Escrevendo para o igualmente cético Keltie, comentou, agastado: "Não vejo como isso [a latitude recorde de 88°23' sul] seja possível". E, para Leonard Darwin (filho de Charles), o novo presidente da Real Sociedade Geográfica, escreveu: "Não posso aceitar as latitudes. Para 88°20', eles teriam de andar, arrastando um trenó e com meias rações, a um ritmo de 22,5 quilômetros por dia em linha reta, subindo uma encosta de 2743 metros acima do nível do mar, por vinte dias. Não acredito nisso".

No entanto, quando inspecionou os recordes de Shackleton, E. A. Reeves, o curador de mapas da Real Sociedade Geográfica, concluiu que as leituras estavam corretas. "Levando todas as circunstâncias em consideração", disse ele, "acho que as latitudes do sr. Shackleton devem ser aceitas como satisfatórias."

Markham foi incapaz de aceitar isso elegantemente e achava que Scott ainda era merecedor de mais aclamações. Dizia a qualquer pessoa disposta a ouvir que "Shackleton deve tudo ao capitão Scott" e que, "sem o capitão Scott, jamais teríamos ouvido falar [em Shackleton]". Além disso, apesar de Shackleton ter batido o recorde no sul, Markham preferiu criticar sua "gestão deficiente", afirmando que essa má gestão tinha sido responsável por ele não ir até o polo. Em suas notas sobre Shackleton, escreveu: "Filho de um médico… mas irlandês… Foi levado na viagem de Scott para o sul, porém não aguentou e pôs a vida de outros em risco. Scott e Wilson salvaram sua vida". Em outra carta para Darwin, esbravejou: "O fracasso de Shackleton em sua tentativa de chegar ao polo Sul, quando outro teria conseguido, e é realmente uma questão de cálculo, me deixa exasperado".

Num gesto de incrível rancor, a Real Sociedade Geográfica decidiu não conceder a Shackleton a Medalha de Patrono, anteriormente concedida a Amundsen, Nansen e Scott por suas expedições. Markham escreveu: "Pô-lo em pé de igualdade com o capitão Scott, ou sua gente em pé de igualdade com a expedição da Sociedade [*Discovery* ], seria erro grave, na minha opinião… na verdade, uma ofensa". Em vez disso, quem recebeu a medalha mais importante da Sociedade em 1909 foi o coronel George Milo Talbot, por pesquisas geográficas no Afeganistão e no Sudão.

O capitão Scott ficou sabendo do novo recorde de Shackleton quando viajava com Tom Crean, que também integrara, claro, o *Discovery* . Scott ainda estava furioso por Shackleton ter violado a promessa de não acampar no estreito de McMurdo, mas, apesar disso, recebeu com prazer a notícia que vinha da Nova Zelândia. Shackleton podia até ter estabelecido um novo recorde, mas não chegara ao polo Sul. Se um marujo da Marinha Mercante conseguira chegar tão perto em sua segunda tentativa no gelo, então seguramente um oficial de Marinha seria capaz de fazer melhor. Pode ser que a notícia tenha dado a Scott um novo ímpeto para partir em sua segunda expedição o quanto antes.

O explorador norueguês Amundsen, ao menos, ficou feliz de poder cumprimentar Shackleton com base simplesmente nos méritos evidentes da expedição, exclamando: "O que Nansen é no norte, Shackleton é no sul". Disse ainda a Darwin que as proezas de Shackleton eram um dos "grandes feitos de exploração" e que "soam como um conto de fadas e me revelam um novo mundo".

Talvez tenha sido o jornal *Sketch* que melhor resumiu o sentimento público geral sobre o assunto:

> Um dos sintomas da nossa época de apreensão e histeria é que exageramos tudo, que nossas bravatas são delirantes e nossos medos, lamentáveis, que chamamos de herói um homem que joga bem numa partida de futebol, e que todos os sucessos são triunfos. […] Mas o tenente Shackleton

> pertence àquela categoria de heróis cujos nomes passam para a posteridade. […] Quando ficamos um tanto desanimados ao ver que nossa supremacia nos esportes e em assuntos mais sérios nos escapa, é um estimulante moral saber que, em exploração, ainda somos os reis do mundo.

O que preocupava particularmente a Grã-Bretanha naquela época era a agressiva ascensão da Alemanha, já então uma potência naval de respeito. Assim, muitos artigos sobre o triunfo de Shackleton não só comemoravam o seu êxito como britânico como também tinham um tom nacionalista. Por exemplo, um artigo na *Sphere* declarava: "Enquanto ingleses estiverem preparados para fazer coisas desse tipo, […] não precisamos ficar acordados à noite temendo o avanço hostil da 'rapaziada da raça Dachshund'".

O *Daily Telegraph* noticiou na mesma toada:

> Lembremo-nos, neste momento, de que em nossa época, repleta de blá-blá-blá leviano sobre a decadência da raça, ele manteve a fama da nossa raça: renovou sua reputação de energia física, mental e moral; mostrou que, quando ela se empenha, sob liderança adequada, ainda não perde para ninguém. […] E, num momento crítico na vida de todos os britânicos, ele ajudou a infundir nova inspiração e determinação na linhagem britânica em todo o mundo.

Enquanto sua proeza representou uma dose de ânimo na autoestima da Grã-Bretanha, graças à capacidade cada vez maior de impressão e distribuição da nova imprensa popular, a épica viagem de Shackleton alcançou um público mais vasto do que as façanhas de Scott, garantindo-lhe fama generalizada. Consequentemente, quando entrou no porto de Lyttelton, Shackleton não era apenas um herói polar, mas um dos nomes mais famosos do planeta, e pretendia desfrutar cada momento desse sucesso tão esperado.

# 24.

Os aplausos da multidão ululante comunicavam a Shackleton que estavam entrando no porto de Lyttelton. No convés, ele ficou radiante ao ver os milhares que tinham vindo de toda parte para saudar a volta do *Nimrod* . Ele sempre sonhara com isso, ser aplaudido como herói, deixar sua marca na história. Pensamentos de contas a pagar e de relações estremecidas ficavam para outro dia. Hoje só importava comemorar o seu triunfo.

Quando pisou a terra firme, a multidão o cercou, querendo apertar-lhe a mão ou dar-lhe tapinhas nas costas. Naquele momento, ele era o homem mais popular da Nova Zelândia e muito assediado por todos. O primeiro-ministro da Nova Zelândia lhe ofereceu um almoço especial, e ele foi sufocado por pedidos para falar. Essa recepção contrastava nitidamente com sua última visita a Lyttelton, quando lutava desesperadamente para conseguir dinheiro, quase suplicando para ser recebido. “Parecia que nada que não fosse felicidade jamais teria lugar na vida novamente”, escreveu, animado, sobre a recepção.

Nas semanas seguintes, ele aproveitou ao máximo sua fama para fazer turnês de palestras, com lotação esgotada, na Nova Zelândia e na Austrália, deliciando as multidões com sua performance e sua personalidade envolvente, conquistando mais aplausos ao doar os lucros para instituições de caridade locais.

Tendo finalmente aproveitado todas as oportunidades, Shackleton resolveu voltar para casa. Viajando de navio a vapor e de trem, usou a maior parte do tempo para escrever seu livro, *The Heart of the Antarctic* [O coração da Antártica], com a ajuda de um ghost-writer neozelandês chamado Edward Saunders. Shackleton, sem dúvida, poderia ter escrito o livro sozinho, como várias aventuras suas no mundo da palavra escrita tinham demonstrado ao longo dos anos, mas parece que, nessa ocasião, ele se sentiu mais à vontade contando histórias para Saunders, que anotava tudo na hora. Isso combinava bem com o talento real de Shackleton para contar uma história; como ele mesmo afirmou, "falo bem melhor do que escrevo".

Na última etapa da viagem, ele enviou um telegrama para todas as organizações jornalísticas avisando que chegaria em casa na estação Charing Cross, em Londres, às cinco da tarde da segunda-feira, 14 de junho. Na verdade, chegou à Inglaterra dois dias antes, incógnito, para poder descansar e desfrutar de algum sossego com Emily e os filhos antes da confusão.

Eles não se encontravam havia quase dois anos, e Shackleton desejara, acima de qualquer coisa, um retorno triunfal. Mas, como Emily revelaria depois, ele, quando falava sobre a sua decisão de voltar, disse o seguinte: "Um burrico vivo é melhor do que um leão morto". Emily concordou, feliz de, finalmente, ter o "burrico vivo" ao seu lado. Apesar do que dissera a Wild sobre uma nova expedição, Shackleton agora jurou a Emily que não haveria outra. "Nunca mais, minha querida, haverá separações como as que houve", prometeu, "nunca mais você e eu passaremos por essas longas separações

que tiram tanta coisa da nossa vida." Era uma promessa, claro, que Shackleton acharia impossível cumprir.

Mas uma promessa que fez questão de cumprir foi a de chegar à estação Charing Cross exatamente como planejado. Na traseira de um vagão enfeitado com bandeiras, Shackleton ia em pé ao lado de uma Emily um tanto perplexa e dos dois filhos pequenos. Para onde se voltasse, havia gente aplaudindo e acenando, esforçando-se para ver o homem mais famoso e festejado do país. A confusão era tal que os portões da estação tiveram de ser fechados para impedir que mais gente entrasse.

Acenando vigorosamente para os milhares de simpatizantes, Shackleton se virou para Emily e, finalmente, foi tomado por uma onda de satisfação. Sempre se julgara indigno dela, mas sentiu que havia cumprido a promessa. Agora era um grande homem, conhecido em toda parte e seguro de que faria fortuna. Apesar do orgulho, Emily se sentia meio oprimida pela ocasião, preferindo ficar em segundo plano, como sempre. Mais tarde, disse: "Jamais busquei publicidade, jamais desejei que o mundo soubesse da parte que eu representava na vida dele".

No meio da multidão, Shackleton viu o pai e as irmãs. Kathleen disse depois: "Ele é e sempre foi meu herói — é muito legal, não?, que o homem de que você mais gosta no mundo seja o seu irmão!". O menininho que outro dia lhe contava histórias impossíveis de seus heroísmos era agora um herói na vida real.

Estragando um pouco a festa, havia lá membros da Real Sociedade Geográfica, incluindo Darwin e o mal-humorado Markham. Estavam ali por obrigação, e não para cumprimentá-lo sinceramente. Uma resposta muito mais elegante foi dada por Scott, que Shackleton localizou no meio da multidão, aplaudindo amistosamente. Scott não conseguira decidir se era ou

não apropriado comparecer, mas Mill, amigo dos dois, incentivara Scott a ir com ele.

Abrindo caminho no meio da multidão eufórica, Scott conseguiu agarrar a mão de Shackleton e gritar-lhe um "Bravo!" ao pé do ouvido. Talvez não fossem mais amigos, mas certamente havia uma boa dose de respeito entre os dois. Ambos conheciam as provações e tribulações de rebocar trenós na Antártica e sabiam que aquilo não era para os fracos. As palavras de Scott devem ter significado tudo para Shackleton. Ele fora descrito anteriormente como "inválido", mas agora sentia que provava, de fato, o equívoco de seu acusador.

Com os cumprimentos de Scott ainda ressoando nos ouvidos, Shackleton, com a mulher e os filhos, subiu numa carruagem aberta e passou em meio à multidão eufórica enfileirada de um lado e do outro do caminho ao longo da Strand. Acenando com um largo sorriso, Mill disse a respeito do velho amigo: "Nunca vi ninguém saborear o sucesso com tanto entusiasmo".

Depois dessa saudação espetacular, Shackleton desfrutou de semanas de cumprimentos e jantares. Em 28 de junho, foi alvo de uma recepção de boas-vindas no Albert Hall pelo príncipe George, com mais membros da família real, políticos e dignitários entre os 8 mil convidados. Sem querer monopolizar as atenções, Shackleton providenciou para que todos os tripulantes do *Nimrod* fossem convidados e aplaudidos por seus esforços. "A expedição não seria o sucesso que foi", disse ele à plateia, "sem a leal cooperação, o desprendimento e o interesse absoluto pelos objetivos da expedição demonstrados pelos catorze homens que tive a honra de levar comigo." No que deveria ter sido um momento de celebração, a Real Sociedade Geográfica não conseguiu, no entanto, deixar de cometer outro ato de pequenez.

Tendo decidido não conceder a Shackleton a Medalha de Patrono de 1909, sugeriu-se que ele deveria, no mínimo, ser agraciado com uma medalha de ouro de algum tipo na recepção. Embora Keltie concordasse relutantemente, num ato de despeito ele tentou garantir que a medalha fosse insignificante em comparação com a concedida a Scott. Outras pessoas na Real Sociedade Geográfica claramente acharam que isso era ir longe demais, e convenceram Keltie a fazer a medalha não menor (nem maior) do que a de Scott.

O discurso oficial reconhecendo a façanha de Shackleton foi feito pelo capitão Scott, que, em seu elogio, incluiu as palavras: "Nós o tratamos com admiração e respeito pela maneira como organizou e preparou sua expedição, pelo acréscimo substancial que fez ao conhecimento humano, mas, acima de tudo, por ter nos mostrado um exemplo glorioso de coragem e resistência britânicas". Os dois davam a impressão de ser velhos colegas de expedição, sem nenhum sinal de rancor pelo uso do Hut Point por Shackleton — muito embora talvez não fosse esse o caso se Shackleton, de fato, tivesse chegado ao polo.

O sempre crítico Markham comentara alegremente com os colegas que o rei Eduardo VII não tinha julgado adequado comparecer à recepção, o que denotava claramente que Shackleton não era considerado digno disso. Mas teve de engolir suas palavras logo depois, quando Shackleton foi sagrado cavaleiro na Lista de Honrarias de Aniversário do Rei. A partir de então, seria conhecido como sir Ernest Shackleton. David, Priestley e Mawson também foram sagrados cavaleiros por localizarem o polo Sul Magnético. Shackleton não precisava mais do selo de aprovação da Real Sociedade Geográfica para seguir em frente. O nome sir Ernest Shackleton agora bastava para abrir muitas portas. No ano seguinte, Shackleton esteve no Palácio de Buckingham para ser instalado comandante da Real Ordem

Vitoriana, pelo rei George v , o novo rei, depois da morte de Eduardo vii em 6 de maio de 1910. Além disso, Shackleton foi a Balmoral, passando o fim de semana com o novo rei e a nova rainha e deliciando os convidados com histórias de suas façanhas. Shackleton agora não só era aceito prontamente pelos altos escalões da sociedade como também muito bem-vindo.

Pensando em capitalizar sua popularidade, Shackleton havia designado Gerald Christy, conceituado agente de palestras, para arranjar 120 palestras em toda a Europa e na América. Para muitos, era uma oportunidade única de escutar alguém que tinha estado num lugar parecido com Marte, e os interessados acorriam de longe, lotando salas de conferência em toda parte.

Christy, que assistiu a muitas palestras em sua carreira, disse que Shackleton tinha um "poder descritivo incomparável". Num momento, ele fazia a plateia se acabar de rir, no momento seguinte os ouvintes estavam sentados na beira da poltrona. Mill recordaria sua "profunda voz rouca subindo e descendo com o movimento de sua história, por vezes avolumando-se num rugido de abalar as estruturas". Sir Hubert Wilkins, também ele explorador polar, comentou que a "lábia de Shackleton era, por vezes, modulada e acentuada porque ele, mais do que qualquer outro homem que conheço, percebeu a influência e dependeu da influência da palavra falada, independentemente da honestidade".

Os Estados Unidos eram perfeitos para Shackleton. Ele vencera por conta própria e não tinha medo do sucesso, e seu jeito de falar, um tanto audacioso e confiante, combinava com o sonho americano. Recebido de braços abertos pelo presidente William Taft na Casa Branca, também foi condecorado com uma medalha de ouro da Sociedade Geográfica Americana (ags, na sigla em inglês ) em Nova York, pelas mãos de Robert Peary, o primeiro homem a chegar ao polo Norte, em 6 de abril de 1909. Sessenta anos depois, a ags teve a bondade de me conceder honraria semelhante.

Porém, enquanto esteve na Alemanha, Shackleton passou por uma breve experiência dos problemas que viriam. "Percebo um forte sentimento anti-inglês na Alemanha", escreveu para Emily. "Quando a imagem da bandeira da rainha é exibida, há um silêncio tumular… É uma grande tensão dar palestras na Alemanha, quando não sentimos que as pessoas estão do nosso lado."

Shackleton adorava visitar países conhecidos por produzir sua própria raça de exploradores históricos. Isso era especialmente verdade na Noruega, onde ele teve uma recepção muito generosa da parte de Nansen e Amundsen, que ajudaram a carregá-lo nos ombros, em triunfo, pelas ruas lotadas. Ele foi homenageado como se tivesse chegado ao próprio polo. "Jamais vou esquecer a expressão no rosto de Amundsen enquanto Shackleton falava", escreveu Emily sobre aquele momento. Na verdade, Amundsen analisou todos os aspectos da viagem de Shackleton, anotando seus êxitos e fracassos. Naquela época, ele se preparava para a viagem de conquista do norte, embora estivesse num dilema, depois das notícias de que Robert Peary e Frederick Cook tinham recentemente chegado ao polo. Agora, ouvindo Shackleton falar e sabendo que Scott deveria voltar à Antártica em breve, Amundsen se perguntava secretamente se conseguiria chegar ao polo Sul antes do rival inglês.

Antes de poder fazer qualquer plano de retornar ao gelo, Shackleton precisava quitar uma montanha de dívidas deixadas pela expedição, que parecia crescer a cada dia. E sabia que, se não o fizesse imediatamente, apesar do sucesso recente, se arriscaria à humilhação e à ruína.

# 25.

Antes de partir para a Antártica, Shackleton tinha deixado os assuntos financeiros do *Nimrod* nas mãos aparentemente capazes do cunhado, Charles Dorman. Depois da morte do pai, Dorman assumiu a banca de advocacia da família e era tido como pessoa segura e confiável não apenas para supervisionar o *Nimrod* como também para cuidar do bem-estar de Emily e das crianças.

Logo que Shackleton desapareceu no gelo, Dorman se deu conta de que talvez tivesse assumido mais do que devia. Ao saber que teria de encontrar a soma de 7 mil libras esterlinas (400 mil hoje) para cobrir dívidas, escreveu para Emily: "Essas preocupações, somadas aos meus próprios negócios, são mais do que eu poderia esperar".

As tentativas de Dorman de angariar fundos do governo ou via apelos públicos na mídia foram ignoradas. O ministro das Finanças, Lloyd George, se recusou a considerar seu pedido, e o *Daily Mail* não quis publicar nenhum tipo de apelo público. Vagas promessas de dinheiro foram feitas por

muita gente, mas só Elizabeth Dawson-Lampton merecia confiança; ela injetou mais mil libras (quase 60 mil hoje). Contudo, com Emily enfrentando dificuldades para pagar as contas na ausência do marido, Dorman não teve escolha senão dar essas mil libras para a irmã.

Quando o *Nimrod* voltou para Lyttelton depois de deixar Shackleton no cabo Royds, Dorman foi informado de que o navio precisava de reparos urgentes. Isso não estava no orçamento, mas se o trabalho não fosse feito logo havia a chance de o *Nimrod* ficar impossibilitado de retornar à Antártica para buscar Shackleton e os outros dois grupos exploratórios. Essa possibilidade era impensável. Sem alternativa, Dorman não teve escolha senão recorrer a amigos e parentes para conseguir dinheiro. O meio social de Dorman era, por sorte, relativamente rico e pôde dar uma contribuição para cobrir as despesas mais urgentes, e Kinsey, o agente de Shackleton na Nova Zelândia, também mexeu alguns pauzinhos.

Pelo menos essas eram as despesas que podiam ser quantificadas no papel. Dorman não fazia ideia das generosas promessas monetárias que Shackleton havia feito verbalmente a outros, sobretudo a seus tripulantes. England e David tinham um crédito de generosos bônus, apesar do afastamento de England, e Shackleton aumentara os salários de gente como Adams e Marshall, além de lhes oferecer mais bônus. Simplesmente não havia no orçamento dinheiro para fazer face à magnanimidade de Shackleton, e era impossível dizer quanto seria necessário para cobrir todas as promessas que ele fizera.

Enquanto isso, na Nova Zelândia, e sabendo muito bem da enormidade de seus problemas financeiros, Shackleton regularmente decidia doar os lucros de sua turnê de palestras, sempre com lotação esgotada, para instituições de caridade. "Acho que não vamos saber quanto ele deu para instituições de caridade", disse Emily certa vez. "Ele fazia isso com tanta

frequência, espontaneamente, e nem sempre anotava." Na verdade, ao voltar para a Inglaterra, Shackleton concebeu um plano brilhante para ganhar dinheiro: permitir que pessoas comuns subissem a bordo do *Nimrod* para dar um passeio. Mais de 30 mil correram para o navio, cada uma pagando cinco pence, e os lucros chegaram a mais de 2 mil libras esterlinas. Incrivelmente, e apesar de suas dívidas, Shackleton deu toda a renda para hospitais locais. "Nunca ouvi ninguém dizer que ele era bom de negócio", comentaria Emily mais tarde.

Parece que Shackleton adorava os novos aplausos e a adoração que seus atos de generosidade provocavam. Como se não percebesse que estava cavando o próprio buraco, irritava mais ainda seus credores, especialmente Beardmore, a quem ainda devia mil libras. Shackleton claramente queria apenas ser amado, não se dando conta de que esses gestos grandiosos lhe rendiam muitos inimigos nas sombras.

Observando de longe, Beardmore devia se enfurecer ao ver Shackleton aparentemente ganhar vultosas somas de dinheiro com suas turnês de palestras e, ainda assim, não pagar dívidas havia tanto tempo pendentes. Mas essa era uma dívida que Shackleton, em especial, gostaria de saldar, por não querer magoar Elspeth.

Em meados de 1910, parecia que as lucrativas turnês de palestras de Shackleton tinham rendido tudo o que podiam render. Percorrer os Estados Unidos repetindo uma palestra noite após noite, em cidades distantes, tivera um custo, e ele agora não conseguia mais lotar as salas nos lugares mais obscuros. Certa noite, numa sala com 4500 lugares, não atraiu sequer cem pessoas, comentando a seguir, com amigos, que estava "cansado disso tudo".

Shackleton, felizmente, não estava contando só com os lucros de suas agora moribundas turnês de palestras para pagar o que devia. A publicação de *The Heart of the Antarctic* em novembro de 1909 prometia render fundos

substanciais, embora talvez não tanto quanto Shackleton a princípio esperava. Apesar de dizer a Emily que os lucros do livro e das palestras garantiriam, no mínimo, de "30 mil a 40 mil libras", podendo chegar até 100 mil (6 milhões hoje), a soma final não passou nem perto desses números dignos de *Alice no País das Maravilhas* . As críticas, pelo menos, foram boas, com o *Times* saudando-o como "o livro do ano".

Entrevistas exclusivas com jornais do tipo *Daily Mail* traziam, eventualmente, algum alívio de curto prazo no fluxo de caixa, podendo render até 2 mil libras, mas eram fontes de renda irregulares e equivaliam apenas a uma gota a mais no oceano em comparação com o que era devido. Shackleton precisava descobrir outra fonte contínua o mais rápido possível. De repente, achou que tinha encontrado ouro.

Antes de ir para a Antártica, como já foi mencionado, ele fora nomeado chefe dos correios pelo primeiro-ministro da Nova Zelândia. Shackleton agora achava que as folhas de mais de 240 mil selos que tinha mandado imprimir poderiam ser disputadas por colecionadores. "Só os selos valem de 10 mil a 20 mil libras", disse ele a Emily, mais uma vez tentando convencê-la de sua maestria nos negócios. Infelizmente, como ocorreu com a maioria das iniciativas empresariais que Shackleton tocava, o plano foi um fiasco. Por uma razão qualquer, os colecionadores simplesmente não se interessaram, e a maioria dos selos não foi vendida. Hoje, no entanto, os selos são considerados altamente colecionáveis e valiosos.

A situação estava ficando desesperadora. Parecia que todas as fontes contínuas de renda haviam se esgotado, e, a cada dia, mais e mais credores batiam à porta do escritório de Shackleton. Certamente ficavam furiosos quando viam um táxi esperando do lado de fora o dia inteiro para uso pessoal dele, o taxímetro girando! Entre os particularmente ressentidos estavam Brocklehurst e Adams, que ainda não tinham conseguido receber

seus salários integrais. Muito tempo depois, Adams se recordava de que "não nos víamos muito, por causa da festa toda, acho que eles se julgavam meio maltratados nesse aspecto monetário do negócio" e

> eu vivia chamando a sua atenção para o fato de que devia alguma coisa às pessoas que estiveram com ele, e que sua promessa precisava ser cumprida… Claro que dinheiro não significava nada para ele, entende?; não sabia o que significava a palavra dinheiro, a não ser que servia para gastar.

Shackleton não percebia que muitos dos seus homens confiavam nessas promessas salariais para alimentar a família.

Era como se Shackleton não tivesse mais ideias, e a desgraça fosse inevitável. Mas, de repente, a famigerada sorte dos irlandeses deu as caras, como ocorreu tantas vezes ao longo de sua vida quando tudo parecia perdido.

Quando assistia à regata da Semana de Cowes como convidado da Castle Line, Shackleton iniciou uma conversa com sir Henry Lucy, jornalista respeitado e bem relacionado. Os dois se entenderam muito bem; sir Henry ficou encantado com as histórias de Shackleton sobre a Antártica. Shackleton, o herói bem conceituado, não revelou suas dificuldades financeiras, mas Emily, falando com lady Lucy, mencionou as imensas despesas da expedição. Quando soube disso mais tarde, sir Henry correu em socorro de Shackleton, escrevendo uma reportagem no *Daily Express* para ressaltar o fato de que um dos maiores heróis da Grã-Bretanha passava por apuros financeiros, devido, em parte, ao fato de o governo não ter dado apoio à sua expedição. Uma eleição se aproximava, e o então primeiro-ministro, Herbert Asquith, não queria por nada correr o risco de enfrentar a indignação pública. Com isso em mente, logo depois houve o anúncio de que o governo daria a Shackleton uma subvenção de 20 mil libras esterlinas (1,2 milhão hoje) em reconhecimento a suas grandes conquistas em nome do Império.

Embora Shackleton nada tivesse a ver com o levantamento dessa dinheirama e devesse tudo a Emily por sua conversa com lady Lucy, ele recebeu a notícia como se seu traquejo para negócios tivesse sido demonstrado. "Pense nisto, seu Menino está recebendo 20 mil libras do país", escreveu para Emily. "O quê?!" Isso, pelo menos, permitiu a Shackleton finalmente quitar sua dívida de mil libras com Beardmore, o qual, apesar disso, não o perdoou, assim como a maioria dos credores de longa data.

Durante essa época, suas relações com Emily ficaram tensas. Para escapar da cidade, ele levou a família para Norfolk, mas, logo em seguida, teve de abandoná-la, embarcando em sua turnê mundial de palestras. Isso depois de ter ficado ausente por dois anos. Em Norfolk, longe da família e dos amigos, Emily se sentiu isolada, como era de esperar.

Nas raras ocasiões em que Shackleton ficava em casa, era como se estivesse infeliz, sem dúvida preocupado com as pressões financeiras e ainda sonhando em conquistar o polo. Com ele mal-humorado e explosivo, Emily e os filhos aprenderam a manter distância. Mas, no instante em que percebia haver magoado Emily, Shackleton se sentia péssimo e fazia o possível para reconquistá-la com seu senso de humor endiabrado.

Na virada do ano, Shackleton estava, no entanto, de ótimo humor, já às voltas com outro plano para enriquecer rapidamente, garantindo a Emily, mais uma vez, que renderia uma fortuna. Em janeiro de 1910, quando estava em Budapeste para falar perante a Sociedade Geográfica Húngara, Shackleton ficou sabendo das minas de Nagybánya, onde valiosos veios de ouro haviam sido descobertos, mas deixados intactos. Para Shackleton, parecia bom demais para ser verdade. Se convencesse investidores a apoiá-lo, poderiam extrair o ouro e ficar ricos. Pelo menos era o que ele imaginava.

Logo depois, num encontro casual com Mawson, o geólogo do *Nimrod* , Shackleton lhe falou das minas e de seu potencial. Mawson, na verdade, tinha encontro marcado com Scott para juntar-se a ele em sua expedição de 1911 à Antártica, mas ficou impressionado com a ideia de Shackleton.

Os dois homens conversaram sobre um possível plano; levantariam fundos para comprar a mina lançando uma empresa recém-formada na Bolsa de Valores. Combinaram também que, com esse dinheiro, Shackleton finalmente pagaria a Mawson seus salários de quatrocentas libras do *Nimrod* e que voltariam à Antártica no fim de 1911 para explorar as áreas ainda virgens do cabo Adare, em vez de tentar chegar ao polo.

Nada disso se materializou. Nenhuma empresa jamais foi lançada na Bolsa de Valores, e quando tentou convencer seus contatos na alta sociedade a formarem um sindicato de capitalistas, Shackleton foi rudemente despertado do seu sonho. Lorde Northcliffe, dono do *Daily Mail* , rejeitou a ideia no ato, declarando: "É um insulto à minha inteligência" e "eu o aconselho a limitar-se a coisas de que entende". Também não haveria um retorno ao sul em 1911.

Quando Shackleton apresentou à Real Sociedade Geográfica a proposta de expedição sem informar Mawson, os dois se desentenderam, e Mawson resolveu ir sozinho. Shackleton teve de assistir de longe, enquanto Mawson partia com o melhor amigo de Shackleton dos tempos do *Nimrod* , Frank Wild. Isso não foi, no entanto, um grande golpe, pois explorar o inexplorado cabo Adare não oferecia o tipo de glória, e os desafios, que motivavam Shackleton. O que ele queria mesmo, apesar de ter dito a Emily que jamais voltaria, era fazer uma nova tentativa de chegar ao polo.

Sabendo que os planos de Scott de retornar à Antártica já estavam adiantados, Shackleton fez uma sondagem para saber se conseguiria montar uma expedição rival. Para surpresa de ninguém, exceto dele mesmo, a Real

Sociedade Geográfica deu pouco apoio, preferindo respaldar firmemente Scott. Wilson, que tinha sido um bom amigo na época do *Discovery* e que também deveria partir com Scott, atacou seus planos.

Incapaz de perdoar Shackleton por ter passado o inverno no estreito de McMurdo, apesar de suas promessas em contrário, Wilson ficou furioso quando Shackleton anunciou que pretendia voltar. Com sua amizade já em vias de ruptura, ele obrigou Shackleton a desistir de seus planos até que Scott tivesse a oportunidade de entrar para a história. Com relutância, Shackleton escreveu para Scott logo depois de admitir a derrota: "Desejo-lhe o maior sucesso em sua tentativa de penetrar no gelo e desembarcar na Terra do Rei Eduardo VII e alcançar uma alta latitude a partir dessa base". Pelo menos por ora Shackleton ficaria em casa.

Para crédito dele, apesar de Scott ter tentado reivindicar o estreito de McMurdo e obrigar Shackleton a prometer que não passaria o inverno lá, Shackleton não fez nenhuma objeção a Scott quanto a seguir o seu caminho para o polo passando pela geleira Beardmore.

Como Shackleton, Scott resolveu levar pôneis, embora providenciando para que fossem brancos, sabendo que a maioria dos de Shackleton era de cor escura e havia morrido. Isso nada tinha a ver com a cor, claro, mas Scott não queria correr nenhum risco. Além disso, Scott levou consigo 31 cães, considerando que se fossem adequadamente treinados complementariam os pôneis, em especial em áreas perigosas onde o peso dos pôneis era uma desvantagem. Aos olhos de Scott, a incapacidade de Shackleton de chegar ao polo poderia ser corrigida com mais força animal e mais provisões… matemática elementar.

Em julho de 1910, Shackleton compareceu à cerimônia na estação Waterloo de Londres para aplaudir quando Scott partiu. Ali perto, na plataforma, estavam Keltie e colegas da Real Sociedade Geográfica, que

deram três vivas entusiásticos à sua grande esperança, sendo que não tinham feito o mesmo com Shackleton. Deve ter sido difícil para Shackleton saber que não só era visto com maus olhos pela Real Sociedade Geográfica, apesar de suas realizações, como também que Scott talvez quebrasse logo seu recorde e o relegasse aos livros de história. Apesar disso, quando o trem saiu, Shackleton desejou a seu rival tudo de bom, sem saber que era a última vez que se encontravam.

# 26.

No fim de 1910, qualquer pretensão que Shackleton ainda nutrisse de participar da corrida ao polo foi rápida e bruscamente interrompida. Emily anunciou que estava grávida e implorou que eles voltassem para Londres, onde ela e os filhos estariam muito mais à vontade.

Assim, com outra boca para alimentar e um endereço mais caro em Putney Heath para manter, novas pressões sobrecarregaram a mente já atormentada e a conta bancária de Shackleton. Emily estava com 43 anos, e sua gravidez foi difícil, por isso não era aconselhável deixá-la sozinha nunca, embora Shackleton, muitas vezes, não tivesse escolha. Havia contas a pagar, e a única maneira de pagá-las era viajando para longe em suas turnês de palestras.

O prazer de ser aclamado como herói e a emoção das novas oportunidades tinham ficado para trás. Sem nada para ocupar a cabeça, ele agora bebia muito, mais notadamente no prestigioso Marlborough Club, além de fumar desbragadamente e acumular quilos, coisas que lhe afetavam

a saúde. Certa ocasião, teve de ser mandado para casa durante uma reunião de negócios depois de suar profusamente e queixar-se de dores no peito. Embora, mais tarde, tenha atribuído a crise ao "reumatismo", Mawson, que estava com ele na época, achava que "talvez pudesse ser angina".

Nas breves ocasiões em que ficava em casa, Shackleton continuou a mergulhar em estados de espírito sombrios, que provocavam mais discussões com a cada vez mais isolada Emily. "Acho que a culpa é toda minha", reconhecia ele, apesar de não tomar providências para mudar. Na verdade, seu humor só piorava, especialmente com as notícias que chegavam do sul.

Já lutando para aceitar a ida de Scott para o sul, Shackleton ficou sabendo que Amundsen também resolvera fazer uma tentativa, tendo abandonado a ideia de chegar ao polo Norte depois do êxito de Peary. O tenente Nobu Shirase, do Japão, era outro que planejava tentar chegar ao polo Sul, enquanto o alemão Wilhelm Filchner contemplava a missão aparentemente impossível de ser o primeiro a cruzar todo o continente antártico.

Parecia ser questão de tempo que alguém superasse o recorde de Shackleton. A partir de então, sua fama decairia e as turnês de palestras estariam no fim. "Se as coisas [as palestras] não melhorarem logo, estou pensando seriamente em desistir disso", comentou ele com Emily. Christy, seu agente de palestras, também notou que a velha centelha estava apagada ultimamente e que ele "pode estar um tanto precipitado".

Shackleton talvez estivesse desesperadamente ansioso para voltar ao sul, mas não havia nada que pudesse fazer. "A patroa vai ter outro bebê em julho e não posso falar em sair de casa", escreveu, mas acrescentou: "Estou sonhando novamente com lugares aonde pouca gente vai". Não é de surpreender que o nascimento do filho Edward Arthur Alexander não tenha trazido de volta a felicidade doméstica.

Parecia que Shackleton era incapaz de ficar sentado muito tempo; estava sempre em movimento, já pensando na próxima aventura. Ficar em casa servia apenas para fazê-lo imaginar o que estava perdendo. "Às vezes penso se não seria melhor eu não ter ido para o sul", disse ele certa vez, "mas, sim, ficado em casa e levado uma vida sossegada." Contudo, agora que tinha provado o gosto da aventura, não havia como voltar atrás.

Emily disse posteriormente que aqueles foram os "anos menos felizes" da vida de Shackleton, acrescentando: "Sem dúvida, foram os menos felizes da minha". Tinha tolerado as constantes ausências do marido, suas amizades com outras mulheres, bem como viver contando centavos quando ele se encontrava distante, mas agora que estava em casa era ainda pior. Consta que Emily teria dito que não acreditava em ler histórias para os filhos que terminassem com a frase "e foram felizes para sempre". Argumentava que fazê-lo poderia incentivar uma menina a pensar que o casamento era a única opção. E concluiu: "Como isso é falso".

Na verdade, quando ajudava a escolher versos para encabeçar cada capítulo da biografia de Shackleton escrita por Mill, para esse período de sua vida ela citou trechos de "Lure of the Little Voices", de Robert Service:

*Sim, eles me querem, eles me perseguem, os terríveis lugares solitários;*
*Eles gemem, e choramingam, como se cada um tivesse alma;*
*Eles me chamam dos ermos, dos espaços vastos e divinos,*
*As solidões severas e taciturnas que guardam o polo.*

Mais uma vez, Emily foi obrigada a assumir a maior parte da responsabilidade de criar os filhos e, com frequência, pagava as contas com a sua mesada, enquanto o marido estava fora de casa, aparentemente em

busca de novas oportunidades. “Minha mulher e meus três filhos estão bem”, escreveu ele para um amigo nessa época. “Mas quase não os vejo.”

Nada parecia curar sua inquietação, menos ainda o convite para retornar à política em 1912. De novo, ele procurou outra mulher para acalmá-lo e estimulá-lo. Rosalind Chetwynd preenchia quase todos os requisitos de Shackleton. Era dez anos mais jovem do que ele, saída de berço de ouro, filha de um rico advogado americano, e ficou ainda mais rica ao casar com um baronete. Então já divorciada, morava em Park Lane, “sobrevivendo” com 5 mil libras esterlinas anuais dadas pelos pais, quase 300 mil libras em valores atuais, enquanto o aluguel do apartamento onde morava era pago por um admirador seu, um magnata da mineração. Assim como tinha feito todos os esforços possíveis para atrair Emily, e depois Elspeth Beardmore, Shackleton decidiu chamar a atenção de Rosalind Chetwynd.

Mas nem mesmo as atenções de uma jovem e rica americana eram capazes de saciar a verdadeira fome de Shackleton. “Como eu gostaria de conseguir outra expedição”, escreveu em 1912. No entanto, qualquer esperança que Shackleton pudesse alimentar de vir a ser o primeiro homem a alcançar o polo foi destruída em 7 de março de 1912. Chegando a Hobart, Amundsen divulgou a histórica notícia de que tinha atingido o polo em 14 de dezembro de 1911.

Preferindo montar acampamento na baía das Baleias, 160 quilômetros mais perto do polo do que se tivesse passado o inverno no estreito de McMurdo, Amundsen tentou uma nova rota para o polo, partindo em direção à inexplorada geleira Axel Heiberg na esperança de que, por ali, a viagem fosse mais curta e menos perigosa. Para arrastar peso, usou 52 cães treinados (nada de pôneis) e esquis. A aposta valeu a pena, e ele chegou ao polo em 33 dias. Seu foco, porém, tinha sido apenas alcançar o polo, evitando a sobrecarga de qualquer compromisso científico.

Ao saber do êxito de Amundsen, Shackleton anotou: "Os cães acompanham o passo dos esquiadores e isso naturalmente é mais rápido do que os lentos movimentos das patas dos pôneis". Se algum dia voltasse à Antártica, jurou que, dessa vez, usaria esquis e cães.

Apesar de chateado por ter perdido a chance de ser o primeiro a chegar ao polo, Shackleton era do tipo que jamais guardava rancor. Aprendera a admirar Amundsen e lhe enviou um telegrama transmitindo os "cumprimentos mais calorosos", ao mesmo tempo que declarava a um jornal norueguês que Amundsen era "talvez o maior explorador polar do nosso tempo".

Como era de esperar, a Real Sociedade Geográfica reagiu com frieza à notícia. Seu homem, Scott, tinha sido derrotado na corrida para o polo, e ainda não havia notícias dele. Ressaltando o fato de Amundsen não ter realizado nenhum estudo científico em sua expedição, gente como Keltie e lorde Curzon, novo presidente da Real Sociedade Geográfica, denunciou sua proeza como "golpe baixo" e não quis encontrar-se com ele. Markham ainda criticou Amundsen por usar cães, afirmando que o método de Scott, de chegar ao polo recorrendo à força humana, era o genuíno teste de hombridade e "o verdadeiro jeito britânico". Isso, claro, era totalmente falso, pois Scott também usara pôneis e cães. Mas a revolta de Markham era tão profunda que, quando a Real Sociedade Geográfica finalmente concordou em oferecer um jantar a Amundsen, ele deixou o conselho da entidade.

Nesse mesmo jantar, ao qual Shackleton compareceu para cumprimentar o rival, lorde Curzon não resistiu à tentação de insultar Amundsen. Em vez de pedir três vivas para o explorador, pediu "três vivas para os cães". Os jornais britânicos também foram incapazes de aceitar que um estrangeiro tivesse derrotado Scott na corrida ao polo, levando Amundsen, mais tarde, a

escrever que, "de modo geral, os britânicos são uma raça de péssimos perdedores".

Poucas semanas depois, finalmente vieram notícias de Scott. O *Terra Nova* tinha chegado ao porto neozelandês de Akaroa, e a tripulação afirmou que Scott avançava bem, tendo sido visto pela última vez (pela última de suas turmas de apoio antes de voltar) em janeiro, a 87°34' sul, a apenas 146 milhas geográficas [270 quilômetros] do polo. No entanto, o *Terra Nova* só deveria voltar à Antártica no verão, o que significava que qualquer notícia sobre o progresso de Scott teria de esperar mais um ano. Pelo menos até lá, Shackleton poderia continuar capitalizando o título de "o maior explorador polar da Grã-Bretanha".

Apesar da decepção, Shackleton logo percebeu que havia um recorde na Antártica muito mais difícil de ser batido: "A descoberta do polo Sul não é o fim da exploração antártica", escreveu ele. "O próximo trabalho importante a ser feito na Antártica é a determinação de toda a costa do continente antártico, e depois uma viagem transcontinental de costa a costa passando pelo polo". Isso significaria viajar 2900 quilômetros, boa parte dos quais em território inexplorado, no que ele descreveu como "a última grande viagem polar ainda possível".

Naquele exato momento, Wilhelm Filchner estava tentando exatamente isso. Portanto, quando preparava a logística de uma expedição desse tipo, mostrando os primeiros lampejos de animação em meses, Shackleton não poderia fazer planos concretos enquanto não soubesse se Filchner tinha ou não conseguido.

A notícia que ele tanto desejava chegou em janeiro de 1913. Filchner, apesar de fazer imenso progresso, não conseguira atravessar o continente. O recorde ainda podia ser de qualquer um. Shackleton disse aos repórteres, com o brilho de outrora no olhar: "Talvez eu tente voltar ao sul".

# PARTE QUATRO

*Pés de coragem em estribos de paciência*
Ernest Shackleton

# 27.

Shackleton fazia palestras nos Estados Unidos em 10 de fevereiro de 1913 quando, enfim, chegaram notícias de Scott. A última informação que se tinha era de que, em 3 de janeiro de 1912, avançara bem em sua viagem para o polo quando Tom Crean foi obrigado a retornar à base com o tenente Teddy Evans, que estava morrendo de escorbuto. Naquele momento, Scott e os seus se encontravam a apenas 146 milhas geográficas [270 quilômetros] do objetivo, e, portanto, acreditava-se que eles não teriam dificuldade para chegar ao destino e igualar a proeza de Amundsen.

No entanto, o *Terra Nova* chegou com notícias terríveis ao porto. Scott e o grupo formado por Wilson, Bowers e Bates tinham de fato chegado ao polo, mas todos morreram na viagem de volta, afligidos por exposição a intempéries, fome, queimaduras de gelo, e estorvados por superfícies traiçoeiras e um tempo horroroso. Um grupo de resgate tinha encontrado a barraca, e nela o diário de Scott, cuja última anotação, datada de 29 de março de 1912, dizia:

> Todos os dias estamos prontos para partir rumo ao nosso depósito a 17,6 quilômetros de distância, mas, do lado de fora da porta da barraca, tudo continua turbilhonando. Acho que não podemos esperar nada melhor. Precisamos resistir até o fim, mas estamos cada vez mais debilitados, claro, e o fim não deve estar longe. É uma pena, mas acho que não consigo mais escrever. R. Scott. Última anotação. Pelo amor de Deus, cuidem do nosso pessoal.

A notícia correu o mundo. A Grã-Bretanha, já abalada por causa do naufrágio do *Titanic* ocorrido apenas um ano antes, com a morte de 1500 pessoas, e também por causa da notícia de que Amundsen se tornara o primeiro homem a chegar ao polo, acabava de perder um de seus heróis mais queridos. Era quase como se o próprio Império estivesse chegando ao fim. Durante semanas, reportagens sobre Scott dominaram as primeiras páginas. Descrito como herói trágico, acima de qualquer suspeita, o país mergulhou num período de luto severo, como raramente se vira. "Nada em nosso tempo", declarou o *Manchester Guardian* , "tocou o país inteiro tão instantânea e profundamente como a perda desses homens."

Quatro dias depois da divulgação da notícia, uma cerimônia fúnebre foi realizada em sua homenagem, na Catedral de São Paulo, com a presença de gente como Markham, Darwin e Keltie, e o arcebispo de Cantuária, bem como o rei e a elite da sociedade britânica. Tal era o desejo de prestar-lhe uma última homenagem que mais de 10 mil pessoas aguardaram do lado de fora.

Shackleton estava longe, nos Estados Unidos, por isso não pôde comparecer, e não há registro de sua reação, privadamente, à morte do rival. Sem dúvida, deve ter sido assaltado por sentimentos conflitantes. Scott lhe dera uma chance, mas também tentara frustrar sua volta ao sul. Talvez houvesse um cruel senso de satisfação competitiva por saber que o homem que certa vez o chamara de "inválido" por ter lutado com dificuldade naquelas condições adversas acabou sucumbindo a elas. Isso, claro, é mera

conjectura, mas é possível que pensamentos desse tipo tenham passado pela cabeça de Shackleton ao ler os obituários nos jornais americanos.

Talvez se pudesse dizer que a morte de Scott deveria servir de alerta para qualquer explorador intrépido, pois até mesmo o mais capaz e bem preparado podia acabar morrendo no gelo. Shackleton por pouco não morrera duas vezes, e agora estava bem mais velho, aparentemente com mais problemas de saúde. Apesar disso, não desistiu de sua missão de retornar à Antártica e atravessar o continente. Na verdade, pareceu ter recebido uma nova injeção de ânimo. Se acabasse do mesmo jeito, que assim fosse.

A logística e o custo eram imensos, mas depois de analisar os êxitos e fracassos de Amundsen e Filchner Shackleton concebeu um plano que, em seu entendimento, talvez funcionasse.

O plano consistia em partir no verão de 1914 com dois navios, viajando em lados opostos do continente. O navio de Shackleton partiria da América do Sul para acampar na baía de Vahsel, pelo mar de Weddell, enquanto o outro navio sairia da Nova Zelândia para montar acampamento, através do mar de Ross, no estreito de McMurdo. Da baía de Vashel, Shackleton e sua equipe iniciariam a viagem através do gelo, transportando provisões suficientes para levá-los até a geleira Beardmore. No trajeto a partir de lá, o outro grupo teria preparado depósitos de provisões para sustentá-los pelo resto da viagem de 640 quilômetros até o estreito de McMurdo. Shackleton tinha registrado o triunfo de Amundsen e decidiu que 120 cães e esquis seriam seu principal meio de transporte. Como Scott, também queria explorar usando trenós mecânicos, cujos motores, com sorte, ajudariam a cruzar o gelo em tempo recorde.

Cinquenta e oito anos depois, minha mulher, Ginny, concebeu um plano de fazer a primeira viagem circumpolar que incluía repetir essa proeza

geográfica. No entanto, enquanto o plano de Shackleton previa a utilização de dois navios, com duas equipes expedicionárias em costas opostas, que depois se encontrariam em algum ponto da trajetória, o plano de Ginny era que um único navio desembarcasse uma equipe de três homens com três motos de neve, cada qual ajudando a rebocar dois trenós. Concluímos essa viagem em 67 dias e nos tornamos a primeira equipe a atravessar a Antártica sozinha.

Em princípio, o plano de Shackleton parecia exagerado, mas empolgante. As primeiras estimativas, entretanto, sugeriam que poderia custar até 100 mil libras esterlinas (4,5 milhões hoje). Se Shackleton tinha enfrentado dificuldades para financiar um navio, com sua tripulação e suas provisões, como e onde acharia dinheiro para financiar dois?

Quando tentou levantar o dinheiro para o *Nimrod* , ele ainda não tinha um histórico de chefe de expedição para mostrar e conhecia pouca gente endinheirada. Graças ao seu relativo sucesso com a equipe do *Nimrod* , não só obtivera credibilidade como passara a ser festejado na alta sociedade. Além disso, agora era sir Ernest Shackleton, título que imediatamente conferia uma aura de respeitabilidade. Nessas circunstâncias, juntar 100 mil libras, embora parecesse à primeira vista pedir demais, não estava fora dos limites de suas possibilidades. Como ele mesmo disse: "Todos os exploradores polares são otimistas dotados de viva imaginação".

Só que a morte trágica de Scott havia esfriado o entusiasmo público por mais aventuras polares. Winston Churchill, então primeiro lorde do Almirantado, foi particularmente duro em sua censura a essa atividade, escrevendo: "Já se desperdiçou vida e dinheiro demais nessa busca estéril". O governo acabou concordando em conceder uma subvenção de 10 mil libras esterlinas a Shackleton, apenas metade da soma concedida a Scott, mas com

a condição de que Shackleton primeiro conseguisse as 90 mil libras esterlinas restantes.

Na procura por outros doadores, Shackleton tinha consciência de que era muito improvável que a Real Sociedade Geográfica desse uma contribuição significativa. Numa carta para William Speirs Bruce, o explorador polar escocês, escreveu: "Não posso almejar, nem tentarei conseguir, assistência da Real Sociedade Geográfica. Você sabe tão bem quanto eu que eles são reacionários e tacanhos, e que nem você, nem eu, contamos com a predileção deles". Apesar disso, Markham, mais uma vez, foi incapaz de guardar para si sua opinião não solicitada, dizendo que os planos de Shackleton eram "inúteis e caros", e "destinados simplesmente a fazer promoção pessoal". Além disso, duvidava que Shackleton fosse o homem certo para encabeçar uma expedição tão ambiciosa.

Para sermos justos com a Real Sociedade Geográfica, Scott acabava de ser sepultado, e os planos de Shackleton pareciam bizarros. Até Mill, grande e leal amigo de Shackleton, se recusou a aprovar esse plano transcontinental. A seu ver, o desertão congelado era maior do que a Europa, os Estados Unidos e o México juntos, e, apesar disso, Shackleton esperava atravessá-lo em apenas cem dias, pretendendo andar 25 quilômetros por dia, quase sempre através de grandes trechos de território inexplorado. O mar de Weddell era conhecido também por ter imprevisíveis campos de gelo o ano todo, com Mill alertando-o de que "não há dois viajantes que tenham deparado com condições similares". Na verdade, a expedição de Filchner teve de ser abandonada quando seu navio, o *Deutschland* , ficou imobilizado no campo de gelo e foi carregado, preso, por mais de nove meses. Além disso, Shackleton não podia ter certeza de conseguir um ancoradouro decente na baía de Vahsel cedo o bastante no breve verão meridional para ter tempo de terminar a viagem até o lado do mar de Ross, antes que o

inverno se instalasse, mesmo ajudado por trenós motorizados e por cães. Em suma, era tudo perigoso e ambicioso demais.

Lembro-me bem de críticas parecidas que nos fizeram quando partimos na viagem de circum-navegação da Terra passando pelos dois polos no fim dos anos 1970. Sir Miles Clifford, um dos mais respeitados veteranos polares e gurus britânicos, na época me repreendeu por causa desses planos: "Está me dizendo, Fiennes, que seu grupo fará, durante uma única viagem, as grandes viagens de Scott, Amundsen, Nansen, Peary, Franklin e tantos outros? Entenda que parece um tanto pretensioso, até mesmo implausível". Claro, essa era exatamente a ideia, mas, como Shackleton, para transformarmos esse sonho em realidade tivemos, muitas vezes, de sobreviver com base apenas em nossa convicção inabalável de que poderíamos conseguir o impossível. E quanto mais nos diziam que não era possível, maior era a nossa determinação de provar que todos estavam errados, exatamente como Shackleton queria fazer.

Apesar de afirmar que os planos de Shackleton eram "extremamente audaciosos", numa tentativa de evitar uma humilhação futura, a Real Sociedade Geográfica concedeu uma subvenção de mil libras esterlinas. Eles certamente não queriam dar a impressão, caso Shackleton os surpreendesse novamente, de que não ofereceram apoio nenhum.

O apoio real tinha sido um divisor de águas na missão do *Nimrod* , e, para felicidade de Shackleton, o rei George v agora apoiava sua expedição Transantártica Imperial (Itae, na sigla em inglês ). Com isso, Shackleton achou que já podia revelar seus planos para o grande público, na esperança de angariar mais apoio e dinheiro.

Em 29 de dezembro de 1913, revelou suas intenções ao *Times* , acreditando que doadores corressem para bater à sua porta. O *Times* certamente lhe deu caloroso apoio, exclamando que, depois dos desastres do

*Titanic* e de Scott, Shackleton pretendia "restabelecer o prestígio da Grã-Bretanha". No entanto, mais uma vez, as trapalhadas de Frank Shackleton ameaçavam pôr em risco toda a expedição.

Incapaz de ficar longe de uma encrenca, Frank Shackleton foi levado a julgamento por fraude, acusado de roubar mil libras esterlinas de Mary Browne, uma solteirona de idade avançada. Depois que Frank foi condenado a quinze meses de prisão, Shackleton teve sorte de escapar de uma acusação de cumplicidade. O corréu era Thomas Garlick, que fora parceiro de Shackleton na tentativa de trazer para casa soldados russos durante a Guerra Russo-Japonesa. De qualquer maneira, o julgamento recebeu muita publicidade, assim como a prisão de Frank, o que não ajudava em nada o irmão em suas campanhas de levantamento de fundos. Para evitar ser envolvido na publicidade negativa, Shackleton não teve escolha senão fazer um acordo extrajudicial com Mary Browne. Sobre o assunto, ele disse: "Meu irmão tem sido, acima de tudo, um idiota, e isso afetou meus negócios, como você pode muito bem imaginar".

Enquanto isso, cruzar o continente antártico era agora visto como o último grande galardão polar, e a ameaça de expedições rivais já assomava no horizonte. O mais temido desses rivais era o austríaco dr. Felix König, que integrara a tripulação de Filchner. König não só anunciou que também ia tentar atravessar o continente em 1914 como, para consternação de Shackleton, seus planos já estavam bem mais avançados. Diferentemente de Shackleton, König conseguira apoio financeiro substancial, o que punha mais pressão sobre Shackleton para acelerar seus preparativos.

Lembro-me de, supostamente, estar disputando com outros concorrentes durante muitas das minhas expedições e de achar que precisava tomar alguma providência para superá-los. No entanto, tive a sorte de contar com o príncipe Charles ao meu lado para me dar alguns conselhos sensatos.

“Nada de disputa!”, dizia ele, deixando claro que deveríamos estar bem preparados e tentar atingir nosso objetivo da melhor maneira que nos fosse possível, independentemente de qualquer coisa que outros estivessem fazendo. Esse conselho me seria muito útil, e, apesar de ainda sentir o instinto competitivo de ser o primeiro, tomei o cuidado de não fazer nada só para ganhar tempo e economizar dinheiro, coisa que teve um custo bem alto para Shackleton.

Como König pretendia partir mais ou menos na mesma época que Shackleton, os dois logo se desentenderam em torno de direitos de propriedade. Imaginando haver conquistado direitos sobre a costa meridional do mar de Weddell por ter sido o primeiro a explorá-la com Filchner, König tentou impedir que Shackleton a utilizasse. Além disso, informou que usaria a baía de Vahsel como acampamento de inverno e que Shackleton deveria procurar outro sítio.

Em sua disputa com Scott, Shackleton reconheceu que tinha alguma dívida para com seu antigo líder. Agora, mais velho e experiente, não cedeu um centímetro a König. “Não posso alterar planos que elaborei há muito tempo”, disse ele. Para a Real Sociedade Geográfica, escreveu: “Tenho tanto direito a usar [a baía de Vahsel] quanto o dr. König”. Mas, se não conseguisse dinheiro rapidamente, só restaria a Shackleton aguardar e bufar de raiva enquanto König partia.

Àquela altura, as doações, ao menos, já estavam entrando, graças, em parte, ao anúncio de Shackleton no *Times* . Frank Dudley Docker, rico industrial de Birmingham, ofereceu 10 mil libras esterlinas, e sir James Caird acrescentou a mesma quantia. Caird, de 77 anos, que enriquecera como fabricante de tecidos em Dundee, logo daria mais 24 mil libras, sem impor quaisquer condições. Shackleton sempre sonhara em encontrar um doador

rico que, de uma vez, fornecesse uma parte substancial dos fundos, como Longstaff fizera com Scott. Enfim, encontrara esse homem.

Por incrível que pareça, o resto do dinheiro não tardou. Sempre se podia contar com Elizabeth Dawson-Lambton para inchar os cofres com uma boa doação, enquanto o charme de Shackleton pesou para convencer outra mulher rica a oferecer mais contribuições. Janet Stancomb-Wills tinha sessenta e poucos anos, herdara metade do patrimônio do pai milionário e estava acostumada a fazer doações generosas. Encantada com seu charme e com as histórias de suas aventuras, escreveu para Shackleton: "Você brilhou de repente na minha vida como um meteoro na escuridão".

Os dois logo travaram uma amizade. "Tenho batalhado na vida, fiz poucos amigos e é bom conhecê-la", disse ele, no refrão já familiar. Stancomb-Wills faria outra notável doação para o fundo expedicionário. Agora, com quase todo o dinheiro de que precisava, Shackleton pôde voltar suas atenções para a maior aquisição de todas: os dois navios.

A primeira compra foi o *Polaris* , um navio de três mastros construído num estaleiro norueguês para o dono, aparentemente rico, de uma frota baleeira, que agora não tinha mais condições de pagar. Shackleton agiu rápido e concordou em pagar preço de custo, cerca de 11600 libras esterlinas. Até conseguiu um acordo para pagar parcelado, liberando mais dinheiro dos seus recursos, e mudou o nome do navio para *Endurance* , numa referência ao slogan de família: "*By endurance we conquer* " [Resistindo venceremos]. Nesse navio é que Shackleton viajaria, com sorte atravessando o mar de Weddell no sentido da baía de Vahsel.

O segundo navio, *Aurora* , felizmente custou bem menos. Com mais de quarenta anos de idade, tinha passado boa parte da vida útil como baleeiro, antes de ser usado por Mawson em sua expedição Antártica Australasiática. O navio não tinha mais utilidade para Mawson, que necessitava

desesperadamente de fundos para cobrir custos. Ele concordou, portanto, em negociá-lo a Shackleton pelo preço bem reduzido de 3200 libras esterlinas. O *Aurora* era para ser usado, portanto, pelo grupo que viajaria através do mar de Ross até o estreito de McMurdo.

O próximo item era a tripulação. Tratava-se de um desafio imenso, pois Shackleton teria de encontrar homens aptos para dois navios, cada um envolvido numa viagem diferente. Como antes, ele, de início, recorreu a homens já testados naquelas condições. Frank Wild, de quem Shackleton se tornara amigo íntimo nas expedições do *Discovery* e do *Nimrod* , com certeza era um desses. De volta de sua expedição com Mawson, rapidamente foi designado segundo de Shackleton e posto para trabalhar no escritório da Regent Street. Ali, examinou mais de 5 mil candidatos, separando-os em três categorias para análise de Shackleton: "malucos", "desesperados" e "possíveis".

Não se sabe em que classificação Wild pôs o pedido do seu irmão mais novo, Ernest, mas o fato é que Ernest foi selecionado para integrar o grupo do mar de Ross e incumbido de treinar os cães. Entre os candidatos definitivamente não incluídos no grupo dos "possíveis" estavam todos os membros do sexo oposto.

Depois de receber um pedido de "três moças descontraídas", que não entendiam "por que os homens devem ter toda a glória e as mulheres não ter glória nenhuma", Shackleton respondeu que não havia "vagas para o sexo oposto na expedição". Essa atitude antiquada vai ao encontro das minhas próprias expedições, nas quais o que eu queria era contratar as melhores pessoas possíveis, independentemente de serem homens ou mulheres. Na verdade, minha mulher, Ginny, foi a primeira mulher a ganhar uma Medalha Polar por seu trabalho de pesquisa em nossas expedições.

Muitas pessoas que Shackleton conhecia bem dos tempos do *Discovery* e do *Nimrod* rapidamente subiram a bordo. Tom Crean foi designado imediato no *Endurance* , e Aeneas Mackintosh, selecionado para tomar conta do grupo de desembarque no mar de Ross, que estabeleceria depósitos vitais de provisões na Barreira para Shackleton pegar durante a travessia. Ernest Joyce, que tinha viajado com Shackleton tanto no *Nimrod* quanto no *Discovery,* foi incorporado à equipe, assim como George Marston, que serviria novamente como o artista da expedição.

Dia após dia, a tripulação se formava lentamente, permitindo que Shackleton se concentrasse num dos trabalhos mais importantes: encontrar capitães para o *Aurora* e o *Endurance* . Depois do fiasco do capitão England, do *Nimrod* , e do capitão Evans, que não se saiu muito melhor na opinião de alguns, Shackleton teve de enfrentar a difícil e demorada tarefa de encontrar não apenas um capitão adequado, mas dois.

Seu desentendimento na ponte de comando com o capitão England se tornara notícia, com a reputação e a carreira do capitão England severamente prejudicadas como resultado. Shackleton depois se certificou de que England fosse o único tripulante a não receber uma Medalha Polar de prata no retorno. Essas histórias afugentavam possíveis candidatos, especialmente porque também corriam boatos de que Shackleton não era muito confiável em matéria de cumprir promessas com relação a salários e bônus. Com isso em mente, John King Davis, a primeira escolha de Shackleton para comandar o *Endurance* , rejeitou a oferta. Embora parecesse um revés, foi, na verdade, uma sorte extraordinária.

Sem Davis no leme, um oficial da Marinha Mercante de nome Frank Worsley entrou na disputa. Worsley estava em Londres de licença quando a notícia da expedição chamou a sua atenção. Shackleton ficou encantado com esse neozelandês de 42 anos. Ele certamente tinha muita experiência no mar,

porém, muito mais do que isso, parecia ter o tipo de personalidade aventureira apropriada para as pressões específicas da navegação na Antártica. Como bônus, era excelente companhia, quase igual a Shackleton por sua capacidade de contar uma história fascinante. Não havia dúvida. Worsley era o homem perfeito para capitanear o *Endurance* .

No entanto, apesar de ter a sorte de encontrar um capitão perfeito para o *Endurance* , achar outro para o *Aurora* se revelaria bem mais difícil. Embora Mackintosh estivesse no comando do navio, havia ainda a necessidade de um oficial para substituí-lo quando estivesse no gelo. Diante da escassez de bons candidatos, Shackleton escreveu diretamente para Winston Churchill, o primeiro lorde do Almirantado, e lhe perguntou se estaria disposto a liberar capitães da Marinha.

Contudo, em 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando foi assassinado em Sarajevo. Logo depois, a guerra foi declarada entre a Áustria-Hungria e a Sérvia, com a Alemanha respaldando os austro-húngaros. Um grande conflito parecia inevitável e, por isso, o apelo de Shackleton a Churchill ficou sem resposta. Os capitães da Marinha agora estavam fora de discussão, e o pool de prováveis capitães de Shackleton ficou muito reduzido.

A escassez de bons candidatos levou Shackleton a considerar alguém que já tinha sido rejeitado. Joseph Stenhouse, de 26 anos, era capitão da Marinha Mercante, mas todos sabiam que sofria de depressão. Não era uma característica muito compatível com os rigores da Antártica, mas Stenhouse era persistente e continuou insistindo. No fim, Shackleton não teve escolha. Stenhouse foi contratado para capitanear o *Aurora* quando Mackintosh assumisse o comando do grupo de desembarque no estreito de McMurdo. Ele ficou eufórico: “Sou um cara de sorte!”.

O advento da guerra teve outras consequências no planejamento da expedição. Shackleton comprara 120 cães no Canadá, mas apenas 99 tinham chegado a Londres até julho de 1914. Pesando em média 45 quilos, eram, segundo Wild, uma mistura de "lobo e quase qualquer raça de cachorro grande". Para treiná-los, Shackleton designara o tenente F. Dobbs, dos Fuzileiros Reais de Dublin, mas Dobbs foi obrigado a desistir, diante do agravamento da situação na Europa. Shackleton recorreu a dois islandeses, Jón Björnson Johnsson e Sigurjón Isfeld, para preencher a vaga, mas ambos eram recém-casados, em vias de se tornarem pais, e recusaram.

Sir Daniel Gooch, tarimbado criador de cães de caça, mas sem nenhuma experiência no gelo, foi a escolha seguinte de Shackleton. Porém ele só podia viajar com Shackleton no *Endurance* até a Geórgia do Sul. Até lá, era função de Wild prestar atenção e aprender com ele.

Como no caso do *Nimrod* , o método de entrevistas de Shackleton era um tanto quixotesco. O dr. Alexander Macklin, então cirurgião do Hospital Blackburn, lembrava-se, ainda perplexo, da primeira vez que se encontraram. "Uma das perguntas foi: 'Sua visão está boa?'. Eu usava óculos. Respondi que estava. Na falta de coisa melhor, comentei: 'Muito rosto sábio pareceria tolo sem óculos', e ele riu." Macklin foi contratado como cirurgião do *Endurance* .

O dr. James McIlroy se lembrava de sua estranha entrevista para o cargo de segundo cirurgião:

> Shackleton podia ser um tipo de indivíduo muito assustador; como Napoleão, olhava sério e encarava com olho de aço. Não me pediu para sentar. Fiquei em pé à sua frente, diante da luz. […] Ele me fez um monte de perguntas. Uma delas foi: "De onde você veio agora?". Eu disse dos estados da Malásia. E ele: "Imagino que saiba tudo sobre a malária e outras febres que eles pegam por lá, não?". Respondi: "Sim, acho que sei". Ele disse: "Bem, isso não é nada bom para mim, não vamos ter nada parecido lá na Antártica! Já teve alguma experiência no frio?". Tive de admitir que não, além do frio que a gente conhece na Inglaterra. No entanto, ele disse: "Bem, eu gostaria que você fosse examinado. Parece que está tremendo muito". Falei: "Estou um pouco nervoso aqui na sua frente".

> Na verdade, era malária! Por isso saí e fui ver um médico, que me deu um atestado muito bom, e Shackleton ficou bastante satisfeito.

O dr. Reginald James, que se candidatou ao cargo de físico do *Endurance* , lembrava-se do seguinte:

> Fui nomeado depois de uma entrevista que durou uns dez minutos do lado de fora, provavelmente mais perto de cinco. Pelo que me lembro, ele me perguntou se meus dentes eram bons, se eu sofria de varizes, se era bem- humorado e se sabia cantar. Provavelmente aparentei surpresa diante desta última pergunta, pois lembro que ele acrescentou: "Não estou falando em nada tipo Caruso; mas imagino que você possa berrar um pouco com a rapaziada, não?". Depois perguntou se a minha circulação era boa. Eu disse que sim, exceto num dedo, que costumava ficar insensível no frio. Me perguntou se eu ficaria muito chateado se perdesse a vaga. Respondi que havia esse risco… Depois disso, me estendeu a mão e disse: "Muito bem, fico com você".

A tripulação foi completada com o fotógrafo australiano Frank Hurley, de 29 anos, que tinha acabado de voltar de um ano no gelo com Mawson. Pensando em ganhar dinheiro, Shackleton fundara uma nova empresa conhecida como Trans-Antarctic Film Syndicate. Dono dos direitos de filmagem da expedição, ele pretendia vender o filme e as fotografias de Hurley para a mídia e usá-los em suas próprias palestras. Shackleton foi de fato um pioneiro nesse sentido, tendo reconhecido, antes de muitos outros, o valor da boa publicidade e de ter o controle da narrativa.

Logo depois, Lionel Greenstreet foi nomeado oficial imediato, enquanto o escocês Henry "Chips" McNish subiu a bordo como carpinteiro do navio. Shackleton diria depois que o escocês esquentado e incapaz de segurar a língua era "o único homem sobre o qual não tenho muita certeza". Além disso, ex-marujos que tripulavam arrastões navais de Hull, Grimsby e Labrador deveriam juntar-se ao grupo no último momento.

De importância especial para Shackleton era o alimento. Ele jamais esqueceu que se sua equipe do *Nimrod* dispusesse de "mais 23 quilos de comida" eles teriam chegado ao polo. Além disso, enquanto estava no

*Discovery* , ele mesmo quase morreu de escorbuto por falta de vitamina C. Dessa vez, queria estar muito mais preparado no tocante à nutrição do que estivera em qualquer outra expedição anterior.

Naquela época, não havia ninguém melhor para falar desses assuntos do que o coronel Wilfred Beveridge, professor de higiene da Real Faculdade de Medicina do Exército. Beveridge era um nutricionista do Exército e tinha muita experiência em alimentar tropas em marcha. Por recomendação de Beveridge, Shackleton levou a bordo "tortas" especiais feitas de aveia, açúcar, carne em pó e proteínas comprimidas, e *nut food* , que consistia em leite em pó, açúcar, massa Marmite, chá e sal. Essas rações desidratadas, as primeiras a serem levadas numa expedição polar, além de ajudarem a prevenir o escorbuto, eram muito mais leves que outras rações.

Navios, cães, provisões e tripulantes aos poucos se juntavam, ainda que de maneira tipicamente desordenada. No entanto, as relações de Shackleton com Emily ficavam cada dia mais tensas. Mais uma vez, ele a deixaria sozinha por pelo menos doze meses, com pouco dinheiro e três filhos para criar. Nos meses anteriores à partida, ele raramente esteve em casa, o que agravava a situação. "Sei que se você fosse casada com um homem mais caseiro teria sido muito mais feliz", disse ele, reconhecendo os próprios defeitos. "Só sou bom como explorador, e nada mais." Como sempre, ele se apegava à convicção de que, se dessa vez tivesse êxito, voltaria um homem mudado: "Vou terminar este trabalho e depois espero que seja o fim das minhas andanças, por qualquer período de tempo, em paragens distantes".

Emily já estava cansada de ouvir aquilo. Como ela mesma afirmou: "Ele sempre disse que cada expedição seria a última, imagina se acreditei". Apesar de tudo, não tentou segurar o marido. Não seria possível domesticá-lo, nem domesticar seus sonhos. "Quando um homem quer muito fazer uma coisa", disse ela, "e especialmente quando é tão bom nesse trabalho, precisamos

deixar os sentimentos de lado — mesmo sabendo que, às vezes, é terrivelmente difícil." Anos depois, Ginny disse coisa muito parecida a meu respeito, declarando à *Woman's Weekly* : "Tive uma criação muito rigorosa, antiquada e estoica, segundo a qual não revelamos nossas emoções. Não sentamos e choramos, simplesmente… É preciso tocar a vida. Eu nunca disse: 'Não vá' e jamais vou dizer". Mas tive mais sorte do que Shackleton. Durante anos, antes de apaixonar-se pela criação de gado, ela fez parte das minhas expedições.

Milagrosamente, a expedição estava pronta para zarpar em agosto de 1914, com a viúva rainha Alexandra, mais uma vez, fazendo uma visita a Shackleton na véspera da partida. No convés do *Endurance* , a rainha de 69 anos deu de presente a Shackleton uma bandeira britânica de seda, além de duas Bíblias, numa das quais, em seu interior, escreveu: "Que o Senhor o ajude a realizar suas metas, o guie através de todos os perigos em terra e no mar. Que possa ver as obras do Senhor e todas as suas maravilhas nas Profundezas".

Entretanto, quando o *Endurance* partiu para Ramsgate em 1º de agosto, Shackleton temia que a expedição tivesse de ser abandonada. Em 1º de agosto, a Alemanha havia declarado guerra à Rússia e a seguir, em 3 de agosto, quando o *Endurance* estava atracado em Ramsgate, a Alemanha declarou guerra à França. Um conflito total era agora inevitável. Em resposta, a Grã-Bretanha ordenou a mobilização geral das Forças Armadas. Quatro homens a bordo do *Endurance* imediatamente pediram demissão e foram para a guerra. A expedição de König também foi afetada. Seu navio estava atracado no porto austro-húngaro de Trieste, de modo que ele ficou impedido de viajar para o sul, sendo obrigado, em vez disso, a alistar-se no Exército alemão. Tudo indicava que Shackleton e o restante da tripulação teriam o mesmo destino.

Shackleton sabia que seria impossível partir sem pôr seu navio e sua tripulação à disposição do Departamento de Guerra. Ao enviar um telegrama ao Almirantado para fazer isso, teve de aceitar o fato de que a expedição tinha acabado, exatamente quando se preparava para deixar a Grã-Bretanha.

Informando aos homens que estavam livres para se alistar, Shackleton se perguntava qual seria o destino dele próprio. Fosse onde fosse, seria bem longe da alva e sossegada paisagem da Antártica. Na verdade, ele se indagava também, caso sobrevivesse à guerra, se algum dia teria outra chance de ir para o sul. Até então, certamente já estaria velho demais, e a perspectiva de, uma vez mais, ter de arranjar dinheiro era desoladora. No entanto, enquanto esses pensamentos se atropelavam em sua cabeça, um telegrama do Almirantado foi enfiado na mão de Shackleton. Era do próprio Churchill e tinha apenas uma palavra: "Prossiga".

Sempre me pergunto se meu avô, Eustace Fiennes, que era assistente pessoal de Churchill nessa época, teve alguma coisa a ver com essa decisão.

# 28.

Para não correr o risco de que Churchill mudasse de ideia, tanto o *Endurance* quanto o *Aurora* partiram imediatamente rumo a seus respectivos portos, o segundo seguindo para Hobart e o primeiro para Buenos Aires. Shackleton, enquanto isso, ficou em terra para as últimas providências, antes de pegar um navio dos correios para a América do Sul e alcançar seu navio. Se pensava, porém, que deixaria seus problemas para trás ao sair da Inglaterra, estava muito enganado.

Chegando a Buenos Aires em meados de outubro, Shackleton deparou com uma situação caótica. Apesar de ser um navio novo, o *Endurance* já passava por reparos substanciais no porto, tendo desenvolvido um vazamento durante a travessia. Na verdade, foi uma sorte o navio ter chegado. Sua carvoeira tinha apenas metade da capacidade do *Discovery* e, a dois dias do porto, faltou carvão. Para chegar ao porto mais próximo, o de Montevidéu, toda a madeira sobressalente, incluindo alguns dos mastros, teve de ser queimada como combustível. O tempo era elemento essencial, se

quisessem chegar à Antártica antes que o gelo bloqueasse o caminho, mas as autoridades argentinas pareciam não ter a menor pressa em consertar o vazamento. Para dificultar as coisas, Shackleton ficou sabendo que alguns tripulantes também estavam encrencados.

Numa escala na ilha da Madeira, alguns se entregaram à bebida e destruíram uma lanchonete durante uma briga. Quatro tripulantes foram parar na cadeia, com um deles açoitado, e outros quatro, incluindo o cozinheiro, demitidos por Worsley. Mas, com tempo ocioso em Buenos Aires, muitos tripulantes voltaram a beber, aparentemente ignorando os protestos de Worsley. Não era bom sinal. Shackleton teria de impor sua autoridade para impedir que situação semelhante se repetisse.

Em primeiro lugar, como precisavam de um cozinheiro, ele rapidamente nomeou Charles Green, que, por sorte, se encontrava em Buenos Aires na época. Perce Blackborow, jovem clandestino descoberto viajando escondido num armário quando o *Endurance* finalmente deixou Buenos Aires, foi contratado como ajudante de cozinheiro, mas não sem antes arrancar um sorriso de Shackleton. Enquanto o criticava severamente por ter a audácia de viajar escondido, o Chefe simulou esta ameaça, nas palavras de Wild:

> "Você sabia que nestas expedições, muitas vezes, passamos fome e que se aparecer um clandestino ele é o primeiro a ser devorado?" Shackleton era […] um homem bastante robusto, e o jovem olhou para ele e disse: "Eles arranjariam muito mais carne no senhor!". O Chefe se virou para esconder um sorriso e me disse para entregar o rapaz ao contramestre, mas acrescentou: "Primeiro apresente-o ao cozinheiro". Blackborow acabou se revelando um bom marinheiro […] e foi devidamente contratado.

Desejoso de ter o *Endurance* em ordem e com tudo no lugar o mais rápido possível, Shackleton conseguiu acelerar os reparos com sua mescla de charme e impaciente determinação. "Acho que ele era capaz de convencer qualquer pessoa a fazer quase qualquer coisa, se tivesse uma chance de falar com essa pessoa", disse o físico Reginald James.

A capacidade da carvoeira do *Endurance* foi aumentada para 160 toneladas, mas Shackleton descobriu então que o custo do combustível em Buenos Aires era muito mais alto do que ele previra no orçamento. Por aquele preço, não conseguiria comprar carvão nem para chegar ao próximo porto, na Geórgia do Sul. Humilhado, Shackleton se viu obrigado a tomar 25 dólares emprestados de James Wordie, o geólogo da expedição. "Não é muita coisa", escreveu Wordie em seu diário, "mas vai tirá-lo de uma dificuldade sem causar problemas em Londres."

Talvez o mais preocupante de tudo, naquela barafunda, fosse a saúde de Shackleton. As duas expedições anteriores quase o mataram, e qualquer médico que conseguisse examiná-lo ficaria preocupado com seu coração e suas dificuldades para respirar. Agora, contraía uma doença que ele mesmo chamava de "influenza suprimida", culpando seu frenético ritmo de trabalho por todos os males. É impossível saber o que de fato incomodava Shackleton, pois, mais uma vez, ele se recusou a deixar que os médicos da expedição, James McIlroy e Alexander Macklin, o examinassem.

Enquanto tentava manter a expedição nos eixos, Shackleton recebeu críticas violentas na imprensa britânica. *Bystander* , uma revista da alta sociedade, resumiu o sentimento geral escrevendo que houve uma "oportunidade perdida" quando "sir Ernest Shackleton decidiu ir não para o front, mas para o polo Sul". As críticas magoaram Shackleton. Ele tinha feito tudo para se pôr, juntamente com seus homens e seu navio, à disposição do Departamento de Guerra e recebera instruções para seguir adiante com a expedição. Na verdade, antes de partir para Buenos Aires, teve um encontro com o ministro da Guerra, lorde Kitchener, que também lhe dera a sua aprovação. Além disso, mesmo que quisesse combater, aos quarenta anos de idade era velho demais para se alistar. Sem falar que muitos com quem conversara tinham certeza de que o conflito não duraria até o Natal. Sem

dúvida, a culpa não lhe pesava, mas odiava a ideia de a mídia não estar ao seu lado. Contudo, tinha motivos mais do que suficientes para esquecer algumas palavras cruéis.

Do outro lado do mundo, o *Aurora* não se saía muito melhor do que o *Endurance* . Shackleton havia prometido a Mackintosh que mil libras esterlinas estariam esperando por ele em Hobart, com as quais deveria comprar provisões para a operação de instalação de depósitos e para manter o navio ancorado no estreito de McMurdo por até dois anos. No entanto, isso era apenas metade do que seria necessário, e Shackleton disse a Mackintosh: "Economize ao máximo". Para Shackleton, isso significava blefar e mentir para obter mais patrocínio e dar mais facadinhas, usando, ao mesmo tempo, tudo que fora deixado nas cabanas no cabo Royds e no cabo Evans por expedições anteriores. A situação já era de muita incerteza, mas, ao chegar a Hobart, Mackintosh descobriu que não só não havia mil libras esterlinas à sua espera como também os gastos eram muito maiores do que se esperava.

Ele ficou estupefato. "O que fazer para conseguir carvão e equipamento", escreveu ele, "cobrir a grande deficiência de suprimentos e pagar a tripulação não está indicado… O navio está atrasado, perde-se um tempo precioso, e tenho muito medo do resultado disso."

Mackintosh enviou um telegrama urgente para Londres: "De dinheiro estou precisando…", avisou. "A vida de meus homens está nas minhas mãos." A soma de setecentas libras acabou chegando de Londres, mas Shackleton e Mackintosh, mais uma vez, se endividavam com o professor David, que os tirou da enrascada. Tendo convencido o governo australiano a conceder uma subvenção de quinhentas libras, David também deu um jeito de usar o *Aurora* como garantia para levantar mais fundos. O navio foi igualmente aberto ao público, que respondeu com incontáveis presentes, como

alimentos, livros e caixas de uísque. John King Davis, a quem Shackleton tinha convidado anteriormente para capitanear o *Endurance* , foi imensamente prestativo, providenciando, entre outras coisas, a instalação a bordo de um aparelho de rádio patrocinado. Esse acréscimo viria a ser crucial. Mackintosh conseguiu, de alguma forma, comprar o mínimo de equipamento e de provisões, mas essa desordem era um sinal do que viria pela frente.

Em Buenos Aires, Shackleton se recuperara parcialmente, e com o *Endurance* consertado e combustível suficiente na carvoeira o navio enfim partiu para a Geórgia do Sul em 26 de outubro. Shackleton pôde dar uma respirada. "Toda a tensão acabou, e é hora de enfrentar o trabalho de verdade… vai ser uma boa briga."

A cada quilômetro viajado para o sul, Shackleton sentia crescer o entusiasmo, a possibilidade de se redimir de fracassos passados. Enquanto essa grande empreitada não se tornou realidade, ele, como tantos ex-esportistas, teve medo de desaparecer na obscuridade, quando percebessem que seu arco não disparava mais flechas. Agora, novamente no comando de uma expedição, se sentia jovem e determinado, cheio de vida entre os homens, compartilhando relatos e piadas, e esperando o momento de entrar para a história.

Em 5 de novembro de 1914, a cinzenta ilha de Geórgia do Sul, "o portal para a Antártica", surgiu diante deles na cerração. Embora o capitão James Cook tivesse reivindicado a ilha montanhosa para a Grã-Bretanha em 1775, boa parte de seu interior continuava inexplorada, apesar de seus portos sediarem agora uma próspera indústria baleeira norueguesa. Chegando ao porto manchado de sangue de Grytviken, marujos noruegueses podiam ser vistos a bordo de baleeiras, cada um carregando enormes carcaças de baleia, cujo cheiro imediatamente penetrava nas narinas. Essa ilha desolada, o mais

distante posto avançado do Império Britânico, com seu pequeno povoado como único sinal de civilização, serviria de residência do *Endurance* pelo próximo mês.

Ainda necessitando de carvão e de provisões, mas sem dinheiro, Shackleton usou, no blefe, um crédito de mais de quatrocentas libras esterlinas para roupas de inverno, manteiga e farinha. Conseguiu isso pedindo que as contas fossem enviadas para Ernest Perris, seu agente em Londres, ciente de que Perris não tinha dinheiro suficiente à mão.

O plano original de Shackleton era que um grupo de cinco homens, formado por ele, Wild, Crean, Marston, Hurley e Macklin, iniciasse a travessia logo que chegassem à baía de Vahsel, visando completá-la até março de 1915. No verão antártico, era possível viajar do começo de novembro até fevereiro, mas, devido ao tempo gasto em Buenos Aires, eles perderam essa oportunidade. Agora precisariam passar o inverno na baía de Vahsel, com o *Endurance* deliberadamente preso no gelo, exatamente como acontecera com o *Discovery* .

Essas informações precisavam ser telegrafadas para Mackintosh na Austrália. Não havia por que seu grupo iniciar a operação de instalação de depósitos antes de Shackleton começar, tardiamente, a marcha, pois o clima nos meses de intervalo poderia sepultar ou arrastar os depósitos. No entanto, apesar de Shackleton jurar que um telegrama para Mackintosh fora passado, Mackintosh nunca o recebeu, começando a instalar os depósitos logo que o *Aurora* atracou no cabo Evans.

Em meio a essa bagunça, em 5 de dezembro de 1914, o *Endurance* partiu de Grytviken e seguiu em direção à baía de Vahsel. Um tanto profeticamente, Shackleton preferiu escrever em seu diário alguns versos do poema "The Ship of Fools" [A nave dos loucos], de St. John Lucas, acrescentando emendas de sua própria autoria:

*Éramos os loucos incapazes de sossegar na terra monótona que deixamos para trás.*
*Mas ardendo de paixão pelo sul.*
*E embriagados de um estranho frenesi do vento.*
*O mundo onde os sábios se sentam à vontade*
*Some dos meus olhos impenitentes,*
*E cegos atravessando mares inexplorados*
*Seguimos cambaleando em nossa empreitada.*

Jim Mayer, em *Shackleton: A Life in Poetry* [Shackleton: uma vida em poesia], revela que "'The Ship of Fools' foi um título usado pela primeira vez por Sebastian Brandt que apresenta uma alegoria na qual loucos dirigem um navio repleto de loucos para um paraíso dos loucos". Havia, sem dúvida, muita gente que pensava exatamente isso de Shackleton e sua expedição.

Chegar à baía de Vahsel já seria um desafio muito maior do que Shackleton tinha imaginado. Desde que James Weddell navegara primeiramente pela área noventa anos antes, poucos navios seguiram seu exemplo. Os que seguiram, incluindo o *Scotia* , de William Speirs Bruce em 1902, e o *Deutschland* , de Filchner, por pouco não foram esmagados pelo gelo.

Já no paralelo 57, Shackleton descobriu que um campo de gelo, rangente e ruidoso, bloqueava o caminho. Era bem mais ao norte do que os capitães de baleeiras tinham informado para o mês de dezembro em anos anteriores. E ainda havia 1600 quilômetros desse traiçoeiro labirinto para percorrer, boa parte do qual impenetrável, em posição de ratoeira hostil.

Em 1972, ao projetar pela primeira vez uma rota para nossa viagem circumpolar, Ginny estudou bem o comportamento das diferentes zonas do oceano antártico e rapidamente decidiu evitar o mar de Weddell, onde,

observou ela, “marinheiros soviéticos mediram em 1965 um iceberg, desgarrado de uma plataforma de gelo, que tinha 140 quilômetros de comprimento e 7 mil quilômetros quadrados de área”.

Enquanto o *Endurance* lutava para abrir caminho esmagando gelo para a baía de Vahsel, escreveu Shackleton que “este navio não é forte como o *Nimrod* . Eu o trocaria pelo velho *Nimrod* a qualquer momento, a não ser pelo conforto”.

Encontrar uma rota através do gelo era como tentar sair de um labirinto. Ora parecia mar alto, emanando nuvens escuras de fumaça de gelo, ora o gelo convergia novamente, impedindo qualquer avanço. Felizmente, Worsley estava em seu elemento. Dirigindo o *Endurance* com verve, fosse do cesto da gávea, fosse à roda de leme, ele se esgueirava por entre canais, colidindo, onde necessário, com banquisas teimosas, sempre tentando seguir mais ou menos para o sul. Nas ocasiões em que o avanço parecia impossível e havia o medo real de que pudessem ter de voltar, o gelo quase sempre se abria atraindo-os para a frente.

Apesar de ziguezaguearem pelo gelo, chegar à baía de Vahsel começou a parecer impossível. Worsley queria muito encontrar uma base costeira alternativa, e, em 15 de janeiro de 1915, Shackleton avistou uma baía glacial. Embora parecesse um bom lugar para deitar âncora, Shackleton percebeu que acrescentaria mais 320 quilômetros a sua viagem por terra pelo continente. Decidiu que era demais e mandou Worsley seguir em frente, mais para o sul, apesar das condições traiçoeiras. Foi uma decisão da qual muito se arrependeria.

Na manhã de 19 de janeiro de 1915, a tripulação descobriu, ao acordar, que o navio já não avançava. Estavam presos, sem nenhuma rachadura ou trecho de mar aberto para onde se dirigirem. Em vez de passarem o inverno

em terra, agora estavam à mercê do gelo, com milhões de toneladas pressionando o casco rangente do *Endurance* .

# 29.

Logo ficou claro que, pelo menos durante o inverno, não haveria como escapar do gelo. Todos os esforços agora visavam tornar os próximos meses minimamente confortáveis para os 28 homens a bordo.

Uma preocupação fundamental era economizar os suprimentos cada vez mais reduzidos de carvão; restavam apenas 67 toneladas, o suficiente para 33 dias de viagem. Isso os levaria à baía de Vahsel, a apenas 64 quilômetros, mas ter o bastante para a viagem de volta até a Geórgia do Sul era outro ponto. Depois de alguma aflição, Shackleton percebeu que logo que se livrassem do gelo não lhes restaria alternativa senão retornar de imediato à Geórgia do Sul para comprar mais carvão antes de partir novamente.

O *Endurance* agora se encontrava à deriva na banquisa flutuante, cada vez mais distante do seu destino, e mais fundo no desconhecido. "Minha maior ansiedade é estarmos à deriva", registrou Shackleton em seu diário. "Para onde os ventos e as correntes errantes levarão o navio durante os longos meses de inverno que temos pela frente?" Mas não havia nada que pudesse

fazer. Tinha apenas de rezar, pedindo que o desvio de rota fosse suave e não os levasse tão longe como fizera com o *Deutschland* de Filchner, que tinha flutuado à deriva por mais de 1120 quilômetros.

A certa altura, ele pensou em marchar até a Terra do Príncipe Regente Luitpold [atual costa de Luitpold], o ponto de desembarque mais próximo, a apenas 32 quilômetros de distância. No entanto, marchar no perigoso mar congelado seria extremamente arriscado, além de ser impossível para os homens transportar o equipamento e as provisões. Depois de alguma reflexão, a ideia foi abandonada. Só lhe restava ser paciente.

Em vez de sobrecarregar os homens com essas preocupações, ou permitir que sua cabeça viajasse na inatividade, Shackleton voltou a recorrer à sua experiência em expedições anteriores. Acima de tudo, queria evitar o que ocorrera com a tripulação do *Deutschland* durante os meses em que ficaram presos no gelo. O capitão do navio, Richard Vahsel, morrera, e a tripulação fora afligida por disputas, com um deles lembrando que os tripulantes tinham "os piores atritos e divergências interpessoais".

Agora que o inverno antártico se instalara, mergulhando o navio nas trevas pelos próximos três meses, Shackleton sabia, por experiência própria, que isso poderia ter efeito adverso no humor da tripulação. Esforçava-se, portanto, para demonstrar o maior otimismo possível. Sempre buscando animar o ambiente, ia de grupo em grupo, ansioso por não demonstrar favoritismo, deixando atrás de si um rastro de risadas. Worsley disse que o homem que todos chamavam de "Chefe" era um "chefe animado, conduzindo seus homens numa grande aventura", enquanto o ex-fuzileiro naval Thomas Orde-Lees, o lojista e especialista em esquis da expedição, elogiava-o por unir os homens e impedir que panelinhas se formassem.

Orde-Lees se lembrava também de um gesto particular de bondade que não surpreenderia ninguém que já tivesse viajado com Shackleton. Depois

de uma longa, fria e solitária caminhada no mar congelado, Orde-Lees teve uma crise extremamente dolorosa de ciática, enfermidade da qual Shackleton padecera por muito tempo. Reconhecendo a dor de Orde-Lees, ele cedeu a cama em sua cabine privada, para ir dormir num banco estreito que era curto demais para ele. Sobre essa generosidade, Orde-Lees afirmou:

> É um homem maravilhoso. Cuida de mim pessoalmente com o carinho de uma enfermeira profissional, o que ele de fato parece ser, muito mais do que meu líder e patrão temporário. Ele mesmo me ajuda, acendendo o fogo e preparando uma xícara de chá durante a noite, se digo que estou com sede, lendo para mim e sempre me distraindo com sua conversa maravilhosa, fazendo-me esquecer da dor com brincadeiras contínuas, como se eu fosse uma criança mimada. Que sacrifícios eu não faria por um líder como esse.

Como sempre, Shackleton nunca atribuía a ninguém uma tarefa que ele mesmo não fizesse. Esfregava o chão, transferia estoques para as carvoeiras, formava equipes para ir às banquisas próximas quebrar pedaços de gelo para obter água potável e caçar focas. Enquanto isso, mantinha o fotógrafo australiano, Frank Hurley, em constante atividade, instruindo-o a fixar lâmpadas em postes de oito metros de altura dos dois lados do navio para iluminar os conveses. McNish, o carpinteiro do navio, também foi instruído a construir novos cubículos para os homens dormirem, com um fogão alimentado por gordura bombeando calor para mantê-los aquecidos.

Mas nem tudo era trabalho. Atividades de lazer também eram incentivadas. Shackleton tinha novamente providenciado para que a biblioteca do navio estivasse bem abastecida, enquanto espetáculos teatrais, sessões de perguntas e outras brincadeiras competitivas eram regularmente realizados, para não falar nas cantorias noturnas depois da refeição.

Uma forma de diversão particularmente bem-sucedida envolvia homens cortando o cabelo uns dos outros. McNish comparou a recém-tosada tripulação com “um bando de condenados à prisão”. Sempre que possível, os homens também aproveitavam a oportunidade para sair do navio e se

exercitar nas banquisas, onde jogavam futebol, embora um cordão de segurança tenha sido construído com arame para ajudá-los a encontrar o caminho de volta para o navio se uma nevasca caísse de repente, reduzindo a visibilidade.

Reconhecendo a importância dos alimentos, Shackleton providenciou para que seus homens andassem sempre de barriga cheia, deixando-os mais contentes e reduzindo o risco de explosões de mau humor. Boa parte da dieta consistia em carne de foca, da qual parecia haver um generoso suprimento no gelo. As turmas de caça certamente não tinham dificuldade para abater colônias de uma vez, com a gordura servindo também para economizar carvão como combustível.

Mas Orde-Lees achava que isso talvez nem sempre devesse ser assim e recomendou a Shackleton que estocasse o máximo de carne possível. Shackleton discordou, alegando que isso passava a mensagem errada, de que os homens estavam presos ao gelo indefinidamente. A seu ver, eles tinham provisões suficientes para os próximos meses, e, no que lhe dizia respeito, era muito mais importante que todos os homens preservassem uma atitude de otimismo.

Uma tarefa de que muitos gostavam, de grande importância, era exercitar os cães. Confiná-los no navio não lhes fazia bem, e eles precisavam estar em boa forma para a travessia terrestre. No entanto, em meados de abril, muitos cães já tinham morrido de variadas doenças. Shackleton não podia se dar ao luxo de aceitar uma situação, como no caso dos pôneis do *Nimrod* , na qual a morte de animais contribuísse para um possível fracasso da missão de chegar ao polo. Agora, com apenas cinquenta cães, Wild, Crean, Hurley, Marston e McIlroy foram incumbidos de cuidar deles. Era um trabalho de que aprenderam a gostar, passando a ver os animais como amigos.

Adoravam particularmente organizar corridas com matilhas nas banquisas, nas quais apostavam cigarros ou chocolates.

Por mais que Shackleton tentasse continuar alegre e animado, a própria sobrevivência dos homens logo foi posta em dúvida. Depois de quatro meses imobilizado no gelo, o navio tinha desviado da rota mais de mil quilômetros. Agora não só se encontravam em águas inexploradas como também correndo o risco de esmagamento. No convés, Shackleton se juntou ao vigia de plantão para ver, preocupado, a imensa pressão de banquisas convergentes arrancar do mar pedaços do tamanho de ônibus de dois andares, que depois caíam de volta na água, produzindo um estrondo de arranha-céu demolido.

Alguns homens viam esse movimento crescente do campo de gelo como um indicativo de iminente ruptura do gelo, que talvez libertasse o navio, mas Shackleton não pensava assim. Se a pressão era capaz de fazer aquilo com imensos blocos de gelo, então o *Endurance* , feito de carvalho, praticamente não teria chance. Cada vez mais preocupado, confidenciou a Worsley que "o navio não tem como viver nisto, capitão". Preparando-se para o pior, ordenou que três barcos salva-vidas fossem arriados, para o caso de precisarem sair às pressas.

Logo a pressão do gelo começou a produzir seus efeitos deletérios, esmagando lentamente o navio, como casca de ovo. Worsley descreveu o barulho do gelo pressionando a embarcação como "um trem enorme com eixos rangentes sendo empurrado com muitos solavancos e pancadaria" e "fazendo exatamente o tipo de barulho que se esperaria de um ser humano com medo de ser assassinado". O linóleo do piso começou a enrugar nas bordas, as paredes lentamente se deformavam e as vigas empenavam e vibravam. "As banquisas, com a força de milhões de toneladas de gelo em movimento atrás delas, estavam simplesmente aniquilando o navio",

escreveu Shackleton. “Era angustiante sentir os conveses quebrando sob nossos pés, as grandes vigas entortando e estalando com um barulho de tiro de arma pesada.” O otimismo de Shackleton já não bastava para esconder dos homens a dura verdade: o navio estava em apuros.

Em meados de outubro, a enorme pressão levantou o navio da água, virando-o num ângulo de trinta graus. Os homens, para comerem à mesa ou sentarem em cadeiras, tinham de apoiar as pernas ou os pés em alguma saliência, o que nem sempre impedia a comida de escorregar dos pratos. O navio então desenvolveu vários vazamentos, e, apesar de os homens bombearem desesperadamente, Shackleton entendeu que “era o começo do fim”.

Às cinco da tarde de 27 de outubro, nove meses depois de ficarem presos no gelo, Shackleton deu ordem de abandonar o navio. Para que a pressão o partisse em dois e o lançasse, girando em espiral, para o abismo do mar era só uma questão de tempo. Worsley tentou protestar, não querendo perder seu navio, e potencialmente sua reputação, mas ele também percebeu que, como comentou Shackleton, “o gelo, quando pega, segura”.

Sem tempo a perder, os homens descarregaram barcos, alimentos, equipamentos e os cães no gelo. Apesar de reconhecer a gravidade da situação, Shackleton ainda dava a impressão de ter tudo sob controle. “A maior parte do tempo”, lembrava-se Orde-Lees, “ele ficou lá no convés superior, segurando no cordame, fumando um cigarro com ar sério, mas não muito preocupado.” Macklin também tinha a lembrança de Shackleton não demonstrar “emoção, melodrama ou euforia”.

Enquanto montavam acampamento no gelo, os homens assistiam à destruição do navio atingido. “Dava para ouvir o navio sendo esmagado, o gelo arrebentando de encontro a ele, e sentíamos quase como se nossas costelas estivessem sendo esmagadas”, rememorou o comandante

Greenstreet, e “de repente uma luz se acendeu por um instante, depois se apagou. Parecia o fim de tudo”.

Ainda que o navio não afundasse, estava claro que não havia mais como repará-lo. Sem ele, a situação da tripulação era de total desamparo. A milhares de quilômetros da civilização, teriam agora de sobreviver em barracas, numa banquisa à deriva que poderia afundar sob pressão a qualquer momento, mandando todos para a morte certa nas águas escuras. Não havia como pedir socorro, e ninguém sabia onde eles se encontravam. De qualquer maneira, a probabilidade de um grupo de resgate atravessar o gelo a tempo de salvá-los era extremamente remota. Na verdade, no que dizia respeito ao mundo exterior, a expedição ia de acordo com o planejado; esperava-se que só reaparecessem dentro de mais cinco meses, em março de 1916. Assim, os 28 homens estavam sozinhos no mundo, e numa das situações mais difíceis que Shackleton poderia ter imaginado.

# 30.

Nos nove meses anteriores, Shackleton agarrara-se à fantasia de que a expedição ainda poderia seguir em frente. A perda do *Endurance* tornava isso impossível. O único objetivo restante era, de alguma forma, manter os homens vivos. "Rezo a Deus", escreveu ele, "para conseguir levar o grupo inteiro para a civilização e então essa parte da expedição terá acabado."

Era um golpe arrasador ver o sonho, mais uma vez, desabar à sua volta, mas ele não ousava mostrar nenhum sinal de fraqueza diante dos homens. Além de qualquer coisa que tinha conseguido na vida até então, aquele seria de longe o seu maior desafio.

A primeira noite que passaram nas barracas sobre o gelo foi uma amostra das dificuldades que tinham pela frente. Na escuridão, a banquisa se partiu, ameaçando dividir o grupo, ou lançá-los violentamente de encontro aos canais entreabertos. A cada nova rachadura do gelo, Shackleton soava o alarme com um apito, ao que o grupo se esforçava febrilmente para tirar do

caminho os barcos, as barracas e os suprimentos. Ninguém conseguiu dormir direito, muito menos Shackleton.

Mesmo nos breves períodos de calmaria, os homens ainda tinham dificuldade para descansar. Ali no gelo, em suas barracas não aquecidas, ficavam expostos aos elementos, especialmente porque só havia dezoito sacos de dormir forrados de pele. Tirava-se a sorte, e os perdedores recebiam sacos de lã inadequados, sendo condenados a tremer no frio de rachar. Com apenas o nariz de fora do saco de dormir, qualquer mucosidade se transformava imediatamente em gelo, e cada exalação de hálito criava uma grossa geada em contato com o ar frio.

Shackleton percebia uma ansiedade corrosiva entre os homens e sabia que o frio não ajudaria em nada a melhorar o humor deles. Às cinco da manhã, com o sempre leal Wild, ele passou de barraca em barraca, entregando xícaras de café quente, com um sorriso e palavras de encorajamento, minimizando o naufrágio do navio e declarando com calma: "Agora vamos para casa". Hussey lembrava-se daquilo tudo como "simples, comovente, otimista e altamente eficaz", e Macklin disse que "seria difícil exprimir o que aquelas palavras significavam para nós". Foi uma aula magna de gestão de crise.

Shackleton sabia que eles precisavam chegar à terra seca o mais depressa possível. Tinham se desviado cerca de 2100 quilômetros, e a terra mais próxima agora era a ilha Paulet, a uns 640 quilômetros. Por isso, ainda havia motivo para ser um pouco otimista. Em 1902, uma expedição sueca fora abandonada na ilha e construíra uma cabana, deixando provisões substanciais. Havia também muitos animais selvagens, fonte de alimento, assim como de gordura para combustível.

Se iam percorrer aquela distância, viajar com pouco se fazia imperativo. Preparando os homens, Shackleton ordenou que cada um deveria levar

apenas cerca de um quilo e deixar para trás tudo o que não fosse de importância vital. Mostrando que falava sério, descartou na neve seu relógio de ouro, bem como a Bíblia presenteada pela rainha Alexandra. Era evidente que não sentia agora necessidade alguma de Deus, até porque, de qualquer maneira, não era muito religioso. No entanto, enquanto os homens arrumavam suas coisas, John Vincent recuperou o relógio e o escondeu na jaqueta. Foi uma decisão da qual viria a se arrepender.

Todas as provisões e equipamentos essenciais foram rapidamente dispostos em dois botes salva-vidas. Depois de cheios, foram içados para dentro dos trenós, a fim de serem rebocados por uma mistura de força canina e humana. A perspectiva era assustadora, e, sem espaço para passageiros, Shackleton teve de fazer a escolha mais difícil de todas: os cães mais fracos precisavam ser abatidos. Muitos acharam essa decisão difícil de engolir, ainda que viessem a aceitá-la. Foi o caso, particularmente, do carpinteiro McNish, que recebeu ordem para matar sua gatinha de estimação, Mrs. Chippy.

Na manhã de 30 de outubro, os homens começaram a empurrar e puxar os dois barcos sobre trenós rumo à ilha Paulet, na esperança de usá-los quando encontrassem mar aberto. Era um trabalho árduo, mais difícil ainda porque o peso dos barcos fazia os trenós afundarem nos bancos de neve e no gelo. Grunhindo e gemendo enquanto arrastavam as cargas, os homens logo se cansaram. Fazendo uma pausa depois de duas horas, descobriram que não tinham avançado mais do que 1,5 quilômetro.

No dia seguinte, tentaram de novo, mas só avançaram mais 1,5 quilômetro. Obviamente, chegar à ilha Paulet era um sonho impossível. Àquele ritmo, levariam quase quatrocentos dias para chegar ao seu destino e só tinham ração para 56. Além disso, para trabalharem tão arduamente

puxando trenó, os homens precisariam de muito mais calorias do que o normal. A marcha para a ilha Paulet acabou, assim, abandonada em silêncio.

Se não conseguissem encontrar terra seca, pelo menos por ora, eles precisavam achar uma banquisa mais sólida para montar acampamento. Localizando uma nas proximidades, Shackleton a batizou de Acampamento Oceano. Com o navio ainda próximo, os homens tiveram permissão para voltar e recuperar os objetos pessoais que haviam descartado. Ao subirem a bordo do navio atingido, os homens atravessaram a água gelada para pegar objetos que ajudassem a dar mais conforto nos meses seguintes, além de remexer em itens que pudessem ser úteis no acampamento. Por exemplo, Wild recuperou o camarim do leme, que, com o uso de velas e lonas, foi convertido num depósito no gelo. O terceiro barco salva-vidas do navio também foi arrastado até o Acampamento Oceano.

Hurley queria muito recuperar suas fotografias, na forma de pesadas placas de vidro. Depois de alguma negociação com Shackleton, que reconheceu que seria impossível levar todas as quinhentas placas, Hurley foi autorizado a escolher e levar apenas 150 das melhores, algumas das quais você pode ver neste livro. Os 350 "rejeitos" foram esmagados, para que Hurley escapasse à tentação de levar mais alguma. Shackleton estava cada vez mais bem impressionado com Hurley; achava-o "esplêndido" e acrescentou-o, junto com Wild e Worsley, à lista dos homens em quem achava que podia confiar para apoio e orientação.

Uma vez montado o acampamento, e depois que os homens foram distribuídos entre cinco barracas, Shackleton se viu diante de duras realidades. A banquisa era mais sólida, porém eles ainda corriam o risco de desviar-se para o mar, ou de o gelo desabar à sua volta. Aquela situação era claramente temporária, mas o que mais ele poderia fazer? Arrastar os trenós no campo de gelo não dera certo, e, mesmo que conseguissem levar os

barcos para dentro do mar quando o gelo derretesse, não estavam preparados para uma longa viagem oceânica.

O que tornou a situação ainda mais desesperadora foi verem o *Endurance* finalmente desaparecer abaixo da superfície de gelo em 21 de novembro. "Ele não existe mais, pessoal", anunciou Shackleton de forma solene, enquanto a água ao redor de sua gélida sepultura rapidamente congelava. Diante dos olhos de todos, Worsley anotou que ele "travara o combate mais corajoso já travado por um navio antes de ser esmagado pelo gelo implacável". Um tanto traumatizado, mas dissimulando, Shackleton anotou em seu diário: "Não consigo escrever sobre isso". Se alguém ainda alimentava esperanças de tornar o *Endurance* novamente capaz de navegar, essas esperanças morreram ali.

Acostumado a ser homem de ação, Shackleton teve de "enfiar pés de coragem em estribos de paciência". Por mais que se empenhasse em descobrir uma rota para a salvação, acabou admitindo que não havia rota nenhuma, pelo menos de imediato. McNish sugeriu usar a madeira dos três barcos salva-vidas para construir um barco maior no qual, quem sabe, pudessem partir, mas Shackleton foi contra. Sensatamente, previu um período em que o verão amoleceria todo o campo de gelo, e escapar envolveria uma perigosa movimentação entre banquisas, com o barco pesado demais para os homens controlarem. Em vez disso, McNish foi incumbido de modificar os três barcos, com velas instaladas nos três e emendas do casco de madeira calafetadas para evitar vazamentos, usando para isso as tintas a óleo de Marston, uma vez que não havia massa apropriada.

Percebendo que não poderiam mais esperar que uma solução surgisse do nada, Shackleton, Crean, Hurley e Wild partiram numa missão de reconhecimento no gelo. O objetivo era ver se haveria uma rota mais fácil

para a ilha Paulet, onde também pudessem usar os barcos salva-vidas em pequenos trechos de água, com os barcos agora batizados em homenagem aos três principais patrocinadores da expedição: James Caird, Dudley Docker e Stancomb-Wills.

As perspectivas não pareciam alentadoras. Na melhor das hipóteses, Shackleton achava que dariam conta de viajar de três a cinco quilômetros por dia, mas não parecia haver nenhum trecho de mar aberto. Nesse ritmo, levariam seis meses para chegar à ilha Paulet. Apesar desses obstáculos aparentemente insuperáveis, Shackleton não tinha escolha senão continuar dizendo que era viável. Era tudo o que tinham, e precisavam de um pouco de esperança.

Em 22 de dezembro, os homens desfrutaram de um banquete final de carnes, frutas, biscoitos e bebidas quentes, antes que o *James Caird* e o *Dudley Docker* fossem carregados e o grupo partisse para a segunda tentativa de chegar à ilha Paulet arrastando trenó. Infelizmente, as condições não foram melhores do que as da primeira tentativa.

Depois das longas semanas de inatividade no Acampamento Oceano, as cargas extremamente pesadas e o terreno difícil se mostraram especialmente severos para alguns. Enquanto eles puxavam os barcos, labutando nos arreios como um bando de escravizados egípcios, o sol batia na neve lamacenta. Avançando pouco, o objetivo de Shackleton de percorrer de três a cinco quilômetros por dia parecia, na melhor das hipóteses, fantasioso.

Em 27 de dezembro, os homens não aguentavam mais. McNish, sobre quem Shackleton sempre teve dúvidas, e que ainda guardava rancor por ter recebido ordem para sacrificar sua gata, tentou organizar um motim. Recusando-se a não dar mais um passo sequer, amaldiçoou Shackleton por suas dificuldades e por obrigá-los a fazer aquela marcha inútil, quando podiam ter partido no barco que ele mesmo se oferecera para construir.

Aparentemente citando artigos do acordo de serviço, McNish afirmou que agora, com a perda do navio, Shackleton não tinha mais autoridade sobre os homens. Nesse momento, Shackleton talvez se arrependesse de não ter aprendido a lição de sua experiência com Marshall no *Nimrod* , de não levar consigo homem nenhum que achasse que pudesse ser uma maçã podre.

Com McNish esbravejando e vociferando, Shackleton sentiu que os homens, cansados e desanimados, corriam o risco de se deixar influenciar. Sabia que precisava eliminar a ameaça de motim imediatamente, ou tudo estaria perdido. Em contraste com o furibundo McNish, Shackleton, calmamente mas com vigor, leu os artigos do contrato. Apesar da perda do navio, esclareciam os artigos, ele se mantinha no comando. Disse aos homens que continuavam sendo pagos por todos os dias que passassem no gelo. No entanto, qualquer um que preferisse se amotinar não só não receberia um centavo quando chegassem ao porto como também seria punido com todo o rigor da lei.

O motim foi sufocado num instante, mas, só para deixar bem claro, Shackleton puxou McNish de lado e lhe avisou que, se repetisse aquele comportamento, seria fuzilado. Consternado e furioso com essa traição, Shackleton escreveu sobre McNish em seu diário: "Jamais me esquecerei dele nesse momento de tensão e estresse". Por enquanto, Shackleton varreria o assunto para debaixo do tapete, para o bem do grupo, mas nunca esqueceu ou perdoou o incidente.

Muitas vezes constatei que, quando há discórdia no grupo, o líder pode quase sempre achar uma saída decidindo assumir a tarefa. Shackleton fez exatamente isso, liderando pelo exemplo no dia seguinte e puxando o barco com mais entusiasmo do que qualquer um, incentivando assim os outros a fazer o mesmo. No final do dia, os homens por fim tinham alcançado o objetivo de percorrer quatro quilômetros, mas estavam física e mentalmente

arrasados. Numa semana de marcha, só haviam avançado dezesseis quilômetros. "A perspectiva era pouco promissora", manifestou Shackleton, reconhecendo que a explosão de McNish talvez tivesse fundamento.

No dia seguinte, Shackleton não teve escolha senão abandonar a marcha. A decisão não foi tomada em razão somente do lento progresso e das condições dos homens, mas também da ameaça de pontas de gelo causarem danos irreparáveis ao fundo dos barcos, dos quais eles seguramente necessitariam em algum momento da viagem. Embora Shackleton fosse homem de aventura, nunca foi imprudente. Como escreveu Worsley, "era corajoso, o homem mais corajoso que já vi, mas não inconsequente. Se preciso fosse, era capaz de fazer as coisas mais perigosas e sem temor; mas sempre as abordava de forma refletida e as executava com segurança".

Depois de montar o Acampamento Paciência em outra banquisa, Shackleton percebeu que qualquer marcha sobre o gelo naquelas condições seria impossível. Tudo o que podiam fazer era torcer para que as correntes levassem a banquisa para perto da ilha Paulet, ou esperar que o gelo derretesse, para então lançar os barcos em mar aberto, em busca da terra seca mais próxima.

Quando chegamos ao polo Norte em 1982, Charlie Burton e eu nos vimos numa situação igualmente perigosa. Isolados da terra e imobilizados numa banquisa, esperávamos que ela nos levasse à deriva para o sul, de modo que pudéssemos alcançar nosso navio, que tinha sido incapaz de penetrar no campo de gelo. Foi muito estressante, para dizer o mínimo. A certa altura, a banquisa se dividiu em duas e ameaçou nos separar da nossa barraca; além disso, começou a derreter, deixando muitos pontos com um metro e meio de espessura na água azul-pálida. Também enfrentamos a ameaça de ficar presos no gelo com ursos-polares que nos farejavam como se fôssemos sua próxima refeição. Quando um urso apresentou sinais particulares de

péssimas intenções, não tivemos escolha senão atirar em uma das suas patas. Depois de setenta dias na banquisa, 80% dela estava coberta de lama ou água, e baleias assassinas circulavam à nossa volta. Com o navio ainda a 27 quilômetros de distância, e nossa banquisa em estado precário, nossa única alternativa foi abrir caminho puxando nossa carga pelo campo de gelo, onde icebergs eram jogados de um lado para outro nas ondas como bolas de praia. Mal consigo descrever nossa alegria absurda quando, finalmente, avistamos os mastros distantes do *Benjamin Bowring* . Eu pulava e acenava como um maluco, até conseguir ver Ginny no convés. Fazia dez anos que ela tinha proposto a ideia de nossa primeira expedição circumpolar de superfície em torno da Terra, e afinal tínhamos conseguido.

A decisão de Shackleton de ser paciente e esperar que a banquisa os levasse à deriva para o mar aberto foi, portanto, muito sábia. No entanto, as rações agora só davam para 42 dias, e logo as focas, que haviam fornecido carne adicional, desapareceram. A essa altura, ele talvez se arrependesse da decisão de não fazer estoque, uma decisão imprudente e desnecessária a meu ver.

O estado de espírito no acampamento logo piorou, com Orde-Lees descrevendo a atmosfera como "distintamente deprimente". Não havia no momento nenhum trabalho de verdade a ser executado, e os homens estavam cansados de qualquer tipo de "entretenimento" para mantê-los ocupados. "Jimmy" James escreveu: "A pior coisa é ter tempo de sobra". Mesmo o sempre bem-disposto Worsley refletiu o desânimo em seu diário normalmente alegre:

> É de esperar que logo estejamos "despertos e fazendo" alguma coisa, por menor que seja, para nos ajudar a escapar desta prisão branca e infindável, onde as energias e aptidões mentais de todos nós se atrofiam e onde descansamos e desperdiçamos a vida enquanto o mundo inteiro está em guerra, sem que tenhamos ideia do que acontece.

O sisudo e crítico McNish, ao menos por ora, sabiamente optou por não dar palpite, despejando todo o mau humor em seu diário, onde chamava alguns do grupo de "inúteis" e criticava outros por "nunca terem trabalhado um dia sequer neste mundo, nem terem intenção de fazê-lo, dado que podem viver como parasitas de alguém".

Questões menores, como o ronco de Orde-Lees, apelidado por Worsley de "trombone nasal", e a fungação implacável de Clark, ameaçavam degenerar em grandes desentendimentos. Green andava preocupado porque alguns dos homens começaram a "pirar", com um deles passando um fio de cobre em torno da barriga e ameaçando ir para casa pelo gelo. Finalmente, até Shackleton lutava para parecer confiante, escrevendo: "Estou muito cansado. Acho que é a tensão".

Um homem no auge da saúde teria lutado nessas condições, mas Shackleton estava longe disso. De vez em quando, precisava da ajuda de Wild para sair do saco de dormir. Quando finalmente permitiu que os médicos o examinassem, mais uma vez se recusou a deixá-los auscultarem o coração, quase como se soubesse a verdadeira natureza de sua doença. Uma coisa era certa: haveria mais estresse e mais tensão pela frente.

Era preciso tomar uma decisão agora sobre o destino dos cães que ainda restavam. Não seriam necessários para atravessar o gelo nem conseguiriam viajar nos barcos. Além disso, comiam os estoques já reduzidos de alimento. Com dor no coração, Shackleton decretou que todos teriam de ser mortos. A tarefa sinistra coube ao infeliz Wild, que escreveu: "Preferia atirar em muitos homens que conheci a matar o pior dos cães". A carne deles serviria para alimentar os homens, mas alguns se recusaram a comer por princípio, com Wild dizendo que seus bifes foram "os mais horríveis que já provei e os mais duros". Apesar disso, ainda era a melhor carne com que podiam contar no futuro próximo.

As rações se reduziram ainda mais, com Shackleton escrevendo: “Todos sentimos que poderíamos comer duas vezes mais do que recebemos”. Decidiu que eles agora teriam de começar a consumir as rações reservadas para puxar trenó, guardadas como reserva para as caminhadas mais árduas.

Quase todos os dias, grupos de homens retornavam ao Acampamento Oceano para recuperar qualquer coisa que tivesse alguma serventia, incluindo o barco salva-vidas *Stancomb-Wills* . Isso se revelaria altamente providencial, pois apenas 24 horas depois surgiu um trecho de mar aberto, impedindo os homens de fazer mais incursões a seu antigo acampamento. Eles tinham recuperado o *Stancomb-Wills* na hora certa.

Quando a água esquentou um pouco, o gelo da banquisa gradualmente virou lama, encharcando os sacos de dormir dos homens durante o sono e trazendo a ameaça bem real de o gelo desmoronar debaixo deles a qualquer momento. Com o derretimento, a banquisa diminuiu, passando de 2,5 quilômetros quadrados para pouco mais de 180 metros. Agora toda a região se movia, redemoinhando lentamente. Me lembro bem do barulho e das vibrações espetaculares quando o gelo começa a se mover. Os sons de ruptura e de pressão variam muito, porém os mais estupendos são o estrondo e o ruído de trituração. Como as gaitas e os tambores de uma horda inimiga que se aproxima, é difícil ignorar o estrondo e a trituração distantes de banquisas invasoras, que aumentam de volume a cada hora, e pegar no sono. Apesar disso, o gelo derretendo e se movendo, e o mar aberto subsequente, podiam ser também a salvação dos homens.

Graças à flutuação nas correntes, no fim de fevereiro a ilha Paulet estava a apenas 160 quilômetros de distância. Shackleton sentia que logo chegaria a hora de agirem. Ordenou, portanto, que os barcos fossem preparados e que os homens dormissem vestidos, prontos para partir a qualquer momento.

Em 23 de março, Shackleton olhou espantado através da cerração. Viu terra pela primeira vez em dezesseis meses. Consultando às pressas um mapa, concluiu que devia ser o topo das montanhas da ilha de Joinville, mais de 95 quilômetros a oeste, localizada ao lado da ilha Paulet. Mas um labirinto de pedaços de gelo bloqueava o caminho. "Poderiam ter sido 965 quilômetros pela chance de alcançá-la de trenó atravessando o gelo arrebentado", escreveu Shackleton. Logo depois, a banquisa passou ao largo da ilha Paulet, tornando ainda mais remota a chance de alcançar terra seca.

A banquisa estava ficando instável demais para acampar por mais tempo. Certa ocasião, ela se partiu em duas, afastando os homens dos barcos, antes de, miraculosamente, as partes se juntarem de novo, permitindo que os homens fossem buscá-los. Era evidente que o tempo se esgotava. Desesperado, Shackleton consultou os mapas. Mais de 160 quilômetros ao norte, localizou dois ciscos de terra: as ilhas Elefante e Clarence. A ilha Elefante recebeu esse nome em homenagem a elefantes-marinhos por caçadores de focas americanos que ali desembarcaram nos anos 1820. Pedaço de rocha inóspita no meio do vasto oceano antártico, era frequentemente castigada por ventos com força de furacão e coberta de gelo. Abrigo também seria difícil de encontrar, e ela ficava longe de qualquer rota marítima.

A próxima opção era a ilha do Rei George, parte de uma cadeia de ilhas que lhes permitiria chegar à ilha Decepção, conhecida por dispor de estoques de provisões para marinheiros náufragos. Ficava a 320 quilômetros de distância, mas era, de longe, a melhor chance que tinham, particularmente porque havia muitas baleeiras naquelas águas e eles poderiam ser salvos. Se tudo o mais falhasse, havia na ilha Decepção uma pequena igreja de madeira. Shackleton propôs desmontá-la para construir um barco no qual poderiam viajar para a Geórgia do Sul.

Pela primeira vez em meses, Shackleton foi tomado por uma onda de otimismo. As adversidades eram grandes, mas havia, ao menos, alguma coisa para buscarem, uma chance de salvação, por menor que fosse.

Em 9 de abril, não pôde mais esperar. Depois de 156 dias, a banquisa se tornara perigosamente instável e tão reduzida que mal havia espaço para o acampamento. Com mar aberto em todas as direções, era agora ou nunca. Às duas da tarde, os homens subiram a bordo de barcos salva-vidas já carregados. Tomando o máximo cuidado e usando de boa psicologia para a difícil viagem que tinham pela frente, Shackleton decidira quais homens deveriam ser agrupados e quais deveriam ficar separados. No *James Caird* , Shackleton levou com ele os dois homens mais pessimistas, Vincent e McNish, para impedir que disseminassem tristeza e medo. Frank Worsley capitaneava o *Dudley Docker* , enquanto Hubert Hudson, oficial de navegação do *Endurance* , comandaria o *Stancomb-Wills* .

Lançando os três barquinhos na rede de canais abertos ao lado da banquisa, partiram para o notório mar de Weddell, que mais de um ano antes havia levado à ruína o bem maior e mais robusto *Endurance* . Agora esperavam sobreviver nas mesmas águas revoltas em apenas três barquinhos salva-vidas, viajando centenas de quilômetros sem cobertura que os protegesse dos elementos. Seria a suprema viagem de fuga do inferno.

# 31.

Enquanto Worsley tentava achar um caminho ao leme do *Dudley Docker* , Shackleton permanecia em pé no *James Caird* , olhando para o horizonte sombrio e rezando para que a salvação viesse de lá. "Acho que nunca senti, de forma tão aguda, a ansiedade do líder", confidenciou.

Na escuridão impiedosa do inverno antártico, as condições eram ainda piores do que poderiam imaginar. O mar sacudia com imensos blocos de gelo, eternamente se chocando uns contra os outros, e os homens morriam de medo de ser esmagados por eles. Desprotegidos, eram atacados por ventos enregelantes, chuva com neve e cerração, e molhados incessantemente pelo mar gélido. A ameaça de baleias assassinas despontando na superfície e virando um barco era constante.

A opção de atravessar os 320 quilômetros até a ilha do Rei George logo se tornou extremamente improvável. Shackleton percebeu que a melhor aposta seria tentarem chegar à ilha Clarence ou à ilha Elefante, a apenas 96 quilômetros. Achavam-se, no entanto, à mercê do vento. Se o vento soprasse

desfavoravelmente, ainda que eles remassem com toda a força na direção oposta, poderiam ser lançados no mar aberto, sem que houvesse outra terra seca em centenas de quilômetros. Apesar disso, era a única chance.

Depois de remarem arduamente um dia inteiro, os homens descobriram que não dava para descansar. Naquela primeira noite, levaram o barco para uma banquisa gigante, na esperança de montar acampamento temporário e dormir um pouco, achando, sem dúvida, que era muito mais seguro do que permanecer na água. Todavia, enquanto dormiam, e Shackleton conversava com o vigia noturno para se inteirar das últimas informações, a banquisa se partiu bem debaixo de uma das barracas. Gritando para que os homens saíssem antes que despencassem no oceano, ele correu até a barraca e deparou com o marujo Ernie Holness já se debatendo na água, ainda no saco de dormir. Segurando o saco de dormir com as pontas dos dedos, Shackleton, mais determinado do que nunca, e usando toda a sua força, puxou Holness para um lugar seguro.

Enquanto Holness estava sentado, assustadíssimo e tremendo, a fenda onde ele despencara segundos antes se fechou com força. Se Shackleton demorasse um segundo para agir, Holness com certeza teria morrido. Mas o drama não acabava aí. A banquisa rapidamente se partiu de novo, agora deixando Shackleton à deriva, escorregando para dentro da escuridão sozinho, sem provisões, sem equipamento. Felizmente Wild estava perto, lançando imediatamente o *Stancomb-Wills* e remando com tenacidade até a banquisa solta, puxando Shackleton para dentro.

Quando amanheceu, eles não perderam tempo, apressando-se em fugir dos restos da banquisa e seguir para os barcos. Logo depois, parecia que tinham dado sorte, o campo de gelo desaparecera por completo e eles se encontravam, enfim, em mar aberto. Tinham rezado tanto tempo ansiando por aquilo, mas acabou sendo uma bênção ilusória. Sem o gelo, agora eram

surrados por ondas grandes, oscilantes, oblíquas. Com os barcos sobrecarregados, havia a preocupação muito real de que fossem inundados e afundassem. Seria praticamente suicídio continuar, por isso Shackleton ordenou que os barcos voltassem para o gelo e os homens acampassem, na esperança de que todos eles, exaustos, pudessem descansar um pouco, enquanto ele repensava sua estratégia.

Mais uma vez não houve trégua. Os ventos violentos empurraram a banquisa mais para dentro do campo de gelo, e o risco de serem esmagados por imensos icebergs tornava impossível lançarem os barcos. Tudo o que podiam fazer era esperar surgir uma rota segura quando o campo de gelo se abrisse mais. Estavam verdadeiramente entre o diabo e o profundo mar azul.

Com o gelo se desintegrando à sua volta, Shackleton mandou os homens subirem a bordo, mas com todos fazendo isso ao mesmo tempo o gelo se partiu debaixo dos seus pés e dos pés de Wild. Agarrando-se a uma saliência no gelo, a água lambendo seus pés, eles conseguiram subir. A partir daquele momento, só parariam para acampar quando alcançassem terra seca. Tinham apenas que torcer para que os barcos não afundassem nos vagalhões ferozes.

Os homens passaram a remar com afinco ainda maior, não querendo ficar na água nem um minuto a mais do que o necessário. Mas, com as rações reduzidas, não haveria como compensar esse esforço extra, e alguns por pouco não desmaiaram. Tomavam leite quente regularmente para que pudessem continuar, mas não bastava.

Aquela noite, os homens dormiram nos barcos, à sombra de um gigantesco iceberg, que lhes dava ao menos alguma proteção contra o vento cortante. Sem teto, e com roupas encharcadas, eles se amontoavam para produzir calor. A hipotermia estava sempre à espreita.

Quando os barcos começaram a balançar no escuro, alguns homens acordaram, achando que o movimento era provocado por ondas fortes. Mas, quando abriram os olhos, viram que o oceano estava calmo. Então ouviram silvos e foram pulverizados de água: estavam rodeados de baleias assassinas. Se uma batesse no barco, ele viraria. Mais uma vez, os homens passaram a noite sem dormir.

Em 12 de abril, Worsley, conseguindo ver o sol, posicionou seu sextante para saber onde estavam. A notícia não era boa. Apesar de todo o esforço para remar, as correntes impediram que chegassem mais perto das ilhas, e ainda estavam a 96 quilômetros da mais próxima.

Aquela noite foi uma das piores que enfrentaram no oceano. Em condições terríveis, e sem líquido para beber, os homens, já quase congelando, foram atacados por barragens e mais barragens de água que desabavam sobre os barcos. De manhã, estavam cobertos de geada, com as barbas repletas de gelo espesso. As roupas estavam tão congeladas que, nas palavras de Wild, era como se "usassem armaduras".

Além da fome e do medo de hipotermia, as lesões causadas pelo frio eram uma preocupação real, atingindo a maioria dos homens. Um desjejum de comida de cachorro gelada não levantou muito os ânimos, com homens doentes demais para ingerir o que quer que fosse. Afligidos por diarreia, defecavam pela borda dos barcos.

A falta de água potável não ajudava em nada. No mar aberto, sem gelo em volta, não havia pedaços para derreter. Consequentemente, a língua inchava na boca, tornando difícil engolir comida, apesar da fome. Wild achava que pelo menos metade do grupo estava "insana […], desamparada e sem esperança". No *Stancomb-Wills* , quatro dos oito homens entraram em colapso, com os pés assumindo uma mortal tonalidade branca. Perce Blackborow, o clandestino que se tornara ajudante de cozinha, se encontrava

particularmente mal. Se os pés não fossem aquecidos logo, perderia os dedos. Enquanto isso, grossas camadas de gelo tornavam os remos escorregadios demais para remar. De qualquer maneira, dedos já lesionados pelo frio lutavam para segurá-los.

Diante de mais um dia remando no gélido oceano, sem saberem se estavam avançando, um sentimento de desesperança tomou conta de todos. Shackleton, que até então tinha dado o exemplo, já demonstrava impaciência e irritação. O vozeirão perdera força, e ele agora sussurrava ordens roucamente para Wild ou Hurley. Houve, porém, um momento em que levantou a voz. Quando viu que Vincent estava com seu relógio, que ele havia jogado na neve meses antes, Shackleton o arrancou de suas mãos, gritando: "Não, pelo amor de Deus, você não pode ficar com isto", e o jogou no mar.

Mas, quando as coisas ameaçavam degringolar em confusão e desespero, surgiu um pouco de esperança. Em 14 de abril, as ilhas Clarence e Elefante despontaram diante deles. Apesar de estarem ainda a 64 quilômetros de distância, era o mais próximo que já tinham conseguido alcançar: sinal encorajador de que houvera avanço. Shackleton tentou animar a todos gritando para o navegador Worsley que deveriam chegar à sua ilha no dia seguinte. Mas Worsley descartou essa possibilidade, achando que levariam muito mais tempo. Shackleton ficou furioso com ele, porém sem explodir. Só dissera aquilo para levantar o moral. E, logo em seguida, o moral levaria outro golpe arrasador.

Sobre as condições daquela noite, Wild as definiu como "as piores que já vivi". Em temperaturas de –20ºC, uma ruidosa tempestade jogou os barcos no mar como brinquedos, e o vendaval lançava ondas e mais ondas congelantes sobre os homens. A força do vento era tão grande que o *Dudley*

*Docker* foi separado dos outros barcos e arrastado para dentro da escuridão. Parecia que todos a bordo estavam perdidos.

No dia seguinte, os homens foram incapazes de sentir muito entusiasmo quando os penhascos da ilha Elefante apareceram diante deles, lastimando a morte do grupo do *Dudley Docker* . Mas não havia tempo para chorar os mortos. Uma estreita faixa de areia no cabo do leste da ilha tinha sido avistada, e os sobreviventes precisavam manter a calma e a lucidez se quisessem chegar à terra firme com segurança.

Aproximando-se da terra, Shackleton de repente avistou o *Dudley Docker* vindo em sua direção. Todos os homens estavam a salvo, apesar de maltratados e encharcados. Haviam sobrevivido à tempestade e avistado a ilha no mesmo instante em que Shackleton e seus homens se preparavam para desembarcar. Foi a melhor notícia que Shackleton recebeu em muito tempo.

Logo depois os barcos atracaram, e Blackborow teve a honra de ser a primeira pessoa a pôr os pés na ilha Elefante. Apesar disso, as condições dos seus dedos lesionados pelo frio eram tão ruins que ele caiu e teve de ser levantado. Em seguida, os outros puseram os pés em terra firme pela primeira vez desde 5 de dezembro de 1914. Alguns saciavam a sede freneticamente em riachos, outros cambaleavam como zumbis, ou riam histericamente, dando a Shackleton a impressão de "estarem delirando". As ações de Green, em particular, eram inquietantes. Aparentemente vítima de um colapso nervoso, ele correu para cima de um bando de focas com um *piolet* , segundo Orde-Lees, "exibindo toda a selvageria primitiva de uma criança que mata moscas". Reginald James escreveu sobre a cena: "A maioria estava, imagino eu, numa situação de quase histeria, sem saber se ria ou chorava. Não sabíamos, até aquilo tudo extravasar, como tinham sido tensos aqueles últimos dias".

A ilha era apenas um cisco de rocha no vasto oceano, mas era o refúgio mais seguro que tinham tido em mais de um ano. Por enquanto, Shackleton podia ficar feliz com o que obtivera, mas estava ciente de que era uma solução temporária. A não ser que fossem vistos por uma baleeira de passagem — rara naquelas águas, de qualquer maneira, mais ainda fora de estação —, em algum momento teriam de fazer outra viagem para alcançar a civilização. Nesse meio-tempo, precisavam familiarizar-se com a misteriosa ilha onde tinham ido parar.

# 32.

Mas Shackleton ainda não poderia descansar. A praia onde desembarcaram tinha apenas trinta metros de largura e o paredão do penhasco atrás deles apresentava marcas de água. Era uma arapuca letal. Se acampassem ali, seriam inundados pela maré.

Não encontraram outro lugar para acampar nas redondezas, por isso Shackleton despachou Wild, Crean, Vincent, McCarthy e Marston numa missão de reconhecimento. A bordo do *Stancomb-Wills* , percorreram onze quilômetros de costa e descobriram o que Wild chamou de "paraíso". Talvez fosse exagero, mas, ao menos, tinham encontrado o que parecia um naco de terra seguro. Com apenas 91 metros de comprimento por 36 de largura, recuava até um penhasco de trezentos metros de altura e parecia oferecer um suprimento imediato de focas e pinguins para caçar, com água doce disponível em geleiras próximas. Naquelas circunstâncias, era tudo o que poderiam desejar.

No entanto, levar todo mundo para a nova casa, batizada de cabo Wild, não foi fácil. Embora ficasse a apenas onze quilômetros de distância, os barcos tinham pela frente um vento forte que ameaçava empurrá-los para alto-mar. Por mais de seis horas, os homens exaustos, mais uma vez, remavam furiosamente contra o vento, decididos a não perder a oportunidade, visto que estavam tão perto. O esforço teve um preço. Quando chegaram, no escuro, Lewis Rickinson, o mecânico-chefe, sofreu um ataque cardíaco. Felizmente, sobreviveu.

Os barcos foram descarregados às pressas, e em seguida os homens construíram um abrigo com pedras fazendo as vezes de paredes, com o *Dudley Docker* e o *Stancomb-Wills* , emborcados, servindo de teto, enquanto materiais de barraca foram usados como anteparo contra o vento e a neve. Os 28 homens logo se amontoaram lá dentro, precisando desesperadamente de calor e de sono, depois de tanto tempo.

De manhã cedo foram acordados por ventos com força de furacão. Barracas eram arrancadas do chão, e objetos pessoais lançados no mar, incluindo roupas e panelas. Enquanto tentaram recuperá-los, dois homens quase foram arrastados pelo vento.

Muitos se deram conta de que não teriam vida longa naquelas condições. Mas as terras habitáveis mais próximas eram Port Stanley, nas ilhas Malvinas, e o cabo Horn, na ponta da América do Sul. A ilha Elefante não ficava em nenhuma rota marítima conhecida e não havia como pedirem ajuda. Worsley resumiu melhor sua situação de perigo, declarando: "O mundo estava totalmente isolado de nós como se tivéssemos vindo de outro planeta".

Alguns homens desistiram de ter esperanças. Já tinham passado por tanta coisa, e aquilo ali parecia o melhor que poderiam conseguir. Muitos achavam que iriam morrer na ilha e buscavam um bom motivo para se

levantar dos sacos de dormir de manhã. Logo uma sensação geral de desespero contaminou o acampamento.

Shackleton reconhecia que sua situação era apenas temporária. De alguma forma, eles precisavam chegar à civilização e soar o alarme. A ideia de voltar para dentro de um barco, contudo, numa viagem que ameaçava ser ainda mais longa e mais perigosa do que aquela que os levara àquele ponto, era extremamente desagradável. E a probabilidade de sobreviverem, minúscula. Apesar disso, era a única esperança. Shackleton sabia que, sem um plano, alguns homens afundariam na mais sombria depressão e outros simplesmente enlouqueceriam, de forma que, conforme ele expressou, "a conclusão me foi imposta".

Ele se dera conta de que o melhor a fazer seria ele e um pequeno grupo comandarem uma missão de resgate enquanto os outros ficavam na ilha. Mas estava ciente de que seu pequeno barco não sobreviveria às correntes e aos ventos fortes até as ilhas Malvinas e o cabo Horn.

Consultando o mapa, decidiu que teriam mais chance de êxito se retornassem à Geórgia do Sul, de onde o *Endurance* partira. Isso devia significar uma distância superior a 1280 quilômetros, mas eles contariam com a vantagem de um vento do oeste, em vez de terem de lutar contra ele. Havia, porém, uma clara desvantagem. As monstruosas ondas dessa área eram tão grandes e tão fortes que capitães de baleeiras a tinham batizado de "o grande cemitério". Não se sabia de nenhum barco pequeno que tivesse sobrevivido às suas águas. Mesmo o superotimista Shackleton sabia que tudo estava contra eles, escrevendo: "Os perigos da viagem são extremos". Mas se era para fazer essa tentativa, não havia um segundo a perder. Em maio, o campo de gelo teria fechado todas as rotas disponíveis, e eles correriam o risco de passar o inverno na ilha. Na verdade, Shackleton já conseguia ver o campo de gelo no horizonte, cada dia mais próximo.

Para essa árdua missão, Shackleton precisaria selecionar seus homens com argúcia. Worsley era uma escolha natural. Sua experiência no mar e seu brilhantismo como navegador seriam essenciais. Crean também se revelara um marinheiro mais do que apto na viagem para a ilha Elefante, bem como McCarthy, descrito por Worsley como "otimista irreprimível". Para surpresa de alguns, Vincent também foi escolhido. Embora fosse um marinheiro razoável, também era tido como metido a valente, pessimista e meio desonesto, não exatamente os atributos que Shackleton procurava. No entanto, Shackleton pode ter achado que ele seria um criador de caso se ficasse na ilha. Durante a viagem, Shackleton, ao menos, ficaria de olho. Talvez a escolha mais surpreendente tenha sido McNish, a quem Shackleton havia ameaçado fuzilar. Foi uma escolha altamente prática. O *Caird* estava destinado a apanhar muito no mar, e reparos seriam vitais. O carpinteiro era, portanto, o homem mais adequado.

Ele teria, contudo, de deixar para trás alguns dos melhores homens para liderarem o grupo desanimado na ilha e garantirem sua união. Wild foi escolhido para essa tarefa especialmente importante, e os médicos McIlroy e Macklin também ficariam para cuidar dos doentes, particularmente Blackborow, cujos dedos lesionados pelo frio já não podiam ser salvos.

Um breve momento de esperança tomou conta do acampamento enquanto Shackleton finalizava seus preparativos. Por mais que ele tivesse explicado os perigos da viagem para todos, e a minúscula probabilidade de sucesso, a maioria ainda acreditava no Chefe. Até então, ele não lhes fizera mal nenhum e demonstrara incríveis poderes de recuperação e sobrevivência. Se havia alguém na terra que eles escolheriam para essa missão, esse alguém era sir Ernest Shackleton.

Para a brutal viagem que tinham pela frente, McNish se pôs a trabalhar preparando o *James Caird* . Utilizando tudo o que conseguia botar nas mãos,

aumentou a altura do casco em 25 centímetros e esticou uma lona por cima, para servir de abrigo. Quaisquer áreas sujeitas a vazamento foram vedadas com uma mistura de tinta a óleo, pavio de lampião e sangue de foca, enquanto instalava o mastro do *Stancomb-Wills* ao longo da quilha, da proa à popa, como recurso para impedir que os mares revoltos partissem o *James Caird* em dois. Como lastro, pedras e cascalho também foram postos a bordo.

Em 24 de abril, o barco estava pronto para partir. Despedindo-se dos homens que ficariam para trás na ilha Elefante, Shackleton sentiu agudamente o peso da responsabilidade. Todos confiavam nele. A expedição era sua, e ele estava decidido a levar todos os homens para casa, sem exceção. "Capitão, se alguma coisa acontecer comigo enquanto esses camaradas estiverem esperando por mim, eu me sentirei uma espécie de assassino", disse ele a Worsley.

Puxando Wild de lado, Shackleton conversou com ele sobre a pior das hipóteses. Se o *James Caird* se perdesse e nenhum navio de resgate aparecesse até a primavera, Wild deveria tentar chegar à ilha Decepção no *Dudley Docker* . Pousando a mão no ombro de Wild e olhando-o nos olhos, Shackleton lhe disse: "Tenho total confiança em você, sempre tive". Consolava-o um pouco saber que os homens que ficavam na ilha Elefante estavam em boas mãos.

Demonstrando ao menos algum otimismo, Shackleton também tomou providências para que seus contratos de lançamento de livro e realização de palestras fossem cumpridos caso ele morresse. Orde-Lees e Hurley foram incumbidos de cuidar do livro, e Wild e Hurley fariam as turnês de palestras. Hurley, além disso, seria responsável pelas fotografias da expedição.

Pouco antes de sair, Shackleton entregou um bilhete a Wild, a ser lido se ele morresse no oceano Antártico. Dizia simplesmente: "Transmita meu amor à minha gente e diga que fiz o melhor que pude".

Instantes depois, Shackleton e sua equipe subiram a bordo do *James Caird* , sob os aplausos dos homens que assistiam a tudo da praia. "É nossa única esperança", escreveu Wordie. Alguns homens choravam, compreendendo que seu destino dependia das minúsculas chances de êxito daquela missão.

Tendo acenado para os homens que sumiam de vista em terra, Shackleton se virou para o oceano cinza e desolado. Eles tinham pela frente uma viagem de pesadelo de 1290 quilômetros, com alimento suficiente para apenas um mês. Dirigindo-se a Worsley, comentou: "Vivemos juntos algumas grandes aventuras, capitão, mas esta é a maior de todas. Agora é tudo ou nada, como dizem nos livros de ficção". Como se veria, dizer isso ainda era dizer pouco.

# 33.

Bem na frente, bloqueando a passagem do *James Caird* , havia um campo de gelo avançando constantemente. Tentando remar através do labirinto, os homens logo perceberam que seria impossível atravessar. A única rota disponível era para o norte, contornando o campo de gelo antes de alcançar os ventos do oeste com que contavam para levá-los até a Geórgia do Sul. Isso aumentava a distância e o tempo, mas, devido ao campo de gelo, era inevitável.

Porém contornar o gelo já era, por si só, um grande problema. Um vendaval soprava na direção oposta, arrastando-os para trás, enquanto correntes cruzadas sacudiam o barco sobrecarregado, inundando-o. Worsley lembrou que tinha avisado a Shackleton que a tonelada de pedras a bordo para servir de lastro fazia o barco afundar demais na água. Mas não era hora de recriminar ninguém. Agarrando-se à vida, a maioria dos homens, incluindo Shackleton, estava tão enjoada que sujou o barco todo de vômito.

Rolando e tombando no mar, não tinham um minuto para descansar ou pensar direito. Era preciso agir logo, e eles quase não avançavam. Worsley escreveu: "Era desanimador. Estávamos encharcados como nunca pelo mar que caía sobre nós e sem a sensação de diminuir a distância".

Felizmente, no terceiro dia no mar, o vento mudou, permitindo que o *James Caird* contornasse o campo de gelo e seguisse rumo à Geórgia do Sul. As coisas começavam a ficar mais promissoras, e eles rapidamente percorreram 130 quilômetros.

Com o tempo um pouco mais calmo, os homens estabeleceram uma rotina. Três deles trabalhavam em turnos de quatro horas, um controlando o leme, outro abrindo a vela, e o terceiro tirando água continuamente, depois trocavam de função. Os homens que não estavam de plantão, pelo menos em tese, descansavam, mas isso acabou sendo impossível. A água gélida continuava a inundar o convés ou a escorrer da lona na parte superior para seus pescoços enquanto tentavam dormir. Os sacos de dormir congelados e úmidos também lhes enchiam as narinas com o cheiro de vômito e de umidade, e o pelo que soltava da pele de rena fazia cócegas no nariz e se alojava na garganta.

A única coisa que podia interromper todo esse tormento eram as refeições. O cozinheiro designado, Crean, enfiava o fogão Primus entre os pés para impedir que a comida derramasse enquanto fervia a ração comprimida e altamente energética de proteína de carne, banha de porco, aveia, açúcar e sal. Quando a comida começava a ferver, Crean gritava a palavra mágica, "COZIDO !". Com isso, os homens enfiavam as vasilhas em torno do fogão para Crean despejar em cada uma 225 gramas daquela papa. Engolindo a comida quente o mais rápido possível, os homens queimavam o céu da boca e a garganta, mas nem piscavam. Recebiam com gratidão o "glorioso calor" que lhes percorria o corpo frio e estafado, dando-lhes

energia renovada enquanto se aproximavam da Geórgia do Sul e da salvação.

Quando entraram nas águas da passagem de Drake, conhecida como "o grande cemitério", ondas imensas, em alguns casos com mais de trinta metros da crista que se arrebentava à cavidade que rugia, movendo-se a oitenta quilômetros por hora, atingiram o barco. O impacto de uma sólida parede de água àquela velocidade tinha o potencial de esmagar o *James Caird* e despachá-lo para o fundo do oceano.

Mais uma vez, os homens tiveram de se agarrar ao barco, e era impossível que permanecessem enxutos ou dormissem. "Mil vezes pareceu que o *James Caird* seria engolido", escreveu Shackleton, "mas o barco sobreviveu." Em meio a tudo isso, o irlandês, McCarthy, conseguia manter o bom humor, como lembrava Worsley: "Eu o substituí ao leme, ondas desabando em nosso pescoço, uma veio direto em cima de nós e me deu vontade de xingar, mas me segurei, e ele me disse com um sorriso animado: 'É um belo dia, senhor'".

O perigo das ondas violentas foi, com o tempo, substituído por temperaturas baixíssimas. Uma grossa camada de gelo parasita se imiscuiu no convés de lona e nas velas, deixando o barco pesado demais em cima, retardando-o e ameaçando virá-lo. Para combaterem a nova ameaça, eles se revezavam na perigosa tarefa de rastejar sobre o convés instável e quebrar com a mão a camada de gelo de 38 centímetros. Mesmo usando luva, só conseguiam fazer isso durante alguns minutos antes de recuar, contorcendo-se para dentro das entranhas do barco e visando descongelar. Quando uma fina camada de gelo aparecia na superfície da água, os remos congelavam constantemente, causando mais problemas do que soluções. No fim das contas, Shackleton mandou jogar fora todos eles, menos dois. As velas

também tinham de ser regularmente tiradas para a remoção do gelo, atrasando ainda mais a viagem.

Todos a bordo agora tinham lesões causadas pelo frio. Os pés estavam brancos e dormentes, e a ausência de sensação era tal que um dos homens nem sequer percebeu que tinha uma farpa cravada no dedão. Sem um médico presente, havia a possibilidade real de que amputações grosseiras tivessem de ser feitas. Para prevenir isso, Shackleton providenciou que bebidas quentes fossem servidas regularmente e checava a saúde de cada um, sempre buscando, nas palavras de Worsley, "um meio qualquer de atenuar suas dificuldades".

A primeira semana no mar tinha sido uma provação comparável a qualquer outra que já tinham vivido. Felizmente, as ondas sossegaram, e, mais importante ainda, o sol enfim apareceu. Enquanto os homens botavam os sacos de dormir, as roupas e os sapatos para secar, Worsley posicionava o sextante para tentar saber onde estavam. Até então, usara como guia a posição das estrelas ou, quando isso falhava, a direção do vento. Mesmo com esses dois recursos, ainda era incrivelmente difícil fazer uma leitura precisa, com o barco incessantemente balançando. Worsley sabia que sua vida, e a vida dos colegas na ilha Elefante, dependia de sua habilidade de navegador. Agora rezava para que ainda estivesse no caminho da Geórgia do Sul. Qualquer desvio de curso poderia ser desastroso. Se não encontrassem a ilha, a corrente e o vento tornariam o retorno impossível, despachando-os para o vasto oceano e para a morte certa.

Esperando ansiosamente, os homens observavam enquanto ele fazia esses cálculos. Estavam a 56°13' sul e a 45°38' oeste — na metade do caminho para a Geórgia do Sul. Ainda estavam no curso certo, mas, de súbito, o oceano revidou.

Em 5 de maio, Shackleton perscrutou o horizonte à meia-noite e viu o que parecia ser uma clara linha de céu. Examinando melhor, percebeu que não era céu coisa nenhuma. Era um maremoto reboando na direção deles a uma velocidade constante. "Em 26 anos de experiência no mar em todos os seus humores", escreveu Shackleton, "nunca vi onda tão gigantesca."

Soando o alarme, os homens se agarraram onde podiam para se equilibrar quando a onda os atingisse. "Havia água rugindo em volta e sobre nós…", lembrava Worsley. "A onda que nos atingiu era tão súbita e enorme que cheguei à conclusão de que devia ter sido causada pela queda de um grande iceberg que não vimos nem ouvimos na escuridão e pela feroz ventania."

Apesar de o barco ainda estar intacto estruturalmente, quando os homens limparam a água salgada dos olhos viram que estava inundado e afundando rápido. Freneticamente, pegaram as vasilhas disponíveis, retirando um balde de água após o outro, até o *James Caird* estar fora de perigo.

Porém, descobriu-se então que o último barril de água potável tinha rachado, permitindo que a água do mar se infiltrasse. Agora restava pouca água doce. Shackleton não teve escolha senão impor rigorosas rações aos homens já enfermos, de apenas meio litro por dia. "A sede tomou conta de nós", escreveu ele, sobre a situação que não parava de piorar, com lesões causadas pelo frio, feridas e pústulas já maltratando os homens.

Worsley e Crean assumiram o comando. Intrepidamente, e saboreando o desafio, eles aproveitaram para mostrar que podiam enfrentar qualquer situação que o oceano lhes criasse. Mesmo no meio de uma furiosa tempestade, Crean reagiu à altura, cantando alegremente velhas canções irlandesas com um sorriso no rosto, desafiando a tempestade a piorar ainda mais. Enquanto isso, Worsley se revelava não apenas um navegador habilidoso, mas um capitão do mais raro calibre. Inabalável, permaneceu

sereno e resoluto, dando ordens com clareza, apesar do caos à sua volta. Shackleton tinha escolhido bem seus homens. Todos eles complementavam seu estilo de liderança, maximizando as chances de êxito.

Na manhã de 8 de maio, seu 15o dia no mar, pedaços de alga foram vistos flutuando nas águas, com dois corvos-marinhos em cima. Worsley se virou sorrindo. Corvos-marinhos nunca se distanciam mais de 24 quilômetros da costa, disse ele. A Geórgia do Sul não devia estar longe. Instantes depois, McCarty gritou: "TERRA À VISTA !".

Os seis homens esqueceram os ferimentos, as roupas encharcadas, a sede, e experimentaram um sentimento único de alívio e felicidade, ao avistar penhascos ao longe. Era a Geórgia do Sul. No entanto, aqueles penhascos ficavam do lado sul da ilha, enquanto eles tentavam velejar para o norte, onde os postos baleeiros da baía de Stromness os acolheriam. Mas, com Vincent e McNish se debatendo, e sem querer correr o risco de que correntes e ventos os afastassem do curso e para longe da ilha, Shackleton deu ordem para atracar o *James Caird* o mais rápido possível.

Com a intenção de chegar à baía do Rei Haakon, no extremo sudoeste da ilha, eles foram barrados por recifes rochosos e ondas altas que ameaçavam afundar o barco. Atracar naquelas condições seria temerário. Tinham chegado tão longe e agora, com o prêmio à vista, Shackleton não queria correr riscos desnecessários. Sua decisão de passar outra noite no barco e fazer uma nova tentativa pela manhã talvez não tenha sido muito popular, mas os homens entenderam o que estava em jogo. Não era apenas a vida deles que precisava ser preservada a qualquer custo, mas também a dos camaradas que haviam ficado na ilha Elefante. "Teria sido loucura tentar atracar", reconheceu Worsley, "no escuro, com mar revolto, numa praia que nunca tínhamos visto e que nunca foi adequadamente mapeada."

Depois de uma noite de desassossego, lutando contra a sede terrível, os homens descobriram, ao amanhecer, que ainda não dava para atracar. As condições tinham piorado, com o vento e as ondas ameaçando lançar o *James Caird* contra as rochas. Tomou-se, portanto, a decisão de seguir para a ilha Annenkov, 32 quilômetros a leste.

A viagem foi tão desafiadora quanto qualquer coisa que já tinham enfrentado. Ventos com força de furacão ameaçavam destroçar o barco, o madeirame estremecendo sob sua força esmagadora. Ao mesmo tempo, onda após onda, eles se lançavam contra os costados como bolas de demolição, fazendo o navio se curvar sob a pressão. Incapazes de resistir a tantas pancadas, as tábuas da proa se abriram, jogando mais água para dentro da embarcação maltratada e obrigando os homens a tirar água como loucos, para permanecer à tona.

Ao anoitecer, não estavam mais perto de terra, e Shackleton lutava para se manter otimista. "A chance de sobreviver àquela noite parecia pequena", lembrava ele. "Acho que a maioria sentiu que o fim estava muito próximo." Worsley acrescentou, num tom pessimista: "Que pena. Fizemos essa grande viagem de barco, e ninguém vai saber".

Quando parecia que o barco não aguentaria mais, às nove da noite a tempestade amainou de repente, as ondas reduzindo-se a um tamanho administrável. Se ela persistisse mais algumas horas, talvez tudo estivesse perdido. Na verdade, a tempestade foi tão forte que afundou o *Argos* , um navio a vapor de quinhentas toneladas, nas mesmas águas. O carregamento de carvão se perdeu, bem como a tripulação. Foi um milagre o *James Caird* ter sobrevivido.

A tempestade amainou, mas, ao romper do dia, ventos violentos continuavam a atrasar a viagem, segurando-os à entrada da baía por mais de quatro horas. Estavam perto, mas ainda em grande perigo. A sede agora era

um problema sério, e passar outra noite no mar não era uma opção. De alguma forma, precisavam desembarcar, e com apenas dois remos. Era hora de ir com tudo.

Com as mãos laceradas pelo frio segurando os remos restantes, os homens remaram com toda a força que tinham, tentando avançar contra o vento e, à luz mortiça, encontrar um ponto para atracar. Enquanto se esgueiravam entre os recifes pontudos, Shackleton avistou uma pequena angra. Incentivando os homens, com todos lutando contra a corrente, finalmente sentiram uma pancada sob os pés. O *James Caird* tinha empacado na terra.

Descendo do barco, os homens cambalearam até uma poça de água doce, caindo de joelhos e bebendo avidamente. De alguma forma, haviam conseguido chegar à Geórgia do Sul. Porém a baía não era o seu destino original, e por uma boa razão. O posto baleeiro mais próximo ficava do outro lado da ilha, e entre eles e a salvação havia uma inexplorada cadeia de montanhas de 914 metros de altura.

# 34.

Depois de uma agitada noite de sono, num canto ao pé do penhasco, os homens acordaram para enfrentar a próxima etapa da missão. Tinham chegado à Geórgia do Sul, mas segurança e resgate ainda não estavam, nem de longe, garantidos.

Esquentando as mãos sobre uma fogueira feita de madeira trazida pelo mar, enquanto devorava um café da manhã de pedaços de albatroz, Shackleton repassou as opções. Em última análise, seu objetivo era conseguir ajuda nos postos baleeiros de Husvik, Stromness ou Grytviken, todos no lado norte da ilha. De barco, era uma distância de 240 quilômetros. Avaliando o estado dos homens, Shackleton não tinha certeza se McCarthy, McNish ou Vincent aguentariam outra viagem marítima. Mas, ainda que fosse com Worsley e Crean buscar ajuda, ele também não estava seguro de que o maltratado *James Caird* sobreviveria. Não só a série de tempestades o deixara em condições precárias, como o leme se perdera ao aportar. Não havia mais como conduzir a embarcação.

A única opção restante era atravessar a ilha a pé, uma viagem de apenas 48 quilômetros. Mas isso, por si só, era intimidante. Ninguém jamais atravessara a coluna vertebral da Geórgia do Sul. À primeira vista, parecia uma série de cordilheiras, mas quem era capaz de adivinhar o que os aguardava no caminho? Além disso, estavam totalmente despreparados para esse tipo de viagem. Alguns homens, como McNish, McCarthy e Vincent, mal conseguiam ficar em pé. Não dispunham de equipamento de montanhismo e, se precisassem escalar, só contavam com as mãos, a maioria lesionada pelo frio e por pústulas.

Durante as minhas viagens no norte como parte da expedição Trans Globe, Charlie e eu enfrentamos perrengue semelhante. Tínhamos navegado 3200 quilômetros num barco aberto através da Passagem do Noroeste até o nosso destino, a ilha de Ellesmere, mas acabamos no lado errado. Não tínhamos escolha senão atravessar a pé a cadeia de montanhas nevadas e geleiras, uma viagem de 240 quilômetros. Já estávamos exaustos, mas pudemos, ao menos, passar um rádio para Ginny, que nos mandou por via aérea equipamentos adequados para andar nas montanhas e nas geleiras, bem como provisões. Ainda assim, a viagem foi um teste duro. Charlie escorregou na neve e cortou a cabeça, e quando alcançamos o outro lado nossos pés estavam inchados como balões, os calcanhares em carne viva e sangrando, e as pontas dos dedos laceradas pelo gelo. Sem equipamento apropriado, é improvável que tivéssemos conseguido.

Shackleton reconheceu que não tinha escolha senão seguir em frente, mas, com a metade da equipe num estado de saúde inadequado para aquele esforço, a etapa final da viagem de resgate ficaria nas mãos de Worsley, Crean e do próprio Shackleton. Porém ele temia deixar os três homens na angra, situada numa posição precária. Com ela espremida entre o mar e um penhasco íngreme, não havia para onde os homens fugirem se a maré

subisse ou se as condições piorassem. O barco também não servia para navegar, de modo que eles não teriam como afastar-se do perigo.

No entanto, depois de alguns dias de descanso, num momento em que McCarthy olhava fixamente para a água, o leme perdido, que poderia escolher qualquer destino no oceano inteiro, veio de repente parar aos seus pés. Diante desse golpe de sorte, Shackleton anunciou que todos voltariam para o *Caird* para procurarem um abrigo mais seguro, provavelmente na baía do Rei Haakon, a treze quilômetros de distância. Esperava também que fosse um pouco mais fácil atravessar a cadeia de montanhas a partir de lá.

Houve alguma apreensão por voltar para dentro da água, mas pelo menos o tempo melhorara bastante. Sem tempestades no horizonte, e com o oceano sereno, eles se beneficiaram do vento de oeste e navegaram com facilidade até a baía, atracando numa praia pedregosa flanqueada por montanhas cobertas de neve. "Um belo dia", registrou Shackleton, grato pela viagem indolor.

Com focas à vontade, não haveria escassez de alimento para os que iam ficar. A baía, porém, era mais exposta aos elementos do que a angra, por isso o *James Caird* foi emborcado sobre pedras para servir de abrigo. O lugar recebeu o nome de Acampamento Peggotty, em homenagem à família que vivia debaixo de um barco em *David Copperfield* , de Dickens.

Shackleton então passou a dedicar toda a sua atenção à escalada. Os postos baleeiros ficavam a apenas 48 quilômetros de distância. Ele achava que, em boas condições, a travessia duraria apenas uma noite e um dia. Para viajar com pouco peso, Shackleton decidiu que não levariam sacos de dormir nem barracas. Tudo o que levariam era ração para três dias, um fogareiro, fósforos, binóculos, duas bússolas e quinze metros de corda.

Essa, penso eu, foi a mais temerária de todas as decisões de Shackleton. Talvez tenha sido tomada em vista da velocidade, mas eles poderiam ter

dedicado um pouco mais de tempo procurando encontrar um jeito de amarrar as barracas e os sacos de dormir nas costas, sem retardar muito a marcha, aumentando, ao mesmo tempo, as chances gerais de sobrevivência.

Mas, quando faziam os últimos preparativos, o tempo virou, obrigando-os a buscar abrigo debaixo do barco. O inverno ia pela metade, e Shackleton temia que tempestades implacáveis impossibilitassem sua partida. E se uma tempestade desabasse durante a travessia, surpreendendo-os sem sacos de dormir ou barraca? As montanhas cobertas de neve já eram difíceis de atravessar nas melhores condições — com tempo ruim, então, pior ainda. Mas Shackleton foi incapaz de encontrar outra solução. De novo, só lhe restou ser paciente e rezar para que o tempo melhorasse.

Na espera interminável, McNish aproveitou bem o tempo. Extraindo pregos do *James Caird* , fincou-os nas solas das botas dos homens, para servir de crampons, e fez bengalas com pedaços de madeira trazida pelo mar. Além disso, recomendou que levassem sua enxó. Essas inovações seriam de grande valor.

Sem aviso, nas primeiras horas de 19 de maio, a tempestade parou. Shackleton se pôs de pé num salto e ordenou aos homens que ultimassem os preparativos. Depois de uma refeição quente, saíram da "cabana" *James Caird* às duas da manhã e trocaram apertos de mão com os que ficavam, prometendo voltar com ajuda em alguns dias. Dizendo adeus, mergulharam na escuridão, no que esperavam que viesse a ser a etapa final de sua missão.

Graças aos crampons de McNish e às bengalas, os homens fizeram rapidamente a primeira escalada, subindo algumas centenas de metros para o topo de uma encosta íngreme. À luz da lua, finalmente puderam ver o que havia pela frente. Serpenteando entre os picos nevados havia campos de gelo e terreno perigosamente acidentado. Não era pior do que esperavam,

embora também não fosse melhor. Foi simplesmente uma confirmação de que as próximas 48 horas representariam outro desafio fantástico.

O luar logo desapareceu, substituído por uma cerração densa que obscurecia o trajeto. Caminhando com hesitação, incapaz de ver muito além dos próprios passos, Shackleton agarrou os outros dois. Estavam à beira de um precipício. Mais um passo e teriam despencado no abismo.

Em nome da segurança, todos se prenderam à corda, caminhando em fila indiana, com Shackleton, como sempre, abrindo caminho para o desconhecido. Na retaguarda, Worsley continuava atuando como navegador, tentando traçar um caminho no escuro. No entanto, depois de algumas horas, descobriram que precisavam voltar por cima dos próprios rastros. Haviam simplesmente dado uma volta, seguindo rumo à baía Possessão, perto da baía do Rei Haakon, e se encontravam, mais uma vez, de frente para o oceano.

Frustrados, voltaram ao interior, parando para levantar os ânimos com uma refeição quente, enquanto Worsley reconsiderava a rota. A seu ver, a passagem à direita parecia a escalada mais fácil, o que certamente era boa notícia para os homens. No entanto, em suas condições, e dispondo de equipamento limitado, qualquer subida seria um desafio.

O ar frio e a grande altitude, somados à caminhada em terreno irregular, rapidamente apresentaram seus efeitos, exigindo que os homens parassem para descansar a cada vinte minutos. “Nós nos jogávamos no chão de costas com as pernas e os braços estirados”, lembrava Worsley, “ingerindo grandes goles de ar para recuperar o fôlego.”

O pobre Worsley sofreu mais que os outros. Shackleton e Crean, ao menos, tinham adquirido experiência de marchar em condições traiçoeiras, em suas tentativas de chegar ao polo. Aprenderam, quando o corpo gritava para parar, a controlar sua força psicológica para seguir em frente. Worsley

tinha comprovado sua capacidade de resistência durante a expedição, mas aquele desafio era totalmente novo. Notando sua luta interna, Shackleton e Crean o incentivavam, e ele certamente não media esforços.

O amanhecer trouxe uma claridade bem-vinda, enquanto eles cortavam degraus numa encosta, escalando prudentemente uma montanha por três horas, para acabar descobrindo que o caminho estava bloqueado. No topo, esperavam que houvesse uma encosta na direção desejada, mas, em vez disso, o que havia era um forte declive. "O que vi foi um precipício", escreveu Shackleton, "um caos de gelo enrugado 450 metros abaixo. Não havia caminho por onde descermos." Tiveram de voltar outras duas vezes, com Shackleton mais e mais temeroso de que a viagem se estendesse além do que previra. Agora talvez se arrependesse de não ter levado sacos de dormir nem barraca.

A cada nova cumeada avistavam quilômetros e quilômetros de altas montanhas mais adiante. "Estávamos num isolamento nunca antes quebrado pelo homem", escreveu Worsley, reconhecendo o tamanho da tarefa que tinham pela frente. O único som que ouviam era o ressoar enervante de grandes avalanches e geleiras desabando.

Mais adiante, obstruindo o caminho, havia um abismo de sessenta metros de largura, o qual, segundo Worsley, era grande o suficiente para conter "dois encouraçados". Não havia como atravessar diretamente e não dava para voltar, de forma que os homens, numa estreita saliência, contornaram cautelosamente a borda, agarrando-se à parede de pedra, com as mãos lesionadas e dormentes oferecendo o apoio mais tênue.

Pelo menos podiam agradecer ao tempo. Ainda estava bem abaixo de zero, e o vento penetrava nas roupas esfarrapadas, mas não tiveram de lutar contra tempestades. Se uma tempestade inclemente desabasse, seria um desastre.

No crepúsculo vespertino, depois de subirem 1300 metros até o topo de outra montanha, depararam com mais cerração obscurecendo o caminho. Incapaz de enxergar, Shackleton sabia que seria imprudência continuar avançando na escuridão, mas fazia um frio congelante no topo da passagem. À noite, a temperatura podia cair para –34ºC, e, sem qualquer abrigo, seria insuportável. "Não gosto nem um pouco disso", disse Shackleton. "Vamos congelar, se ficarmos esperando a lua nascer."

Havia perigos mortais, independentemente do que Shackleton resolvesse fazer, mas ele logo tomou uma decisão. "Precisamos nos arriscar." Antes morrer andando do que morrer congelado esperando no topo da montanha.

Usando a enxó de McNish, Shackleton esculpiu degraus na montanha para que pudessem descer. Na escuridão, andaram apenas 91 metros em trinta minutos. Nesse ritmo, ainda poderiam morrer de frio. Tinham de andar mais depressa. Shackleton só encontrou uma solução. "Escorregar", disse aos homens, pensando em enrolar a corda de tal maneira que pudesse ser usada como tobogã. Worsley achou a ideia "um projeto quase impossível", e até o próprio Shackleton admitiu que "era um risco do capeta".

Na falta de opção, Shackleton sentou na frente, com Worsley e Crean atrás, prendendo os pés na pessoa da frente. Depois de um instante de preparação, sabendo que podiam despencar para a morte, ou ser atingidos por rochas invisíveis, Shackleton deu um impulso com os pés. "Nunca tive mais medo na vida do que nos primeiros trinta segundos", escreveu Worsley. "A velocidade era tremenda. Acho que todos nós suspendemos o fôlego naquele disparo rumo à escuridão." Despencando aos gritos, atingiram uma velocidade assustadora antes de parar de repente. Percorreram pelo menos 450 metros em poucos segundos. Dando tapinhas nas costas uns dos outros, riram muito, de alívio. Foi um milagre, e já tinham tantos milagres a agradecer. Shackleton, apesar de não ser religioso, não teve escolha senão

atribuir sua sorte a uma presença superior: “Sei que durante aquela longa e torturante marcha de 36 horas por montanhas e geleiras inexploradas da Geórgia do Sul, às vezes me parecia que éramos quatro, e não três”.

Às seis da tarde, já escurecendo, comeram uma refeição quente, juntando-se a Crean para cantar velhas canções irlandesas, antes de retomar a marcha. Vinham andando havia quase 24 horas, sem um minuto de sono.

Nas primeiras horas da manhã, com a expectativa de que estivessem pelo menos próximos da baía de Stromness, depararam com uma imensa geleira. Era preocupante. Na visita anterior à baía de Stromness, não havia geleiras visíveis. Obviamente, tinham seguido na direção errada. “Essa decepção foi pesada”, escreveu Shackleton. Os homens, já exaustos, voltaram mais uma vez, perguntando-se se aquela tortura teria fim.

Às cinco da manhã, haviam esgotado todas as reservas. Estavam acabados, mental e fisicamente. Parando para um descanso rápido, Crean e Worsley pegaram num sono profundo, e Shackleton teve de resistir à vontade de fazer o mesmo. A tentação de repousar, ainda que por um momento, devia ser violenta, mas, como ele escreveu, “dormir naquelas condições é fundir-se com a morte”. De alguma forma, precisavam seguir.

Apesar disso, concedeu a Crean e Worsley mais cinco minutos de descanso e, em mais um golpe de gênio da liderança, ao acordar os homens disse que tinham dormido profundamente por meia hora. O truque psicológico funcionou.

Revigorados, os homens logo começaram a reconhecer as encostas à sua volta. Eram parecidas com as que rodeavam a baía de Stromness. Então, ao longe, ouviram um tênue barulho de apitos. Só podia vir de barcos no posto baleeiro. “Nunca nenhum de nós tinha escutado música mais doce”, lembrava Shackleton. A salvação estava ao alcance das mãos e, com eles reduzidos às últimas rações, chegava no derradeiro instante possível.

Depois de um lanche apressado que lhes deu energia para a fase final da viagem, partiram em direção ao posto baleeiro. Mas não foi fácil. Ainda havia íngremes encostas geladas e neve profunda para atravessar. Mas o cheiro de focas recém-abatidas os estimulava a prosseguir, sinal de que a civilização estava ao seu alcance.

Às 13h30, eles escalaram o último cume costeiro e tiveram uma visão clara do posto baleeiro de Stromness. Era a primeira vez que viam outros seres humanos em dezoito meses. Com empolgação, acenaram e gritaram para as figuras de palito de fósforo 760 metros abaixo, gritos que acabaram sufocados pelo vento.

Agora, avançando cada vez mais rápido, eles desciam a última encosta para Stromness, transbordando de animação, quando Shackleton parou bruscamente. Diante deles, havia uma cachoeira que despencava de quatro a nove metros em queda livre. Não havia como contorná-la, mas também era impossível retornar.

Prendendo uma corda numa pedra, desceram fazendo rapel, um a um, a água gelada espirrando no rosto e inundando as roupas. Todos logo estavam a salvo no fundo, com o posto baleeiro a apenas 2,5 quilômetros de distância.

Cambaleando em suas roupas puídas, os homens eufóricos depararam com duas crianças. Quando Shackleton perguntou onde ficava o escritório da administração do posto, as crianças se assustaram e saíram correndo. Logo depois, um homem de idade fez o mesmo, chocado com aquelas criaturas tão miseráveis que, de rosto enegrecido, barba desgrenhada e cheiro forte, mal pareciam humanas. Worsley não os culpou, reconhecendo que estavam "andrajosos, sujos e fedorentos: cabelos e barbas longos e imundos de fuligem e gordura; sem se lavar por três meses, e sem tomar banho ou trocar de roupa por sete".

Quando entraram em Stromness às quatro da tarde, mais e mais gente fugia dos espantalhos cambaleantes, como se fugisse da peste. Finalmente, Matthias Anderson, o capataz do posto, parou, e Shackleton lhe sussurrou, com voz rouca, que queria ver o administrador. Conduzindo os homens ao escritório, Anderson deixou aquelas figuras suspeitas do lado de fora enquanto falava com o administrador, Thoralf Sørlle. "Há três homens estranhos aí fora", disse ele a Sørlle, "falando que conhecem você." Na verdade, Shackleton e Sørlle haviam se conhecido em 1914, antes de o *Endurance* partir da ilha.

Saindo do escritório, Sørlle olhou para as criaturas maltrapilhas de alto a baixo. Certamente nunca as tinha visto. "Quem diabos são vocês?", berrou, já pronto para expulsar aqueles vagabundos da cidade. "Meu nome é Shackleton", foi a resposta. Mirando-o nos olhos, Sørlle viu o mesmo brilho que tinha visto dezoito meses antes. O mundo dera Ernest Shackleton como morto, mas ali estava ele, de alguma forma ainda se agarrando à vida. No entanto, como Shackleton logo descobriria, o mundo que ele deixara para trás era muito diferente daquele para onde estava voltando.

# 35.

Shackleton, Crean e Worsley haviam resistido a um dos testes de sobrevivência mais notáveis que se conhece. Dezoito meses depois de partirem da costa da Geórgia do Sul, voltaram, tendo perdido o navio, acampado em banquisas que se derretiam e rachavam, escapado de baleias assassinas, passado semanas no letal mar de Weddell constantemente castigados por ondas e icebergs gigantescos, e escalado montanhas inexploradas sem equipamento adequado. Pareciam ter estado no inferno, mas viveram para contar sua história extraordinária. Foi por muito pouco. Horas depois de chegarem, uma tempestade de neve desabou. Se ela tivesse chegado durante a escalada, seria o fim. Registros subsequentes do posto baleeiro indicam que, pelo resto do inverno, não houve período em que seres humanos sem barracas ou roupas polares pudessem ter sobrevivido a uma viagem como aquela.

No refúgio da casa de Sørlle, os homens aceitaram agradecidos a oferta de um banho, lavando o suor e a sujeira acumulados nos últimos dezoito

meses. Em seu diário, Worsley descreve com êxtase aquele banho, que me traz à memória a sensação maravilhosa do meu primeiro banho quente de banheira depois de 94 dias arrastando trenó no polo sem me lavar ou sem trocar de roupa. Eu poderia ter tomado uma ducha no dia anterior, mas me recusei, para não diluir a verdadeira perfeição de uma submersão real de todas as extremidades nervosas, que ainda hoje é a minha definição de bem-aventurança sensorial.

O mordomo de Sørlle lhes deu roupas limpas e serviu café, pão, geleia e bolo. Era o paraíso na terra. Durante os preparativos para providenciar os barcos a fim de resgatar os homens do outro lado da ilha, sem falar nos que ainda estavam presos na ilha Elefante, a conversa se voltou para aquilo de que mais sentiram falta. De repente, Shackleton perguntou: "Diga-me uma coisa, quando foi que a guerra acabou?".

Na véspera da partida deles, em agosto de 1914, a Grã-Bretanha havia acabado de anunciar que estava em guerra contra a Alemanha, com muita gente prevendo que o conflito duraria no máximo até o Natal daquele ano. Shackleton e os homens achavam, portanto, que os canhões tinham silenciado muito tempo atrás. Sørlle contou que a guerra prosseguia, piorando a cada dia. "A Europa enlouqueceu", exclamou Sørlle. "Milhões estão sendo mortos." A conversa sobre guerra de trincheiras, gases venenosos, tanques e submarinos, tudo resultando em carnificina, deixou os homens horrorizados.

"Nenhum outro homem civilizado poderia ser mais ignorante dos acontecimentos que abalavam o mundo", comentou Shackleton. Parecia impossível que, enquanto ele e seus homens se debatiam no gelo, a Europa estivesse sendo estraçalhada.

Aquela noite, Shackleton não conseguiu dormir. Assaltado por preocupações, temia o que o futuro reservava para o seu país e a sua família.

A Geórgia do Sul não tinha telégrafo nem rádio, por isso ele foi incapaz de mandar uma mensagem para casa dizendo que estava são e salvo. Por ora, entretanto, ainda tinha trabalho a fazer no sul.

Enquanto Shackleton dava prosseguimento a seus planos para resgatar os homens na ilha Elefante, que lá estavam havia quase um mês, Worsley viajava para a baía do Rei Haakon, a bordo da baleeira a vapor *Samson* . Depois de algumas horas de sono, Worsley, barbeado, logo estava caminhando pela praia onde tinha deixado os homens. Ao vê-lo, McNish, McCarthy e Vincent, a princípio, não reconheceram Worsley sem barba, e estavam tão fracos que mal podiam manifestar sua alegria, mas, ainda assim, largos sorrisos se abriram naqueles rostos abatidos. Sua terrível provação acabara. Rebocando o *James Caird* , o *Samson* os levou de volta para Stromness, onde finalmente puderam descansar.

Nesse meio-tempo, Sørlle ajudava Shackleton e Crean a encontrar um navio e uma tripulação que pudessem levá-los à ilha Elefante. A notícia se espalhou rapidamente, e Shackleton recebeu a oferta dos serviços do *Southern Sky* , uma baleeira a vapor de quatro anos que seria capitaneada por Ingvar Thom e tripulada só por noruegueses. Shackleton também foi assediado por ofertas de doações para a viagem. Por isso, ficou extremamente grato, pois a expedição já não tinha dinheiro, e ele não queria perder mais tempo mendigando e implorando por fundos.

Com os noruegueses já trabalhando com afinco para aprontar a embarcação, uma festa foi oferecida no salão local a Shackleton e seus camaradas para comemorar a viagem. Numa sala lotada, cheirando a gordura e fumaça de tabaco, Shackleton aproveitou a oportunidade para desenferrujar suas habilidades de orador. Mas aquela plateia era difícil. Os baleeiros noruegueses tinham visto de tudo em suas viagens marítimas e não se impressionavam com facilidade, nem costumavam elogiar. Quando

Shackleton acabou de falar, houve um momento de silêncio, até que um velho se levantou, apontou para Shackleton e seus colegas e declarou: “Esses aí são homens!”. Com sua aprovação, os noruegueses ansiosamente foram apertar as mãos de Shackleton, Crean e Worsley, agora quase com reverência. “Vindo de irmãos marinheiros, homens do nosso estofo e membros de uma grande raça marítima, como os noruegueses”, lembrava Shackleton, “foi um maravilhoso tributo, do qual nos sentimos orgulhosos.”

Já na manhã seguinte, Shackleton, Crean e Worsley partiram para a ilha Elefante no *Southern Sky* . Enquanto isso, McNish, McCarthy e Vincent voltavam para casa, onde se juntariam ao esforço de guerra. Tragicamente, McCarthy, a quem Worsley chamava afetuosamente de “o grande, bravo, sorridente, bondoso Jack da Marinha Mercante”, foi morto no mar apenas seis meses depois.

A maior preocupação de Shackleton, na volta à ilha Elefante, era o campo de gelo de inverno, que a qualquer momento poderia isolar os homens do Acampamento Wild por mais um ano. Sempre soube que isso poderia ser um problema, mas esperava chegarem à ilha antes que o gelo a cercasse. Logo que depararam com o primeiro gelo, entretanto, ficou claro que o *Southern Sky* não tinha sido construído para abrir caminho nele. Com carvão suficiente para apenas dez dias, eles tinham pouco tempo para achar um trajeto. Ainda se debatendo, e a 120 quilômetros da ilha, Shackleton tomou a decisão de voltar para procurar um navio mais adequado.

Em vez de voltar para a Geórgia do Sul, Shackleton dirigiu o navio para Port Stanley, nas Malvinas, cerca de oitocentos quilômetros ao norte. Ali, esperava não só encontrar uma seleção mais satisfatória de navios como também contatar Londres.

Chegando em 31 de maio de 1916, Shackleton enviou um telegrama de 2 mil palavras para o *Daily Chronicle* . Havia tempos que Shackleton era dado

como morto, por isso a notícia causou sensação. A manchete no dia seguinte informava: "Chegada a salvo de sir Ernest Shackleton às Malvinas". Ao mesmo tempo, Shackleton escreveu para Emily, declarando que ainda estava vivo, mas tinha passado "um ano e meio no inferno", e prometia voltar para casa logo que acabasse de resgatar o último de seus homens.

Não seria fácil. Encontrar um navio adequado, capaz de abrir caminho no gelo, revelou-se muito mais difícil do que ele pensava. Não só não havia navios disponíveis nas Malvinas como também, ao pedir ajuda ao Almirantado, ele foi informado de que poderiam até mandar o *Discovery* , que só chegaria, porém, em outubro. Shackleton não podia esperar tanto tempo. Quando saiu da ilha Elefante, muitos homens já estavam em péssimo estado. Se tivessem de esperar mais quatro ou cinco meses pelo resgate, muitos poderiam morrer.

Numa "febre de impaciência", segundo Worsley, Shackleton disparou telegramas para qualquer um que achasse que podia ajudar. O Ministério do Exterior logo telegrafou de volta. Depois de vasculhar a América do Sul à procura de um navio que pudesse servir, o ministério localizou o *Instituto de Pesca No 1* , uma traineira a vapor então baseada em Montevidéu. Com duzentas toneladas, o navio fora construído para mares agitados e vinha com provisões e tripulação de graça. Em 16 de junho, estava em Port Stanley, com Shackleton, Crean e Worsley a bordo, mais uma vez a caminho da ilha Elefante.

Mas, a apenas cerca de 32 quilômetros do destino, o tenente Ruperto Elichiribehety, de 28 anos, encarregado do navio, ordenou uma retirada. Não queria correr o risco de ficar preso no gelo, quando o navio já lutava com dificuldade, os motores falhavam e o carvão acabava rapidamente. "Foi uma experiência horrível, chegar tão perto dos nossos companheiros

abandonados e não os alcançar", lembrava Worsley, com Shackleton "desconsolado".

De volta a Port Stanley, Shackleton descobriu que, nesse meio-tempo, o HMS *Glasgow* tinha aportado. O navio parecia perfeito para a missão de resgate, e o capitão John Luce estava disposto a ajudar. Contatando o Almirantado para obter permissão de partir para a ilha Elefante, Luce logo recebeu uma resposta severa: "Seu telegrama não aprovado". Com a guerra em andamento, o Almirantado não podia se dar ao luxo de tirar o *Glasgow* de combate.

Cada vez mais agitado, Shackleton decidiu reduzir as perdas e seguir para Punta Arenas, no Chile, com seu porto fervilhante e uma considerável comunidade britânica, na esperança de encontrar ali um navio. Conseguindo lugares no navio postal *Orita* , Shackleton, Crean e Worsley chegaram em 1º de julho de 1916, e o cônsul britânico, Charles Milward, entendeu exatamente qual era o problema. O homem de 57 anos já tinha sido náufrago na Antártica e queria ajudar da maneira que pudesse. Apresentando Shackleton a Allan MacDonald, o presidente da Associação Britânica de Magallanes, um clube de cavalheiros, uma reunião dos membros foi convocada em 9 de julho, na qual Shackleton poderia pedir ajuda.

Perante uma grande plateia, Shackleton presenteou os muitos britânicos expatriados com suas aventuras, ao mesmo tempo que pedia ajuda. Comovidos pela história incrível, um fundo foi rapidamente criado, com os britânicos e ricos comerciantes chilenos fazendo contribuições de mais de 2 mil libras esterlinas. Em vez de suplicar por um navio, Shackleton agora tinha dinheiro para alugar. Conseguiu, posteriormente, os serviços do *Emma* , uma escuna de carvalho de setenta toneladas. Como parte do negócio, e para ajudar a economizar carvão, as autoridades chilenas também

concordaram em fornecer o navio a vapor *Yelcho* , para auxiliar no reboque do *Emma* até o gelo.

Sob o comando do piloto chileno León Aguirre Romero, logo estava no mar, mas o otimismo de Shackleton era um equívoco. Parecia que o *Emma* não estava mais bem equipado para o serviço do que o *Instituto de Pesca Nº1* . Dessa vez, faltando 160 quilômetros, o motor auxiliar quebrou, sendo que o navio já tinha sofrido danos severos no gelo. Havia um temor real de ficarem presos, o que não só os punha em risco como também atrasava ainda mais o resgate dos homens da ilha Elefante. Para alívio de todos, o motor logo foi consertado, mas ficou claro que não tinham como avançar mais. Com apenas três dias de viagem, o *Emma* estava voltando para o porto, com a situação mais desesperadora do que nunca.

Com essa, eram três missões de resgate que Shackleton encerrava em três navios diferentes. Enquanto isso, os homens estavam abandonados na ilha Elefante havia quase quatro meses, e o campo de gelo que fechava o cerco sobre seu acampamento parecia impenetrável. “Ele não falava mais sobre os homens na ilha”, escreveu Worsley, a respeito do desespero de Shackleton. “Era um silêncio mais eloquente do que palavras.”

Com o cabelo ficando grisalho de tanta tensão, Shackleton buscou no uísque um anestésico contra a dor, pelo que considerava um fracasso monumental. Apesar de ter sobrevivido, acreditava que a maioria do seu grupo tinha perdido a vida. Durante os últimos dezoito meses, seu objetivo tinha sido salvar todos eles, mas tudo indicava que não ia conseguir. Em vez de se sentir herói, se sentia vilão. “Seus dias eram difíceis”, afirmou Wilson sobre aquele período. “O que eram suas noites, só posso imaginar.” Com Shackleton afundando na tristeza, consumindo cada vez mais garrafas de uísque, Crean lhe pediu que moderasse na bebida. Ainda havia uma chance, disse ele, por mais tênue que fosse, de salvar os homens.

Parecia que a última e única esperança de Shackleton era aguardar a chegada do *Discovery*. Logo o navio partiria da Inglaterra, mas a viagem levaria seis semanas, e Shackleton tinha sido informado de que o capitão James Fairweather, um escocês de 63 anos, comandaria a missão de resgate. Isso significava que Shackleton seria relegado a papel secundário. Ele ficou furioso. Os homens eram responsabilidade sua, somente sua. Ele conhecia a área e a tarefa a ser executada melhor do que ninguém. Não havia possibilidade de ficar escanteado.

Enfurecido e frustrado, Shackleton resolveu procurar outro navio. Suas opções em Punta Arenas eram, entretanto, limitadas, especialmente porque o dinheiro encurtara muito depois do desastre do *Emma* . O *Yelcho* era um dos poucos navios talvez disponíveis, mas a embarcação era claramente inadequada. Um trambolho enferrujado, com um motor e uma caldeira suspeitos, que também não tinha sido reforçado para lidar com o gelo. Além disso, sua velocidade máxima era de apenas onze nós, lento demais para conseguir fazer a travessia. Apesar de tudo, Shackleton estava tão desesperado que pediu ao diretor-geral da Marinha chilena que o liberasse. Ele concordou, mas com uma condição: o navio nem chegaria perto do gelo. Shackleton aceitou a condição, sabendo muito bem que não tinha como cumprir a promessa.

Em 25 de agosto, Shackleton partiu novamente. Se falhasse agora, não lhe restaria alternativa senão sair do caminho e deixar o *Discovery* assumir. Isso servia apenas para espicaçá-lo, e eles avançaram rapidamente para um raio de 96 quilômetros da ilha Elefante, sem avistar campo de gelo. Entretanto, por volta da meia-noite de 29 de agosto, banquisas apareceram, para logo sumir numa densa cerração. Para cumprir a promessa, Shackleton deveria voltar nesse momento. Na verdade, parecia loucura prosseguir na direção do campo de gelo com um navio tão inadequado e baixa visibilidade. Ainda

assim, de alguma maneira Shackleton conseguiu convencer Luis Pardo, um piloto de 34 anos da Marinha chilena, a seguir em frente.

Com o navio a meia velocidade, Shackleton ocupava a ponte, binóculo preso ao rosto, pálpebras semicerradas tentando traçar um caminho na cerração. Mas, quando entraram no campo de gelo, este se desmanchou; não era sólido como nas missões anteriores. Avançando, sem conseguir acreditar na sorte, ao romper do dia as montanhas da ilha Elefante despontaram no horizonte.

Ao se aproximar, Shackleton ergueu o binóculo e apontou para onde os homens tinham montado acampamento pela última vez. Ali avistou figuras minúsculas saltitando como loucas, acenando freneticamente em sua direção. Mais uma vez, semicerrando os olhos, tentou contar quantas eram, rezando para encontrar os 23 vivos. "Só há dois, capitão", começou. "Não, espere aí, quatro, vejo seis, oito… e finalmente… estão todos lá. Estão todos salvos." Foi um momento da mais pura euforia.

Avançando com determinação rumo à ilha, logo estavam a cerca de 150 metros da praia. Lançando um pequeno barco na água, Shackleton, Crean e quatro marujos chilenos subiram a bordo e seguiram para o acampamento, de onde tinham partido, em circunstâncias muito diferentes, mais de 128 dias antes.

Em pé, Shackleton ouvia o barulho de gritos vindos da praia, especialmente quando os homens perceberam que o salvador era nada menos que o próprio Chefe. Ele cumprira a promessa, alcançando o impossível. Gritando para Wild, Shackleton perguntou: "Vocês estão todos bem?". Ao que seu grande amigo respondeu: "Estamos todos bem, Chefe".

Não houve tempo para Shackleton pôr os pés na ilha Elefante. A qualquer momento, o vulnerável *Yelcho* poderia ficar imobilizado no gelo, por isso ele precisava pôr os homens a bordo o mais depressa possível. Durante uma

hora, realizou duas viagens fazendo os homens adentrarem no pequeno barco e, em seguida, no *Yelcho* . Com todos a bordo, pôde ver que "alguns estavam em péssimo estado", particularmente Blackborow, cujos dedões do pé tinham sido amputados por McIlroy. Para poupar energia, Shackleton os orientou a descansar sob o convés, enquanto o *Yelcho* tomava a direção norte.

Ainda assim, não podia relaxar. O *Yelcho* , mais uma vez, precisava romper o gelo, enquanto navegava frontalmente contra um furioso vendaval. Mas a sorte, felizmente, estava do lado deles, e, por Deus, eles a tinham conquistado, pois o campo de gelo se abriu de novo para o valente *Yelcho* e sua tripulação, quase como se soubesse que aquela gente já havia sofrido demais. Enfim, Shackleton teve tempo de conversar com Wild. Previsivelmente, tinham passado tempos sombrios.

Pouco depois que Shackleton saiu, houve furto de comida, e Wild precisou ameaçar fuzilar quem fosse flagrado furtando. Mas com o "Chefe" ausente e a fome apertando, a loucura e a anarquia, aos poucos, ameaçavam tomar conta do acampamento. Wild sabia que precisava se recompor, e rápido. Usando Shackleton como fonte de inspiração, reconheceu que, mais do que qualquer coisa, os homens precisavam de esperança, por isso todos os dias lhes dizia: "Estejam prontos, rapazes, o Chefe chega hoje". Segundo Orde-Lees, os homens passaram a respeitar o "exuberante otimismo" e o senso de justiça de Wild, que lhe permitiam chefiar pelo exemplo, e não só por direito. Conquistando o respeito dos homens, conseguiu manter firme controle sobre a situação. Foi um extraordinário ato de liderança, pelo qual Shackleton muito o elogiou.

Porém Wild disse a Shackleton que se ele não chegasse até 5 de outubro estava decidido que Wild chefiaria a equipe de resgate de cinco homens na viagem de 320 quilômetros para a ilha Decepção no *Dudley Docker* . Foi um

alívio para Shackleton ter chegado a tempo, pois não havia a menor possibilidade de o barco sobreviver àquela viagem.

Agora a caminho de Punta Arenas, Shackleton pediu para fazer uma escala rápida em Rio Seco, de onde ligou para o governador. O *Yelcho* , informou ele, estava voltando para o porto com os 23 homens da ilha Elefante a bordo. Isso, sem dúvida, merecia uma comemoração.

Assim, quando o *Yelcho* entrou no porto em 3 de setembro, praticamente toda a população estava à sua espera, aplaudindo e acenando, uma banda tocando "God Save the King". Embora a guerra continuasse na Europa, até mesmo os navios alemães e austríacos do porto desfraldaram suas bandeiras para homenagear os homens que voltavam. A despeito das diferenças, era uma história heroica, que pessoas de todas as partes do mundo eram capazes de apreciar. Como disse Orde-Lees descrevendo a cena, "não era uma volta para casa qualquer".

Regressando à civilização pela primeira vez em 22 meses, os homens da ilha Elefante posaram para uma fotografia diante do Royal Hotel, ainda trajando seus trapos imundos, seguindo instruções do "Chefe" perito em relações públicas. Ao lado deles, estava o bem barbeado Shackleton, radiante e orgulhoso, tendo cumprido sua missão.

Escrevendo para Emily ainda naquele dia, Shackleton capturou todas as emoções que sentira: "Consegui", declarou, triunfante. "O Almirantado que se dane. Fico me perguntando quem seria o responsável pela atitude deles para comigo. Nenhuma vida se perdeu, e olha que estivemos no inferno. Logo estarei em casa, para descansar." Mas, antes de poder "descansar", que dizer da outra metade da equipe da expedição?

Ele ainda precisava descobrir o que havia se passado com o grupo do *Aurora* , que seguira para o estreito de McMurdo, sem ter noção das dificuldades que Shackleton enfrentava do outro lado do continente.

Shackleton supunha que, no mínimo, estavam todos sãos e salvos, apesar do fracasso geral da expedição. Mas logo descobriria que não fora bem assim, e enquanto o resto do grupo do *Endurance* voltava para casa, para lutar na guerra, Shackleton logo estaria viajando para a Nova Zelândia em outra missão de resgate.

# 36.

Desde que desembarcou na Geórgia do Sul, Shackleton ouviu notícias incompletas de que o grupo do *Aurora* estava abandonado no gelo no estreito de McMurdo. Mas não lhe pareceu que houvesse razão para supor que Mackintosh e sua equipe estivessem em perigo. Afinal, eles dispunham de provisões para três ou quatro anos, o *Aurora* voltara para o porto, e sua localização era conhecida. Sem dúvida, logo seriam resgatados, embora ele não soubesse exatamente por que ainda não tinham sido. De qualquer maneira, sua mais alta prioridade na Geórgia do Sul tinha sido salvar os homens da ilha Elefante, que se encontravam em situação bem mais precária.

Ao saber que o grupo do *Aurora* ainda estava no gelo, Shackleton foi com Worsley ao Panamá, onde pegaram um navio para a Nova Zelândia. Escreveu para Emily: "Eu pensava que finalmente poderia ir para casa, depois desses últimos dois anos de tensão e ansiedade; mas não houve como evitar". Achava que os homens do *Aurora* eram responsabilidade sua, e se

alguma tentativa de resgate ainda fosse necessária, ele teria de comandá-la. Mas, dessa vez, ao partir, soube que as coisas seriam muito diferentes.

Em sua ausência, muitas críticas foram feitas à expedição por parte de autoridades britânicas, neozelandesas e australianas. O *Aurora* tinha sido claramente mal financiado e mal preparado, e o resultado disso foi pôr a vida dos homens em risco. Como disse Mawson, as autoridades se preocupavam com o fato de que "tudo o que os exploradores do futuro farão é angariar fundos suficientes para chegar aonde quiserem fazer seu trabalho e depois recorrer ao governo para concluí-lo". Todos os dedos apontavam acusadoramente para Shackleton, e, embora ele tivesse salvado os homens da ilha Elefante, as autoridades não queriam que se envolvesse de forma alguma em nenhuma missão no estreito de McMurdo. Na verdade, William Ferguson Massey, o primeiro-ministro da Nova Zelândia, advertiu que não havia "motivo" para Shackleton fazer uma visita.

Shackleton ficou indignado, mas Mawson não tinha nenhuma simpatia por sua indignação, alegando que "foi ele mesmo que procurou isso com seus negócios escusos".

Corria o boato de que Shackleton, além de ser excluído, não teria sequer permissão para opinar sobre quem comandaria o resgate. Quando sugeriu que Stenhouse, o capitão do *Aurora* em sua primeira viagem ao gelo, fosse considerado, a sugestão foi ignorada. O custo da missão de resgate seria de 20 mil libras esterlinas (850 mil hoje), e, por estarem pagando, as autoridades achavam que cabia a elas decidir quem chefiaria a missão. Além disso, Stenhouse também vinha sendo acusado pelo abandono do grupo no gelo. As autoridades designaram, portanto, John King Davis, que viajara na expedição do *Nimrod* como imediato, e a quem Shackleton pedira inicialmente para comandar o *Endurance* .

Depois de ser saudado como herói no Chile, era muito difícil para Shackleton ver-se retratado como vilão. Apesar disso, ainda a caminho da Nova Zelândia, não havia nada que pudesse fazer, além de passar uma série de telegramas insistindo para que o *Aurora* não fosse entregue ao comando de Davis. As autoridades mantiveram-se firmes, cansadas de expedições temerárias e mais preocupadas com a terrível guerra na Europa, durante a qual, só em Galípoli, mais de 10 mil australianos e neozelandeses tinham morrido. Mas Shackleton ainda não estava preparado para desistir.

Em 2 de dezembro, ele e Worsley desembarcaram em Wellington e foram imediatamente conversar com Robert McNab, o ministro dos Transportes Marítimos da Nova Zelândia. Mestre de inteligência emocional, Shackleton sabia que reclamar e esbravejar não adiantava. Em vez disso, lançou mão do seu charme para convencer McNab a repensar. Talvez Shackleton pudesse levar o *Aurora* até o gelo, ou pelo menos estar a bordo. Costurou-se ali um acordo. Davis continuaria como capitão do *Aurora* , mas Shackleton estaria a bordo como "oficial supranumerário", supervisionando as viagens terrestres que fossem necessárias. As autoridades teriam no comando alguém confiável, enquanto Shackleton chefiaria qualquer tentativa de resgate, se necessário, quando chegassem em terra.

Montando uma equipe de 25 homens, Davis partiu com o *Aurora* de Port Chalmers em 20 de dezembro. Embora Shackleton tivesse se esforçado arduamente para chefiar a missão, ser afastado do comando lhe permitiu, ao menos, relaxar um pouco. Trocando histórias alegremente com os tripulantes, também aproveitou o tempo para reminiscências, quando passava por pontos de referência de sua vida, como o monte Erebus, que do seu topo vulcânico lançava vapor no frio cortante.

Shackleton estava com 42 anos. Já tinha escrito para Emily dizendo: "Acho que a Antártica nunca mais me verá". Reconhecia que aquela talvez

fosse sua última chance de ver o gelo e queria aproveitar cada minuto. Como disse Davis, aquela era uma "viagem ao passado".

Perto do cabo Royds, em 10 de janeiro, Shackleton avistou a cabana que servira de acampamento para o *Nimrod* oito anos antes e que agora servia de acampamento para o grupo abandonado do mar de Ross. Tendo permanecido em segundo plano a bordo, chegou a vez de Shackleton desembarcar, acompanhado por dois homens do *Aurora* , para comandar o resgate dos seus homens.

No entanto, chegando à velha cabana, viram que estava deserta. O que havia era um bilhete informando que os homens agora se encontravam acampados na velha cabana de Scott no cabo Evans. Partindo imediatamente para lá, Shackleton e os dois marujos do *Aurora* logo avistaram os homens cambaleando em sua direção, imundos, abatidos e delirantes, exatamente como Shackleton poucas semanas antes. Mas apenas sete dos dez estavam ali. Apesar da sujeira, Shackleton identificou Ernest Wild, Cope, Gaze, Jack, Joyce, Richards e Stevens, mas onde estavam Mackintosh, Hayward e Spencer-Smith? A horrível história da experiência vivida pelos homens no estreito de McMurdo logo veio à luz, quando os sete estavam a bordo do *Aurora* .

Tendo partido da Tasmânia para o mar de Ross em dezembro de 1914, os homens logo desembarcaram no cabo Royds, ancorando o *Aurora* numa geleira flutuante conhecida como língua de gelo. Mas, quando desembarcavam suas provisões, a corrente da âncora quebrou, e o navio foi levado preso no campo de gelo, com alimentos, roupas e equipamentos vitais. Os dez ficaram abandonados, sem provisões suficientes para a sobrevivência. Fazendo o possível naquela espantosa situação, eles saquearam a velha cabana de Shackleton no cabo Royds, depois o velho acampamento de Scott no cabo Evans, em busca de suprimentos deixados

para trás por expedições anteriores. Eram poucas sobras, e parecia que tudo o que lhes restava era cuidar da própria sobrevivência, em vez de se lançarem na missão de montar depósitos. Na verdade, àquela altura, muitos cães já tinham morrido e boa parte do equipamento de trenós ainda estava no *Aurora* .

Mas Mackintosh achava que Shackleton dependia deles. Não fazia ideia de que, àquela altura, o *Endurance* já se encontrava preso no gelo do outro lado do continente e os planos de travessia estavam, portanto, praticamente enterrados. Escreveu ele: "Esses reveses e surpresas onde a vida e a morte se misturam tão estreitamente, eu não tinha vivido antes. E é difícil existir com uma espada de Dâmocles sobre a cabeça como a vida [de Shackleton] — pois a responsabilidade recai sobre meus ombros". Depois disse aos outros que, apesar das perigosas circunstâncias, eles precisavam, de alguma forma, montar os depósitos. Shackleton dependia deles. Todos concordaram.

Seu objetivo era preparar cinco depósitos na Barreira e até o fundo da geleira Beardmore. Para tanto, teriam de rebocar trenós por mais de 1600 quilômetros, 24 quilômetros por dia, todos os dias, só com o auxílio de quatro cães, e com trenós e suprimentos inadequados. Esse ritmo esteve fora do alcance de Shackleton e da equipe do *Nimrod* oito anos antes, com a ajuda de pôneis e trenós, e mais rações. Como era de esperar, apesar dos esforços, mal conseguiam viajar oito quilômetros por dia.

A tensão logo tomou conta do grupo, especialmente entre Joyce e Mackintosh, com Joyce comentando: "Nunca, em toda a vida, conheci um idiota como esse comandando homens". Apesar de todos os defeitos, em situações como aquela, Shackleton era incomparável, e Mackintosh não se mostrou à altura, apesar de também ter tido de lutar contra uma falta de sorte extraordinária.

Enquanto Cope, Gaze e Jack precisaram abandonar a marcha, Spencer-Smith continuou bravamente, apesar da estafa e de se sentir mal com o temido escorbuto. Mas, devido aos efeitos da doença, Spencer-Smith foi deixado para trás, numa barraca, para se recuperar enquanto os outros cinco seguiam para o monte Hope, a fim de estabelecer um depósito.

Quando voltaram para a barraca de Spencer-Smith, todos os outros também padeciam de escorbuto. Era, obviamente, hora de voltar para o Hut Point. Tinham ido até onde era humanamente possível. A situação de Spencer-Smith era tão grave que ele precisou ser carregado num trenó, e, como Mackintosh também já não conseguia rebocar, coube a Joyce, Richards, Hayward e Ernest Wild a tarefa de arcar com o peso extra. Com um tempo horroroso, e o combustível e os alimentos no fim, Hayward também ficou fraco demais para puxar, agravando uma situação já desesperadora. Mackintosh estava tão preocupado que escreveu uma carta para ser entregue à família caso ele morresse.

Em 7 de março de 1916, faltando 48 quilômetros para chegarem ao Hut Point, Mackintosh empacou. O resto do grupo o deixou para trás e seguiu viagem, com a promessa de voltar. No entanto, quando o fazia, em 9 de março, Spencer-Smith entrou em coma e morreu. Tinha 32 anos e fora ordenado padre cinco dias antes de deixar Londres.

Não houve tempo para choro. Os homens precisavam chegar logo ao Hut Point, com Hayward mal se aguentando. Avançando com grande dificuldade, finalmente chegaram a Hut Point, mais mortos do que vivos. Precisando urgentemente de alimento e repouso, Hayward foi deixado na cabana para se recuperar, enquanto Joyce, Richards e Wild voltavam para buscar Mackintosh na Barreira, levando bifes de foca para ajudar a prevenir escorbuto.

Chegaram bem a tempo de socorrer Mackintosh, e ele logo se sentiu um pouco melhor depois de comer, e os quatro tiveram condições de partir para Hut Point. Contudo, descobriram que quilômetros de gelo instável os isolaram do cabo Evans e que, aparentemente, não havia rota alternativa. Não tiveram escolha senão esperar que uma rota mais estável aparecesse, enquanto a escuridão do inverno antártico descia sobre eles.

Finalmente, em 8 de maio, depois de sete semanas de uma espera interminável, Mackintosh não aguentou mais. Apesar de não haver nenhuma rota segura e de, além disso, estar escuro, ele estava determinado a tentar, levando Hayward. Joyce avisou insistentemente que aquela tentativa não passava de suicídio, mas eles não quiseram ouvir. Cambaleando rumo à escuridão, o fino gelo estalando sob seus pés, nunca mais foram vistos.

Os sobreviventes passaram a temer o pior. Embora achassem que o *Aurora* tinha se perdido no oceano Antártico, acreditavam que a marcha de Shackleton através do continente ia bem adiantada. Se tudo desse certo, ele deveria alcançá-los por volta de 20 de março, de acordo com os planos. Mas não havia sinal dele. Os homens concluíram, então, que ele e seu grupo haviam morrido e que agora estavam sozinhos.

Desde que rompera sua corrente, o *Aurora* , e a tripulação que ficou a bordo, tinha sido arrastado para o mar e viajado cerca de 2500 quilômetros para o norte. Quando finalmente se desprendeu do campo de gelo em março de 1916, o leme estava quebrado, e o navio, inoperável. Felizmente, o rádio ainda funcionava, permitindo ao operador Lionel Hooke fazer contato com uma estação na Nova Zelândia, revelando sua situação, bem como a dos homens abandonados no cabo Evans. As mensagens em código Morse eram, entretanto, breves como os sussurros passados de ouvido a ouvido na brincadeira infantil do telefone sem fio. Esses detalhes escassos e dispersos é

que acabaram chegando aos ouvidos de Shackleton na Geórgia do Sul e o levaram de volta ao estreito de McMurdo.

Ao ouvir essa história, Shackleton ficou arrasado. Três dos seus homens tinham perdido a vida tentando montar depósitos para ele, enfrentando adversidades inimagináveis. Nesse meio-tempo, estabeleceram um recorde mundial, andando de trenó 1215 milhas geográficas [2250 quilômetros] e passando duzentos dias na Plataforma de Gelo. (Só em 1993 esse recorde foi quebrado, quando Mike Stroud e eu rebocamos trenós, sem assistência, por uma distância de 1350 milhas geográficas — 2504 quilômetros.)

Ao saber da morte de Mackintosh e Hayward, Shackleton sacudiu a cabeça tristemente. "O que eu mais queria no mundo é que tivessem ficado juntos", murmurou, enquanto fazia elogios a Joyce: "Sua conduta nessa viagem longa e difícil no sul — especialmente depois que Mackintosh desmoronou — para mim se compara, e outros homens vão comparar quando souberem, às melhores proezas da exploração Polar".

Shackleton assumiu total responsabilidade pelas mortes, ainda que estivesse a milhares de quilômetros de distância na época. Sua caótica administração do *Aurora* não ajudara em nada, mas, além disso, o grupo tinha sido vítima de todo tipo de azar. No entanto, ele escreveu: "Meu nome é conhecido como o de um explorador, chefe da expedição. O chefe fica com os aplausos ou com a culpa, e isso é justo".

Muitos homens do grupo do mar de Ross também responsabilizavam Shackleton e mal conseguiam disfarçar o desprezo que sentiam por ele. Até Joyce fazia lá suas restrições, acusando Shackleton de tripular o *Aurora* com homens "que só eram bons para jogos de salão" e de "abusar da sorte ao equipar o navio na Austrália". Mas Joyce ficou um pouco mais calmo quando soube das terríveis experiências de Shackleton e sua equipe, reconhecendo

que ele tinha "passado por quase tantas dificuldades" quanto a turma do mar de Ross.

Shackleton ficou tão deprimido que o médico do *Aurora* , Frederick Middleton, o examinou, concluindo que ele tinha sido "imensamente afetado" e estava "muito perturbado", escrevendo: "Sir EHS não está bem e sua saúde não é lá muito boa".

Essa confusão toda foi resultado da temerária impaciência de Shackleton. Seu plano geral de atravessar a Antártica era ousado e louvável, mas complexo demais para dar certo sem que fossem feitos preparativos meticulosos, passo a passo. Ao planejarmos nossa circum-navegação polar 58 anos depois, levamos em conta essa lição ensinada pelo Comitê de Expedição da Real Sociedade Geográfica, sob o então presidente, Eddie Shackleton, filho de Ernest.

Como certa vez nosso ex-rival norueguês Erling Kagge escreveu: "Até um camundongo é capaz de comer um elefante, se der pequenas mordidas". Shackleton estava de tal maneira obcecado por seu objetivo, e por vencer os rivais, que passou por cima de muitas etapas, pondo em risco a vida de seus homens. Sua liderança no gelo e nas posteriores missões de resgate foi heroica, mas ele jamais deveria ter exposto a si mesmo, e seus homens, àquela situação.

Em vez de voltar em triunfo para a Grã-Bretanha, Shackleton agora carregava a culpa pelas mortes de Spencer-Smith, Hayward e Mackintosh. Foi o momento mais sombrio de sua carreira, e, com ele, o período de exploração da Antártica, conhecido por muitos biógrafos de Shackleton como a "Idade Heroica", estava praticamente acabado.

# 37.

De volta à Nova Zelândia com o *Aurora* e seus homens, Shackleton foi envolto num clima de publicidade negativa e assediado por cobranças de velhas dívidas. Sabia que precisava resolver esses assuntos antes que a situação se tornasse de fato desagradável, e ficou extremamente grato pelo apoio recebido.

Seu velho amigo neozelandês Leonard Tripp tinha trabalhado freneticamente levantando fundos para quitar dívidas, negociando acordos favoráveis com credores furiosos e garantindo que Shackleton não arcasse com os custos da expedição de resgate, que chegaram a mais de 20 mil libras esterlinas. A venda do *Aurora* por 10 mil libras esterlinas, três vezes o valor de compra pago por Shackleton, foi um exemplo particularmente brilhante de negociação, com Tripp bem ciente de que agora a demanda por esses navios era muito alta, por causa da guerra. Esse dinheiro também permitiu a Tripp pagar aos membros da equipe do mar de Ross seus salários integrais.

Pagamentos atrasados continuariam, porém, a ser um problema sério para muitos tripulantes do *Endurance* , pois, apesar de ter prometido pagar-lhes por todo o tempo que passaram no gelo, Shackleton agora alegava que só tinha como pagar até janeiro de 1915, quando o *Endurance* ficou preso pela primeira vez. Isso deixou um gosto amargo em muitas bocas, e alguns lhe deram as costas. Mas simplesmente não havia mais dinheiro disponível. Shackleton tentava corrigir isso de qualquer forma que pudesse, escrevendo cartas de recomendação entusiásticas para gente como Joyce e Crean, e conseguindo um empréstimo sem juros para o marujo Walter How. Além disso, visitava frequentemente James McIlroy, quando ele esteve hospitalizado para tratar de graves ferimentos de guerra.

Durante o tempo que passou na Austrália e na Nova Zelândia, Shackleton se pôs a trabalhar no próximo livro, *South* [Sul], mais uma vez escrito por Edward Saunders. Mas trabalhava sem grande entusiasmo, pois nada ganharia com o livro. Os direitos autorais pertenciam a sir Robert Lucas-Tooth, dados como garantia para um empréstimo de 5 mil libras esterlinas destinado à expedição.

Além disso, ainda era muito cedo para Shackleton recapitular as experiências que tinha acabado de viver. Assistindo a suas sessões de ditado com Saunders, Tripp disse que ele fazia um grande esforço para encontrar as palavras, os olhos cheios de lágrimas, afirmando: "Tripp, você não faz ideia do que eu passei, e estou passando por tudo de novo, e não vou conseguir". Mesmo assim, o livro foi concluído e publicado em 1919. Nunca mais deixou de ser reeditado.

Com tudo resolvido da melhor maneira que pôde, e todos os homens das duas expedições em casa, Shackleton, em vez de se juntar à família em casa, partiu para os Estados Unidos numa turnê de palestras. *Endurance* provavelmente seria sua última expedição, por isso precisava aproveitar ao

máximo sua história e angariar fundos enquanto pudesse. Mas, como sempre, Shackleton deu uma grande porcentagem dos lucros para instituições de caridade, bem como para a criação de um fundo fiduciário em benefício da mulher de Mackintosh.

Outra razão para a viagem aos Estados Unidos pode muito bem ter sido o fato de Shackleton perceber que, se voltasse para casa, não haveria mais aventuras. Ele certamente já seria velho, ou doente, para voltar ao sul. E, depois de tudo o que se passara, quem o apoiaria? Tripp deixou isso bem claro. "Acho que seria impossível você fazer qualquer exploração, por muitos anos", advertiu, acrescentando: "Seria insensato da sua parte se meter em outra exploração, salvo se você não só tivesse dinheiro suficiente para bancar, se tudo desse certo, como também dinheiro na mão para cobrir despesas com acidentes".

Shackleton havia sentido falta da família, mas não da vida doméstica. Sabia que, voltando para casa, esse era o destino que o esperava, potencialmente pelo resto da vida. Àquela altura, fazia três anos que não via a família e tinha a grande sorte de Emily ser uma mulher compreensiva. Na verdade, Emily disse a Tripp sobre a relutância do marido em voltar para casa: "Sei que Ernest ficaria muito entediado se tivesse de passar um tempo aqui".

Mas Shackleton não estava nem um pouco feliz com sua turnê de palestras nos Estados Unidos. O país tinha entrado na guerra logo depois que ele lá desembarcou, e o público manteve distância, já sem muito interesse por histórias de explorador. Depois de uma sessão em Tacoma, ele disse: "Houve um erro aí no nome TACOMA — o T e o A deveriam ser tirados para ficar só 'COMA '". Um sentimento de tristeza invadiu Shackleton. A faísca que outrora cativava plateias estava perdendo o brilho, como se ele soubesse que o fim se aproximava. Escrevendo para casa, confessou que se

sentia "muito cansado e solitário". De vez em quando, havia lampejos do velho Shackleton, especialmente num Carnegie Hall lotado, onde a casa cheia despertou o que havia de melhor nele. Sir Shane Leslie, na plateia aquela noite, se recordava de que "Shackleton era como um homem que tivesse descoberto os polos ou o equador… ele nos deixou eufóricos… foi a apresentação mais emocionante, mais maravilhosa a que já assisti nos Estados Unidos". Infelizmente, esse tipo de espetáculo era cada vez mais raro.

Em meados de maio, a turnê chegou ao fim, e Shackleton teve de encarar o inevitável. Embarcando num navio em Nova York, chegou a uma Inglaterra bem diferente do país de onde saíra três anos antes. Sem a fanfarra com que fora recebido depois do sucesso do *Nimrod* , desta vez não apareceu ninguém para o saudar. O país estava concentrado na guerra e nos milhões que morriam no front. Não tinha elogios sobrando para despejar sobre um homem que aparentemente fugira da luta.

Sem grandes recepções, ele foi para Eastbourne, onde a família vivia num subúrbio sossegado. Embora tivesse feito o possível para retardar a volta, ficou felicíssimo de rever todo mundo, especialmente os filhos. Raymond, de doze anos, Cecily, de dez, e Edward, de cinco, tinham poucas lembranças do pai em casa, e aquela era uma oportunidade de compensar o tempo perdido. No entanto, não demorou muito para Shackleton se frustrar. Sem nenhum objetivo e intuindo que os dias de novas glórias já tinham ficado para trás, se sentia triste e abandonado. "Eu só quero que ele encontre alguma coisa que possa interessá-lo", escreveu Emily, "pois jamais será feliz levando uma tranquila vida doméstica."

O trovejar da artilharia do outro lado do canal, vibrando na noite, lhe provocava um grande desejo de participar do esforço de guerra, mas, aos 43 anos, era velho demais para se alistar, e um trabalho de escritório não

satisfaria seu espírito intrépido e aventureiro, como já tinha descoberto a duras penas por experiência própria. O que ele realmente queria era começar a fazer qualquer coisa com toda a sua energia e, uma vez mais, demonstrar seu valor, provar que não estava caduco e que ainda tinha muito a oferecer.

De repente, uma ideia antiga lhe ocorreu. No fim da Guerra Russo-Japonesa, ele pensara na possibilidade de transportar soldados russos para casa. Mais uma vez, soldados russos necessitavam de transporte, especialmente na neve de inverno. Sem dúvida, pensava, não havia ninguém mais qualificado do que ele. Mas o Ministério do Exterior não mordeu a isca e o deixou encalhado em Eastbourne.

Espremendo o cérebro à procura de outra maneira de ser útil e, mais uma vez, navegar para lugares exóticos em mares distantes, concebeu outro plano. Países sul-americanos, como a Argentina e o Chile, haviam permanecido neutros na guerra, e a Grã-Bretanha queria desesperadamente que eles entrassem para lutar ao seu lado. Shackleton, ainda reverenciado naquela parte do mundo, se ofereceu para fazer uma turnê de propaganda a fim de ajudar nesse sentido. Sua ideia foi aprovada, e apressadamente, como sempre, ele se despediu da família e partiu de novo em busca de aventura, escrevendo para Emily, feliz da vida, durante a viagem: "A bola está comigo agora, preciso chutar com força, mas cautelosamente. Com todo o meu amor, Deus a abençoe — seu velho 'Micky'".

Mas, em abril de 1918, Shackleton já estava em casa de novo; sua missão teve pouquíssimo impacto na América do Sul, sobretudo no tocante a conseguir apoio na guerra. Sentia-se agora incrivelmente frustrado. A maioria dos homens que tinham servido no *Endurance* e no *Aurora* estava lutando no front em alguma função, mas ele, o líder destemido que

enfrentava qualquer dificuldade, se vira obrigado a ficar sentado durante toda a guerra.

Shackleton logo se entregou a velhos vícios. Voltando-se para a bebida, mais uma vez buscou a companhia de outras mulheres. Rosalind Chetwynd, agora conhecida como Rosa Lynd, seu nome artístico nos palcos de Londres, voltou à cena, assim como Belle Donaldson, que ele homenageara dando seu nome ao monte Donaldson. Mas Shackleton já não tinha o encanto do homem ousado e aventureiro. Embora dissesse a Donaldson que talvez voltasse ao sul, essa conversa agora soava mais como o triste devaneio de um homem cujos dias de glórias ficaram para trás e que buscava um sentido na vida.

Contudo, no verão de 1918, surgiu uma oportunidade potencial no Círculo Polar Ártico, de todos os lugares possíveis. A Northern Exploration Company (NEC ) queria que Shackleton fosse a Spitsbergen para comandar a busca de ouro, carvão e outros minerais preciosos. Ao mesmo tempo, deveria investigar se havia alguma presença alemã na ilha. Parecia bom demais para ser verdade. Uma aventura em terras distantes, a promessa de perigos e intrigas, bem como a oportunidade de finalmente enriquecer. Para seu grande júbilo, Wild e McIlroy concordaram em ir com ele.

Embora tenha de fato partido em meados de julho, Shackleton só chegou até o porto norueguês de Tromsø, onde o aguardava uma mensagem do Ministério da Guerra ordenando sua volta imediata para Londres. Talvez tenha sido uma bênção, embora não parecesse. Já era óbvio que Shackleton não estava bem de saúde. Sofrendo dos já conhecidos problemas respiratórios, permitiu que McIlroy o examinasse, mas sem lhe auscultar o coração. Havia, no entanto, pouca dúvida de que esse era o problema real.

De volta a Londres, havia pelo menos uma missão preparada para Shackleton. A Rússia pós-revolucionária tinha mergulhado na guerra civil.

Interesses britânicos nos portos estratégicos de Murmansk e Archangel estavam sob ameaça, e se imaginava que os alemães estariam prontos para tirar partido da confusão. Shackleton foi, portanto, incumbido de seguir para a região a fim de proteger os portos e ajudar os contrarrevolucionários russos-brancos com provisões e equipamentos. Essa notícia certamente o animou.

Em 22 de junho de 1918, ele foi designado major provisório do Exército e despachado para lá. Juntaram-se a ele membros de suas várias expedições, como Worsley, Stenhouse, Hussey, Macklin e Marshall. Como escreveu Worsley: "A velha gangue estava furiosa e pronta para o combate!".

Por um brevíssimo momento, Shackleton voltou à sua melhor forma. Com os velhos amigos a seu lado, partira para outra aventura e tinha uma nova oportunidade de deixar a sua marca. O general de brigada Maynard, seu superior, logo foi cativado por Shackleton e disse a seu respeito:

> Shackleton exercia grande influência na imaginação dos homens, que adoravam ouvi-lo contar suas experiências e estavam prontos para levar muito a sério as lições que ele inculcava. Mostrou-se um animado e divertido membro da equipe, e, durante o longo e sombrio inverno de 1918-9, sua presença ajudou muito a afastar a tristeza e a depressão. Tornou-se quase de imediato membro da família feliz em que consistia o meu estado-maior, participando plenamente das brincadeiras e fazendo a sua parte para alegrar e entreter todas as patentes.

Infelizmente Shackleton não ficou muito tempo na Rússia. Apenas duas semanas depois de sua chegada, a Primeira Guerra Mundial acabou. Embora a guerra civil na Rússia perdurasse, os britânicos já não estavam preocupados com a ameaça alemã a seus portos. Em fevereiro de 1919, Shackleton voltou para casa, mas não voltava desanimado, pois tinha outra proposta de trabalho que, aparentemente, lhe renderia uma fortuna.

Depois de uma rápida temporada na Rússia, ele imaginou que poderia capitalizar em cima dos acontecimentos do pós-guerra nos portos de Archangel e Murmansk. Abrindo uma empresa para deter direitos

exclusivos de pesca e extração de madeiras e minerais, ele achava que poderia exportar esses itens para o mundo inteiro. "As possibilidades da Rússia", proclamou, "são inacreditáveis… não é improvável que venha a ser líder mundial na produção mineral." Mais uma vez, tentou convencer Emily, afligida como sempre por dificuldades, de que ele havia tirado a sorte grande. "Só a operação já vale 250 mil libras esterlinas por ano", escreveu ele, "portanto, finalmente, tudo vai dar certo."

Nada disso vingou. Shackleton não tinha dinheiro nem experiência em negócios para tirar do papel um projeto ambicioso como esse, e os que tinham dinheiro não confiavam nele para investir. Mais uma vez, estava falido, desempregado e inativo. Tripp sugeriu que "o cargo de cônsul combinaria com você", mas era uma função formal demais para Shackleton levar em conta. Por ora, só lhe restava mesmo dar palestras.

Pelo menos elas lhe davam prazer. Coincidiram com a publicação de *South* e com o lançamento das incríveis filmagens e fotos do *Endurance* , de autoria de Hurley. Graças a isso, Shackleton passou a "atrair grandes públicos" para o Philharmonic Hall em Londres, duas vezes por dia, seis dias por semana, durante cinco meses. A confiança e o charme logo voltaram, mas ele ganhava pouco dinheiro. Incrivelmente, continuava dando grandes somas para instituições de caridade, como o Middlesex Hospital, sempre atento à comoção provocada por sua generosidade, enquanto os direitos das palestras sobre o livro e o filme eram de propriedade de outros, e continuariam sendo enquanto Shackleton não quitasse suas tantas dívidas.

Logo o interesse pelas palestras diminuiu, com ele falando para casas semivazias, e Shackleton se viu em situação não muito melhor do que antes. O futuro parecia sombrio. Obrigado a aceitar esmolas de Janet Stancomb-Wills, ele mostrou que não era homem de negócios, nem tinha sido feito para viver sentado atrás de uma escrivaninha. A guerra tinha acabado, não

havia possibilidade de ação militar. Ele logo admitiu que só servia mesmo para chefiar expedições, e quanto mais pensava nisso, mais achava que era tudo o que lhe restava.

Como o tema de um dos seus poemas prediletos, "Ulysses", de Tennyson, ele era um rei que voltara para casa decidido a viver mais aventuras, desesperado para passar seus últimos dias "navegando para além do pôr do sol e de todas as estrelas ocidentais até morrer". Numa carta para Emily, admitiu isso, dizendo: "Não sou bom em nada, a não ser para estar longe, nas regiões ermas, só com homens. Sinto que não presto para nada nem para ninguém, salvo se eu estiver enfrentando uma tempestade em terras inóspitas".

Apesar de tudo estar contra ele, na primavera de 1920 começou a pensar em organizar uma última expedição, com alguns dos velhos companheiros reunidos mais uma vez para essa aventura. Por bem ou por mal, Shackleton estava decidido a voltar ao gelo, mas agora com um toque especial.

# PARTE CINCO

*Ah, que segredo você está guardando sobre o sul que não conseguimos entender?*

# 38.

Apesar de não ter conseguido chegar ao polo Sul, ou atravessar o continente antártico, Shackleton certamente tinha visto o suficiente do sul para guardar para o resto da vida. Assim, em vez de fazer mais uma tentativa, resolveu tentar a sorte no norte.

Seu novo objetivo era chegar ao polo Norte para explorar áreas virgens do Ártico. Esperava, com isso, encontrar tribos inuítes desaparecidas e estudar o magnetismo. Para tanto, calculou que precisaria levantar 50 mil libras esterlinas. Contudo, mesmo no auge do seu sucesso, usando seus conhecimentos na alta sociedade para apoiá-lo e contando com seu quase êxito anterior no *Nimrod* , isso teria sido difícil. Agora os tempos, e o próprio Shackleton, eram outros, o que tornava a tarefa ainda mais complicada.

Na Grã-Bretanha do pós-guerra, não havia mais entusiasmo por esse tipo de expedição. Em vez de aplaudir essas conquistas nacionalistas, o país aparentemente passava por um período de reflexão. A morte de Scott,

somada ao último desastre de Shackleton, tinha maculado o grande impulso anterior para explorar regiões desconhecidas. O país pranteava milhões de mortos, e a ideia de gastar vastas somas de dinheiro com explorações árticas parecia maluquice, quando podiam ser mais bem empregadas no combate à pobreza do pós-guerra.

No passado, Shackleton talvez conseguisse contornar essas preocupações com o seu charme, mas os anos tinham empanado um pouco o brilho. Fumando e bebendo muito, com todos os seus projetos de negócios tendo resultado em coisa nenhuma, e com uma difícil relação em casa, ele agora era envolto por um ar de tristeza generalizada. Parecia que o touro jovem e determinado com uma faísca no olhar não passava de uma lembrança distante.

O governo também não demonstrou praticamente interesse nenhum em apoiá-lo, assim como nenhum dos antigos doadores, enquanto a Real Sociedade Geográfica, relutante mesmo nos melhores tempos, agora estava mais interessada em conquistar o Everest. Shakleton alimentara esperanças de convencer muitos dos antigos companheiros do *Discovery* , do *Nimrod* e do *Endurance* a se juntarem a ele para uma missão derradeira; porém, para muitos, a tensão da última expedição ainda causava dor. Alguns não tinham o menor interesse em pôr a vida novamente nas mãos de Shackleton, enquanto outros simplesmente queriam fugir de experiências no gelo. Muitos, como Crean, reconheciam estar velhos demais para essas aventuras. Encontravam-se agora com suas famílias, satisfeitos com tudo o que tinham conquistado. Shackleton talvez tenha feito uma pausa para pensar da mesma forma, mas sabia que jamais se contentaria com isso.

De qualquer maneira, Shackleton mergulhou de cabeça nos planos, ainda que corresse o risco, muito real, de ser impedido de entrar no Ártico. Para tomar o rumo do norte, precisava obter permissão do governo canadense.

No entanto, os canadenses não se apaixonaram por seus planos, nem por ele. Shackleton estava longe de ser uma aposta segura, e a última coisa que eles queriam era ter de arcar com os custos de qualquer missão de resgate, se as coisas saíssem mal.

Quando parecia que tudo empacaria de vez, com Shackleton fadado a encarar uma velhice de tédio doméstico, uma figura inesperada do passado veio correndo socorrê-lo. John Quiller Rowett, amigo de Shackleton dos tempos do Dulwich College, tinha, desde então, enriquecido vendendo rum, aparentemente monopolizando o mercado mundial. Ao saber que Shackleton planejava outra expedição, ele se dispôs, de imediato, a dar uma contribuição. E quando descobriu que a expedição ainda precisava de muito dinheiro, se ofereceu para pagar todas as despesas, pondo 70 mil libras esterlinas à disposição do velho amigo.

Tipicamente, com o dinheiro na conta bancária, Shackleton nem pensou em esperar pela aprovação do governo canadense. Em vez disso, partiu para a Noruega, onde investiu 11 mil libras esterlinas num navio de madeira de quatro anos de idade chamado *Foca 1* , rebatizando-o com o nome de *Quest* . Cem cães foram rapidamente encomendados, bem como outros equipamentos e provisões, incluindo um cesto da gávea eletricamente aquecido e um hodômetro para avaliar o curso do navio. Talvez o mais extravagante tenha sido uma aeronave. Ele não fazia ideia se a aeronave funcionaria ou não no Ártico, mas pretendia usá-la para localizar ilhas, recifes e locais apropriados para retransmissão de rádio e estações meteorológicas.

Apesar desses gastos generosos, em maio de 1921 o governo canadense ainda não tinha dado sua aprovação. Qualquer tentativa de pressioná-los, com Shackleton chegando a ponto de viajar ao Canadá para convencê-los,

caía em ouvidos moucos. Finalmente, no verão de 1921, ele recebeu uma resposta, que não era exatamente uma boa notícia.

O governo canadense se preparava para disputar uma eleição geral e não queria apoiar nenhuma iniciativa com relação ao Ártico que pudesse dar errado. Mas havia uma filigrana de esperança. Eles disseram a Shackleton que, caso permanecessem no poder, talvez lhe dessem permissão para viajar no ano seguinte. Isso não servia. Shackleton tinha um navio e suprimentos prontos para partir e não podia aceitar a perspectiva de ficar mais um ano em casa. Precisava sair. Apesar de todos os preparativos terem como objetivo o norte, ele decidiu voltar à Antártica.

Tentativas de chegar ao polo ou atravessar a Antártica foram descartadas, de forma que, no último instante, ele concebeu um plano de circum-navegar o continente. Mapeando um trecho de 3200 quilômetros de território inexplorado na Terra de Enderby, calculou que levaria dois anos para completar. Sempre ansioso para que qualquer expedição também tivesse a possibilidade de desenterrar riquezas, queria percorrer o Atlântico Sul em busca do tesouro perdido do pirata capitão William Kidd, bem como de ricos depósitos minerais. Para conseguir a aprovação das autoridades competentes, também prometeu estudar padrões climáticos e formações glaciais na região.

Agora, porém, não havia mais dúvida de que sua motivação para descobrir coisas novas e emocionantes vinha perdendo força. Quando lhe perguntavam por que continuar explorando, já na meia-idade e depois dos desastres do *Endurance* e do *Aurora* , ele respondia simplesmente: “Estou louco para sair de casa” ou “Porque gosto e porque é o meu trabalho”. Apesar de, mais uma vez, estar indo para o sul, o fogo que antes o inflamava já não era o mesmo. Tratava-se agora mais de ter alguma coisa para fazer do que de

um grande desejo de provar o próprio valor quebrando um novo recorde geográfico.

Quando correu a notícia de que Shackleton ia voltar ao sul, alguns velhos nomes do passado ofereceram seus serviços. Entre eles se incluíam os dos sempre fiéis Wild, McIlroy, Hussey, Kerr, Macklin, McLeod, Green, Dell e Worsley, que seria o capitão do *Quest* . A expedição Shackleton-Rowett foi descrita por um dos membros mais cínicos da equipe como "uma longa, mas não inteiramente egoísta, viagem de férias de Shackleton". Era, de fato, mais uma desculpa para uma reunião de velhos amigos do que uma viagem séria de descoberta.

Enquanto Shackleton se esforçava para despertar o interesse da mídia por sua última expedição, Emily, que se tornara uma das principais figuras nos movimentos do bandeirantismo e do escotismo na ausência de Shackleton, sugeriu uma competição para que dois jovens escoteiros participassem da expedição. O *Daily Mail* gostou da ideia e apareceram mais de 1700 candidatos, com Robert Baden-Powell selecionando pessoalmente os dois sortudos: James Marr, de dezoito anos, e Norman Mooney, de dezessete.

Quando o *Quest* chegou a Londres em meados de agosto, houve tempo para uma já obrigatória audiência com a realeza para desejar boa sorte a Shackleton. O rei George v lhe deu de presente uma bandeira do Reino Unido, enquanto a rainha viúva Alexandra, agora com 77 anos, e sempre encantada com Shackleton, também lhe fez uma visita. Novamente, mais parecia uma sequência de cerimônias do que qualquer tipo de entusiasmo com a viagem em si. Era quase como se uma estrela do rock desse início à sua última turnê de grandes hits, com o número de fãs há muito já bem reduzido.

Em 17 de setembro, o *Quest* estava pronto para partir rumo à Antártica. Mas algumas pessoas manifestavam preocupação com a saúde de

Shackleton. Ele, claramente, não era mais o jovem indômito de outrora. O excesso de peso, a papada, as rugas e os cabelos grisalhos eram inegáveis, e ele era mais lento nos movimentos, devido aos pés chatos. Shackleton chegou a dizer a Hussey: "Quando chegarmos ao gelo, se meus pés estiverem ruins, eu subo no trenó e você me conduz, e vocês, meus camaradas, podem correr junto comigo". Só que havia mais sinais inquietantes de que nem tudo estava bem.

Mill, que conhecia Shackleton melhor que ninguém, considerava o velho amigo cansado, o rosto mostrando sinais "de desgaste dos seus longos anos de incessantes dificuldades e labutas". Worsley concordava: "No início, Shackleton não me parecia ser fisicamente o homem que era quando chefiou outras expedições". Nada disso era novidade, claro, mas os que conheciam bem Shackleton estavam cientes de que seu problema era o coração. Contudo, mais uma vez, embora tenha consultado relutantemente um especialista, Shackleton não permitiu que ele lhe auscultasse o coração. Seus problemas de saúde foram, em vez disso, atribuídos a indigestão e reumatismo. Shackleton devia saber muito bem que estava longe de sua melhor forma, mas não havia possibilidade de ele perder aquela viagem.

Antes de partir, Shackleton se encontrou com Emily em Plymouth para se despedir. Antes, tinha dito a ela: "Acho que você é uma moça e uma mulher maravilhosa, por aguentar meu jeito inconstante todos esses anos". Disso não havia dúvida. Mais uma vez, ela ficaria tomando conta da família e administrando as finanças, sem saber quando Shackleton estaria em casa ou se voltaria a vê-lo. Pode até ser que ela apreciasse a paz, sabendo que o marido era infeliz levando uma vida doméstica. Ou talvez esperasse que, um dia, Shackleton realizasse todos os seus sonhos e pudesse voltar para casa e ser feliz. Rezava para que finalmente essa suposta expedição final lhe rendesse tudo o que ele almejava.

Quando o navio entrou em águas tempestuosas, ficou claro, mais uma vez, que Shackleton tinha comprado uma embarcação inadequada para a viagem. Quando muito, atingia a velocidade de cinco nós e, portanto, logo estava atrasado, com a caldeira rachando, o motor trepidando e o navio afundando tanto na água que os conveses viviam encharcados.

Reparos urgentes feitos em Lisboa revelaram que a viagem tempestuosa tinha forçado muito o cordame do *Quest* e desalinhado o eixo da manivela do motor. Quando novos reparos foram necessários na ilha da Madeira, Shackleton escreveu para Emily:

> Antes que eu vá para o gelo, eles precisam ser corrigidos, e se isso levar muito tempo só devo ir às ilhas este ano, e no começo do próximo, e espero conseguir resultados suficientes para justificar a expedição sem ter de entrar no gelo em momento algum.

Mesmo com os reparos, o navio ainda lutou muito para chegar ao Rio de Janeiro. Novas inspeções no porto mostraram que mais um mês de consertos seria necessário para que a embarcação tivesse condições de navegar. Shackleton estava arrasado. O capitão Sharpus, que trabalhou arduamente na embarcação no Rio e observou o estado de espírito de Shackleton, escreveu:

> Coitado de sir Ernest. Ele passou maus bocados aqui. Tudo lá na sala de máquinas do navio parecia errado. Ele sorria para todos, e até certo ponto fazia pouco do que se passava. Mas eu sabia que estava mortalmente preocupado… Via pela expressão do seu rosto que aquilo o incomodava demais. Todas as suas esperanças e ambições pareciam girar em torno do naviozinho, e parecia tão desapontado que acabei ficando com ódio do maldito navio. Eu ficava feliz quando ele se afastava um pouco dali. Quase sempre, quando saíamos, se estivéssemos sozinhos, ele sentava na lancha olhando para o vazio e mal pronunciava uma palavra durante a meia hora de viagem do navio para a cidade.

Shackleton esperava que a viagem ao sul com a velha turma trouxesse uma redescoberta da sua capacidade de enfeitiçar, mas, até então, a mágica não estava funcionando. “Há qualquer coisa de diferente nele nesta viagem”,

escreveu Macklin, "que não consigo entender." Infeliz em casa e no mar, Shackleton era uma figura frustrada e derrotista, muito longe da personalidade vigorosa, sociável de antigamente. "No fim das contas, esta vida é solitária", escreveu ele para Emily, talvez se dando conta de que a verdadeira felicidade sempre lhe escapava.

Em 17 de dezembro, ele, de súbito, sentiu dificuldade de respirar. Macklin correu em auxílio, temendo que ele sofresse um ataque cardíaco. Mas Shackleton minimizou todas as preocupações e não quis ser examinado, escrevendo a Emily: "Minha querida, estou um pouco cansado, mas bem. Você é maravilhosa".

Quando o *Quest* saiu do Rio no dia seguinte, ficou claro que Shackleton não era mais o mesmo homem. Ele, que vivia andando pelos conveses, agora ficava confinado em seu camarote, com dificuldade para fazer qualquer esforço físico. Macklin notou também que ele tomava champanhe de manhã, "na esperança de prevenir ataques de angina". Mas os que já tinham viajado com Shackleton sabiam de sua milagrosa capacidade de recuperar-se de uma doença e, por isso, ainda não estavam preocupados.

Por causa dos atrasos, não houve tempo para fazer escala na Cidade do Cabo e embarcar todas as provisões e equipamentos. Em vez disso, Shackleton esperava conseguir provisões suficientes, cães e roupas retornando à cena de seu maior triunfo: a Geórgia do Sul. A parada lhe permitiria também recordar glórias passadas com os baleeiros noruegueses, muitos dos quais se lembravam dele com carinho.

Como sempre, a viagem à Geórgia do Sul foi difícil. Tempestades violentas açoitaram o problemático *Quest* por mais de uma semana, com Shackleton contando aos homens que eram as piores tormentas que já havia enfrentado, o que não era pouca coisa. Quando o tempo finalmente melhorou, os homens, enjoados, descobriram que os principais tanques de

água potável tinham vazado e estavam praticamente vazios. Uma severa economia de água foi imposta, o que reduziu a velocidade do navio. "Se essa rachadura da fornalha for mesmo significativa, talvez eu tenha de desistir da expedição", confessou Shackleton em seu diário, acrescentando: "Estou velho e cansado".

Certa noite, quando estava de plantão com Shackleton, Macklin ficou preocupado com o comportamento dele. "O Chefe agora diz abertamente não saber o que fazer depois da Geórgia do Sul", escreveu. "Não entendo bem essa atitude enigmática — e me pergunto o que de fato devemos fazer. Como encarregado de equipamentos e provisões, essa incerteza é muito inquietante." A indecisão e o pessimismo nada tinham a ver com o ousado e temerário Shackleton dos velhos tempos.

Naisbitt, o taifeiro interino, também andava preocupado. "Quando o Chefe está irritado com alguma coisa, isso o aborrece completamente — nada está certo", escreveu. "Na hora das refeições, há sempre motivo para reclamação — os pratos não foram aquecidos para a comida quente, o queijo do macarrão não está suficientemente fresco, ou é qualquer outra coisa que está errada." Em expedições anteriores, Shackleton gostava de juntar-se aos outros e enfrentar qualquer dificuldade fazendo todo mundo sorrir. Agora o pavio curto traía o poço de dúvidas e preocupações que o afligiam internamente.

Ver o gelo, ao menos, o animou por um tempo. "A velha cena familiar despertou em mim lembranças que os anos de dificuldade tinham amortecido", escreveu ele. "Pobre de mim, os anos se passaram desde que, no orgulho da juventude, parti para a luta pela primeira vez." A volta à Geórgia do Sul, em 4 de janeiro, foi também um tônico muito bem-vindo. De novo em terra firme, ele se encontrou com alguns velhos amigos e, uma vez mais, contou histórias da sua milagrosa fuga do *Endurance* , seis anos antes.

Revigorado, e iniciando uma nova expedição, um Shackleton muito animado embarcou no *Quest* e escreveu em seu diário: "Noite maravilhosa. Na penumbra do crepúsculo, vi uma estrela solitária pendendo, como uma joia, sobre a baía".

Aquela noite de 4 para 5 de janeiro de 1922, ele foi dormir feliz e em paz, finalmente pronto para a tarefa que tinha pela frente e entendendo por que amava tanto aquela vida. No entanto, às duas da manhã, acordou com dores nas costas. Examinado por Macklin, foi instruído a tomar três aspirinas e ir com calma. Claramente havia exagerado no esforço e bebido demais. Shackleton concordou e prometeu descansar, pois queria estar plenamente saudável para a expedição. Mas, quando Macklin voltou uma hora depois, por mais que tentasse, não conseguiu acordar o homem que todos conheciam como "Chefe".

# 39.

Quando amanheceu, Wild reuniu toda a tripulação. “Pessoal, tenho uma notícia muito triste para vocês”, anunciou, solenemente. “O Chefe morreu de repente às três da manhã. A expedição continua.” Apesar de chocada e triste, a tripulação reconheceu que era exatamente assim que Shackleton gostaria que fosse. Ele havia passado pela cena de seu maior triunfo, e no impulso da aventura, em vez de desaparecer aos poucos numa cadeira de balanço sonhando com os bons tempos. Como disse um admirador no *Daily Mail:* “Ele não queria morrer na Europa. Queria morrer um dia qualquer durante uma das suas expedições. ‘E’, teria dito, ‘devo seguir em frente, meu velho, até que um dia não volte mais’”.

Não foi surpresa para ninguém quando, ao fazer uma autópsia e finalmente examinar o coração de Shackleton, Macklin descobriu “ateroma substancial e gorduroso das artérias coronárias”. Em resumo, Shackleton tinha morrido de insuficiência cardíaca aos 47 anos.

Quando foi informada de que o marido morrera e providências estavam sendo tomadas para levar o corpo para Londres, Emily deixou de lado seus desejos pessoais e disse que ele sempre fora apaixonado pelo sul, especialmente pela Geórgia do Sul. Pediu que o marido fosse sepultado lá, onde seria mais feliz e era conhecido por todos como herói. Até o último momento, Emily conhecia Shackleton melhor do que ninguém.

Em 5 de março de 1922, Shackleton foi devidamente sepultado na pequena igreja de madeira de Grytviken, à sombra das montanhas nevadas de onde, certa vez, ele tinha descido em busca de salvação. Lamentavelmente, com a expedição Shackleton-Rowett em andamento, apenas Hussey pôde comparecer, com seis ex-militares do arquipélago Shetland transportando o caixão por entre baleeiros noruegueses, que tiraram os bonés em sinal de respeito.

Um mês depois, tendo concluído várias tarefas de pesquisa planejadas, o *Quest* voltou para Grytviken, onde Wild e os outros puderam finalmente ver o Chefe. Após ajoelhar-se perante o túmulo do amigo, Wild escreveu, emocionado: "Não tenho a menor dúvida de que, se sir Ernest pudesse decidir onde gostaria de repousar, teria escolhido exatamente aqui". Na verdade, Wild acabaria se juntando a ele. Depois de morrer na África do Sul em 1939, seus restos mortais só foram descobertos em 2011, quando foi sepultado ao lado de Shackleton em Grytviken, companheiro leal até o fim.

Em contraste com a simples e comovente cerimônia em Grytviken, Shackleton recebeu uma despedida realmente digna em casa. Embora talvez se sentisse pouco valorizado durante boa parte da vida, o serviço funerário subsequente na Catedral de St. Paul esteve à altura de um herói morto. Emily e os filhos se sentaram na primeira fila, com velhos amigos de escola, camaradas de várias expedições, representantes da realeza, do Almirantado,

e até mesmo da Real Sociedade Geográfica, todos prestando homenagem a um homem que tivera uma existência notável.

No entanto, embora a cerimônia talvez tivesse um grande significado para Shackleton, ele havia lutado para se tornar um mito. Portanto, um século depois de sua morte, como Shackleton é lembrado?

Na época de sua morte, e durante muitas décadas, as proezas de Shackleton foram ofuscadas pelas do seu antigo rival, o capitão Scott, cuja morte impactou profundamente o país. Embora o Conselho Educacional decretasse que a história de Scott fosse ensinada nas escolas, para cerca de 750 mil crianças, talvez os jornais britânicos é que tenham sido os grandes responsáveis pela disparidade de tratamento dado à memória dos dois rivais. A imprensa preferiu apresentar Scott não como um amador polar vencido por um rival profissional, nem como um grande líder e explorador, mas, acima de tudo, como um homem capaz de inspirar seus compatriotas a triunfar contra a adversidade, morrendo para atingir um objetivo.

Shackleton, sem dúvida, sofreu muitos reveses na vida, não tendo atingido sequer seu grande objetivo, mas crucialmente não teve uma morte heroica e romântica durante uma expedição. A rigor, sua maior proeza, salvar os homens do *Endurance* , foi, em grande medida, eclipsada pela guerra. Na época, o público estava menos interessado em homens que sobreviviam a percalços por eles mesmos criados, na busca de glória pessoal, enquanto milhões morriam lutando pela liberdade nas linhas de frente dos campos de batalha da Europa. Na afeição do grande público, o herói de guerra tinha substituído o herói explorador. Seguiram-se décadas de relativa indiferença a Shackleton, e ele quase acabou relegado a uma história havia muito tempo esquecida.

Um relato dos anos 1950, contado por Cecily, filha de Shackleton, dá uma ideia do quanto seu status de celebridade tinha caído. “Pouco tempo atrás, o

carteiro chegou aqui e disse: 'Reparei neste nome, Shackleton. Você, por acaso, é parente do jogador de críquete?' Respondi: 'Não, lamento muito, mas não sou'. Ele insistiu: 'Dei azar, achei que algum parente de alguém interessante morasse aqui.'"

Haveria, contudo, uma notável reviravolta na história do legado de Shackleton nos anos 1970, quando o jornalista sul-africano Roland Huntford atacou impiedosamente o capitão Scott em seu livro *O último lugar da Terra: A competição entre Scott e Amundsen pela conquista do polo Sul* . Declarei publicamente minha opinião de que esse livro era bastante impreciso, para não dizer errado. Para mim, Huntford se entregou a um flagrante assassinato de reputação, com o único objetivo de provocar sensacionalismo e vender livros. O Scott retratado naquelas páginas não tem nada a ver com o que vim a conhecer depois de décadas de pesquisas e de refazer seus passos. Lamentavelmente, esse livro de Huntford, uma esperta mistura de informação errada e desinformação, foi amplamente aplaudido e diminuiu bastante a lenda de Scott.

Huntford foi muito mais bondoso com Shackleton em sua biografia posterior, descrevendo-o como "o maior expoente da chamada Idade Heroica da exploração antártica". Assim, a estrela de Shackleton renasceu com uma explosão de interesse por sua história, particularmente a da epopeia do *Endurance* .

Com sua fama pós-Huntford se espalhando para além da comunidade relativamente pequena de especialistas e entusiastas polares, as proezas de Shackleton cativaram a imaginação de um público mundial. Livros, documentários para a televisão e dramas cinematográficos contaram a história de suas aventuras polares, e ele se tornou conhecido especialmente por sua liderança na adversidade.

Sua capacidade de motivar os homens e estabelecer os interesses do grupo acima de tudo tem sido amplamente estudada. Módulos sobre Shackleton são ensinados na Harvard Business School, e a introdução de *Shackleton's Way: Leadership Lessons from the Great Antarctic Explorer* [A via de Shackleton: Lições de liderança do grande explorador antártico], de Margot Morrell e Stephanie Capparell, declara que Shackleton "já foi chamado de o maior líder que veio a este mundo de Deus, sem exceções…".

A nova maneira como Shackleton é relembrado tem sido tão forte que, em 2019, os espectadores da BBC o elegeram o ícone favorito do país, apesar de jamais ter chegado ao polo. Muito mais do que qualquer de suas conquistas reais, é sua força de caráter que continua a repercutir ao longo dos tempos.

Dessa forma, o que pensaria Shackleton de tudo isso? Acho razoável supor que ficaria muito satisfeito. Não há dúvida de que seria fácil desmembrar facetas de seu caráter e declará-lo um fracasso como homem. Muita gente acha que falhou por não atingir os objetivos de sua expedição, por não saber lidar com dinheiro e por não ser um pai e um marido presentes. E, no entanto, pelo menos no tocante a cada uma de suas expedições, pode-se também considerá-las grande sucesso. Ele certamente ajudou a abrir caminho para que Amundsen e Scott chegassem ao polo Sul. Acima de tudo, no *Endurance* , de alguma forma conseguiu manter todos vivos, a despeito de uma série de situações inimaginavelmente perigosas.

Houve quem sugerisse que o plano de Shackleton de atravessar a Antártica estivesse condenado ao fracasso e que ele teria arriscado desnecessariamente a vida de seus homens. Lembro-me de discutir o assunto nos anos 1970 com o veterano sir Vivian Fuchs. Ele estava convencido de que, mesmo que conseguisse chegar à baía de Vahsel, Shackleton teria fracassado e, muito provavelmente, morrido na tentativa.

Em sua opinião, o verão na Antártica é uma estação curta demais para permitir qualquer travessia humana do platô praticamente inexplorado entre a baía de Vahsel e o monte Hope. Shackleton provavelmente teria feito uma viagem quase toda de inverno, através de território desconhecido, com mais de 1600 quilômetros para percorrer até o primeiro depósito no monte Hope, que o grupo do mar de Ross do *Aurora* conseguiu montar. Sir Vivian achava que ele, sem dúvida, teria morrido, mas eu humildemente discordo.

Em 1993, quando Mike Stroud e eu puxamos trenó, sem ajuda, através do continente antártico, a rota que pegamos foi a mesma que Shackleton pretendia pegar. Antes de partirmos, todo mundo nos dizia que era impossível e que era maluquice tentar, mas realizamos essa proeza, rebocando uma carga inicial de 220 quilos por 2172 quilômetros. Ninguém sabe que condições Shackleton teria enfrentado em sua viagem, mas ele e sua equipe eram mais jovens e mais fortes do que Mike e eu naquela época, ao passo que o gasto de calorias e as condições climáticas teriam sido similares. Espero que nosso *êxito* tenha provado que, apesar do que os críticos possam dizer, o grandioso plano de travessia de Shackleton era de fato viável, ainda que seus preparativos deixassem muito a desejar.

Como vimos ao longo deste livro, contudo, simplesmente conquistar o sul nunca foi verdadeiramente o grande sonho de Shackleton. Desde jovem, ele tinha regalado as irmãs com histórias de suas destemidas façanhas, salvando Londres de um incêndio e sendo aplaudido como herói. Na vida, realizou esse sonho, salvando heroicamente seus homens do gelo. Enquanto a maioria dos líderes teria esmorecido sob pressão, ele demonstrou força de liderança e astuta capacidade de decidir, que, mais de um século depois, ainda impressionam. Talvez Shackleton jamais tenha se dado conta, mas, em função do fracasso do *Endurance* , ele de fato realizou a ambição de ser herói, chegando ou não ao polo. Suas jornadas com o *Endurance* e o *James*

*Caird* foram, indubitavelmente, a proeza pela qual será sempre lembrado como exemplo de extraordinária capacidade de liderança sob a mais intensa pressão, com lições que todos podemos aprender.

Quando se trata de resumir Shackleton, seu contemporâneo polar sir Raymond Priestley comentou: "Em matéria de liderança científica, me deem Scott. De viagem rápida e eficiente, Amundsen. Mas, numa situação desesperadora, quando parecer que não há saída, caiam de joelhos e rezem por Shackleton". Eu não saberia dizer melhor.

# Agradecimentos

Meus mais sinceros agradecimentos a James Leighton e a todos da Penguin que estiveram envolvidos na produção deste livro, em particular Rowland White e Ariel Pakier, bem como minha agente, Catherine Summerhayes. Meus agradecimentos também à Real Sociedade Geográfica e ao Scott Polar Research Institute Archives e aos tantos amigos que tenho ali; a minha família pela paciência em casa; e à equipe da Greenlands, especialmente Jill Firman, por sua tenacidade e capacidade de traduzir o quase indecifrável. E a todos os que estão citados a seguir, além dos que estupidamente omiti:

A Gill Poulter do Dundee Heritage Trust e a todos os que, generosamente, me ajudaram com informações na British Antarctic Survey (BAS) , no Scott Polar Research Institute (SPRI) e na RGS : dr. Julian Dowdeswell (ex-diretor do SPRI ), professor Joe Smith (diretor da RGS ), Ann Savours Shirley, Robert Headland (Institute Associate da SPRI ), Peter Wadhams e Bob Burton (ex-diretor do South Georgia Museum) da BAS , e ao dr. Peter Clarkson da SPRI .

Também a Anton Browning, ao falecido coronel Andrew Croft, ao falecido sir Vivian Fuchs, ao falecido dr. John Heap, ao falecido sir Wally Herbert, a Laurence Howell, Anton Bowring, Jill Bowring, Andrew Riley (arquivista sênior do Churchill Archives Centre), Alastair e Eugene dos arquivos da RGS , Nigel Winser, professor Mike Stroud, Oliver Shepard, ao falecido Charles Swithinbank, ao brigadeiro Mike Wingate Gray e a todos do SAS Group; a Jonathan Shackleton, ao contra-almirante Jeremy Larken (diretor-geral da OCTO ); e a Brad Borkan.

# Bibliografia


ALEXANDER , Caroline. *The Endurance* . Londres: Bloomsbury, 1999. [Ed. bras.: *Endurance: A lendária expedição de Shackleton à Antártida* . 2. ed. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.]

_____ . *Mrs. Chippy's Last Expedition* . Londres: Bloomsbury, 1997.

AMUNDSEN , Roald. *The South Pole* . Londres: John Murray, 1912.

ARMITAGE , Albert B. *Two Years in the Antarctic* . Bluntisham Books, 1984.

BERNACCHI , Louis C. *Saga of the "Discovery"*. Glasgow: Blackie & Son, 1928.

BICKEL , Lennard. *Mawson's Will* . Nova York: Stein & Day, 1977.

_____ . *Shackleton's Forgotten Men* . Boston: Da Capo Press, 2000.

BORKAN , Brad; HIRZEL , David. *When Your Life Depends on It* . Cambridge: Terra Nova Press, 2017.

BROWN , Paul. *The Last Wilderness* . Londres: Hutchinson, 1991.

BROWNING , Robert. *Poetical Works* . Oxford: Oxford University Press, 1970.

CAMERON , Ian. *Antarctica: The Last Continent* . Londres: Cassell, 1974.

CHERRY -GARRARD , Apsley. *The Worst Journey in the World* . Chatto & Windus, 1951; Picador, 1994 [1922].

CHURCHILL , Winston. *The Great War* . Londres: George Newnes, 1933.

DAVIS , J. K. *His Antarctic Journals* . Melbourne, 1962.

DOORLY , Gerald. *The Voyages of the "Morning"* . Londres: Smith, Elder & Co, 1916.

DOWDESWELL , Julian; HAMBREY , Michael. *The Continent of Antarctica* . Winterbourne: Papadakis, 2018.

DUNNETT , H. M. *Shackleton's Boat* . Neville & Harding, 1996.
EVANS , Edward (barão Mountevans). *The Antarctic Challenged* . Londres: Staples Press, 1955.
FIENNES , Ranulph. *Icefall in Norway* .Hodder & Stoughton, 1972.
_____ . *Hell on Ice* . Hodder & Stoughton, 1979.
_____ . *To the Ends of the Earth* . Londres: Hodder & Stoughton, 1983.
_____ . *Captain Scott* . Hodder & Stoughton, 1993.
_____ . *Mind over Matter* . Nova York: Sinclair-Stevenson, 1993.
_____ . *Beyond the Limits* . Boston: Little, Brown and Company, 2000.
_____ . *Colder* . Simon & Schuster, 2016.
FISHER , Margery; FISHER , James. *Shackleton* . Barrie Books, 1957.
FUCHS , Sir Vivian. *Of Ice and Men* . Anthony Nelson, 1982.
_____ . *A Time to Speak* . Anthony Nelson, 1990.
FUCHS , Sir Vivian; HILLARY , Sir Edmund. *The Crossing of Antarctica* . Londres: Cassell, 1958.
GIAEVER , John. *The White Desert* . Londres: Chatto & Windus, 1954.
GRAN , Tryggve. *The Norwegian with Scott* . Richmond: HMSO , 1984 [1915].
HEADLAND , Robert. *The Island of South Georgia* . Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
HERBERT , Wally. *A World of Men* . Londres: Eyre & Spottiswoode, 1968.
HUNTFORD , Roland. *Scott and Amundsen* . Londres: Hodder & Stoughton, 1979.
_____ . *Shackleton* . Nova York: Atheneum, 1986.
HURLEY , Frank. *Argonauts of the South* . Nova York: Putnam, 1925.
HUSSEY , Leonard Duncan Albert. *South with Shackleton* . Londres: Sampson Low, 1949.
HUXLEY , Elspeth. *Scott of the Antarctic* . Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1977.
JOHN , Brian S. *The Ice Age* . Glasgow: Collins, 1977.
JOYCE , E. M. *Correspondence* . Cambridge: SPRI , [s.d.].
KEIR , David. *The Bowring Story* . Bodley Head, 1962.
LANSING , Alfred. *Endurance* . Londres: Hodder & Stoughton, 1959.
LAW , Phillip. *Antarctic Odyssey* . Portsmouth: Heinemann, 1983.
LIMB , Sue; CORDINGLEY , Patrick. *Captain Oates: Soldier and Explorer* . Barnsley: Leo Cooper, 1982.
MACKAY , Allister Forbes. *Nimrod Diary* . Cambridge: SPRI , 1909.
MARKHAM , Sir Clements. "The Antarctic Expeditions". *Geographical Journal* , v. XIV , n. 5, 1899.
MARSHALL , Erik Stewart. *Nimrod Diaries, 1907-1908* . Okemos: RGS , [s.d.].
MASON , Theodore K. *On the Ice in Antarctica* . Nova York: Dodd, Mead & Co, 1978.
MAWSON , Sir Douglas. *The Home of the Blizzard* . Portsmouth: Heinemann, 1915.
MCKENNA , John; SHACKLETON , Jonathan. *An Irishman in Antarctica* . Dublin: Lilliput Press, 2003.
MEAR , Roger; SWAN , Robert. *In the Footsteps of Scott* . Londres: Jonathan Cape, 1987.
MESSNER , Reinhold. *Antarctica: Both Heaven and Hell* . Marlborough: Crowood Press, 1991.
MILL , Hugh Robert. *The Life of Sir Ernest Shackleton* . Portsmouth: William Heinemann, 1923.
MILLS , Leif. *Frank Wild* . Langho: Caedmon of Whitby, 1999.

_____ . *Men of Ice* . Langho: Caedmon of Whitby, 2008.

MITCHENER , E. A. (Ted). *Ice in the Rigging: Shipps of the Antarctic, 1699-1937* . Ed. de Peter Boyer e Grame Broxam. Southerly Press, 2008.

MORRELL , Margot; CAPPARELL , Stephanie. *Shackleton's Way* . Boston: Nicholas Brealey Publishing, 2003.

NATIONAL MARITIME MUSEUM. *South: The Race to the Pole* . Londres: National Maritime Museum, 2000.

ORDE-LEES , Thomas Hans. *Antarctic Journal* . Wellington: Turnbull Library, [s.d.].

PARTRIDGE , Bellamy. *Amundsen* . Londres: Robert Hale, 1953.

PEAT , Neville. *Shackleton's Whisky* . Londres: Preface Publishing, 2013.

RICHARDS , Richard Walter. *The Ross Sea Shore Party, 1914-17* . Cambrdige: SPRI , 1962.

RIFFENBURGH , Beau. *The Myth of the Explorer* . Londres: Belhaven Press, 1993.

_____ . *Nimrod* . Londres: Bloomsbury, 2005.

ROYDS , Charles, *Diary* . Braidwood: T. Roger Royds, 2001.

SAROLEA , Charles. "Sir Ernest Shackleton: A Study in Personality". *Contemporary Review* , v. 121, 1922.

SAVOURS , Ann. *The Voyages of the Discovery* . Londres: Virgin Books, 1992.

SCOTT , Robert Falcon. *The Voyage of the "Discovery"* . Londres: Smith, Elder & Co, 1905. 2 v.

_____ . *The Voyage of the "Discovery"* . Nova York: Macmillan, 1905. 2 v.

_____ . *Scott's Last Expedition* . Londres: Smith, Elder & Co, 1913.

_____ . *The Diaries of Captain Robert Scott* . Ann Arbor: University Microfilms, 1968.

_____ . *Scott's Last Expedition: The Personal Journals of Capt. R. F. Scott CVO RN* . Londres: John Murray, 1973.

SEAVER , George. *Edward Wilson of the Antarctic* . Londres: John Murray, 1933.

_____ . *The Faith of Edward Wilson* . Londres: John Murray, 1948.

SHACKLETON , Ernest. *Letters to Emily Shackleton* . Cambridge: SPRI , [s.d.].

_____ . *South* . Portsmouth: Heinemann, 1919.

_____ . *The Heart of the Antarctic* . Portsmouth: Heinemann, 1932.

SMITH , Michael. *Shackleton: By Endurance We Conquer* . Londres: Oneworld Publications, 2014.

_____ . *An Unsung Hero: Tom Crean — Antarctic Survivor* . Collins Press, 2000.

_____ . Survival of the Fittest. Londres: Jonathan Cape, 1998.

SOLOMON , Susan. *The Coldest March* . New Heaven: Yale University Press, 2001.

STEGER , Will; BOWERMASTER , Jon. *Crossing Antarctica* . Londres: Bantam Press, 1991.

STRACHEY , Lytton. *Eminent Victorians* . Londres: Penguin, 1986.

STROUD , Mike. *Shadows on the Wasteland* . Londres: Penguin, 1993.

SUGDEN , David. *Arctic and Antarctic* . Hoboken: Blackwell, 1982.

SWITHINBANK , Charles. *An Alien in Antarctica* . Newark: McDonald & Woodward Publishing Company, 1997.

TYLER-LEWIS , Kelly. *The Lost Men* . Londres: Bloomsbury, 2006.

WHEELER , Sara. *Terra Incognita* . Londres: Jonathan Cape, 1996.

WILD , Frank. *Shackleton's Last Voyage* . Londres: Cassell, 1923.

WILSON , David M.; ELDER , David B. *Cheltenham in Antarctica* . Cheltenham: Reardon Publishing, 2000.

WILSON , Edward. *Diary of the Discovery Expedition to the Antarctic Regions 1901-1904* . Ed. de Ann Savours. Blandford Press, 1966.

_____ . *Diary of the Discovery Expedition to the Antarctic Regions 1901-1904* . Humanities Press, 1967.

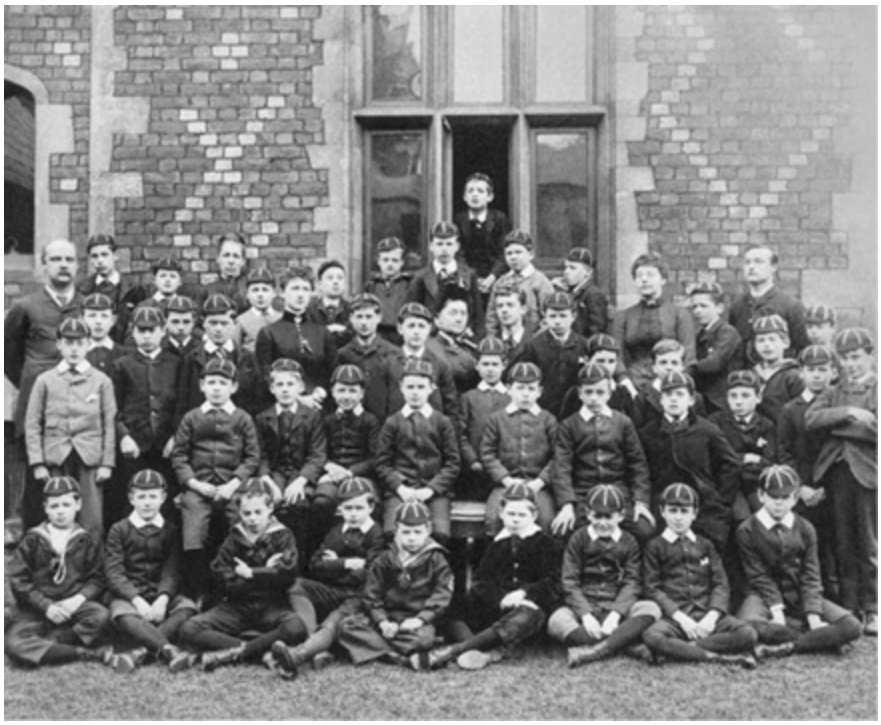
WORSLEY , Frank A. *Endurance* . Nova York: W. W. Norton, 1931.

_____ . *Shackleton's Boat Journey* . Londres: Folio Society, 1974.

1. Ernest Shackleton (em pé, atrás) com o irmão mais novo Frank (sentado) e as oito irmãs.

2. Ernest Henry Shackleton, aos onze anos, no Dulwich College.

3. Shackleton ingressou na Marinha Mercante e embarcou em seu primeiro navio, o Hoghton Tower , em abril de 1890, com dezesseis anos.



4. Fir Lodge Preparatory School em Sydenham, por volta de 1885. Shackleton está sentado atrás do grupo, na janela. Ele frequentou o Dulwich College até 1889.

5. O primeiro voo de Scott em balão de reconhecimento, em 4 de fevereiro de 1902, depois do primeiro desembarque do Discovery na barreira de gelo na baía das Baleias.

6. Shackleton em Londres depois de bater o recorde de maior distância percorrida na direção sul com Scott e Wilson. No verão de 1909, seu rosto foi estampado em quase todos os jornais e seu status de herói nacional se fortaleceu.

7. Shackleton posando com roupas polares da Burberry. Ele tinha escolhido os tecidos da Burberry em vez de peles de animais típicas dos inuítes para a tripulação do Discovery .

8. A tripulação do Discovery depois do retorno a Londres em novembro de 1904.

Shackleton (primeira fila, quarto a partir da esq.) participou da foto, apesar de não ter perdoado Scott por tê-lo mandado de volta mais cedo.

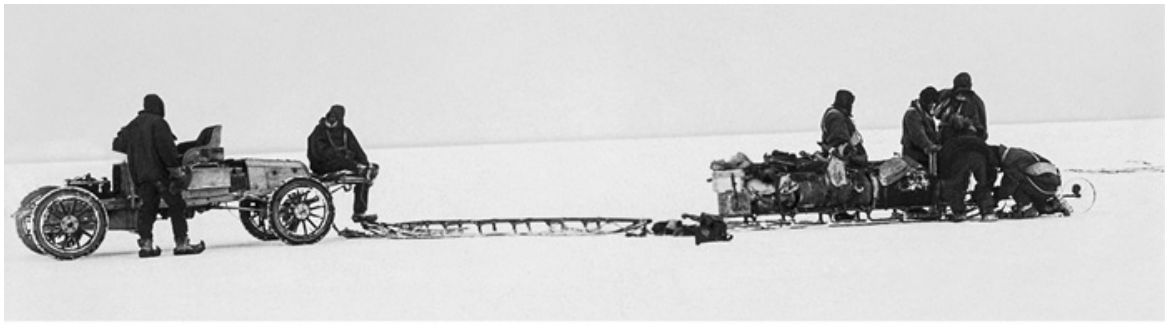
9. Emily Dorman se casou com Ernest Shackleton em 9 de abril de 1904 na Christ Church, Westminster. Ela tinha 35 anos, seis a mais do que o marido.

10. Cabine na base costeira do cabo Royds.

11. O artista da expedição, George Marston, na base de inverno no cabo Royds. Foi descrito como “o comediante gorducho, de sorriso permanente”.

12. Uma partida de xadrez ajuda a passar o tempo a) no cabo Royds e b) atravessando o

continente antártico em 1990 (Mike Stroud usa suas amostras de sangue como peões).



12. c) O automóvel Arrol-Johnson, o primeiro carro desse tipo usado na Antártica, dirigido por Bernard Day nos primeiros quilômetros da viagem para o sul enquanto d) os quatro pôneis puxavam trenós.

13. Embora o grupo de Shackleton tenha percorrido 86 quilômetros nos primeiros nove dias da viagem para o sul, superando os sessenta quilômetros viajados no mesmo período com a expedição do Discovery , uma violenta tempestade de neve começou, e o grupo foi forçado a abrigar-se em sua tenda e esperar que passasse. Como cada quilômetro fazia enorme diferença, Shackleton escreveu: “É uma dura provação para nossas esperanças”.

14. (da esq. para a dir.) Wild, Shackleton, Adams e Marshall a bordo do Nimrod depois de retornarem da sua viagem ao ponto mais meridional

de retornarem da sua viagem ao ponto mais meridional.

15. Recorte de matéria do Illustrated London News de 12 de junho de 1909. Shackleton cercado por milhares de admiradores que o recebem em casa, aclamado como “O herói do momento”

do momento .

16. Ernest Shackleton em setembro de 1908, até então o herói a chegar mais perto do

16. Ernest Shackleton em setembro de 1908, até então o herói a chegar mais perto do polo Sul. (Roald Amundsen e seu grupo norueguês seriam os primeiros a alcançar o polo Sul, em 14 de dezembro de 1911.)

17. Shackleton e Emily recebendo um buquê em Copenhague durante sua turnê de palestras pela Europa em 1909.

18. Recorte de jornal da turnê de palestras de Shackleton.

19. Shackleton, sempre popular entre as mulheres, é o centro das atenções numa festa, em julho de 1914.

20. O Endurance preso no gelo em janeiro de 1915, durante a expedição Transantártica Imperial de 1914-16 (grupo do mar de Weddell). Nos dez meses seguintes, o navio foi arrastado pelo bloco de gelo, até outubro, quando o gelo começou a esmagá-lo.

21. a) A tripulação do Endurance jogando futebol no gelo em 1915

21. b) O autor deste livro jogando críquete no polo Sul em 1980.

22. Refeição no Dia do Meio do Inverno, para comemorar o retorno do sol, em 22 de junho de 1915. Trata-se de uma tradição entre os exploradores antárticos.

23. a) Hussey segurando Samson. Esta foto costuma vir com a legenda “O menor dos homens

com o maior dos cachorros". b) O capitão Scott levou seu terrier no Discovery . A falecida mulher do autor, Ginny, esteve com seu Jack Russell terrier, Bothy, em ambos os polos.

24. A tripulação do Endurance .

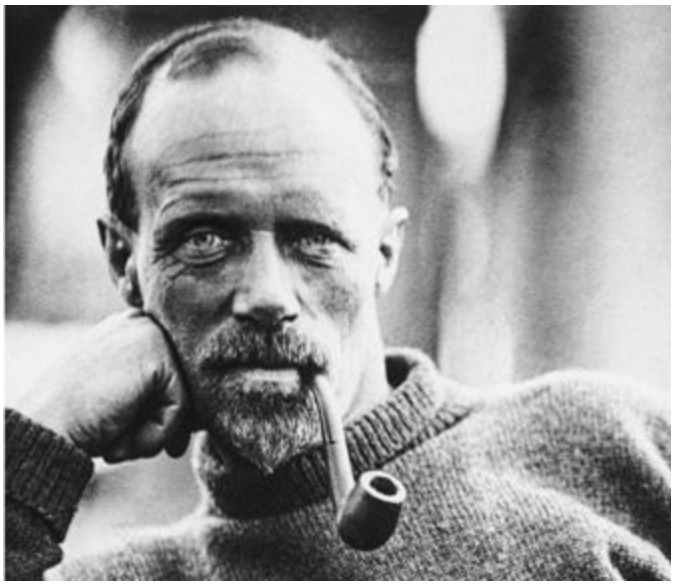
a) Shackleton ficou bem impressionado com o capitão neozelandês Frank Worsley, 42 anos. Era homem de muitas habilidades e, mais que isso, tinha o tipo de personalidade aventureira capaz de resistir às pressões de navegar na Antártica. Não bastasse isso, era

excelente companhia, quase tão bom em contar histórias quanto o próprio Shackleton — o homem certo para capitanear o Endurance .

24. A tripulação do Endurance .

b) Shackleton conhecia Tom Crean da expedição do Discovery . Irlandês também e ex-marinheiro da Marinha Real, era capaz de suportar condições inconcebivelmente desfavoráveis com bom humor e foi nomeado segundo oficial (e cozinheiro) do

Endurance . Crean confiava nos instintos de Shackleton e jamais questionava sua liderança. Como recompensa pela lealdade, foi escolhido para atravessar a Geórgia do Sul com Shackleton e Worsley.



24. A tripulação do Endurance .

c) Frank Wild foi nomeado segundo de Shackleton, depois que os dois se tornaram muito próximos no Nimrod e no Discovery . O sempre leal Wild era capaz de conviver

bem com todos, independentemente de posição hierárquica, sem perder a autoridade.
Os homens tinham por ele respeito e confiança.

24. A tripulação do Endurance .

d) Completava a tripulação o fotógrafo australiano Frank Hurley, de 29 anos, que acabara de passar um ano no gelo com Mawson. Único responsável pelas fotografias da

expediçao, Hurley era um artista disposto a ir a qualquer lugar ou fazer qualquer coisa para tirar uma foto".

25 a) A última tentativa … 14-15 de fevereiro de 1915. A …

25. a) A última tentativa de escapar do gelo, em 14-15 de fevereiro de 1915. A batalha contra o gelo era incessante.

25. b) Charlie Burton cortando gelo para usar como jangada na travessia de um canal aberto durante a expedição Trans Globe do autor, em 1982.

26. Em 1982, o navio da expedição Trans Globe, do autor, preso nos blocos de gelo.

27. O autor e Oliver Shepard em blocos de gelo em movimento aguardando o congelamento, em 1977.

28. Frank Wild observa o naufrágio do Endurance .

29. Shackleton supervisiona uma tentativa de puxar botes salva-vidas como trenós até o ponto de terra mais próximo, depois do naufrágio do Discovery .

30. Depois de abandonar o Endurance , e incapazes de alcançar terra firme, os homens montaram acampamento num sólido bloco de gelo, batizado de Acampamento Oceano. Eles foram designados para cinco tendas, enquanto Shackleton enfrentava sombrias realidades — o risco de serem arrastados para o mar ou de o bloco de gelo se partir em volta deles.

31. a) e b) Ao despedir-se dos homens deixados na ilha Elefante, Shackleton sentiu o peso da responsabilidade. Todos dependiam dele, e ele estava decidido a levar todos, sem exceção, de volta para casa. “Capitão, se alguma coisa acontecer comigo enquanto esses aí estiverem me esperando, vou me sentir um assassino”, disse ele a Worsley.

32. A tripulação deixada na ilha Elefante fez uma “cabana” com dois barcos salva-vidas restantes, que abrigou 23 homens durante quatro meses.

33. a) e b) Nossos métodos de navegação durante a travessia da Antártica em 1979-80 eram exatamente iguais aos de Shackleton. Não havia satélites em órbita polar, satnav ou GPS (nem

smartphones). Para determinar nossa posição, usamos, como Worsley, um teodolito ou um

smartphones). Para determinar nossa posição, usamos, como Worsley, um teodolito ou um sextante.

34. Crean, Shackleton e Worsley com o capitão Thom (segundo a partir da dir.) em Husvik, fotografados um dia depois do seu retorno à civilização, banhados, barbeados e com roupas limpas. A maior preocupação de Shackleton era com os homens na ilha Elefante, que ele queria resgatar o mais rápido possível.

35. O grupo de Shackleton no Endurance em direção ao mar de Weddell, enquanto o outro grupo no Aurora , sob o comando de Aeneas Mackintosh, partia do mar de Ross com a missão de estabelecer depósitos; aqui ele encontra a equipe da Trans-Antarctic.

36. Shackleton à frente do grupo de resgate do Aurora , em busca do grupo no mar de Ross. Eles encontraram seis homens que voltavam do cabo Evans, mas outros três — Mackintosh, Spencer-Smith e Hayward — tinham morrido. Shackleton ainda procurou os corpos, porém sem sucesso, e o Aurora partiu de volta para a Nova Zelândia. Shackleton já não podia declarar: "Nunca perdi um homem"

Shackleton já não podia declarar: "Nunca perdi um homem".

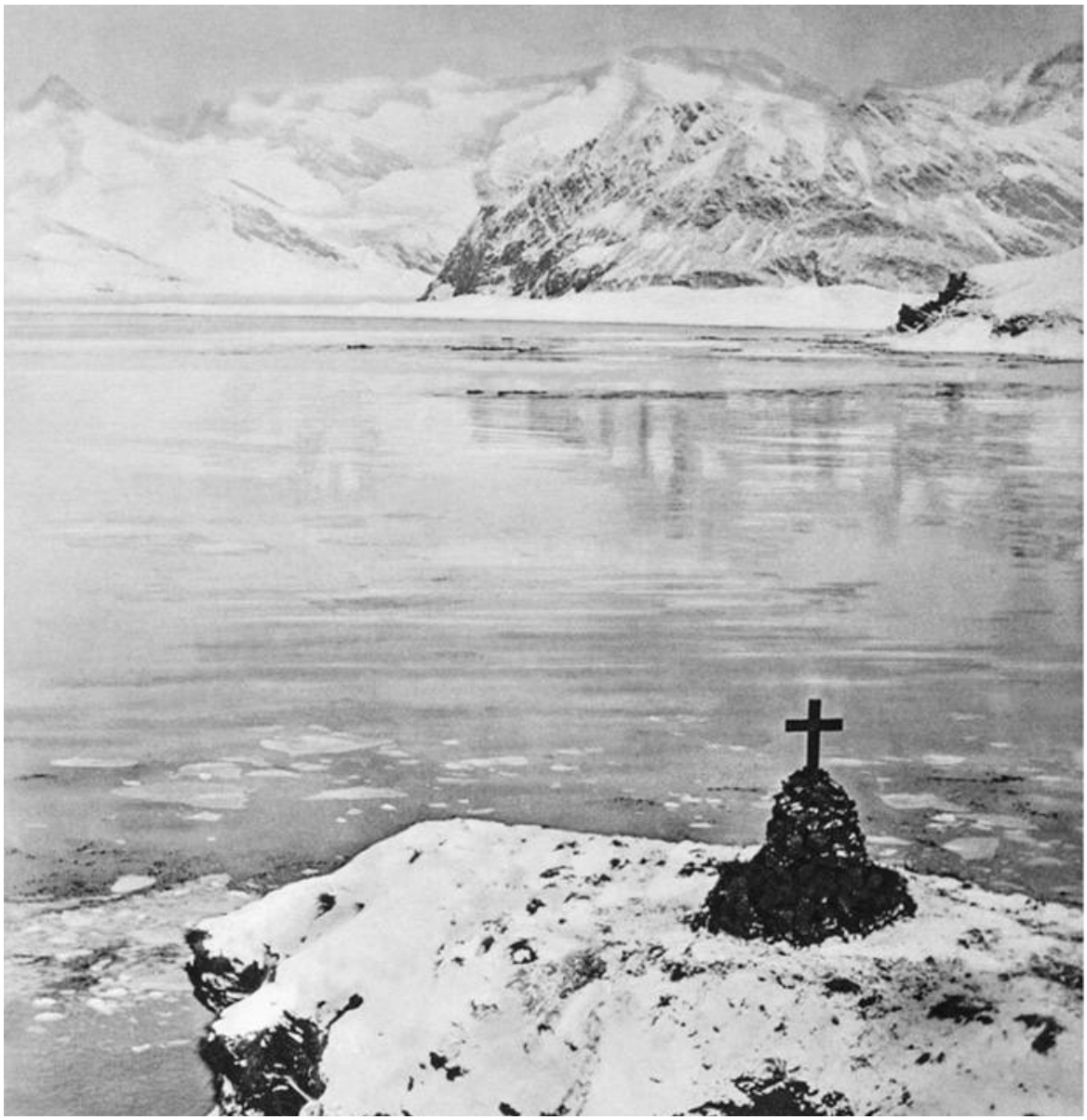
37. Ernest Shackleton pouco antes da viagem do Quest , aos 47 anos.

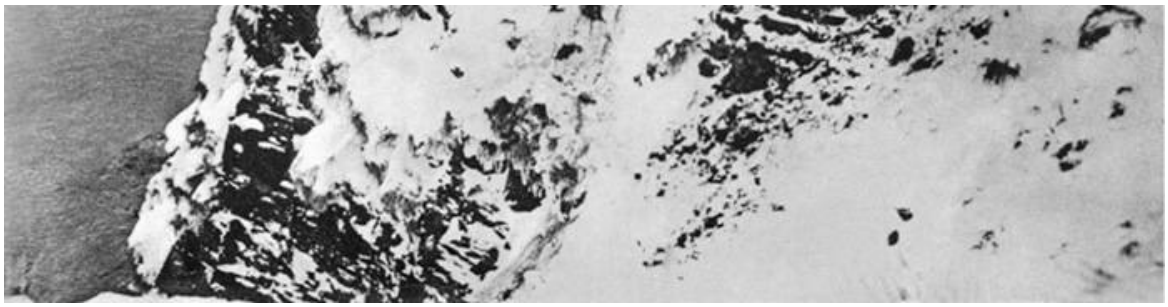
38. Em 17 de setembro de 1921, o Quest zarpou para o sul do cais de St. Katharine, navegando sob a Tower Bridge, na expedição Shackleton-Rowett.

39. Em 2 de setembro de 1979, o Benjamin Bowring zarpa na sua viagem de três anos

para completar a fase oceânica da jornada circumpolar de superfície do autor.

40. Em maio de 1922, Wild, agora comandando o Quest , levou a expedição de volta à Geórgia do Sul para visitar o túmulo de Shackleton.





41. Para lembrar a morte de Shackleton em 5 de janeiro de 1922, seus camaradas ergueram um padrão com uma cruz nas encostas de Duse Fell, na Geórgia do Sul.

# Créditos das imagens

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais das imagens. A editora agradece por qualquer informação relativa a autoria, titularidade e/ou outros dados, se comprometendo a incluí-los em edições futuras.

Cortesia de Ran Fiennes: 12b, 21b, 23b, 25b, 26, 27, 33b e 39.

© C. R. Ford/Royal Geographical Society por intermédio de Getty Images: 5.

© Christies/Bridgeman Images: 7.

© Ernest Shackleton/Royal Geographical Society por intermédio de Getty Images: 12c, 13, 16.

© Frank Hurley/Royal Geographical Society por intermédio de Getty Images: 12a, 20, 21a, 22, 23a, 24a, 24b, 24d, 25a, 28, 29, 30, 31a, 31b, 35.

© Illustrated London News: 15.

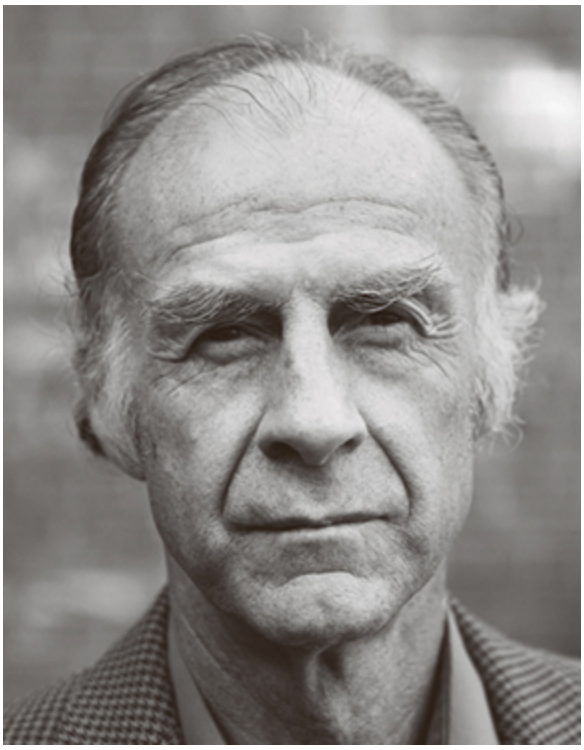
© John Thomson/Royal Geographical Society por intermédio de Getty Images: 8.

© Sra. W. Parke/Royal Geographical Society por intermédio de Getty Images: 34.

© Royal Geographical Society por intermédio de Getty Images: 11, 12d, 14, 24c, 32, 41.

© Scott Polar Research Institute, Universidade de Cambridge: 18.

Autor desconhecido: 1-4, 6, 9-10, 17-19, 33a, 36-37, 38, 40.



JAMES GIFFORD-MEAD/ ALAMY/ FOTOARENA

SIR RANULPH FIENNES nasceu em Berkshire, na Inglaterra, em 1944. Em 1984, foi reconhecido pelo Guinness Book como o maior explorador vivo. Além de navegador, é autor de mais de 24 livros, entre ficção e não ficção, incluindo a biografia do capitão Robert Falcon Scott.

Copyright © 2021 by Ranulph Fiennes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Shackleton: A Biography

*Capa*
Alceu Chiesorin Nunes

*Fotos de capa*
Acima; abaixo à direita: Royal Geographical Society
Abaixo à esquerda: Niday Picture Library/ Alamy/ Fotoarena

*Preparação*
Fábio Fujita

*Revisão*
Ana Maria Barbosa
Clara Diament

*Versão digital*
Rafael Alt

*ISBN*
978-85-3594-272-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702 , cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11 ) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras
x.com/cialetras

This file was downloaded from Z-Library project

*Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.*

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library